



# União nos (re)começos

**ANAIS  
DE RESUMO**  
27<sup>a</sup> SEMANA DE PSICOLOGIA



## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO

Anais da Semana de Psicologia/UFU

XXVII Semana de Psicologia/UFU (2023: Uberlândia-MG), 25 a 29 de setembro de 2023 – Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia, 7(1), 2023.

**ISSN: 2675-1178**

1.Psicologia. Congressos. Edição Eletrônica

O conteúdo e a veracidade dos resumos são de inteira responsabilidade dos autores. São permitidos o *download* e o compartilhamento da obra com atribuição de créditos. Proibido uso comercial das obras.

## Apresentação do evento

A Semana de Psicologia/UFU é um evento realizado há anos pelos discentes e docentes do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (IPUFU), como meio de expandir os conteúdos a serem aprendidos e também as possibilidades de atuação dos profissionais em Psicologia. Nesse sentido, a Semana de Psicologia/UFU é uma oportunidade de ceder espaço na graduação para abranger assuntos contemporâneos e coerentes com as demandas sociais, políticas, econômicas e culturais em níveis municipais, nacionais e internacionais. Para tanto, discentes e docentes do IPUFU trabalham de maneira coordenada, organizada e combinada para garantir que os objetivos de divulgação de inovações sigam padrões metodológicos e coerentes com os desenvolvimentos na área.

De maneira coerente a esses princípios, caros a tradição do evento no IPUFU, a XXVII Semana de Psicologia/UFU: União nos (Re)Começos, apresenta, desde os convites mais iniciais para a participação discente, o ânimo para retomar o evento entre os estudantes de Psicologia – visto que a reorganização pós pandemia da COVID-19 inviabilizou a realização nos últimos anos. Dessa perspectiva, a retomada da Semana de Psicologia/UFU surge com vistas a buscar na diversidade de perspectivas e áreas de atuação dos profissionais psicólogos o elo primário da Psicologia em seu propósito: o cuidado ao indivíduo. Sobre isso, cabe destacar que os isolamentos propiciados pelos cuidados cabíveis durante a pandemia, os percalços de retomada ao “novo normal” após as vacinações e o momento atual com o oficial fim da pandemia da COVID 19, decretado pela Organização Mundial da Saúde, em maio de 2023, apresentam as demandas de conexões e recomeços que podem ser encontrados também na vastidão de possibilidades da Psicologia.

A realização da Semana de Psicologia/UFU possui diversas contribuições à formação acadêmica: possibilita aos alunos a experiência de organização e participação em um evento científico; permite a articulação entre ensino, pesquisa e extensão universitária; estabelece vínculo com os pesquisadores e as pesquisas realizadas na instituição; cria o contato com pesquisadores e pesquisas de outras instituições e cria espaços para a construção de diálogos que extrapolam o curso de graduação. Nessa perspectiva, o evento proporciona meios de alcançar outras instituições de ensino de Psicologia a partir dos saberes que são produzidos por diferentes instituições e pesquisadores que se articulam ao IPUFU, seja pela filiação

direta a instituição ou a partir da organização de um evento relevante para a produção de conhecimentos em Psicologia na região.

Ademais, destaca-se que um evento acadêmico dessa proporção estimula a formação técnico-científica, a divulgação da produção científica local e as suas discussões, bem como oportuniza a elaboração de questionamentos e anseios dos alunos da graduação e da pós-graduação por temas relevantes e emergentes em Psicologia. O evento contribuirá para o fortalecimento das investigações e produções científicas, além de ampliar o contato com as diversas atividades acadêmicas desenvolvidas pelo IPUFU. De maneira complementar, a Semana de Psicologia/UFU propicia condições para a formação crítica dos participantes ao possibilitar um contato amplo com áreas diversas, tornando os estudantes mais conscientes de sua formação e mais questionadores do conhecimento psicológico em suas lacunas e concretudes.

Além disso, a atividade proposta neste projeto pode representar o fortalecimento de laços acadêmicos internos importantes para a vida do Instituto, já que permite a construção de um espaço de interação entre alunos de diversos períodos do curso e a proposição de atividades por professores com temas diferentes dos trabalhados em sala de aula, e com isso, outros modos de interação professor-aluno, podendo favorecer a criação de novos projetos de pesquisa e extensão universitária. A proposta da XXVII Semana de Psicologia/UFU pode resultar em importantes benefícios nessas direções: aprimorar diretamente a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão produzidos no Instituto; auxiliar diretamente a qualidade de formação acadêmica e científica dos discentes; contribuir para a divulgação da produção científica do Instituto de Psicologia; integrar a comunidade interna do Instituto; discutir temas não alcançados pelo currículo do curso de graduação e pós-graduação do IPUFU; e proporcionar a melhoria de vida das pessoas e da sociedade.

## **Universidade Federal de Uberlândia**

### **Reitor**

Valder Steffen Junior

### **Vice-Reitor**

Carlos Henrique Martins da Silva

### **Pró-Reitor de Graduação**

Kárem Cristina de Sousa Ribeiro

### **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Carlos Henrique de Carvalho

### **Pró-reitor de Extensão e Cultura**

Hélder Eterno da Silveira

### **Pró-Reitor de Assistência Estudantil**

Elaine Saraiva Calderari

### **Prefeitura Universitária**

João Jorge Ribeiro Damasceno

## **Instituto de Psicologia**

### **Diretora do Instituto de Psicologia**

Maristela de Souza Pereira

### **Coordenadora da Graduação em Psicologia**

Anabela Almeida Costa e Santos Peretta

### **Coordenador da Pós-Graduação em Psicologia**

Rodrigo Sanches Peres

### **Diretor da Clínica-Escola de Psicologia**

Lucianne Sant' Anna de Menezes

# Comissão Organizadora

## Docente

Profa. Dra. Áurea de Fátima Oliveira

## Discentes

Alexandre Costa dos Santos	Laís Alves de Oliveira
Alexia Gabellini Coelho	Lara Cássia de Pauda Alba
Ana Clara Santos Xavier	Laura Pereira Lima Batista
Ana Júlia Bovolenta Herculano	Lettycia Cristina Ferreira Ribeiro
Ana Júlia Dias Alves	Livian Lara Oliveira Silva
Ana Laura Martins Dias	Lorena Alves Costa
Ana Valéria da Silva Azevedo	Lucas Macedo Messias
Anna Carolina Rosa Santos	Luiza Abadia de Ávila
Bárbara Oliveira Nogueira Ribeiro	Luiza de Moura Castro
Brenna Izabella Rodrigues Barbosa	Magno Rodrigues da Silva Filho
Caio Ansarah Cavalcante	Manoela Costa Correia
Gabriela Luiza Oliveira	Maria Cecilia Barbosa de Almeida
Gabriele Maria de Paula Brito	Maria Eduarda Benjamin Borges
Gabriella Carani Moraes	Maria Eduarda Campos Silva
Giovana Rodrigues	Maria Eduarda Fernandes Sousa
Giovanna Brasileiro Pereira Borges	Maria Fernanda Sant'Ana Rodrigues
Giovanna Isaac Dutra	Maria Laura Rastelli Rangel
Gustavo Gonçalves Oliveira	Matheus Rodrigues de Queiroz
Jordana da Silva Vida	Miguel Macedo Acerbi
Jordana Silva Rosa	Nicole Novais Libânio
Juan Santos Lisboa	Pedro Henrique Lustosa Diniz
Júlia Gomes de Moraes	Pedro Lucas Oliveira da Silva
Júlia Gouveia Andrade	Sofia Aparecida Lemes
Júlia Morais Silva	Tainá Parreira Costa
Júlia Rosa Lemos	Talita Mayane dos Santos Vieira
Kalil Aguiar Abdulmassih	Thaís Shibatta Kagesawa
Karollyne Martins de Lorenzo	Vanessa Bezerra de Mendonça
Laerte Almeida de Souza Neto	Vitor Henrique Rosette

# Comissão Científica

## Pareceristas dos resumos

- |                                |                                 |
|--------------------------------|---------------------------------|
| Amanda Borba Ramos Silva       | Kamila Carleto Fernandes        |
| Ana Paula de Ávila Gomide      | Lígia Ferreira Galvão           |
| Adriana Rosa Borborema         | Luciana Pereira de Lima         |
| Beatriz Oliveira Menegi        | Leonardo Gomes Bernardino       |
| Bruna Caixeta Alves Teixeira   | Lucianne Sant'Anna de Menezes   |
| Bruna Marina Melo Martins      | Maristela de Souza Pereira      |
| Bruner de Moraes Miranda       | Miriam Tachibana                |
| Cirlei Evangelista Silva       | Nayara Rodrigues Teodoro        |
| Denise Stefanoni Combinato     | Paula Cristina Medeiros Rezende |
| Emerson F Rasera               | Pedro Afonso Cortez             |
| Eliane Regina Pereira          | Renata Fabiana Pegoraro         |
| Joaquim Carlos Rossini         | Raquel Pondian Tizzei           |
| José Alberto Manoel dos Santos | Silvia Maria Cintra da Silva    |
| João Luiz Leitão Paravidini    | Suzanna Araujo Preuhs           |
| Juliana Marques Cury           |                                 |

## Avaliadores de Apresentações Orais

- |  |                              |
|--|------------------------------|
| Amanda Borba Ramos Silva               | Emerson Fernando Rasera      |
| Adriana Rosa Borborema                 | Juliana Marques Cury         |
| Ana Paula de Ávila Gomide              | Kamila Carleto Fernandes     |
| Anabela Almeida Costa e Santos Peretta | Leonardo Gomes Bernardino    |
| Bruna Caixeta Alves Teixeira           | Marciana Gonçalves Farinha   |
| Carmen Lúcia Reis                      | Rodrigo Sanches Peres        |
| Deniel Gomes Frutuoso                  | Silvia Maria Cintra da Silva |
| Denise Stefanoni Combinato             | Viviane Prado Buiatti        |
| Eliane Regina Pereira                  |                              |

## Discentes de Graduação

- |                            |                          |
|----------------------------|--------------------------|
| Alexandre Costa dos Santos | Áurea de Fátima Oliveira |
| Anna Carolina Rosa Santos  | Juan Santos Lisboa       |

Lara Cássia de Pauda Alba	Matheus Rodrigues de Queiroz
Luiza Abadia de Ávila	Miguel Macedo Acerbi
Magno Rodrigues da Silva Filho	Nicole Novais Libânio
Maria Eduarda Benjamin Borges	Tainá Parreira Costa
Maria Fernanda Sant'Ana Rodrigues	Thaís Shibatta Kagesawa
Maria Laura Rastelli Rangel	Vanessa Bezerra de Mendonça

**Discentes de Pós-Graduação**

Deniel Gomes Frutuoso

## Sumário

Adolescência e relação mãe-filha: impasses e possibilidades do feminino a partir do filme “Red: crescer é uma fera” .....	16
Os impactos da atuação profissional durante a pandemia de COVID-19 sobre a saúde mental de trabalhadores da saúde .....	18
Violência obstétrica e os atravessamentos do patriarcado no cuidado de gestantes .....	20
Violência incestuosa na infância: considerações psicanalíticas sobre o não-dito e o pacto denegativo na relação mãe-filha .....	22
Violência contra a mulher e as possibilidades de práticas psicológicas vinculadas às delegacias de defesa da mulher.....	26
Videogame, estados de humor, qualidade do sono e esquemas iniciais desadaptativos: só mais uma partida .....	28
Uma análise das produções brasileiras acerca das implicações sociais do diagnóstico de transtorno mental.....	32
Trilhando caminhos na psicologia escolar: contribuições do estágio profissionalizante para a formação .....	34
Transformando o conhecido em conhecimento: a liga de Gestalt-terapia da FMUSP em ação .....	36
Trabalho análogo à escravidão: contexto sócio-histórico e atuação do psicólogo na saúde mental do trabalhador .....	38
Tomada de decisão para registro de boletim de ocorrência segundo mulheres com histórico de relacionamento conjugal violento .....	40
Terapia do esquema e violência conjugal: análise dos modos de enfrentamento envolvidos na dinâmica abusiva.....	42
Sistema Único de Saúde e autismo: a experiência do centro de referência em transtorno do espectro autista de Uberlândia-MG.....	44
Síndrome de <i>Burnout</i> em enfermeiros: uma revisão sistemática de literatura.....	46
Sentidos produzidos pela mídia escrita e televisiva sobre um CAPS-AD .....	50
Rotinas, estruturas e dificuldades para o cuidado da população trans: impactos do funcionamento dos serviços de saúde.....	52
Rodas de conversa on-line: uma possibilidade metodológica a partir da pandemia de COVID-19 .....	55
Rodas de conversa com professoras da educação infantil em processo de formação continuada: um relato de experiência .....	57
Relato de experiência: grupos de acolhimento <i>online</i> aos enlutados pela COVID-19 .....	59

Relato de experiência: atuação de estagiários de Psicologia na disciplina de projeto de vida em Escola Estadual de São Paulo .....	61
Relato de experiência pela perspectiva dos profissionais de um grupo de apoio psicológico online destinado a familiares enlutados.....	63
Relato de experiência sobre projeto de extensão no banco de leite humano: a escuta sensível na abordagem psicoeducativa.....	65
Relato de experiência de estágio profissionalizante supervisionado em psicologia no contexto hospitalar: uma vivência na enfermaria de clínica médica .....	67
Relato de (in)experiência: a formação e a atuação do profissional psicólogo em relação às comunidades assentadas.....	69
Reflexões sobre o impacto do estresse de minorias na população transsexual e travesti .....	71
Re(começos) na velhice: unindo aspectos positivos e negativos da solidão no contato com a arte .....	74
Psicologia no terceiro setor: um estudo sobre o contexto de atuação e o trabalho de psicólogas em ONGs de Uberlândia .....	76
Psicologia escolar, oficinas artísticas e o atendimento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) .....	78
Promovendo o autocuidado com participantes de um grupo dos alcoólicos anônimos .....	80
Personas e sombras: uma análise da obra “persona” de Ingmar Bergman a partir da psicologia analítica de C. G. Jung .....	82
Percepção de psicólogos a respeito da formação profissional e do trabalho multiprofissional no atendimento de violência autodirigida .....	84
Outras narrativas de amor para mulheres negras: relato de um aquilombamento feminegro .....	86
Saúde mental da população Queer: encarceramento e impacto psicológico das violências .....	88
Os impactos contemporâneos da ditadura militar brasileira na psicologia: uma experiência de extensão .....	90
Os caminhos da infância e da violência no conto “menina a caminho”, no ambulatório NUAVIDAS e nas indagações psicanalíticas .....	92
Orientação profissional e de carreira em grupo e <i>online</i> : um relato de experiência .....	94
Oficina de teatralidade no espaço da brinquedoteca: um relato de experiência estética na formação do psicólogo .....	96
Ciclo de estudos temático: Frantz Fanon e as instituições totais .....	98
A importância da criação de um acervo documental de projeto extensionista: um relato de experiência de pesquisa .....	100
A expansão diagnóstica de TEA e TDAH: reverberações do mal-estar na infância contemporânea ...	102

A necessidade de atendimento psicológico para gestantes em situação de cárcere.....	104
Concepções atreladas a gênero e seus impactos sociais: análise do filme “Barbie” .....	106
Ensino remoto na Universidade Federal de Uberlândia e o processo de escolarização dos (as) estudantes com deficiência .....	109
Conflito trabalho-família em mulheres .....	111
As críticas ao sexo heteronormativo e a proposta de uma outra sexualidade travesti em ‘pajubá’ de Linn da Quebrada.....	113
A atuação de egressas(os) em Psicologia da UFU junto à área escolar e educacional .....	115
Como a criança em idade escolar aprende?: relato de uma experiência .....	117
Atuar na extensão “medicalização da educação e da vida: saberes e fazeres”: contribuições para formação em Psicologia .....	119
Grupo terapêutico sobre luto: planejamento e práticas desenvolvidas no estágio básico em Psicologia .....	121
Compreendendo a uberização: autogerenciamento subordinado.....	123
Compreendendo os imbricamentos da tripla jornada de trabalho feminina e o burnout em mulheres empreendedoras .....	125
Divisão do trabalho pelo gênero: essencialismo e representações sociais.....	127
Estereótipos e preconceitos quanto à velhice: estudo qualitativo com profissionais de uma instituição de longa permanência para idosos .....	129
Ensaio sobre a interação mente-corpo .....	133
Reflexões sobre o impacto do estresse de minorias na população transsexual e travesti .....	135
A formação de egressas(os) em psicologia da UFU junto à área escolar e educacional.....	138
Grupos como forma de cuidado às pessoas trans e em não conformidade de gênero: uma revisão da literatura .....	140
Jornal Vivo: ferramenta potente para promoção de saúde na formação acadêmica de um grupo de estudantes do curso de Psicologia .....	143
O enriquecimento da escuta das extensionistas no Banco de Leite Humano.....	145
Intervenções psicanalíticas na clínica com adultos diagnosticados com Transtorno de Personalidade Borderline: uma análise a partir de revisão da literatura .....	147
A importância da rede de apoio para pais em processo de amamentação: relato de abordagens no banco de leite humano .....	149
Atuação da Psicologia Hospitalar no luto perinatal.....	151

Construindo formas de autocuidado no dia a dia: grupo terapêutico sobre promoção da saúde mental .....	154
O trabalho com as emoções na educação infantil: mediações da Psicologia Escolar .....	156
O uso de recursos do Tik Tok em atendimento de adolescente com autismo: uma forma alternativa na busca da identidade .....	158
O acolhimento da maternidade: desafios, demanda por apoio e superação de idealizações .....	160
O lugar da psicanálise frente ao racismo na cultura brasileira: uma revisão teórica.....	163
Capacidade terapêutica em grupo: interseções entre o filme “Toc Toc” e a teoria de Carl Rogers .....	165
Centro de Atenção Psicossocial, oficina remota e pandemia: um relato de experiência .....	167
Etarismo nas organizações: o impacto dos estereótipos e preconceitos sobre os trabalhadores mais velhos no brasil .....	169
A figura materna enquanto violentadora sexual: um estudo psicanalítico com meninas adolescentes	171
A ação de incluir, transformar o corpo, a mente e expressar-se na observação participante .....	175
E quando a adolescente alega seu consentimento?: um estudo de caso sobre vivência/violência sexual .....	177
Desafios da permanência no ensino superior de universitárias mães: uma revisão bibliográfica .....	179
Literatura e arpillerias no combate à violência contra as mulheres .....	181
A importância da rede de apoio à amamentação, sob a perspectiva do ambiente facilitador de Winnicott .....	183
Medicalização da educação e da vida: história e impacto do projeto para a comunidade e percursos acadêmicos.....	185
De superestrela a anti-heroína: conceitualização de caso da cantora Taylor Swift com base no documentário ‘miss americana’ .....	187
Efeitos da pandemia no terceiro setor: relato de trabalho voluntário em ONG de Uberlândia .....	189
Encontros narrativos na UBS: a experiência da arte com um grupo de pessoas idosas .....	191
Atendimento a crianças com transtorno do espectro autista (TEA), Psicologia e arte: relato de experiência.....	193
Gozo e sofrimento em tempos neoliberais: considerações psicanalíticas .....	199
Moral sexual em análise: a dominação masculina sobre o feminino nas modalidades relacionais contemporâneas.....	201
Importância da prevenção da violência entre parceiros íntimos na adolescência.....	204
Da autoestima ao narcisismo: as múltiplas faces do espelho contemporâneo .....	209

Moralidade como adaptação para a cooperação humana: uma revisão teórica .....	212
Luz, Web Cam e ação: as condições do trabalhar docente universitário durante a pandemia da COVID-19 .....	215
As práticas narrativas coletivas como cuidado psicossocial: uma revisão da literatura .....	217
Descobrindo o fazer do psicólogo na escola: reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar e Educacional .....	222
Gênero e sexualidade em interface com a educação infantil: uma pesquisa bibliográfica .....	224
Descomplicando a Lei Geral de Proteção de Dados: relato de experiência de um treinamento para estudantes e recém-formados em Psicologia .....	226
Ações voltadas para jovens em privação de liberdade: uma revisão de literatura .....	228
O impacto da restrição ambiental na mensuração da ansiedade no modelo etoexperimental zebrafish ( <i>Danio rerio</i> ).....	231
De uma IC ao TCC: um relato de experiência sobre pesquisa na graduação .....	234
Estimativas temporais de pessoas privadas de liberdade em uma penitenciária no interior de Minas Gerais.....	238
A supervisão da extensão como um espaço de formação técnica e sensível.....	241
O laço fraterno e o (des)amparo na violência sexual intrafamiliar .....	243
Muito mais do que comer: comportamento alimentar e o desenvolvimento de transtornos alimentares na adolescência .....	245
Diálogos: atuação da universidade no desenvolvimento humano da população carcerária de Assis .	248
O luto em várias óticas no envelhecimento .....	250
Mídias sociais e Psicologia Social : uma revisão de literatura sobre pesquisas qualitativas realizadas sobre o Twitter .....	252
Desafios e dificuldades da maternidade no cárcere: uma revisão narrativa .....	254
Adoção necessária: a incógnita do preconceito vivenciado por crianças maiores .....	258
Reflexões contundentes: explorando a finitude, a morte e a superação do luto na sociedade atual...	260
Projeto de extensão filosófica: fomentando reintegração social e interação entre detentos e universitários .....	262
As implicações da perspectiva interdisciplinar de uma liga acadêmica para a construção de um olhar crítico sobre saúde .....	264
As vivências das famílias de usuários do CAPSi em tempos de pandemia .....	266
Psicologia do esporte e o cenário überlandense a partir da jornada de um recém-formado .....	268

Bola de meia, bola de gude: jogos dramáticos com adolescentes.....	270
O construcionismo social de Kenneth Gergen: contexto, conceitos, práticas e críticas.....	272
Psicologia escolar e arte - uma proposta emancipadora para a formação docente .....	274
Diferentes aspectos e possibilidades de atuação com o transtorno do espectro autista .....	276
Psicologia da carreira: como construir intervenções para promover a equidade de gênero no mundo do trabalho? .....	278
Não discuto com o destino, o que pintar eu assino - Ética, Estética e política no acompanhamento terapêutico .....	280
Trilhando o Caminho da Compaixão: Introdução Terapia Focada na Compaixão.....	282
Decolonizando a carreira de mulheres negras: desafios e possibilidades .....	284
A droga da obediência: contribuições para uma prática desmedicalizante em Psicologia .....	286
Possibilidades interventivas em psicoterapia do luto .....	288
A Epistemologia Psicanalítica da Diferença Sexual: Diálogos Críticos com Paul B. Preciado e Patrícia Porchat.....	290
Dores silenciadas: vivência de mulheres que vivem com HIV, gestantes ou lactantes, e seus parceiros sexuais na província de Gaza – Moçambique.....	292
A convivência e o cuidado no território .....	306
Orientação profissional, carreiras em psicologia e perspectivas profissionais.....	308
O que me contaram sobre o amor? Contextualizações e narrativas possíveis.....	310
Extensão na graduação: Para quê? Para quem? .....	311
Escola de Redução de Danos: Guerra às drogas e culpabilização do usuário.....	313
Saúde Financeira e Superendividamento: Vamos conversar a respeito? .....	315
Síndrome de Burnout e Seus Impactos na Vida Cotidiana .....	317
Reflexões sobre como utilizar as redes sociais para divulgação do trabalho de psicólogos .....	320
Parangolé: brincando com artes brasileiras, andanças de corpos discentes presentes personalizados e materializados.....	322
Construções interdisciplinares no ambulatório NUAVIDAS: a atuação no cuidado integral a vítimas de violência sexual.....	324
Cartografia da pele negra .....	326
Acompanhamento terapêutico escolar para alunos autistas: refletindo sobre uma prática profissional .....	328

Jornada do Eu: recomeços possíveis .....	330
--	-----

## **Adolescência e relação mãe-filha: impasses e possibilidades do feminino a partir do filme “Red: crescer é uma fera”**

*Trabalho de Graduação - Psicanálises*

**Fernanda Cortes Faria<sup>1</sup>** [fernanda.cortes@ufu.br](mailto:fernanda.cortes@ufu.br)

**João Luiz Leitão Paravidini<sup>1</sup>** [paravidini@ufu.br](mailto:paravidini@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Para além das típicas alterações fisiológicas, a adolescência corresponde a um período de recomeços e de transformações, no qual o jovem é convidado a responder questões fundamentais sobre a existência humana e sobre seu lugar no laço social. Em uma perspectiva lacaniana, a adolescência é entendida como uma resposta sintomática subjetiva ao encontro com o real promovido pela puberdade, na medida em que é nesse período que o arranjo simbólico e imaginário mínimo, estabelecido pelo sujeito durante o período de latência da sexualidade, falha. Nesse segundo despertar da sexualidade, o adolescente é convocado a assumir nova posição frente ao Outro, a partir da reatualização daquilo que foi construído nos tempos do Édipo. No entanto, na tentativa de produzir sentidos para o real da sexualidade em questão, o jovem depara-se com a falta neste campo do Outro. Paralelo a isso, no processo do adolescer das meninas, a singularidade da relação mãe-filha se destaca. Se, por um lado, a impossibilidade de simbolização, ditada pela inexistência do feminino no inconsciente, resulta em um embate marcado pela angústia e pela decepção, por outro, há a possibilidade de construção da feminilidade na relação. **Objetivo:** Considerando a multiplicidade de fatores que influenciam o adolescer e a consequente diversidade de respostas a esse processo, o trabalho objetivou ilustrar algumas das possibilidades decorrentes desse período do desenvolvimento, bem como destacar a influência da relação mãe-filha nesse processo, a partir do filme Red: crescer é uma fera (2022). A análise dos fenômenos psicodinâmicos de personagens fictícios, tendo em vista a teoria psicanalítica, corresponde a uma das possibilidades de interlocução entre Psicanálise e Cinema, visto que a linguagem cinematográfica possibilita a expressão de vivências e de processos psíquicos. **Método:** Foi realizada uma análise da animação Red: crescer é uma fera, à luz de aportes teóricos psicanalíticos. **Resultados:** A partir da transformação da personagem principal, Meilin, em panda, a animação ilustra o adolescer e demonstra como esse processo pode resultar na emergência de confronto com o Outro, na medida em que a jovem batalha para ascender enquanto sujeito desejante frente à tradição de sua família, figurada pela destinação do feminino na linhagem materna. Além disso, a relação de Meilin com sua mãe exigente, atravessada pelas mudanças na vida da jovem, demonstra a decepção inerente na

impossibilidade de simbolização do sexo feminino e a possibilidade de construção da feminilidade, representadas por uma batalha que resulta em ressignificações e novas formas de existência tanto para Meilin, quanto para sua mãe. **Discussão:** Mediante a análise da animação Red: crescer é uma fera, foi possível ilustrar o confronto com o Outro como possibilidade decorrente do encontro com o real promovido pela puberdade. Ademais, o filme demonstra a forma como a dinâmica mãe-filha irrompe no cenário do adolescer de meninas, resultando tanto em angústias e decepções, como em novas formas de existir para o feminino e de se colocar no laço social. **Considerações finais:** A análise da animação a partir de aportes teóricos psicoanalíticos permitiu identificar elementos inerentes ao adolescer de meninas, além das possibilidades e dos impasses colocados pela relação mãe-filha.

**Palavras-chave:** *Adolescência, Feminilidade, Psicanálise, Relação Mãe-Filha.*

## Referências

- Dunker, C. I. L., & Rodrigues, A. L. (Orgs.). (2014). Cinema e Psicanálise – Volume 5: História, gênero e sexualidade (1a edição). nVersos Editora.
- Gurski, R., Strzykalski, S., & Perrone, C. M. (2020). O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: Questões para o campo da educação. *Tempo Psicanalítico*, 52(2), 377–383.
- Oliveira, H. M. de, & Hanke, B. C. (2017). Adolescer na contemporaneidade: Uma crise dentro da crise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(2), 295–310. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002001>
- Rinaldi, D. (2003). "Mistérios da Feminilidade: A relação mãe filha no difícil caminho do “tornar-se mulher”. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 3(2).
- Shi, D. (Diretor). (2022). Red: Crescer é uma Fera. Walt Disney Studios Motion Pictures.
- Stenzel, M., & Darriba, V. A. (2013). O adolescente e a inconsistência do outro: Discussão sobre a direção de tratamento a partir de caso clínico. *Estilos da Clínica*, 18(3).

## Os impactos da atuação profissional durante a pandemia de COVID-19 sobre a saúde mental de trabalhadores da saúde

*Trabalho de Graduação - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

**Maria Laura de Freitas Andrade Telles**<sup>1</sup> [maria.telles@ufu.br](mailto:maria.telles@ufu.br)

**Ana Elisa de Freitas Machado Silva**<sup>1</sup> [anaelisa\\_fms@ufu.br](mailto:anaelisa_fms@ufu.br)

**Beatriz Diniz Lopes**<sup>1</sup> [beatriz.diniz@ufu.br](mailto:beatriz.diniz@ufu.br)

**Lara Oliveira Soares**<sup>1</sup> [laraoliveirao899@gmail.com](mailto:laraoliveirao899@gmail.com)

**Heila Magali da Silva Veiga**<sup>1</sup> [heila.veiga@ufu.br](mailto:heila.veiga@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O contexto vivido pelos profissionais da saúde no Brasil, que atuaram na linha de frente do enfrentamento e combate à pandemia, tornou a saúde mental desses trabalhadores foco de preocupação, devido às mudanças no contexto de trabalho, nos processos de gestão, no cenário social e nas suas relações, razão pela qual a temática se torna relevante. Nessa direção, os estudos apontam que esses profissionais estiveram sujeitos à exaustão física e emocional, perdas de pacientes e colegas, dificuldade de tomadas de decisão, medo de contaminação e de transmissão para família e amigos (Prado, Peixoto, Silva & Scalia, 2020). **Objetivo:** Investigar o impacto desse cenário sobre a saúde mental dos profissionais da saúde que atuaram no contexto pandêmico. **Método:** Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com perguntas relacionadas a dados demográficos e o trabalho no hospital durante a pandemia. Foi utilizada uma amostra de conveniência de 7 trabalhadoras, com idade média de 33 anos (DP=10,11), sendo duas psicólogas, duas técnicas de enfermagem e três enfermeiras. **Resultados:** A partir da análise das entrevistas, embasada pela análise de conteúdo de Bardin (1997), foram identificadas nove categorias, a saber: sobrecarga; esgotamento físico e mental; medo; cuidado prioritário aos pacientes; conflito vida trabalho; suporte colaborativo; suporte material; frustração e ressignificação. Entre elas, a mais frequente foi esgotamento físico e mental (f=7), seguida de suporte material (f=7). **Discussão:** Os achados corroboram a literatura e sinalizam a complexidade de aspectos a serem considerados ao investigar saúde mental entre profissionais de saúde. **Conclusão:** Foram identificadas lacunas de pesquisa, entre elas a necessidade de criação de espaços organizacionais para a ressignificação das estratégias para a promoção de um ambiente laboral saudável.

**Palavras-chave:** Profissionais de saúde, COVID-19, Saúde mental.

## Referências

- Bardin, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Prado, A. D., Peixoto, B. C., Silva, A. M. B. & Scalia, L. A. M(2020). A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do covid-19: uma revisão integrativa. Revista Eletônica Acervo Saúde,46, 1-9. DOI: 10.25248/reas.e4128.2020

## Violência obstétrica e os atravessamentos do patriarcado no cuidado de gestantes

*Relato de Experiência - Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Lorena Ribeiro Silvestre**<sup>1</sup> [lorena.silvestre@unesp.br](mailto:lorena.silvestre@unesp.br)

**Vitor Hugo Silva Lima Alves**<sup>1</sup>

**Liamar Aparecida dos Santos**<sup>1</sup> [liamar.santos@unesp.br](mailto:liamar.santos@unesp.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista

**Introdução:** Relata-se uma experiência formativa dos discentes de Psicologia da Liga Interdisciplinar de Saúde (LINTER) da UNESP-Assis (SP), a partir de discussões e debates realizados durante o ciclo de estudos sobre “maternidades brasileiras”. A LINTER é uma liga de saúde que, pautada nos princípios do SUS e da saúde coletiva, propõe estudar, interdisciplinarmente, temas diversos no campo do cuidado, em ciclos de estudos mediados pelos próprios membros da Liga. A partir disso, tratou-se do fenômeno da violência obstétrica em suas correlações biopsicossociais, possibilitando o aprimoramento dos discentes, alinhando sua atuação às necessidades daquelas que são atingidas pelas mazelas desse fenômeno. **Objetivo:** Relacionar a violência obstétrica como uma consequência da construção histórica da maternidade enquanto uma instituição imposta ao corpo feminino, atravessada pelo patriarcado e pelo capitalismo. **Método:** Como recurso pedagógico, houve um momento inicial de articulações e provocações das discentes mediadoras, bem como a leitura prévia de artigos relacionados ao tema e da exposição do documentário “O Renascimento do Parto 2”, como disparadores para as discussões. **Resultados:** A partir dos materiais propostos, o grupo conseguiu compreender a série de determinações e constituições históricas responsáveis por demarcar a violência obstétrica como uma das reverberações do patriarcado dentro da sociedade capitalista. Ainda, delimitaram-se as características dessa violência e suas reverberações psíquicas e físicas nos corpos femininos. **Discussão:** Foi possível compreender que, ao longo da história, o corpo feminino foi usado como moeda de troca: mais especificamente, sua capacidade reprodutiva foi comercializada, a partir da reificação da figura feminina e do controle de sua sexualidade (Lerner, 1990). Com o desenvolvimento do capitalismo, a noção patriarcal da mulher enquanto algo não-humano, um algo-objeto, se manteve e reverberou em diversos aspectos, sendo a violência obstétrica um dos principais; ou seja, a visão da mulher enquanto um corpo alheio de subjetividade engendra um carregamento das práticas culturais acerca do parto, e potencializa a noção de estereotipização e desrespeito ao corpo feminino (Zanardo, Uribe, Nadal & Habigzang, 2017). Exemplos disso, segundo Zanardo et al (2017), são os procedimentos realizados

desnecessariamente para acelerar o parto de 51,2% de mulheres que não apresentam condições de saúde que indicassem o uso de procedimentos e intervenção cirúrgica, a saber: aplicação de oxitocina e realização de amniotomia para acelerar o parto; episiotomia; utilização da manobra de Kristeller. Com os relatos do documentário citado foi possível compreender as reverberações físicas e psíquicas dessa violência nas mulheres em sua relação com a própria potência, os próprios filhos e o próprio corpo, e, a partir disso, obter a noção de que a materialidade do corpo feminino se constitui sob uma série de agressividades e deslegitimações. **Considerações finais:** Relacionando a história da maternidade, o patriarcado e o capitalismo, foi possível compreender como esses fatores culminam no fenômeno da violência obstétrica, e suas reverberações para o corpo feminino. Tal noção acaba por contribuir para que os discentes tenham uma visão mais ampla e completa acerca desse tema, possibilitando-os a uma prática consciente e alinhada a uma ética profissional que consiga atender às demandas desses corpos.

**Palavras-chave:** violência obstétrica, maternidade, patriarcado.

## Referências

- Chauvet, E. (2018). O renascimento do parto 2. Produção: Dyogo Moises, Eduardo Chauvet. Fotografia: Rafael Morbeck. Pesquisa: Ana Lúcia Keunecke, Eduardo Chauvet. Estúdio: Master Brasil Filmes, 91 min.
- Gonzaga, P. R. B., & Mayorga, C. (2019). Violências e instituição maternidade: uma reflexão feminista decolonial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39.
- Lerner, G. (1990). El origen del patriarcado In G. Lerner, *La creación del patriarcado* pp. 310-330). Barcelona: Crítica.
- Zanardo, G. L. D. P., Uribe, M. C., Nadal, A. H. R. D., & Habigzang, L. F. (2017). Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. *Psicologia & sociedade*, 29.

## Violência incestuosa na infância: considerações psicanalíticas sobre o não-dito e o pacto denegativo na relação mãe-filha

*Trabalho de Graduação - Psicanálises*

**Diego Gomes Pires<sup>1</sup>** [digomes@ufu.br](mailto:digomes@ufu.br)

**Anamaria Silva Neves<sup>1</sup>** [anamaria.neves@ufu.br](mailto:anamaria.neves@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A família, berço de diversas vivências, ainda se mostra na contemporaneidade como uma das principais instituições na constituição do sujeito. Palco dos ditos, não ditos, dos principais complexos e seus desfechos para a construção do psiquismo, cada família tem uma dinâmica que lhe é própria. A violência sexual infantil intrafamiliar é compreendida, a partir da teoria psicanalítica, como uma catástrofe na família por se consolidar no campo do violento, do traumático e por elucidar conflitos. Frente ao desvelamento da situação de violência, a literatura mostra que a mãe sofre desconfiança, é estigmatizada e, por vezes, é acusada de negligente ou cúmplice. A situação conflituosa é demarcada por ameaças e confusões devido aos vínculos afetivos estabelecidos com a criança violada e aquele que a violou. **Objetivo:** O presente trabalho teve como objetivo geral analisar, à luz da psicanálise, o vínculo mãe-filha em situações de violência sexual intrafamiliar perpetrada pelo padrasto da criança, e o objetivo específico foi dar ênfase para os impasses frente ao desvelamento da violência e as ressonâncias afetivas familiares. **Método:** A pesquisa se pautou em um estudo de caso construído a partir de observações e atendimentos com mãe e filha atendidas no ambulatório Núcleo de Atendimento às Vítimas de Agressão Sexual (NUAVIDAS), localizado no Hospital de Clínicas Universitário da Universidade Federal de Uberlândia (HCU-UFU). A construção do caso levou em consideração aspectos fundamentais da teoria psicanalítica para a elaboração da análise, como os fatores transferenciais e contratransferenciais da relação entre pesquisador e participante. **Resultados:** A análise do caso de uma criança violentada sexualmente pelo padrasto, que chegou até o ambulatório acompanhada por sua mãe, permitiu demarcar alguns pontos de interpretação, como o constante silêncio da criança e as dificuldades da mãe em ouvir sobre a violência e acreditar nos relatos da filha. **Discussão:** A partir de premissas da psicanálise encontrou-se formas de pensar o silêncio da criança como uma resposta à condição traumática advinda da violência, bem como a ausência de representações para dar nome ao ocorrido. O silenciamento aparece também como sintoma da mãe, que viveu situações de violências físicas e verbais dos ex-maridos com quem conviveu. **Considerações finais:** Os conceitos de herança psíquica, alianças inconscientes e não-dito ajudaram a

compreender o pacto denegativo que se construiu sobre a violência sexual na tentativa de proteger mãe e filha dos insuportáveis vividos.

**Palavras-chave:** *Violência sexual intrafamiliar; Psicanálise; Família; Mãe-Filha.*

## Referências

- Araújo, T. A. M., Vasconcelos, A. C. C. P., Pessoa, T. R. R. F., & Forte, F. D. S. (2017). Multiprofissionalidade e interprofissionalidade em uma residência hospitalar: o olhar de residentes e preceptores. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21, (62), 601-613.
- Alvarenga J.P.O., Meira, A.B., Fontes, W.D., Xavier, M.M.F.B., Trajano, F.M.P., & Neto, G.C. (2013). Multiprofissionalidade e interdisciplinaridade na formação em saúde: vivências de graduandos no estágio regional interprofissional. *Rev Enferm UFPE*, 7(10):5944-51.
- Birman, J. (2007). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 47-62. Recuperado em 29 de agosto de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So103-58352007000100004&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-58352007000100004&lng=pt&tlang=pt).
- Brandão, J. S. (1997). Mitologia Grega Volume I. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Castro, J. E. (2010). O método psicanalítico e o estudo de caso. Em F. K. Neto, & J. O. Moreira, *Pesquisa em Psicanálise: transmissões na universidade (24-36)*. Barbacena: EdUEMG.
- Dobke, V. M., Santos, S. S., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Abuso sexual intrafamiliar: da notificação ao depoimento no contexto processual-penal. *Temas em Psicologia*, 18(1), 167-176.
- Ferraz, F. C. (2017). Vida e morte da palavra. Em C. P. França, *Ecos do Silêncio: Reverberações do traumatismo sexual* (pp. 39-62). São Paulo: Blücher.
- Figaro-Garcia, C. (2004). Trauma e Incesto. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 17(177), 66-63. Recuperado em 08 de agosto de 2020, de [http://portal.revistas.bvs.br/index.php?search=Pulsional%20rev.%20psican%20E1&co\\_nnect=ET&lang=pt](http://portal.revistas.bvs.br/index.php?search=Pulsional%20rev.%20psican%20E1&co_nnect=ET&lang=pt)
- França, C.P. (2017). *Ecos do Silêncio: Reverberações do traumatismo sexual*. São Paulo: Blücher.
- França, C. P. (2017). Do grito de silêncio à reconstrução subjetiva. Em C.P. França, *Ecos do Silêncio: Reverberações do traumatismo sexual* (pp. 21-39). São Paulo: Blücher.
- Freud, S. (1977) Inibição, Sintoma e Angustia. Em S. Freud, *Um Estudo Autobiográfico, Inibição, Sintoma e Angústia, Análise Leiga e outros trabalhos* (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926)

- Freud, S. (1990) Totem e Tabu. Em S. Freud, Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. Em S. Freud, Obras Psicológicas de Sigmund Freud (L. A. Hanns, Trad. Vol. II). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (2011). O mal-estar na civilização. Em S. Freud, Obras Completas (P. C. Souza, Trad. Vol. XVIII). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930)
- Freud, S. (2016a). Lembrar, repetir e perlaborar. Em S. Freud, Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica psicanalítica. (Claudia Dormbush, Trad. 2.ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (2016b). Fetichismo. Em S. Freud, Obras incompletas de Sigmund Freud: Neurose, psicose e perversão. (Maria Rita Salzano Moraes, Trad. 1.e.d). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1927)
- Freud, S. (2016c). A análise finita e infinita. Em S. Freud, Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica psicanalítica. (Claudia Dormbush, Trad. 2.ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1937)
- Freud, S. (2019). O infamiliar. Em S. Freud, obras incompletas de Sigmund Freud: O infamiliar. (E. Chaves, Trad. 1. Ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1919)
- Iannini, G. & Tavares, P. H. (2019). Freud e O Infamiliar. Em Em S. Freud, obras incompletas de Sigmund Freud: O infamiliar. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Käes, R. (2009). As alianças inconscientes (2a ed.). São Paulo: Ideias & Letras.
- Lacan, J. (1978). A família (2a ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B (1986). Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.
- Leitão, I. B.. (2018). A construção do estudo de caso em psicanálise: revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 11(3), 410-424. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.113.11>
- Marin, I. S. K. (2002). De Violências à Violência Fundamental. In: Violências. São Paulo: Escuta/FAPESP.
- Ministério da Saúde. (2018). Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde. Vol. 49, n. 27 jun. 2018.
- Padilha, Carolina Rizzato Martins, & Barbieri, Valeria. (2020). Transmissão psíquica transgeracional: uma revisão da literatura. *Tempo psicanalítico*, 52(1), 243-270. Recuperado em 11 de agosto de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382020000100010&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100010&lng=pt&tlang=pt).

- Passos, M. C. (2011). Família, laços e sofrimento psíquico. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(3), 1013-1031. Recuperado em 29 de agosto de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011001300005&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011001300005&lng=pt&tlang=pt).
- Rezende, A. M. & Bianchet S.B. (2014). Dicionário do Latim Essencial. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Rosa, M.D. O não-dito como operador na clínica com crianças e adolescentes. (2003) In: Pacheco Filho, R. A. et. al. (org.). Novas contribuições metapsicológicas à clínica psicanalítica. (PP. 97-113) Taubaté: Cabral
- Roudinesco, E. (2003). A família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998) Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.
- Silva, C. M., & Macedo, M. M. K. (2016). O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 520-533. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001012014>
- Vasconcelos, A. T. N., & Lima, M. C. P. (2015). Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura. *Cadernos de psicanálise* (Rio de Janeiro), 37(32), 83-103. Recuperado em 29 de novembro de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952015000100005&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000100005&lng=pt&tlang=pt).
- Vorcaro, A. (2010). Psicanálise e método científico: o lugar do caso clínico. Em F. K. Neto, & J. O. Moreira, *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na universidade*. Barbacena: EdUEMG.
- World Health Organization (WHO). (1999). WHO Consultation on Child Abuse Prevention. Geneva, Switzerland: WHO

## Violência contra a mulher e as possibilidades de práticas psicológicas vinculadas às delegacias de defesa da mulher

*Mestrado - Psicologia Social e Comunitária*

**Rafaela Ripa**<sup>1</sup> [rafaela.ripa@ufu.br](mailto:rafaela.ripa@ufu.br) Bolsista CAPES.

**Renata Fabiana Pegoraro**<sup>1</sup> [renata.pegoraro@ufu.br](mailto:renata.pegoraro@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

**Introdução:** A violência contra a mulher está intimamente interligada às desigualdades de gênero, de grande aceitabilidade e tolerância pela nossa sociedade, sendo responsável por gerar impactos em uma dimensão biopsicossocial às vítimas. Entre os principais serviços especializados no enfrentamento da violência contra a mulher estão as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM), onde as mulheres recebem ajuda especializada jurídica e psicológica. O contato direto com as mulheres e os seus relatos acerca da violência sofrida geraram inúmeras reflexões e interesses de pesquisa sobre a temática, a partir de um estágio profissionalizante, evidenciando a necessidade de identificar na literatura científica brasileira sobre as possibilidades de Práticas Psicológicas voltadas às vítimas de violência, que fomentem a garantia de proteção das mulheres vítimas de violência, e discutam o papel do psicólogo neste tipo de apoio. **Objetivos:** Mapear práticas psicológicas voltadas ao atendimento de vítimas de violência em Delegacias da Mulher. **Método:** Foi efetuada uma revisão de literatura integrativa, a partir de seis etapas, com base na pergunta norteadora "Quais são as experiências em atendimento Psicossocial na Delegacia da Mulher e como tais práticas são avaliadas pelas mulheres assistidas?". A busca foi realizada no mês de maio/2023 a partir dos portais/bases de dados Scielo, BVS e Redalyc, com os critérios de inclusão: artigos completos, publicados a partir do ano de 2006 (data de promulgação da Lei Maria da Penha), e com o uso de palavras-chave combinadas: "psicologia AND delegacia AND mulher". Foram localizados 633 títulos nas três bases, e com a aplicação de critérios de inclusão, foram recuperados 11 artigos, cuja análise temática permitiu a elaboração de categorias. Neste trabalho serão apresentados os temas (a) "Ações desenvolvidas pelos Psicólogos e seus benefícios" e (b) "Importância da inserção do profissional de Psicologia nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM)". **Resultados:** Dentre as ações desenvolvidas pelos Psicólogos nas DEAMs foram encontrados, principalmente, o acolhimento e o plantão psicológico, proporcionando atenção especializada para atender às necessidades das vítimas, tendo como efeitos maior bem estar e até mesmo a diminuição do número das ocorrências. Além disso, há orientação sobre os seus direitos legais e

encaminhamento aos serviços da rede. A atuação nesse campo é permeada por muitos desafios, principalmente em relação à formação dos profissionais de Psicologia que atuam nesses contextos, a não inserção efetiva do Psicólogo no rol da equipe das delegacias e a falta de uma estrutura física adequada. **Discussão:** Apesar da literatura evidenciar a importância do atendimento psicossocial às vítimas de violência, essa atuação não parece ser valorizada como deveria. O distanciamento entre a Psicologia e as DEAMs, realidade da maioria do país, não oportuniza à vítima o devido acolhimento ético e especializado em um momento tão delicado como o da denúncia. **Considerações finais:** Conforme os achados dos artigos recuperados, foi notória a ausência do cargo do Psicólogo nas DEAMs, e as dificuldades encontradas para a atuação do Psicólogo nesse contexto, aumentando a possibilidade da mulher ser revitimizada em um local que deveria ser responsável pela sua proteção (CAPES).

**Palavras-chave:** *Violência contra a mulher, delegacia, pandemia, práticas psicológicas.*

## Referências

- Adames, Bruna, Bonfiglio, Simoni Urnau, & Becker, Ana Paula Sesti. (2018). Acolhimento psicológico para mulheres vítimas de violência conjugal. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 13(2), 1-12. Recuperado em 23 de junho de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082018000200012&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000200012&lng=pt&tlang=pt).
- Balbuena, B. (2011). Investigação sobre atendimento psicossocial oferecido em delegacias de defesa da mulher. *Psicólogo informação*, 15(15), 69-82.
- Farinha, M. G., & Souza, T. M. C. (2016). Plantão psicológico na delegacia da mulher: experiência de atendimento sócio-clínico. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 65-79.
- Gadoni-Costa, L. M., Zucatti, A. P. N., & Dell'Aglio, D. D.. (2011). Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 28(2), 219–227.
- Silva, A. M. B. da ., & Bini, M. C. N.. (2021). Percepções sobre o plantão psicológico em uma Delegacia de Defesa da Mulher. *Psicologia USP*, 32, e200201.
- Vigário, C. B., & Paulino-Pereira, F. C. (2014). Violência contra a mulher: análise da identidade de mulheres que sofrem violência doméstica. *Revista De Psicologia*, 5(2), 153-172. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1483>

## Videogame, estados de humor, qualidade do sono e esquemas iniciais desadaptativos: só mais uma partida

*Trabalho de Graduação - Psicologia Cognitiva e dos Processos Básicos*

Andressa Barbosa da Silva<sup>1</sup> [andressamurphys@gmail.com](mailto:andressamurphys@gmail.com)

Leonardo Gomes Bernardino<sup>1</sup> [lgbernardino@ufu.br](mailto:lgbernardino@ufu.br)

<sup>1</sup>Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Os jogos eletrônicos passaram por uma revolução tecnológica nas últimas décadas com o desenvolvimento de consoles e a popularização de computadores pessoais e celulares. É um mercado que movimenta bilhões de dólares anualmente, tendo impactos não só econômicos, mas sociais, culturais e na saúde dos indivíduos. Há evidências de efeitos positivos de se jogar videogame por tempo moderado, porém uma exposição prolongada e contínua aos jogos, por períodos de 8 a 10 horas por dia e 30 horas semanais, está associada a prejuízos nos estados de humor e na qualidade do sono. Estudos anteriores também revelaram que há traços de personalidade relacionados com o jogar videogame, porém ainda são poucos os estudos que avaliaram o hábito de jogar videogame e os domínios esquemáticos, base estrutural da personalidade na Terapia do Esquema. **Objetivo:** Verificar a relação entre o tempo médio diário dedicado aos videogames, a qualidade do sono, os estados de humor (ansiedade, depressão e estresse) e os esquemas iniciais desadaptativos em uma amostra de jovens adultos. **Método:** Uma amostra de 58 pessoas (40 do sexo masculino,  $M = 22,4$  anos e  $DP = 3,56$ ) foi obtida por conveniência com o convite para participação sendo divulgado em redes sociais. O critério de inclusão foi jogar videogames por pelo menos uma hora por dia de modo recreativo. Os participantes responderam um formulário online com quatro instrumentos de autorrelato: 1) questionário sociodemográfico e de sua relação com os videogames; 2) Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse - 21 (DASS-21), composta de 21 itens, que avalia os estados de humor na última semana; 3) Questionário de Esquemas de Young - Versão Breve (YSQ-S3), composta por 90 itens, que avalia aspectos da personalidade dentro do arcabouço teórico-metodológico da Terapia do Esquema; e 4) Índice de Qualidade de Sono de Pittsburgh (PSQI), composta por 19 perguntas, que avalia a qualidade do sono no último mês. **Resultados:** Os resultados indicaram uma correlação positiva entre a idade em que os participantes começaram a jogar videogame e os níveis de estresse, de ansiedade e de distúrbios do sono. Além disso, observou-se uma maior ativação dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) dos domínios 1 (Desconexão e Rejeição) e 5 (Supervigilância e Inibição), bem como muitas associações entre os EIDs e os estados de humor e a qualidade de sono. **Discussão:** Os resultados revelam que jogar videogame pode ter sido uma estratégia

utilizada pelos participantes para a socialização e, principalmente, para a regulação emocional. Assim, sugere-se que jogar videogame de maneira moderada tem potencial terapêutico, o que é contrário às afirmações comuns de seus efeitos negativos sobre o comportamento, em geral, e sobre o comportamento violento, em particular. **Considerações finais:** O presente estudo é relevante na medida em que explora a relação entre EIDs e jogos de videogame, tema pouco explorado na literatura, além de analisar o hábito de jogar videogames no contexto brasileiro, uma vez que a maioria dos estudos encontrados foram realizados nos Estados Unidos ou em países europeus e asiáticos.

**Palavras-chave:** Videogame, Sono, Estado de humor, Esquemas Iniciais Desadaptativos.

## Referências

- Aloia, M., Verrastro, V., Rania, M., Sacco, R., Fernández-Aranda, F., Jiménez-Murcia, S., De Fazio, P., & Segura-Garcia, C. (2020). The Potential Role of the Early Maladaptive Schema in Behavioral Addictions Among Late Adolescents and Young Adults. *Frontiers in Psychology*, 10, 3022. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.03022>
- Altintas, E., Karaca, Y., Hullaert, T., & Tassi, P. (2019). Sleep quality and video game playing: Effect of intensity of video game playing and mental health. *Psychiatry Research*, 273, 487–492. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.01.030>
- American Psychiatric Association. (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. 5 ed. Artmed.
- Bach, B., & Bernstein, D. P. (2019). Schema therapy conceptualization of personality functioning and traits in ICD-11 and DSM-5. *Current Opinion in Psychiatry*, 32(1), 38–49. <https://doi.org/10.1097/YCO.0000000000000464>
- Bach, B., Lee, C., Mortensen, E. L., & Simonsen, E. (2016). How Do DSM-5 Personality Traits Align With Schema Therapy Constructs? *Journal of Personality Disorders*, 30(4), 502–529. [https://doi.org/10.1521/pedi\\_2015\\_29\\_212](https://doi.org/10.1521/pedi_2015_29_212)
- Bertolazi, A. N., Fagondes, S. C., Hoff, L. S., Dartora, E. G., Miozzo, I. C., de Barba, M. E., & Barreto, S. S. (2011). Validation of the brazilian portuguese version of the Pittsburgh Sleep Quality Index. *Sleep Medicine*, 12(1), 70–75. <https://doi.org/10.1016/j.sleep.2010.04.020>
- Connolly, T. M., Boyle, E. A., MacArthur, E., Hainey, T., & Boyle, J. M. (2012). A systematic literature review of empirical evidence on computer games and serious games. *Computers & Education*, 59(2), 661–686. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2012.03.004>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). Estatística sem Matemática para a Psicologia. 3 ed. Artmed.

- Dang, D. L., Zhang, M. X., Leong, K. K., & Wu, A. M. S. (2019). The Predictive Value of Emotional Intelligence for Internet Gaming Disorder: A 1-Year Longitudinal Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(15), 2762. <https://doi.org/10.3390/ijerph16152762>
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A. G., & Buchner, A. (2007). G\*Power 3: a flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39(2), 175–191. <https://doi.org/10.3758/bfo3193146>
- Gentile, D. A., Choo, H., Liau, A., Sim, T., Li, D., Fung, D., & Khoo, A. (2011). Pathological video game use among youths: A two-year longitudinal study. *Pediatrics*, 127(2), e319-329. <https://doi.org/10.1542/peds.2010-1353>
- González-Bueso, V., Santamaría, J. J., Fernández, D., Merino, L., Montero, E., Jiménez-Murcia, S., del Pino-Gutiérrez, A., & Ribas, J. (2018). Internet Gaming Disorder in Adolescents: Personality, Psychopathology and Evaluation of a Psychological Intervention Combined With Parent Psychoeducation. *Frontiers in Psychology*, 9, 787. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00787>
- Hamari, J., & Sjöblom, M. (2017). What is eSports and why do people watch it? *Internet Research*, 27. <https://doi.org/10.1108/IntR-04-2016-0085>
- Kayış, A. R., Satici, S. A., Yilmaz, M. F., Şimşek, D., Ceyhan, E., & Bakioğlu, F. (2016). Big five-personality trait and internet addiction: A meta-analytic review. *Computers in Human Behavior*, 63, 35–40. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.05.012>
- Kim, E. J., Namkoong, K., Ku, T., & Kim, S. J. (2008). The Relationship Between Online Game Addiction and Aggression, Self-Control and Narcissistic Personality Traits. *European Psychiatry*, 23(3), 212–218. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2007.10.010>
- Kristensen, J. H., Pallesen, S., King, D. L., Hysing, M., & Erevik, E. K. (2021). Problematic Gaming and Sleep: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 675237. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.675237>
- Lam, L. T. (2014). Internet Gaming Addiction, Problematic Use of the Internet, and Sleep Problems: A Systematic Review. *Current Psychiatry Reports*, 16(4), 444. <https://doi.org/10.1007/s11920-014-0444-1>
- Männikkö, N., Ruotsalainen, H., Miettunen, J., Pontes, H. M., & Kääriäinen, M. (2020). Problematic gaming behaviour and health-related outcomes: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Health Psychology*, 25(1), 67–81. <https://doi.org/10.1177/1359105317740414>
- Melo, C. (01 de abril de 2022). Brasil está entre os países com maior tempo médio diário em jogos. Adrenaline. <https://adrenaline.com.br/noticias/v/74605/brasil-esta-entre-os-paises-com-maior-tempo-medio-diario-em-jogos>

- Mentzoni, R. A., Brunborg, G. S., Molde, H., Myrseth, H., Skouverøe, K. J. M., Hetland, J., & Pallesen, S. (2011). Problematic video game use: Estimated prevalence and associations with mental and physical health. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 14(10), 591–596. <https://doi.org/10.1089/cyber.2010.0260>
- Palanichamy, T., Sharma, M. K., Sahu, M., & Kanchana, D. M. (2020). Influence of Esports on stress: A systematic review. *Industrial Psychiatry Journal*, 29(2), 191–199. [https://doi.org/10.4103/ijp.ipj\\_195\\_20](https://doi.org/10.4103/ijp.ipj_195_20)
- Roberts, C. (23 de fevereiro de 2021). Video game industry now worth \$163.1b. Invision Game Community. <https://invisioncommunity.co.uk/video-game-industry-now-worth-163-1b/>
- Schimmenti, A., Infanti, A., Badoud, D., Laloyaux, J., & Billieux, J. (2017). Schizotypal personality traits and problematic use of massively-multiplayer online role-playing games (MMORPGs). *Computers in Human Behavior*, 74, 286–293. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.04.048>
- Snodgrass, J. G., Lacy, M. G., Francois Dengah, H. J., Fagan, J., & Most, D. E. (2011). Magical Flight and Monstrous Stress: Technologies of Absorption and Mental Wellness in Azeroth. *Culture, Medicine, and Psychiatry*, 35(1), 26–62. <https://doi.org/10.1007/s11013-010-9197-4>
- Souza, L. H. de, Damasceno, E. S., Ferronatto, F. G., & Oliveira, M. da S. (2020). Adaptação brasileira do Questionário de Esquemas de Young - Versão breve (YSQ-S3). *Avaliação Psicológica*, 19(4), 451-460. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1904.17377.11>
- Vignola, R. C., & Tucci, A. M. (2014). Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to brazilian portuguese. *Journal of Affective Disorders*, 155, 104–109. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.10.031>
- Wainer, R., Paim, K., Erdos, R. & Andriola, R. (2016). *Terapia Cognitiva Focada em Esquemas: integração em psicoterapia*. Artmed.
- Young, J. E., & Klosko, J. S. (2020). *Reinvente sua vida* (2<sup>a</sup> ed.). Novo Hamburgo, Brazil: Sinopsys.
- Young, J. E. Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.

## **Uma análise das produções brasileiras acerca das implicações sociais do diagnóstico de transtorno mental**

*Trabalho de Graduação - Psicologia e Psicopatologia*

**Marília Maria França da Silva**<sup>1</sup> [marilia100m@live.com](mailto:marilia100m@live.com)

**Alina Mira Maria Coriolano**<sup>2</sup> [alina.coriolano@edu.ufes.br](mailto:alina.coriolano@edu.ufes.br)

<sup>1</sup>Faculdade Uninassau Cabo

<sup>2</sup>Universidade Federal do Espírito Santo

**Introdução:** Este trabalho foi pensado considerando a importância de discutir sobre as implicações sociais que surgem a partir do diagnóstico de um transtorno mental. Cientes de que um diagnóstico pode culminar na estigmatização e exclusão social do indivíduo (Goffman, 1988), a pessoa que recebe o diagnóstico pode passar a adotar um status de incapacidade e inadequação não se sentindo pertencente ao meio causando repercussões em diferentes campos da vida como pessoal e profissional (Cassiano; Marcolan; Silva, 2019). Assim, o tema é fundamental para estudantes e profissionais de saúde como também para a sociedade como um todo. **Objetivo:** Descrever e analisar as implicações sociais do diagnóstico de transtorno mental a partir de produções científicas brasileiras. **Método:** Foi realizada uma revisão sistemática de literatura, na qual os dados foram obtidos por meio de busca realizada na base de dados eletrônica Scielo considerando artigos publicados no período de 2018 a 2022. Os critérios de seleção dos artigos foram: textos completos disponíveis gratuitamente em português, publicados entre os anos determinados e que abordassem questões relativas ao diagnóstico de transtorno mental. As palavras-chave utilizadas na busca foram transtorno mental, como também sinônimos, consequências e diagnóstico. Foram excluídos artigos que não abrangiam o objetivo após leitura dos resumos. **Resultados parciais:** A pesquisa encontra-se na fase inicial de coleta de dados – leitura a partir dos critérios de inclusão e exclusão determinados -, assim serão apresentados dados preliminares. A sociedade sempre buscou nomear e explicar o desconhecido e os transtornos mentais geram discussões e estudos. No debate acerca das implicações que permeiam a vida de quem recebeu o diagnóstico de um transtorno mental são descritos nas produções acadêmicas vivências e discursos relacionados a preconceito, medo, rechaço, irracionalidade, ameaça e perigo a ordem social. Ainda segundo as pesquisas, isto ocorre também quando falamos de familiares, estudantes universitários de cursos de saúde e profissionais de saúde. **Discussão:** Compreende-se que o estigma tem sido expresso de maneiras diferentes ao longo do tempo, mas permanece presente na vida em sociedade. Considerando o status das pessoas com transtorno mental, estas continuam a ser consideradas ‘loucas’, de alta periculosidade, que podem perder o controle a qualquer

momento e que necessitam ser tuteladas. **Considerações finais:** Os padrões que norteiam a sociedade são persistentes e sólidos sobre o princípio da moralidade e como o cidadão deve se comportar. Assim, ressalta-se a importância da realização das pesquisas acerca de grupos sociais que são considerados fora destes padrões sociais e as implicações intrapessoais, interpessoais, intergrupais e societais disto.

**Palavras-chave:** *Transtorno Mental, Diagnóstico, Loucura.*

## **Referências**

- CASSIANO, Ana Paula Carvalho; MARCOLAN, João Fernando; SILVA, Daniel Augusto da. Atenção primária à saúde: estigma a indivíduos com transtornos mentais. Rev. enferm. UFPE on line, p. [1-6], 2019.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. Rio de Janeiro: Guanabara. 1988.

## Trilhando caminhos na psicologia escolar: contribuições do estágio profissionalizante para a formação

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar e Educacional*

**Pedro Vittor Garcias Gonçalves<sup>1</sup>** [pedrovittor@ufu.br](mailto:pedrovittor@ufu.br)

**Josy Marianny Gomes Oliveira<sup>1</sup>** [josygomes@ufu.br](mailto:josygomes@ufu.br)

**Carmen Lúcia Reis<sup>1</sup>** [carmenreis@ufu.br](mailto:carmenreis@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A formação em psicologia perpassa uma apropriação do campo enquanto ciência e sua articulação com a prática em diversos contextos. Quando uma ênfase curricular é escolhida, o estudante circula um caminho de aprofundamento em determinado domínio de atuação profissional, que exigirá conhecimentos, competências e habilidades específicas concernentes àquele campo. O estágio profissionalizante em psicologia escolar e educacional se coloca como espaço privilegiado para que o estudante possa desenvolver, reconhecer, exercer e transformar esse conjunto de recursos junto a um profissional inserido nesse contexto. Nesse sentido, essa etapa do processo de formação é fundamental para a construção da profissionalização do psicólogo. Em consonância, por meio da promulgação da Lei 13.935 de 11 de Dezembro de 2019 e do contexto pandêmico, a psicologia foi convidada a aproximar do contexto escolar discussões e práticas que colocassem em interface a educação e a saúde.

**Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência vivenciada em um estágio profissionalizante em Psicologia Escolar e Educacional realizado no ano de 2022 em uma escola pública da cidade de Uberlândia - MG. **Método:** Uma das frentes de atuação do estágio foram as supervisões semanais que se propunham a discutir e problematizar sobre as possibilidades de atuação do psicólogo em um contexto escolar. Esse espaço foi importante para aprofundamento nas leituras de textos, promover a integração do conhecimento, relacionando teoria e prática e, também, para a exposição das diversas inseguranças e temores que foram surgindo nos graduandos ao longo desse processo. Essa experiência foi sistematizada pelos dois estagiários por meio da produção de diários de campo e também da elaboração do Relatório Final de Estágio. **Resultados e Discussão:** Na realização do estágio, percebemos que o papel do psicólogo escolar e suas funções ainda estão cercados de dúvidas, expectativas e estereótipos. Por isso, as orientações feitas durante as supervisões nos auxiliaram a estabelecer o espaço da Psicologia Escolar naquele contexto e a nos posicionar diante de discursos psicologizantes que não faziam parte de nossa perspectiva. O processo de estudo dos acolhimentos e dos grupos, de reflexão sobre as relações e planejamento das atividades foi de extrema importância para que pudéssemos desenvolver recursos e disposição

para lidar com situações inesperadas e ter criatividade ao manejá-las. Além disso, o espaço de acolhimento e de ajuda mútua presente nas supervisões provocou maior fluidez e confiança no desenvolvimento das atividades. **Conclusão:** A título de formação, o estágio contribuiu para o desenvolvimento do nosso papel profissional. A fim de não sermos psicólogos que buscam permanecer neutros e cindidos das pessoas, mas justamente ter como foco essa relação com o outro e como ela pode ser potente na criação e proposição de intervenções. Apesar dos diversos desafios apresentados, pudemos aos poucos entendê-los como motor para a contínua formação e para a importância de estar atento a uma prática que seja política, não medicalizante e não culpabilizante.

**Palavras-chave:** *Formação do Psicólogo, Psicologia Escolar e Educacional, Relato de Experiência.*

## Referências

- Dayrell, J. (1996). A escola como espaço sócio-cultural. In: Dayrrel, J. (Org.). Múltiplos olhares: Sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG.
- Gomes, C., Medeiros, F. P., Arinelli, G. S., & Zucoloto, P. C. S. D. V. (2022). Imaginando, criando, construindo juntos: práticas do psicólogo escolar em tempos de pandemia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 39. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e210093>
- Neto, W. M. F. S., Oliveira, W. A., & Guzzo, R. S. L. (2017). Discutindo a formação em Psicologia: a atividade de supervisão e suas diversidades. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 21(3), 573-582. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pee/a/shcrDLZf7rhxpDrgwZtjzHv/?lang=pt>
- Matos, C. D. A. (2019). O desenvolvimento subjetivo do psicólogo escolar: reflexões sobre os processos de atuação e formação profissional. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35075>
- Souza, S. M. B., Tondin, C. F., Cunha, L. H. S. C., & Silva, P. C. L. (2021). Psicologia e serviço social na educação básica de minas gerais a partir da Lei Nº 13.965/2019: trajetória e contribuições. In: Facci, M. G., Anache, A. A., Caldas, R. F. (Orgs.). *Por que a psicologia na educação? Em defesa da emancipação humana no processo de escolarização*. Curitiba: CRV.

## Transformando o conhecido em conhecimento: a liga de Gestalt-terapia da FMUSP em ação

*Iniciação Científica - Psicologia Humanista*

**Leandro de Paulo Bomfim**<sup>1</sup> [leandro@gestaltterapia.com.br](mailto:leandro@gestaltterapia.com.br)

**Rosana Zanella**<sup>1</sup> [r.zanella@uol.com.br](mailto:r.zanella@uol.com.br)

<sup>1</sup> Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU-SP

**Introdução:** Este estudo apresenta um resultado de uma pesquisa empírica realizada por um docente voluntário do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU-SP) e noventa e dois acadêmicos do curso de psicologia. Com a criação da "Liga Acadêmica de Gestalt-terapia", um Programa de Extensão Universitária com o objetivo de proporcionar um espaço de reflexão e desenvolvimento extracurricular para os alunos, com foco na área clínica e pesquisa. No início do projeto, uma pesquisa foi disponibilizada para avaliar o nível dos alunos iniciantes, e ao chegarem ao décimo semestre, esses alunos foram novamente submetidos à pesquisa. **Objetivo:** intrínseco desta pesquisa é conduzir uma análise do avanço no nível de conhecimento experimentado pelos acadêmicos que se juntam à Liga, tanto ao ingressar quanto ao concluir sua participação. **Método:** A pesquisa realizada é classificada como pesquisa empírica devido à abordagem científica baseada em evidências concretas e observações diretas. Os dados foram coletados por meio de questionários aplicados aos 92 participantes, com questões fechadas sobre Gestalt com o objetivo de mensurar o nível de conhecimento adquirido e para percepção das mudanças pessoais resultantes da participação nas atividades. Essa pesquisa é feita por meio de um formulário disponibilizado com questões 30 para alunos ingressantes na liga e no final na saída. Além disso, foram conduzidas observações das interações durante os encontros quinzenais, fornecendo insights sobre o envolvimento e a dinâmica do grupo. **Resultados:** demonstraram que os 92 participantes da Liga apresentaram um aumento significativo em seus conhecimentos sobre a Gestalt-terapia, além de relatarem impactos positivos em suas habilidades de escuta ativa, empatia e na compreensão das situações clínicas. A maioria dos acadêmicos considerou a experiência enriquecedora para sua formação profissional. **Discussão:** A pesquisa empírica permitiu uma análise objetiva dos resultados e demonstra a grande evolução dos alunos em uma compreensão mais aprofundada dos efeitos da participação na Liga. A dinâmica de grupo e a interação entre os membros também foram discutidas como fatores relevantes para o sucesso da iniciativa. **Considerações finais:** A Liga mostrou-se uma experiência enriquecedora e relevante, proporcionando aos participantes um espaço de aprendizado significativo fora da

sala de aula. A continuidade e expansão dessa iniciativa podem ser uma contribuição valiosa para a formação acadêmica e o desenvolvimento pessoal dos estudantes de psicologia.

**Palavras-chave:** *Liga Acadêmica, Gestalt-terapia, Ensino Superior.*

## **Referências**

- Perls, F. S. (1977). Gestalt-terapia explicada, 11<sup>a</sup> ed. (trad. G. Schlesinger). São Paulo: Summus.
- Gestalt-terapia. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas, V.1 - 2013, São Paulo: Summus.
- Gestalt-terapia. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). Recursos criativos em Gestalt-terapia: V.8 – 2021, São Paulo: Summus.

## Trabalho análogo à escravidão: contexto sócio-histórico e atuação do psicólogo na saúde mental do trabalhador

*Trabalho de Graduação - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

**Letícia Alexsandra Gonçalves Silva<sup>1</sup>** [leticia.ags@ufu.br](mailto:leticia.ags@ufu.br)

**Anna Carolina Rosa Santos<sup>1</sup>** [annacarolinar543@gmail.com](mailto:annacarolinar543@gmail.com)

**Yasmin Duarte Campos<sup>1</sup>** [yasmin.duarte@ufu.br](mailto:yasmin.duarte@ufu.br)

**Felipe Rodrigues Torres<sup>1</sup>** [felipertrabalho@gmail.com](mailto:felipertrabalho@gmail.com)

**Heila Magali Silva Veiga<sup>1</sup>** [heila.veiga@ufu.br](mailto:heila.veiga@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O aumento de notícias sobre pessoas em estado de trabalho análogo à escravidão é algo preocupante, como demonstra as pesquisas realizadas no ano de 2023, divulgadas nos principais sites de notícia, como o G1. No presente ano houve o recorde do número de vítimas resgatadas em um período de 3 meses em 15 anos, sendo que apenas no mês de agosto de 2023 foram resgatadas 500 pessoas nessa situação que fere os direitos e dignidade humana, ferindo ainda, a saúde mental desses indivíduos, pois essas condições como elencadas na pesquisa podem trazer vulnerabilidade para a vítima e sofrimento psicológico, o que demonstra que mesmo após diversas evoluções no contexto tecnológico, ainda sim a sociedade contemporânea sofre percalços. **Objetivo:** Realizar uma revisão sistematizada sobre trabalho análogo à escravidão publicados no período de 2018 a 2023 com o intuito de analisar as diversas formas de trabalho escravo contemporâneo e o papel que o psicólogo tem diante de tais abusos. **Método:** Para a busca dos artigos foram utilizadas as palavras chaves “trabalho análogo à escravidão; saúde mental do trabalhador; escravidão na contemporaneidade”, de forma que foram considerados os artigos e reportagens disponíveis para download, de língua portuguesa e inglesa, publicados em bases de dados, como Scielo e Pubmed. **Resultados parciais:** Por meio do levantamento de dados bibliográficos foi possível observar que o principal núcleo de tais práticas escravocratas está no meio rural, no qual é ofertado apenas o mínimo para manter a vida em troca da força de trabalho, porém, o campo não é o único meio para tais práticas, exemplo disso, são as grandes e populares empresas de varejo, colocando em voga o contexto histórico-social. Diante disso, entende-se que o psicólogo tem papel fundamental no pós-resgate de vítimas dessas determinadas situações. **Discussão:** A partir do trabalho realizado, percebe-se que ainda hoje são encontrados casos de trabalho análogo a escravidão. No Brasil especificamente, somente em 2022, foram resgatados em torno de 500 trabalhadores nestas condições. Diante disso, cabe ao psicólogo não somente o apoio psicológico desses indivíduos, mas também a pesquisa,

denúncia, conscientização, treinamento e educação de diversas outras pessoas que precisam deste conhecimento para que possam identificar e lidar com esta problemática, a fim de garantir o bem-estar, dignidade, qualidade de vida que vá além da apenas sobrevivência dessas vítimas. **Considerações Finais:** O estudo destaca uma dura realidade que persiste mesmo depois de tantos anos de luta pela liberdade. A persistência de condições de trabalho modernas semelhantes à escravidão não apenas revela deficiências no sistema legal e nas políticas de proteção ao trabalhador, mas também exige urgentemente maior conscientização e ação. É importante também mencionar, que podem existir muitos casos subnotificados deste tipo de situação, por conta disso o estudo e a disseminação desse assunto é tão importante. A partir da realidade de tais trabalhadores, é possível identificar espaços diversos para a atuação em Psicologia Organizacional e do Trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho análogo à escravidão, Saúde mental, contexto histórico.

## Referências

- Custo humano: Shein é denunciada por trabalhos análogos à escravidão | Metrópoles. (2022). <https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/custo-humano-shein-e-denunciada-por-trabalhos-analogos-a-escravida>
- Feitosa, R., & Mariano, M. L. (2023). Trabalho análogo à escravidão: A importância da atuação do psicólogo na saúde mental do trabalhador. Temas em Educação e Saúde, e023004-e023004.
- Freitas, A. M., Fernandes, M. L. S., de Oliveira Cruz, R. G., & dos Anjos, J. H. R. (2022). Caso Madalena Gordiano: Discussões sobre o trabalho análogo à escravidão. Revista Interação Interdisciplinar (ISSN: 2526-9550), (1).
- Gomes, A. M. D. C., Neto, G., & Beatriz, R. (2018). Trabalho escravo contemporâneo: tempo presente e usos do passado. Editora FGV.
- Operação resgata, em agosto, mais de 500 trabalhadores em situação semelhante à escravidão. (2023, 5 de setembro). G1 <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/09/05/operacao-resgata-em-agosto-mais-de-500-trabalhadores-em-situacao-semelhante-a-escravidao.ghtml>
- Idosa de 90 anos é resgatada em condições análogas à escravidão em casa na Zona Norte do Rio.(2023, 5 de setembro). G1. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/09/05/idoso-de-90-anos-e-resgatada-de-condicoes-analogas-a-escravidao-em-casa-na-zona-norte-do-rio.ghtml>
- Brasil resgatou 918 vítimas de trabalho escravo em 2023, recorde para um 1º trimestre em 15 anos. (s.d.). G1. <https://g1.globo.com/google/amp/trabalho-e-carreira/noticia/2023/03/21/brasil-resgatou-918-vitimas-de-trabalho-escravo-em-2023-recorde-para-um-1o-trimestre-em-15-anos.ghtml>

## **Tomada de decisão para registro de boletim de ocorrência segundo mulheres com histórico de relacionamento conjugal violento**

*Mestrado - Psicologia Social e Comunitária*

**Rafaela Ripa**<sup>1</sup> [rafaela.ripa@ufu.br](mailto:rafaela.ripa@ufu.br) Bolsista CAPES.

**Renata Fabiana Pegoraro**<sup>1</sup> [renata.pegoraro@ufu.br](mailto:renata.pegoraro@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

**Introdução:** A violência contra a mulher é uma grave transgressão dos direitos humanos e problema de saúde pública, e precisa ser compreendida a partir da construção sociohistórica dos papéis masculinos e femininos e a tamanha desigualdade que existe entre eles. Diante disso, esse fenômeno deve ser considerado como um grave problema de ordem social e sua ocorrência se dá em caráter cíclico, a partir da existência de fases da violência, com a tendência de que o intervalo entre as fases fique cada vez mais curto e a violência se agrave cada vez mais (iniciando com agressões verbais, crise de ciúmes, destruição de objetos, aumentando a gravidade e frequência das agressões, até que o agressor se mostre arrependido e promete interromper a violência). No entanto, o ciclo recomeça e o grau de violência aumenta, podendo levar a mulher à morte. Dentro desse contexto, torna-se imprescindível investigar os fatores envolvidos na tomada de decisão de registro do BO. **Objetivo:** Compreender, com base na história de vida da mulher vítima de violência conjugal, quando e como começou a violência e quais foram os motivos para a ida à Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher (DEAM) realizar o Boletim de Ocorrência contra o agressor. **Método:** Estudo qualitativo, baseado em entrevistas de história de vida temática, desenvolvido a partir da Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher (DEAM), de um município mineiro. Foram entrevistadas três mulheres com histórico de violência doméstica e que foram à DEAM para realizar o BO contra os seus agressores. A entrevista foi audiograda e investigou: Características Sociodemográficas da Participante; o relato livre da “história de vida”; e questões temáticas sobre: o Relacionamento com Parceiro, a Violência Sofrida, Rede de Suporte (formal e informal) e Saúde Mental. **Resultados e Discussão:** As denúncias ocorreram, principalmente, após um episódio grave de violência física (em dois casos sendo presenciado pelos filhos do casal), podendo ser considerado o estopim para a vítima procurar a DEAM e realizar o BO contra o seu agressor, buscando o fim do ciclo do relacionamento violento. Mas nota-se que antes desses episódios, a violência já estava presente no relacionamento conjugal, principalmente a violência verbal e psicológica, o que indica que o ciclo da violência perdurou por anos a fio e as violências foram se agravando ao ponto de gerar um risco a vida da mulher, como dar chutes e socos, quebrar os dentes da vítima, além de

ameaças de colocar fogo no corpo da vítima. O receio sobre as consequências da denúncia para o agressor (ser preso ou prejudicado no trabalho) pode dificultar que o BO seja devidamente registrado. **Considerações finais:** Esses achados corroboram com os dados encontrados na literatura que demonstram que a denúncia ocorre comumente após anos vivenciando uma relação conjugal violenta. Atentando-se a esses fatos, é imprescindível considerar a dimensão sociohistórica da violência conjugal e a singularidade da história de vida da mulher que toma a decisão de denunciar o seu agressor, para assim ser possível desenvolver uma atuação profissional ética e acolhedora nesse contexto. (CAPES)

**Palavras-chave:** *Violência contra a mulher, delegacia, ciclo da violência, boletim de ocorrência.*

## Referências

- Escorsim, S. M. (2014). Violência de gênero e saúde coletiva: um debate necessário. *Revista Katálysis*, 17, 235-241.
- Gomes, N. P., Carvalho, M. R. da S., Couto, T. M., & Diniz, N. M. F. (2014). VIOLÊNCIA CONJUGAL E O ATENDIMENTO DA MULHER NA DELEGACIA E NO SERVIÇO DE SAÚDE. *Revista Baiana De Enfermagem*(2) 27. <https://doi.org/10.18471/rbe.v27i2.6928>
- Macarini, Samira Mafioletti, & Miranda, Karla Paris. (2018). Atuação da psicologia no âmbito da violência conjugal em uma delegacia de atendimento à mulher. *Pensando famílias*, 22(1), 163-178. Recuperado em 21 de abril de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2018000100013&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100013&lng=pt&tlang=pt).
- Porto, M. (2006). Violência contra a mulher e atendimento psicológico: o que pensam os/as gestores/as municipais do SUS. *Psicologia: ciência e profissão*, 26(3), 426-439.
- Walker, L. E. (1979). *The Battered woman*. New York: Harper & Row.

## Terapia do esquema e violência conjugal: análise dos modos de enfrentamento envolvidos na dinâmica abusiva

*Iniciação Científica - Psicologia Cognitiva e dos Processos Básicos*

**Larissa Firmino Lopes<sup>1</sup>** [larifirlopes@gmail.com](mailto:larifirlopes@gmail.com)

**Renata Ferrarez Fernandes Lopes<sup>1</sup>** [rfernandeslopes@ufu.br](mailto:rfernandeslopes@ufu.br)

<sup>1</sup>Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A violência conjugal é uma das formas de violência contra a mulher, sendo

considerada uma violência de gênero que causa danos físicos e psicológicos as vítimas. Em decorrência dessa violência foi criada a Lei Maria da Penha 11.304/2006 (Brasil, 2006) com a intenção de punir e erradicar a violência doméstica. **Objetivos:** O objetivo dessa pesquisa foi investigar as estratégias desadaptativas de evitação e hipercompensação e seu envolvimento na relação conjugal violenta, como forma de enfrentamento perante a situação de violência.

**Método:** Para tal finalidade, foram entrevistadas 4 mulheres vítimas de violência conjugal que procuraram os serviços disponibilizados pela Delegacia de Orientação e Proteção da Mulher, da cidade de Araguari – MG. Para a coleta de dados foi utilizado o Inventário de evitação Young e Ryght (YRAI-1) com 40 itens, o Inventário de compensação Young e Ryght (YCI1) com 44 itens e uma entrevista voltada ao preenchimento de dados pessoais das participantes. Para análise dos dados utilizou-se estatística descritiva e teste de Wilcoxon para verificar se havia diferença entre as formas de enfrentamento, ou entre o desempenho das participantes. Foram utilizados dois estudos de validação das escalas para a população brasileira que dividia as escalas em fatores (Pereira & Ribeiro, 2021; Santos, Machado, Heinen, & Oliveira, 2021). **Resultados:** Os resultados indicaram que ambas as estratégias de enfrentamento foram usadas pelas participantes durante seus relacionamentos. **Discussão:**

Apesar de ambas as estratégias terem sido utilizadas, não houve diferença significativa entre as formas de enfrentamento. A Evitação Cognitiva foi a forma de evitação mais frequente na amostra (64,70% dos itens pontuados acima de 4). Não houve diferenciação entre os fatores da YRAI-1. A forma de hipercompensação mais frequente na amostra foi a ordem excessiva (100% dos itens pontuados acima de 4) e foi o único fator que se diferenciou em relação aos outros fatores da YCI ( $p < 0,002$  para busca de reconhecimento / manipulação;  $p > 0,059$  para agressão;  $p > 0,014$  para rebelião). **Conclusão:** Conclui-se que tanto a evitação quanto a hipercompensação impedem a elaboração da violência sofrida perpetuando o ciclo de agressões sofridas pela mulher.

**Palavras-chave:** *Formas desadaptadas de enfrentamento, Violência doméstica contra a mulher, Terapia do Esquema.*

## **Referências**

- Brasil (2006). Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.html)
- Pereira, H. B. & Ribeiro, K. C. S. (2021). Validação do inventário de compensação de Young para a população campinense. *Aletheia*, 54(1), 35-44. <https://dx.doi.org/DOI10.29327/226091.54.1-4>
- Santos, M. B., Machado, W. L., Heinen, M., & Oliveira, M. S. (2021). Evidências de validade do Inventário de Evitação de Young-Rygh (YRAI) para a população do Rio Grande do Sul. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(1), 1–22. <https://doi.org/10.1590/1413-8271202227021>

## **Sistema Único de Saúde e autismo: a experiência do centro de referência em transtorno do espectro autista de Uberlândia-MG**

*Relato de Experiência -Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Rafael Simões de Sousa Godói<sup>1</sup>** [raphaelsimoesgodoi@gmail.com](mailto:raphaelsimoesgodoi@gmail.com)

**Nelson Donizete Ferreira Junior<sup>1</sup>** [nelsondfj@gmail.com](mailto:nelsondfj@gmail.com)

**Alexandra da Rocha Sardella<sup>1</sup>** [sardellaalexandra@gmail.com](mailto:sardellaalexandra@gmail.com)

<sup>1</sup> Secretaria Municipal de Saúde de Uberlândia

**Introdução:** Nos últimos anos, tem-se registrado um aumento significativo da taxa de incidência de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O mais recente relatório do Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC) dos EUA aponta que uma em cada 44 crianças é diagnosticada com o TEA. No Brasil, há uma escassez de estudos epidemiológicos sobre essa população, mas estima-se que seja equivalente à do CDC. Este fato impacta diretamente o sistema de saúde brasileiro, pois estas crianças estão sendo atendidas nos serviços públicos de saúde, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), visto ser um direito adquirido pela Legislação Brasileira. Mesmo tendo o acesso à saúde integral, universal e gratuito garantido pela Legislação Nacional, é recorrente na literatura estudos que enfatizam a lacuna existente na oferta de um serviço público com foco nas especificidades dessa população e com o uso apropriado da evidência científica para nortear a decisão clínica com benefícios e redução de danos ao paciente. Pensando nestes princípios foi inaugurado em 2022, o Centro de Referência em Transtorno do Espectro Autista (CR-TEA) com o objetivo de promover o acesso integral, universal e gratuito a serviços de saúde de qualidade por meio do SUS para a população diagnosticada com TEA no município de Uberlândia por meio de uma rede de serviços com capacidade de oferta do cuidado integral para este público com base nas melhores práticas baseadas em evidência. **Objetivo:** O objetivo geral desse estudo é descrever a experiência profissional da psicologia e o relacionamento com profissionais de outras áreas que constituem o serviço, como a neuropediatria que está intimamente ligada a psicologia no contexto do CR-TEA e mais especificamente tem como objetivo apresentar o serviço a comunidade acadêmica. **Método:** Foi utilizado o método observacional, de natureza participante. A descrição das atividades realizadas, avaliações globais, atendimentos conduzidos, discussões de casos e reuniões interdisciplinares (clínicas e de gestão). **Resultados:** Com 1 ano e 3 meses de funcionamento, é possível verificar a eficácia do CR-TEA, pelo relato dos pais e cuidadores de ganho de repertório, contato, interação social, permanência e realização de atividades escolares, melhora na qualidade do sono e aspectos de vida diária e familiar. **Discussão:** O CR-TEA de Uberlândia trata-se de um serviço inovador

dentro do SUS. Uma contribuição que pode ser mencionada do presente relato de experiência para o campo da formação profissional em Psicologia refere-se ao estímulo à valorização nos currículos acadêmicos de práticas que insiram o estudante em contextos inovadores como o do CR-TEA. **Considerações finais:** A experiência no CR-TEA possibilita o desenvolvimento de atitudes fundamentadas na Lei e na Ética, de forma a preservar direitos e bem-estar dos atendidos e traz uma nova forma de pensar a atuação da psicologia. Um dos princípios do SUS mais praticados no cotidiano do serviço é o da integralidade das ações em saúde. Isso porque atuar interdisciplinarmente propicia a visão do indivíduo em suas necessidades, sendo fundamentais as trocas de ações entre profissionais para o tratamento e reabilitação.

**Palavras-chave:** *Transtorno do Espectro Autista, Sistema Único de Saúde, Saúde pública.*

## **Referências**

- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 10 de jul. 2022.
- Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm). Acesso em: 12 jul. 2022.

## **Síndrome de Burnout em enfermeiros: uma revisão sistemática de literatura**

*Trabalho de Graduação - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

**Isadora Borges Squilassi**<sup>1</sup> [isadorasquilassi@ufu.br](mailto:isadorasquilassi@ufu.br)

**Débora de Jesus Barbosa**<sup>1</sup> [debora.barbosa@ufu.br](mailto:debora.barbosa@ufu.br)

**Noelle Tavares Ferreira**<sup>1</sup> [noelle.ferreira@ufu.br](mailto:noelle.ferreira@ufu.br)

**Heila Magali Veiga**<sup>1</sup> [heila.veiga@ufu.br](mailto:heila.veiga@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A temática do burnout em enfermeiros se mostra relevante, porque configura-se como um fenômeno notável na vivência de enfermeiros e profissionais de saúde em geral. O burnout é um fenômeno multidimensional que envolve três dimensões principais, se caracterizando por exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal. Nessa direção, estudos apontam que os enfermeiros são especialmente afetados por essa condição, uma vez que enfrentam demandas físicas e emocionalmente acentuadas em virtude de sua atividade profissional, a qual se desenvolve em um ambiente hospitalar que apresenta desafios intrínsecos. **Objetivo:** O objetivo geral do estudo foi realizar uma revisão sistematizada de literatura acerca da temática de burnout em enfermeiros. **Método:** Para a realização da revisão, as buscas foram realizadas na base de dados SciELO através da estratégia de busca composta pelos descritores “burnout” e “enfermeiros”. As buscas foram realizadas em português e inglês. Foram incluídos artigos publicados entre 2012 e 2022, em português, inglês e espanhol, com amostras populacionais contendo enfermeiros e/ou profissionais da enfermagem e que apresentassem a palavra “burnout” no título, resumo e/ou palavras-chaves. **Resultados:** Foram encontrados 17 artigos elegíveis para a leitura na íntegra. Todos os artigos se enquadravam como pesquisas transversais, sendo 12 estudos descritivos (tratando apenas da variável burnout e de suas implicações negativas para a vida profissional de enfermeiros) e 5 estudos correlacionais. Dentre as variáveis tratadas nos estudos correlacionais, quatro se referiam a atributos organizacionais, sendo elas: autonomia; controle sobre o ambiente de trabalho; suporte organizacional; e relação médico-enfermeiro. Essas quatro variáveis apresentaram uma correlação negativa com os componentes de exaustão emocional e despersonalização e uma correlação positiva com o componente de realização pessoal. A autonomia foi a variável que mais apresentou relações significativas com todos os componentes de burnout, sendo que os estudos indicaram que um maior senso de autonomia pode ter efeito protetor no desenvolvimento da doença. **Discussão:** Os dados apresentados revelam uma realidade preocupante em relação ao trabalho dos enfermeiros, uma vez que o burnout é uma síndrome de grande impacto na vida desses profissionais. O burnout afeta

diretamente a qualidade do cuidado ofertado pelos profissionais, revelando-se como um fator determinante do tipo e da qualidade de serviços ofertados nos sistemas de saúde. Para além de fatores individuais, a revisão revelou que questões organizacionais se mostraram centrais para o desenvolvimento da doença. **Conclusão:** Mostra-se necessário um maior envolvimento dos gestores na organização hospitalar, uma vez que eles podem colaborar na identificação precoce de esgotamento mental, além de promover um ambiente de trabalho saudável, que vise a implementação de suporte emocional/psicológico, assim como a distribuição adequada de tarefas. É importante que futuras investigações se atentem às variáveis organizacionais, buscando discutir mais profundamente os reais facilitadores do burnout e permitir a implementação de políticas públicas de proteção e prevenção com relação à síndrome. Também é importante que estudos futuros realizem pesquisas longitudinais, com maior número de participantes e com análises de dados mais complexas, visando permitir a generalização dos achados e a suposição de nexo causal entre as variáveis estudadas.

**Palavras-chave:** *Burnout, Saúde, Enfermeiros, Trabalhadores de Enfermagem.*

## **Referências**

- Aragão N. S. C., Barbosa G. B. B., Santos C. L. C., Nascimento D. S. S., Vilas Bôas L. B. S., & Martins Jr D. F. (2021). Burnout Syndrome and Associated Factors in Intensive Care Unit Nurses. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74(3):e20190535. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0535>.
- Borges, E. M. N., Queirós, C. M. L., Abreu, M. S. N., Mosteiro-Díaz, M. P., Baldonedo-Mosteiro, M., & Baptista, P. C. P. (2021). Burnout among nurses: a multicentric comparative study. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 29, e3432. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.4320.3432>.
- Fernandes, L. S., Nitsche, M. J. T., & Godoy, I. D. (2018). Associação entre Síndrome de burnout, uso prejudicial de álcool e tabagismo na Enfermagem nas UTIs de um hospital universitário. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(1), 203-214. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018231.05612015>.
- França, F. M. D., & Ferrari, R. (2012). Síndrome de Burnout e os aspectos sócio-demográficos em profissionais de enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, 25(5), 743-748. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002012000500015>.
- França, S. P. D. S., De Martino, M. M. F., Aniceto, E. V. D. S., & Silva, L. L. (2012). Preditores da Síndrome de Burnout em enfermeiros de serviços de urgência pré-hospitalares. *Acta Paulista de enfermagem*, 25(1), 68-73. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002012000100012>.

- Galindo, R. H., Feliciano, K. V. D. O., Lima, R. A. D. S., & Souza, A. I. D. (2012). Síndrome de Burnout entre enfermeiros de um hospital geral da cidade do Recife. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 46(2), 420-427. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000200021>.
- Lorenz, V. R., & Guirardello, E. D. B. (2014). The environment of professional practice and Burnout in nurses in primary healthcare. *Revista latino-americana de enfermagem*, 22(6), 926-933. <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0011.2497>.
- Magalhães, A. M. M. D., Trevilato, D. D., Pai, D. D., Barbosa, A. D. S., Medeiros, N. M., Seeger, V. G., & Oliveira, J. L. C. D. (2021). Professional burnout of nursing team working to fight the new coronavirus pandemic. *Revista brasileira de enfermagem*, 75(1), e20210498. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0498>.
- Möller, G., de Oliveira, J. L. C., Dal Pai, D., Azzolin, K., & de Magalhães, A. M. M. (2021). Nursing practice environment in intensive care unit and professional burnout. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 55, e20200409. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2020-00409>.
- Nobre, D. F. R., Rabiais, I. C. M., Ribeiro, P. C. P. S. V., & Seabra, P. R. C. (2019). Burnout assessment in nurses from a general emergency service. *Revista brasileira de enfermagem*, 72(6), 1457-1463. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0870>.
- Nogueira, L. D. S., Sousa, R. M. C. D., Guedes, E. D. S., Santos, M. A. D., Turrini, R. N. T., & Cruz, D. D. A. L. M. D. (2018). Burnout e ambiente de trabalho de enfermeiros em instituições públicas de saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(2), 336-342. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0524>.
- Porciuncula, A. M., Venâncio, S. A., & Silva, C. M. F. P. D. (2020). Síndrome de Burnout em gerentes da Estratégia de Saúde da Família. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(4), 1555-1566. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020254.22072018>.
- Tavares, K. F. A., Souza, N. V. D. D. O., Silva, L. D. D., & Kestenberg, C. C. F. (2014). Ocorrência da síndrome de Burnout em enfermeiros residentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 27(3), 260-265. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201400044>.
- Vasconcelos, E. M. D., & Martino, M. M. F. D. (2018). Preditores da síndrome de burnout em enfermeiros de unidade de terapia intensiva. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38(4), e65354. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.65354>
- Vasconcelos, E. M. D., Martino, M. M. F. D., & França, S. P. D. S. (2018). Burnout e sintomatologia depressiva em enfermeiros de terapia intensiva: análise de relação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(1), 135-141. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0019>.
- Vieira, L. S., Machado, W. D. L., Dal Pai, D., Magnago, T. S. B. D. S., Azzolin, K. D. O., &

- Tavares, J. P. (2022). Burnout and resilience in intensive care Nursing professionals in the face of COVID-19: A multicenter study. *Revista latino-americana de enfermagem*, 30, e3589. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5778.3537>.
- Vieira, L. S., Machado, W. D. L., Dal Pai, D., Magnago, T. S. B. D. S., Azzolin, K. D. O., & Tavares, J. P. (2022). Burnout e resiliência em profissionais de enfermagem de terapia intensiva frente à COVID-19: estudo multicêntrico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 30, e3589. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5778.3589>.

## Sentidos produzidos pela mídia escrita e televisiva sobre um CAPS-AD

*Iniciação Científica - Psicologia Das Políticas Públicas*

**Sophia Luiza Jager Silva<sup>1</sup>** [sophialuiza.jager@gmail.com](mailto:sophialuiza.jager@gmail.com)

**Renata Fabiana Pegoraro<sup>1</sup>** [renata.pegoraro@ufu.br](mailto:renata.pegoraro@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O Centro de Atenção Psicossocial em sua modalidade AD (álcool e outras drogas) integra a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e deve atuar na lógica da Redução de Danos, incentivando o protagonismo e a autonomia dos sujeitos no cuidado à saúde. Para que esse cuidado ocorra é importante a articulação entre o CAPSad, outros pontos de cuidado da rede de saúde e o território em que os sujeitos residem. Há poucos estudos sobre a forma como a vizinhança, parte do território, recebe a instalação de serviços de tipo CAPS em bairros de municípios brasileiros. Este trabalho se justifica pelo interesse em entender os discursos veiculados por mídia jornalística sobre a instalação e funcionamento de um CAPS ad que foi removido para outro setor do município pela prefeitura local, após insatisfação declarada da vizinhança. **Objetivo:** Compreender os sentidos produzidos pela mídia escrita e televisiva sobre um CAPSad desde sua instalação até sua remoção para outro bairro em Uberlândia-MG. **Método:** Trata-se de pesquisa documental, utilizando das fontes de “comunicação em massa”, desenvolvida por buscas on-line com o uso combinado das palavras-chaves “CAPS” x “CAPS AD” x “CAPS UMUARAMA” x “Uberlândia” para localização de reportagens e conteúdos midiáticos. Este trabalho analisa um recorte do estudo a partir da análise temática de (a) dois vídeos disponíveis no youtube, e (b) um vídeo e seis reportagens do site G1. Os vídeos foram transcritos e o material escrito foi lido juntamente às reportagens escritas para identificação de temas. **Resultados:** No material jornalístico havia entrevistas com os moradores do bairro e os usuários do serviço, os enunciados dos repórteres e pronunciamentos da Secretaria Municipal de Saúde. Os personagens identificados trouxeram as seguintes temáticas: transferência do CAPSad para outro bairro, compreensão sobre o tratamento e greve do serviço. Os usuários do serviço entrevistados compreendem que o CAPS ad necessita do suporte financeiro governamental para se manter e percebem o tratamento como rotineiro e de longo prazo, essencial para a vida toda, ao passo que a vizinhança descreve o serviço como irregular e insatisfatório e o tratamento como forma de conter os sujeitos no espaço do CAPS para ocupar seu tempo. **Discussão:** Percebe-se uma dissonância entre os discursos de quem vivencia o espaço e da comunidade ao entorno, que não é solucionada pelos meios midiáticos, tendo em vista que nas reportagens, utilizam de expressões academicistas como “co-responsabilização” e “projeto terapêutico singular” que não são explicadas ao público leitor.

Além disso, as reportagens utilizam terminologias ultrapassadas e estigmatizantes, como “dependentes externos”, bem como, fazem menções à abstinência como forma de única/ideal de tratamento e referem-se ao CAPS ad como um serviço assistencial e não do setor saúde. **Considerações finais:** A mídia televisiva e jornalística fez uso de uma linguagem complexa e inacessível, sem contribuir para a compreensão da proposta do CAPS ad pelo público, mantendo a forte desinformação circulada entre os moradores entrevistados a respeito da funcionalidade do CAPSad, além de propagar ideais perpassados pela Política de Guerra às drogas.

**Palavras-chave:** *Território, Redução de danos, Atenção Psicossocial.*

## Referências

- Amarante, P. (2017). Teoria e crítica em saúde mental. Textos selecionados. São Paulo: Zagadoni.
- Cellard, A. (2019). A análise documental. In: Poupart, J., Deslauriers, J-P., Groulx, L-H., Mayer, R. & Pires, A. P. A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos (pp. 295-316). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Neto, J. A., Lemos, F. C., Galindo, D. C., Ferla, A. A., & Correa, M. R. (2016). Figuras e facetas da lógica proibicionista-medicalizante nas políticas sobre drogas, no Brasil. *Revista Polis e Psique*, 6(3), 59-76. Doi: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.50421>
- Souza, L. K (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. Doi: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>
- Tatmatsu, D. I. B., Siqueira, C. E., & Del Prette, Z. A. P. (2020). Políticas de prevenção ao abuso de drogas no Brasil e nos Estados Unidos. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(1), e00040218.

## **Rotinas, estruturas e dificuldades para o cuidado da população trans: impactos do funcionamento dos serviços de saúde**

*Iniciação Científica - Sexualidade e Gênero*

**Débora de Jesus Barbosa**<sup>1</sup> [debora.barbosa@ufu.br](mailto:debora.barbosa@ufu.br)

**Emerson Fernando Rasera**<sup>1</sup> [emersonrasera@ufu.br](mailto:emersonrasera@ufu.br)

**Noelle Tavares Ferreira**<sup>1</sup> [noelle.tavares@ufu.br](mailto:noelle.tavares@ufu.br)

**Flávia do Bonsucesso Teixeira**<sup>1</sup> [flavia.teixeira@ufu.br](mailto:flavia.teixeira@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O acesso aos cuidados em saúde mostra-se como uma questão complexa para grande parte da população trans. Isso ocorre porque esse acesso é atravessado por inúmeras barreiras que dificultam ou impedem que pessoas trans e travestis acessem e permaneçam nos serviços de saúde. Dentre essas dificuldades, destaca-se o modo de funcionamento interno dos serviços de saúde, que, pautados em padrões cisnormativos, não estão preparados para receber e acolher as especificidades dos cuidados que a população trans necessita. **Objetivo:** Identificar as principais barreiras ao acesso e acolhimento em saúde da população trans relacionadas aos modos de funcionamento inadequados dos serviços de saúde. **Método:** Essa proposta diz respeito a uma Revisão Integrativa em andamento que analisa as barreiras de acesso à saúde enfrentadas pela população trans e as recomendações práticas para a superação de tais barreiras. As buscas foram realizadas nas bases de dados SciELO, PubMed e EMBASE. Foram incluídos artigos publicados entre 1998 e 2022, em português, inglês e espanhol, realizados no Brasil, Canadá, EUA, Portugal, Argentina, Uruguai, Espanha, África do Sul ou Holanda, com população transespecífica, de idade entre 18 e 65 anos. Os dados são categorizados à luz da análise de conteúdo. Fichamentos foram realizados e as unidades de registros provenientes da leitura do material foram agrupadas em categorias e subcategorias de acordo com as barreiras identificadas. **Resultados parciais:** As buscas identificaram 599 trabalhos, dos quais 57 foram elegíveis para leitura na íntegra. Destes, foram identificadas 209 unidades de registros referentes às barreiras de acesso à saúde, sendo que estas foram divididas em seis categorias. Para esse relato, realizou-se um recorte dos dados encontrados, enfocando-se na categoria denominada “funcionamento dos serviços de saúde incompatível com as necessidades da população trans”. Esta categoria apresentou como principais barreiras: o horário de funcionamento inadequado dos serviços de saúde; os formulários de atendimentos inadequados; a estrutura física dos serviços inadequada e generificada; e os desafios para a confidencialidade dos serviços relacionados ao HIV. **Discussão parcial:** A forma de funcionamento interno dos serviços de saúde aparece como um grande fator de

exclusão da população trans dos cuidados em saúde. Com uma rotina e uma estrutura física padronizada de acordo com a cismatividade, tais serviços não respeitam a existência de pessoas trans e travestis, já que seus formulários não permitem a correta identificação da identidade de gênero, seus ambientes físicos não são inclusivos, seus horários de funcionamento apenas diurnos não consideram o conforto e a segurança da população trans e não há garantias sobre a confidencialidade de tratamentos e cuidados preventivos para o HIV. **Considerações finais:** O funcionamento dos serviços de saúde se mostra como um dos grandes motivos para que a população trans tenha seu acesso aos serviços de saúde generalistas e específicos impedito ou dificultado. Portanto, reformas administrativas e estruturais se mostram necessárias para que pessoas trans enxerguem os serviços como um local de proteção, inclusão e segurança, o que traria impactos positivos para a saúde dessa população (CNPq).

**Palavras-chave:** Transexualidade; Saúde; Barreiras ao Cuidado; Funcionamento dos Serviços de Saúde.

## Referências

- Allison, M. K., Marshall, S. A., Stewart, G., Joiner, M., Nash, C., & Stewart, M. K. (2021). Experiences of transgender and gender nonbinary patients in the emergency department and recommendations for health care policy, education, and practice. *The Journal of emergency medicine*, 61(4), 396-405. <https://doi.org/10.1016/j.jemermed.2021.04.013>.
- Bauer, G. R., Hammond, R., Travers, R., Kaay, M., Hohenadel, K. M., & Boyce, M. (2009). "I don't think this is theoretical; this is our lives": how erasure impacts health care for transgender people. *Journal of the Association of Nurses in AIDS Care*, 20(5), 348-361. <https://doi.org/10.1016/j.jana.2009.07.004>.
- Bockting, W., MacCrate, C., Israel, H., Mantell, J. E., & Remien, R. H. (2020). Engagement and retention in HIV care for transgender women: perspectives of medical and social service providers in New York City. *AIDS Patient Care and STDs*, 34(1), 16-26. <https://doi.org/10.1089/apc.2019.0067>.
- Costa, A. B., Fontanari, A. M. V., Catelan, R. F., Schwarz, K., Stucky, J. L., da Rosa Filho, H. T., ... & Koller, S. H. (2018). HIV-related healthcare needs and access barriers for Brazilian transgender and gender diverse people. *AIDS and Behavior*, 22, 2534-2542. doi: 10.1007/s10461-017-2021-1.
- Hoffkling, A., Obedin-Maliver, J., & Sevelius, J. (2017). From erasure to opportunity: a qualitative study of the experiences of transgender men around pregnancy and recommendations for providers. *BMC pregnancy and childbirth*, 17(2), 1-14. doi: 10.1186/s12884-017-1491-5.
- Loo, S., Almazan, A. N., Vedilago, V., Stott, B., Reisner, S. L., & Keuroghlian, A. S. (2021).

- Understanding community member and health care professional perspectives on gender-affirming care—A qualitative study. *PLoS ONE*, 16(8), e0255568. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0255568>.
- Luvuno, Z. P., Ncama, B., & Mchunu, G. (2019). Transgender population's experiences with regard to accessing reproductive health care in Kwazulu-Natal, South Africa: A qualitative study. *African Journal of Primary Health Care & Family Medicine*, 11(1), 1-9. <http://dx.doi.org/10.4102/phcfm.v1i1.1933>.
- Ogunbajo, A., Storholm, E. D., Ober, A. J., Bogart, L. M., Reback, C. J., Flynn, R., ... & Morris, S. (2021). Multilevel barriers to HIV PrEP uptake and adherence among Black and Hispanic/Latinx transgender women in Southern California. *AIDS and Behavior*, 25, 2301-2315. doi: 10.1007/s10461-021-03159-2.
- Prado, M. A. M. (2018). Ambulare. PPGCOM UFMG.
- Radix, A. E., Lelutiu-Weinberger, C., & Gamarel, K. E. (2014). Satisfaction and healthcare utilization of transgender and gender non-conforming individuals in NYC: a community-based participatory study. *LGBT health*, 1(4), 302-308. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2013.0042>.
- Reisner, S. L., Perkovich, B., & Mimiaga, M. J. (2010). A mixed methods study of the sexual health needs of New England transmen who have sex with nontransgender men. *AIDS patient care and STDs*, 24(8), 501-513. <https://doi.org/10.1089/apc.2010.0059>.
- Rosen, J. G., Malik, M., Cooney, E. E., Wirtz, A. L., Yamanis, T., Lujan, M., ... & Poteat, T. (2019). Antiretroviral treatment interruptions among Black and Latina transgender women living with HIV: characterizing co-occurring, multilevel factors using the gender affirmation framework. *AIDS and Behavior*, 23, 2588-2599. doi: 10.1007/s10461-019-02581-x.
- Schein, A. I., & Travers, R. (2017). Barriers and facilitators to HIV and sexually transmitted infections testing for gay, bisexual, and other transgender men who have sex with men. *AIDS care*, 29(8), 990-995. <https://doi.org/10.1080/09540121.2016.1271937>.

## Rodas de conversa on-line: uma possibilidade metodológica a partir da pandemia de COVID-19

*Iniciação Científica - Outros*

**Noelle Tavares Ferreira**<sup>1</sup> [noelle.ferreira@ufu.br](mailto:noelle.ferreira@ufu.br)

**Silvia Maria Cintra da Silva**<sup>1</sup> [silvia@ufu.br](mailto:silvia@ufu.br)

**Renata Fabiana Pegoraro**<sup>1</sup> [renatapegoraro@gmail.com](mailto:renatapegoraro@gmail.com)

**Yonara Borges Silva**<sup>1</sup> [yonara.silva@ufu.br](mailto:yonara.silva@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** As tecnologias, inegavelmente, se apresentam como ferramentas que podem se aliar ao ser humano, e diante do advento da pandemia da Covid-19, essa dinâmica não se alterou; pelo contrário, mostraram-se muito necessárias. Por meio delas, dentre inúmeras outras potencialidades, é viável reduzir as barreiras geográficas, conduzir aulas virtuais e/ou on-line, efetuar transações comerciais, proporcionar entretenimento, laborar, estudar e conduzir pesquisas. O que anteriormente ocorria mediante encontros presenciais sofreu adaptações e ajustes para se viabilizar virtualmente, por meio de plataformas on-line.

**Objetivo:** Diante desse contexto, este trabalho tem como escopo apresentar alguns parâmetros e viabilidades intrínsecas à adoção da técnica da roda de conversa online como meio de coletar dados para pesquisa no campo educacional. **Método:** A pesquisa se apoia em investigação anterior (Miranda et al., 2022), que está em processo de finalização e visa analisar o impacto da pandemia em relação ao sofrimento psíquico de estudantes de cursos de pós-graduação stricto sensu das 11 Universidades Federais de Minas Gerais.

Na primeira etapa do estudo foi aplicado um questionário on-line, via plataforma SurveyMonkey com questões sobre dados sociodemográficos, interesse pela pós-graduação, condições para permanência e conclusão do curso, Escalas de Stress Percebido e de Preocupações e Indicador de Dificuldades. Na segunda etapa, foram realizadas rodas de conversa (Moura & Lima, 2014) on-line com os respondentes que se dispuseram a participar com o intuito do aprofundamento de questões referentes ao sofrimento. **Resultados:** Foram realizadas duas rodas de conversa com nove e quatro participantes com apoio do Microsoft Teams, e o material foi posteriormente transcrito para análise. Os resultados obtidos destacam a viabilidade das discussões online, apresentando vantagens como: superar barreiras geográficas, promover a preservação da saúde, economizar recursos financeiros com deslocamento, otimizar o tempo de pesquisa e proporcionar conforto aos participantes. No entanto, é importante mencionar algumas limitações, como: problemas de conexão à internet, desconhecimento da plataforma, ruídos provenientes de ambientes familiares e interferências externas.

**Discussão:** Os dados

apresentados revelam ser fundamental que a plataforma ou aplicativo definido para realização da roda de conversa on-line seja de conhecimento de todos os participantes, a fim de mitigar minimamente as limitações da mesma. Além de conhecer o público no qual os participantes fazem parte, a fim de melhor criar um ambiente acolhedor e propício para as partilhas.

**Considerações Finais:** Desta forma, a roda de conversa on-line emerge como uma ferramenta que propicia a partilha de vivências tanto pessoais quanto profissionais, catalisando o diálogo, a reflexão e a formação, entre outros aspectos. No entanto, ela demanda do pesquisador uma minuciosa prévia deliberação a respeito de cada ação requerida por essa metodologia, de modo a garantir a participação dos indivíduos sem maiores contratemplos técnicos.

**Palavras-chave:** *Rodas de conversa, sofrimento psíquico, pós-graduação stricto senso, estudantes*

## **Referências**

- Miranda, G. J; Silva, S. M. C.; Silva, L. B.; Pegoraro, R. F. & Pereira, J. M. (2022). Dificuldades, Preocupações e Estresse na pós-graduação. *Revista Gestão Universitária na América Latina*, v. 15, p. 24-43.
- Moura, A. F. & Lima, M. G. (2014). A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação, João Pessoa*, v. 23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014

## Rodas de conversa com professoras da educação infantil em processo de formação continuada: um relato de experiência

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar e Educacional*

**Gabriela Ortigoso Francisco**<sup>1</sup> [gabrielaorfran@ufu.com](mailto:gabrielaorfran@ufu.com)

**Cirlei Evangelista Silva**<sup>1</sup> [cirleievangelista@ufu.br](mailto:cirleievangelista@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Esta proposta trata-se do relato de minha experiência como extensionista no Curso de Extensão "Professores(as) da Educação Infantil em Processo de Formação Continuada: A Subjetividade dos Saberes e Fazeres Docentes", coordenado por uma docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Este foi referenciado pela Teoria da Subjetividade a qual nos permite compreender o(a) professor(a) como um sujeito em processo de aprendizagem e desenvolvimento, implicado em uma trajetória de produção de sentidos subjetivos que constituem sua prática e sua formação. **Objetivo:** A proposta objetivou promover um espaço reflexivo onde as participantes pudessem compartilhar suas vivências do dia a dia da sala de aula, seus sentimentos e questionamentos, visando incentivar transformações significativas na constituição subjetiva dessas profissionais que atuam na Educação Infantil em Uberlândia/MG. **Método:** Participaram do curso 6 professoras que: atuavam com crianças de 3 e 4 anos de idade, tinham entre 29 e 61 anos, possuíam o Ensino Superior em Pedagogia. Foram realizadas dez rodas de conversa nas dependências do Centro Municipal de Estudos e Projetos Julieta Muniz (CEMEPE) entre os dias 11/08/2022 e 08/12/2022, quinzenalmente e com duração de 3 horas cada. As temáticas abordadas foram escolhidas pelas participantes como: identidade do(a) professor(a) da Educação Infantil, subjetividade e formação docente. Os encontros eram dinâmicos e contavam com diversos recursos - estudos de caso, músicas, jogos, obras de arte, leituras de excertos teóricos, de poemas, exibição e discussão de vídeos. **Resultado:** O curso possibilitou um olhar mais crítico para as professoras, as quais puderam revisitar suas histórias pessoais e profissionais, ressaltando a importância da valorização da subjetividade das crianças ao longo do processo formativo delas, compreendendo que diferentes sentidos subjetivos podem surgir a partir das mesmas experiências. Enquanto estudante da graduação integrante do projeto, apendi que a Educação Infantil é um momento potencializador para a criança, que pode deixar marcas em sua vida, o que confere muita responsabilidade às professoras. Estas não devem se contentar com o que está estabelecido, sendo preciso ir além para contemplar as necessidades de todas as crianças, estando em diálogo constante com elas, com os pais e com a escola. O trabalho em equipe e um olhar para a criança contemplando suas potencialidades são fundamentais nesse

contexto escolar. **Discussão:** Com o curso, pude perceber como é possível, principalmente por meio do trabalho em equipe, valorizarmos nossa identidade profissional, termos confiança em nossas ações e relações pedagógicas, propondo e implementando novas práticas e intervenções, a partir de um referencial teórico. Foi motivador ver professoras dispostas a refletirem e questionarem suas próprias atuações, demonstrando que estamos em constante constituição, assim como nossa subjetividade. **Considerações Finais:** As participantes se vincularam afetivamente durante o curso, o que contribuiu para que houvesse muita troca de experiências e construção de conhecimentos. Ressalto que esta foi, para todas nós, uma oportunidade para incentivar mudanças subjetivas de forma construtiva, acolhedora e provocativa, visto ter propiciado vivências sociorrelacionais tensionadoras da subjetividade, com as quais problematizamos crenças, valores e representações construídas socialmente, implicando em abertura de novos processos e formações subjetivas.

**Palavras-chave:** Professoras, Educação Infantil, Formação Continuada, Rodas de Conversa, Subjetividade.

## Referências

- Barrios Diáz, D. A. (2017). Docência na educação infantil: a constituição subjetiva de professores. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília.
- Mitjáns Martínez, A.; González Rey, F. (2019) A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. In: Rossato, M.; Peres, Vannúzia L. A. (orgs.). Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. Curitiba: Appris, p. 13-67.
- Rossato, M.; Assunção, R. (2019) O desenvolvimento subjetivo no processo da formação docente. In: Rossato, M.; Peres, Vannúzia L. A. (orgs.). Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. Curitiba: Appris, p. 47-67.
- Rossato, M.; Matos, J. F.; Paula, R. M. (2018) A subjetividade do professor e sua expressão nas ações e relações pedagógicas. Educ. rev.[on-line]. 2018, v. 34, e169376. EpubJan18, 2018. ISSN 0102-4698. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698169376>

## Relato de experiência: grupos de acolhimento *online* aos enlutados pela COVID-19

*Trabalho de Graduação - Psicologia e Processos Grupais*

**Jéssica de Jesus Silva**<sup>1</sup> [jessica.jesus@unesp.br](mailto:jessica.jesus@unesp.br)

**Mariele Rodrigues Correa**<sup>1</sup> [mariele.correa@unesp.br](mailto:mariele.correa@unesp.br)

**Laura Batista**<sup>1</sup> [laura.batista@unesp.br](mailto:laura.batista@unesp.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista

**Introdução:** Este relato tem como proposta discorrer acerca do acolhimento psicológico aos enlutados da Covid-19. Com o início da pandemia no ano de 2020, o crescente número de mortes e, consequentemente, de enlutados, o núcleo de estágio de Envelhecimento, Finitude e Processos de Subjetivação, do curso de Psicologia da UNESP de Assis, viu a importância de prestar auxílio psicológico e propôs-se a oferecer um espaço de acolhimento às pessoas enlutadas, dando início aos grupos onlines, guiados por estudantes do 4º e 5º ano do curso de Psicologia. **Objetivo:** Apresentar o processo de oferecimento de grupos de apoio psicológico online para pessoas em luto pela Covid-19, com o intuito de viabilizar acolhimento e suporte psicológico, respaldado em um processo ético de validação dos sentimentos e escuta ativa.

**Método:** Foi criado um formulário online para inscrição no projeto. A divulgação foi realizada nas plataformas digitais institucionais e redes sociais, como também com banners físicos distribuídos pelas UBS's da cidade de Assis. Iniciados os grupos, os encontros foram realizados semanalmente, com duração média de uma hora e meia. Na metodologia adotada, a palavra circulava entre os presentes, que expunham o seu processo de luto. Os estagiários faziam intervenções quando necessário, bem como instigavam o diálogo e as trocas de experiência, oferecendo um espaço seguro e acolhedor. Os grupos aconteceram de 2020 a junho de 2023, dentro de um funcionamento de grupos operativos. Os participantes eram pessoas acima de 18 anos, de diferentes regiões do Brasil, homens e mulheres, que haviam perdido familiares (filho, mãe, pai, irmãos, avós, tios, esposas e maridos) em decorrência da Covid-19.

**Resultados:** No relato inicial dos participantes, os conteúdos indicavam intenso sofrimento psíquico, falta de suporte e rede de apoio, sentimentos de raiva e angústia, perda de sentido para a vida, isolamento, bem como outras características comuns ao luto. Falar sobre esse processo doloroso possibilitou alívio, validação, identificação e apoio emocional, favorecendo que voltassem a exercer atividades da rotina e socialização. Após determinado tempo de grupo, os participantes se apropriaram dos ensinamentos trazidos pelos estagiários, de forma que as intervenções eram cada vez menores. Essa apropriação tornava-se nítida quando os participantes reproduziam falas dos mediadores visando dar suporte aos demais integrantes

ou a si próprios. Foi dentro desse cenário que o processo grupal de acolhimento foi finalizado.

**Discussão:** Os grupos, além de oportunizarem um espaço de escuta e acolhimento, possibilitaram a formação de vínculos entre os próprios participantes, que, em um processo mútuo, prestaram auxílio uns aos outros e criaram laços de amizade para além do grupo. Assim, resolveram manter os encontros entre eles de forma esporádica, mesmo na ausência dos estagiários. **Considerações finais:** Os grupos possibilitaram aos participantes falar de temas extremamente dolorosos de forma sensível e acolhedora. Embora tenha surtido bons resultados, houve uma dificuldade de aderência da modalidade online, o que afetava diretamente na frequência dos participantes, dessa forma, pensa-se ser interessante a realização de grupos mais breves e focais.

**Palavras-chave:** *Grupos de acolhimento online, covid-19, enlutados.*

## **Referências**

- QUADROS, L. C. DE T.; CUNHA, C. C. DA.; UZIEL, A. P.. ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO E AFETOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: PRÁTICAS POLÍTICAS DE AFIRMAÇÃO DA VIDA. *Psicologia & Sociedade*, v. 32, p. e020016, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/syD3N3qJCwS6qxDZqSr8Vzy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 07 set. 2023.
- FRANCO, M. H. P. *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. São Paulo: Summus, 2021.

## **Relato de experiência: atuação de estagiários de Psicologia na disciplina de projeto de vida em Escola Estadual de São Paulo**

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar e Educacional*

**Jéssica de Jesus Silva<sup>1</sup>** [jessica.jesus@unesp.br](mailto:jessica.jesus@unesp.br)

**Mariele Rodrigues Correa<sup>1</sup>** [mariele.correa@unesp.br](mailto:mariele.correa@unesp.br)

**Laura Batista<sup>1</sup>** [laura.batista@unesp.br](mailto:laura.batista@unesp.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista

**Introdução:** O presente relato traz a experiência de estagiários do curso de Psicologia da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), campus de Assis, atuando na disciplina “Projeto de Vida” - atualmente, matéria obrigatória da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) - em uma escola estadual do interior de São Paulo. A proposta da disciplina é ser um espaço para que estudantes reflitam sobre seus estudos, pensem nas áreas futuras de trabalho e nas escolhas que podem fazer, utilizando como base as competências socioemocionais. Nossa prática tem procurado ampliar esse escopo, produzindo encontros e processos que permitam aos estudantes falarem sobre sonhos, medos, oportunidades, limitações, entre outros temas que os auxiliem na construção do autoconhecimento.

**Objetivo:** Atuar junto à disciplina “Projeto de vida”, de modo a contribuir para uma formação estudantil plural e diversa, tratando de temas sensíveis à juventude, potencializando o diálogo, oferecendo um espaço de escuta e oportunizando discussões de cunho psicossocial. **Método:** Em agosto de 2022, três estagiários do 4º ano de Psicologia iniciaram o acompanhamento com uma sala de 9º ano, com aproximadamente 28 alunos, em uma escola de período integral do interior do estado de São Paulo. O acompanhamento continua em 2023 - agora, 1º ano do Ensino Médio. As práticas guiam-se pela execução de atividades temáticas lúdicas, visando a interação e envolvimento com toda a turma. Dessa forma, são realizadas dinâmicas e atividades, seguidas de rodas de discussão. Geralmente, o fechamento das aulas é feito com a construção de uma nuvens de palavras. Vale ressaltar que há uma professora da escola que é responsável pela disciplina e está presente em todas as aulas, participa das discussões e, algumas vezes, necessita atuar dentro do plano pedagógico passado pela direção da escola, dias em que a atuação dos estagiários é reduzida.

**Resultados:** Com o desdobramento das atividades, ocorreu a construção de vínculo entre estudantes e estagiários, possibilitando uma abertura progressiva para a entrada em assuntos cada vez mais sensíveis e importantes. No fechamento do 1º semestre letivo de 2023, foi realizada uma roda de conversa, a qual expressou de forma significativa os resultados que estão sendo obtidos com a prática. Os alunos disseram terem sido marcados pelas atividades, sendo as aulas de projeto de vida um

espaço que possibilitou verbalizar e simbolizar conteúdos diversos, repensar atitudes, atribuir novos significados às coisas que pensavam antes, enxergar novas possibilidades para a vida e agregar reflexões que transcendem a sala de aula. **Considerações finais:** A adoção de uma nova perspectiva dentro da disciplina de Projeto de Vida tem possibilitado resultados positivos para os alunos, tanto na dimensão individual quanto na coletiva. Avalia-se que essa experiência tem sido profícua também para os estagiários de Psicologia, pois há muitos desafios e demandas a serem levados em conta nesse processo. Por fim, entende-se que essa prática tem surtido resultados significativos e poderá motivar outros profissionais a estruturar novas construções dentro dessa disciplina e, quiçá, nos espaços escolares.

**Palavras-chave:** *Projeto de vida, escola estadual, atividades lúdicas, estagiários de Psicologia.*

## **Referências**

- ALMEIDA, C. DO V.. A vivência do luto na adolescência: uma compreensão fenomenológica. 2023. Tese (Qualificação em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, 2023.
- Ministério da Educação (MEC). Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 set. 2023.

## Relato de experiência pela perspectiva dos profissionais de um grupo de apoio psicológico online destinado a familiares enlutados

*Relato de Experiência - Psicologia e Processos Grupais*

**Cecília Saconato Braga**<sup>1</sup> [psicologiadema@gmail.com](mailto:psicologiadema@gmail.com)

**Marceila de Andrade Fuzissaki**<sup>2</sup> [marceilafuzissaki@gmail.com](mailto:marceilafuzissaki@gmail.com)

**Náthali Liandra Silva Sousa** [nathali.liandrass@gmail.com](mailto:nathali.liandrass@gmail.com)

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O falecimento de algum familiar, na maioria das vezes, tende a ocasionar um sofrimento e uma tristeza profunda. Nesse sentido, o luto é observado como uma experiência normal que demanda do enlutado encontrar novos significados para enfrentar a perda (SOUZA, MUZA, ARRAIS 2023). Entretanto, alguns lutos não são reconhecidos socialmente e isso acaba afetando a forma como os envolvidos expressam seus sentimentos. O luto vivenciado a partir de perda gestacional ou neonatal apresenta características e reações de um luto não reconhecido pela sociedade, em geral. Nesse sentido, a participação dos familiares enlutados em grupos de apoio psicológico pode oferecer acolhimento e espaço para expressarem seus sentimentos com outras pessoas que estão passando por situações semelhantes. Yalom (2006) afirma que a participação em grupos proporciona aos participantes uma maior capacidade de lidar com seus problemas, maior bem-estar e maior conhecimento sobre sua condição. **Objetivo:** Relatar a percepção de um grupo online de apoio psicológico a familiares enlutados por perdas neonatais, gestacionais e infantis sob a perspectiva dos profissionais envolvidos. **Método:** O presente trabalho, de formato qualitativo, visa relatar a experiência, a partir da percepção dos profissionais que facilitam e conduzem os encontros promovidos pela Casa Manacá, coletivo que foi criado em maio de 2021. Desde essa época, as reuniões acontecem de forma quinzenal, são gratuitas e não há exigência de assiduidade dos participantes. Os grupos são conduzidos por psicólogas e em média ocorre a participação de cinco a dez pessoas, sendo a maioria, mulheres enlutadas. **Resultados:** No período de maio de 2021 à agosto de 2023 ocorreram 32 reuniões com a participação de cerca de 90 pessoas. Dentre os temas que foram observados durante os grupos estão: a falta de validação do sofrimento dos pais, o relato de como foi a assistência da equipe de saúde durante o processo da perda do filho e a cobrança por parte de familiares e amigos de retomar as atividades cotidianas como o trabalho, vida social, dentre outros. **Discussão:** Percebeu-se, na maioria dos encontros, que os participantes demonstravam diferentes sentimentos no começo dos grupos, tais como angústia, tristeza e raiva. À medida que eles iam relatando suas histórias referentes à perda ou ouvindo os relatos, compartilhando o que

sentiam, parecia que a troca de experiências entre eles proporcionava sentimentos de pertencimento, acolhimento e validação, ajudando-os a lidar com a dor da vivência do luto. De acordo com Mantovani (2008) o fato do sujeito se sentir aceito por outros, de experimentar um espaço de livre expressão para seus conflitos e sua angústia é, por si, um fator terapêutico.

**Considerações Finais:** Observou-se, portanto, a importância dos grupos de apoio psicológico em situações de perdas gestacionais, neonatais e infantis como um espaço de escuta ativa para poder validar e acolher o luto dos familiares, uma vez que grande parte da sociedade tende a amenizar e não reconhecer o sofrimento desses enlutados, o que pode dificultar e gerar um maior sofrimento ao processo do luto.

**Palavras-chave:** *Luto materno, acolhimento, luto perinatal, grupos.*

## Referências

- MANTOVANI, A. Grupos de apoio amplo: ancoragem e apoio psicológico em grupos terapêuticos. Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Jul.-Dez. 2008, Vol. 9, No. 2, pp. 29-38.
- Yalom, I. D. (2006). Psicoterapia de Grupo: Teoria e Prática. (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- SOUZA, Erica Nascimento de; MUZA, Júlia Costa; ARRAIS, Alessandra da Rocha. Quando a morte visita a maternidade: Papel do psicólogo hospitalar no atendimento ao luto perinatal. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/869/3/Quando%20a%20morte%20visita%20a%20maternidade-%20papel%20do%20psic%C3%B3logo%20no%20atendimento%20ao%20luto%20perinatal.pdf>. Acesso em: 08 agosto. 2023.

## **Relato de experiência sobre projeto de extensão no banco de leite humano: a escuta sensível na abordagem psicoeducativa**

*Relato de Experiência - Psicanálises*

**Juliana dos Santos Vitalli<sup>1</sup>** [juliana.vitalli@ufu.br](mailto:juliana.vitalli@ufu.br)

**Isabela Fregonesi Figueiredo<sup>1</sup>** [belafig3@ufu.br](mailto:belafig3@ufu.br)

**Juçara Clemens<sup>1</sup>** [iclemens@ufu.br](mailto:iclemens@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A psicanálise winnicottiana ratifica a importância da diáde mãe-bebê no desenvolvimento emocional e psíquico do bebê e oferece contribuições sobre a experiência do maternar. O projeto de extensão "Aspectos emocionais da amamentação: abordagem psicoeducativa das mães e acompanhantes usuários do Banco de Leite Humano do HC-UFG", através da prática da escuta sensível, oferece suporte emocional às mães, pais e acompanhantes que vivenciam desafios na amamentação. Também convoca as extensionistas para auxiliarem tais famílias a (re)pensarem a maternidade e a amamentação para além de estigmas e rótulos, encorajando-os na criação de novas narrativas sobre esses aspectos em suas vidas. **Objetivo:** Apresentar as práticas de extensão no Banco de Leite Humano (BLH) nas quais a escuta sensível foi utilizada na abordagem de mães, pais e acompanhantes. **Método:** Foram realizadas, semanalmente, abordagens que incluíam a escuta de mães, pais e acompanhantes; o relato de cada abordagem e a discussão em grupo dos relatos apresentados pelas extensionistas de todas as abordagens realizadas, dos afetos suscitados, relacionando o material das abordagens com os aspectos teóricos e técnicos psicanalíticos, os quais subsidiaram a compreensão de cada caso. **Resultados:** O projeto oferece às discentes uma oportunidade de transformarem em recursos práticos os conhecimentos teóricos acumulados sobre as narrativas da maternidade e a técnica para a escuta. Uma vez que as extensionistas se encontram em diferentes períodos da graduação, essa diversidade confere possibilidades enriquece os recursos do grupo para as discussões, direcionamentos distintos a cada abordagem realizada, preparando-as para lidar com uma gama de situações no percurso formativo da graduação e no futuro profissional. **Discussão:** A escuta psicanalítica tem como uma de suas características a escuta do inconsciente e suas manifestações. Essas não são expressas apenas na fala da pessoa abordada e, sim também, nos gestos, postura, tom de voz, tropeços da fala e outros que puderam ser acompanhados pelas extensionistas. Diante das diferentes experiências obtidas por cada extensionista, os afetos suscitados em cada uma apontam para o uso de diferentes recursos afetivos despertados na extensionista, a partir da relação que foi estabelecida com cada pessoa abordada. Também que a troca com o grupo

favoreceu a compreensão e a ampliação desses recursos. Ressalta-se como as vivências de sofrimento das mulheres e famílias estão intrinsecamente relacionadas a uma cultura que dita o que é ser mãe e como deve ser a maternidade. Nesse sentido, a escuta deve voltar-se para os aspectos não apenas intrapsíquicos, mas também intersubjetivos associados ao ambiente sociocultural e político que atravessam a experiência da maternidade e da amamentação. **Considerações finais:** Conclui-se que a vivência das extensionistas no projeto de extensão colabora para o despertar de habilidades importantes para a futura prática clínica, com ênfase na escuta sensível, num contexto de cuidado em saúde. O projeto também demonstra a potencialidade da escuta sensível para diversos espaços de saúde nos quais os profissionais da Psicologia podem estar.

**Palavras-chave:** *Banco de Leite Humano, psicanálise winniciottiana, formação de psicólogos, psicoeducação.*

## Referências

- Carvalho, H. B. D. (2020). Maternidade, ambiente e psicanálise: um estudo dos atravessamentos culturais na maternidade contemporânea. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Brasília. [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/41032/1/2020\\_HelenaBarbosadeCarvalho.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/41032/1/2020_HelenaBarbosadeCarvalho.pdf)
- César, R. C. B., Loures, A. F., & Andrade, B. B. S. (2019). A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. *Revista Mosaico*, 10(2Sup), 68-75. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1956>
- Halasi, F. S. (2018). A mulher brasileira contemporânea e a maternidade da culpa. [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21668>
- Moretto, M. L. T. (2017) A presença do pensamento freudiano no campo da saúde. In M. R. Kehl et al. (Orgs.). *Por que Freud hoje?* (pp. 191-213). Zagodoni.
- Winnicott, D. W. (1999). Os bebês e suas mães. (2<sup>a</sup> ed.). Martins Fontes.

## **Relato de experiência de estágio profissionalizante supervisionado em psicologia no contexto hospitalar: uma vivência na enfermaria de clínica médica**

*Trabalho de Graduação - Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Victória Magalhães**<sup>1</sup> [vitmagalhaes@hotmail.com](mailto:vitmagalhaes@hotmail.com)

**Renata Fabiana Pegoraro**<sup>1</sup> [renata.pegoraro@ufu.br](mailto:renata.pegoraro@ufu.br)

**João Manoel Borges de Oliveira**<sup>1</sup> [joao.manoel@ebserh.gov.br](mailto:joao.manoel@ebserh.gov.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O campo da Psicologia Hospitalar foi reconhecido no ano 2000 pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). O termo é utilizado apenas no Brasil e se refere ao trabalho do profissional psicólogo no hospital, como em ambulatórios, enfermarias, unidades de emergência e de internação, sendo uma sub-especialidade da Psicologia da Saúde. Psicologia Hospitalar é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento, onde o profissional foca na vivência da tríade paciente-família-equipe, na construção do vínculo terapêutico e na escuta e acolhimento de demandas e queixas causadas pelo processo doença-internação-tratamento, considerando o contexto de vida e as singularidades de cada indivíduo durante o momento. **Objetivo:** Relatar atividades desenvolvidas na vivência de uma graduanda em um estágio profissionalizante supervisionado durante dois semestres na enfermaria de Clínica Médica de um hospital geral. **Método:** O estágio foi coordenado pela orientadora e professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e supervisionado pelo psicólogo de referência da Clínica Médica do hospital nos dois semestres de prática. A experiência contava com atividades como: realizar acolhimento e atendimentos para pacientes e família; planejar e realizar intervenções grupais; elaborar relatórios; realizar leituras e participar de reunião de equipe, supervisões e orientações. Estas atividades eram exercidas ao longo de dezoito horas semanais e tinham como finalidade garantir a experiência real de imersão em uma instituição hospitalar de saúde a partir do acolhimento com a escuta qualificada, elementos primordiais ao atendimento psicológico no contexto hospitalar. **Resultados:** O Acompanhamento de Usuários e Família consistia no atendimento dos pacientes e seus familiares envolvidos no processo de internação baseado na escuta qualificada necessária para a criação do vínculo com os usuários e familiares garantindo o acolhimento de suas questões. Além disso, foi feito o acompanhamento de visitas infantis de crianças abaixo de 12 anos aos pacientes internados, as quais representavam fonte de redução de ansiedade e de sentimentos relacionados ao medo da morte e ao abandono experienciados por algumas crianças. Ainda, foi vivenciado o grupo de encontro com os

pacientes cardiológicos e seus acompanhantes, reunião onde se tratava do diagnóstico, das angústias e das perspectivas dentro e fora da internação. **Discussão:** A escuta e o acolhimento fornecidos aos pacientes, acompanhantes e todos aqueles envolvidos no processo, os colocam como atores principais do atendimento e fornece a eles a possibilidade de se verem como sujeitos autônomos, cientes e inseridos diante do processo saúde-doença. **Considerações finais:** A prática vivenciada pela graduanda colaborou com a formação profissional na área de Psicologia Hospitalar e garantiu a prestação de atendimento, escuta, acolhimento e orientações para acompanhantes e pacientes internados no hospital geral. Essas ações do profissional psicólogo são essenciais para promover a elaboração e o suporte aos envolvidos no processo de internação.

**Palavras-chave:** *Estágio Supervisionado, Psicologia Hospitalar, Clínica Médica, Acolhimento, Escuta.*

## Referências

- Alexandre, V.; Vasconcelos, N. A. O. P.; Santos, M. A.; & Monteiro, J. F. A. (2019). O Acolhimento como Postura na Percepção de Psicólogos Hospitalares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-14.
- Almeida, R. A.; Malagris, L. E. N. (2011). A prática da psicologia da saúde. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH)*, 14 (2), 183-202.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2008). Documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília, DF.
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). Resolução nº 014/00, de 20 de dezembro de 2000. Institui o título profissional de especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Brasília
- Lustosa, M. A. (2007). A Família do Paciente Internado. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH)*, 10 (1), 3-8.
- Nunes, M. E. P.; & Gabarra, L. M. (2018). Vivência de Familiares Sobre Visita de Crianças e Adolescentes em UTI Adulto. *Revista Psicologia e Saúde*, 10 (3), 109-125.
- Simonetti, A. (2004). *Manual de Psicologia Hospitalar: o mapa da doença*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

## Relato de (in)experiência: a formação e a atuação do profissional psicólogo em relação às comunidades assentadas

*Trabalho de Graduação - Psicologia Social e Comunitária*

**Túlio Fischer Ventura**<sup>1</sup> [tulio.ventura@ufu.br](mailto:tulio.ventura@ufu.br)

**Juliana dos Santos Vitalli**<sup>1</sup> [juliana.vitalli@ufu.br](mailto:juliana.vitalli@ufu.br)

**Viki Campos Ribeiro**<sup>1</sup> [yikiribeiro.pro@gmail.com](mailto:yikiribeiro.pro@gmail.com)

**Dayanna Lorrainy Rodrigues Barbosa**<sup>1</sup> [dayanna.barbosa@ufu.br](mailto:dayanna.barbosa@ufu.br)

**Matheus Dias Xavier**<sup>1</sup> [diasxaviermatheus@gmail.com](mailto:diasxaviermatheus@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A luta pelo direito à terra é um tópico emblemático na realidade brasileira desde os seus primórdios. Dentre os deveres da Psicologia, encontra-se uma responsabilidade ética, também longeva, de zelar pelos direitos de todo e qualquer indivíduo, com especial enfoque para as populações vulnerabilizadas. Nos âmbitos comunitários, das ocupações aos assentamentos, faz-se crucial o estímulo à potência dos indivíduos que cotidianamente batalham por uma melhora em suas condições de vida – isto é, para que alcancem o patamar já supostamente garantido pelas inúmeras leis que regulamentam a vida social, como os fundamentais direitos à alimentação, à saúde, à educação e à moradia. Nesse sentido, a formação e a atuação em Psicologia aparentam muito se beneficiar de iniciativas preocupadas com um aprofundamento da participação dessa categoria profissional em tais contextos.

**Objetivo:** Apresentar um relato de experiência dos aprendizados obtidos em visitas à duas comunidades do município de Uberlândia que estão ou já estiveram em fase de assentamento, e entrevistas com lideranças que atuam nessas localidades. **Método:** Foram realizadas duas visitas, com quatro horas de duração cada: a primeira no bairro Élisson Pietro – antigo assentamento Glória –, e a segunda no assentamento Fidel Castro. Nelas, os discentes realizaram observações participantes das rotinas dos moradores; e entrevistas semiestruturadas com duas líderes de ambas as comunidades. As visitas e entrevistas foram registradas mediante filmagem, e a análise dos dados fundamentou-se na contextualização dos registros a partir da literatura e das discussões feitas ao longo da disciplina de Psicologia Institucional e Comunitária I.

**Resultados:** Identificou-se três pilares que orientam a percepção de realidade e identidade dos entrevistados: (i) A falta de condições objetivas para projetar a vida e o futuro, que geram um sentimento de desamparo e impotência; (ii) a própria terra que, em seu processo de apropriação, acaba se confundindo à periferia da cidade, relacionada pelas comunidades ao entorno à violência, à precarização e à falta de perspectiva, e (iii) a comunidade, que instaura uma solidariedade que busca promover o coletivo de classe

e permanecer como base afetiva e material. Foi denunciado aos discentes o descaso promovido pelo Estado com relação às ditas comunidades, que sofrem com a falta de acesso a direitos básicos como educação e saúde. **Discussão:** Embora a Psicologia possua responsabilidade política e social em zelar pelos direitos humanos e não contribuir com aparatos de opressão, sua presença em contextos ocupados por povos marginalizados, como os assentados, ainda se faz mínima. Dito isso, a experiência de visitar tais comunidades e de conversar com suas lideranças promoveu novos olhares para os discentes. **Considerações finais:** O trabalho realizado explicitou agrupamentos humanos desconsiderados, desqualificados e invisibilizados; expondo a negligência com a temática da terra, tanto pela Psicologia, quanto pelas políticas públicas. Ademais, buscou compreender o significado de território para a formação da subjetividade dos sujeitos e como a Psicologia permeia este lugar. Como limitações, deparamo-nos com a complexidade dos atravessamentos psico-sócio-econômicos nas comunidades assentadas e com a recenticidade da temática no âmbito acadêmico, o que expõe a necessidade de melhor qualificação para atuar nessa área.

**Palavras-chave:** Assentamentos, Formação de psicólogos, Psicologia social e comunitária.

## Referências

- Conselho Federal de Psicologia (2019). Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em questões relativas à terra. CFP.
- Costa, P. H. A., & Lordello, S. R. (2019). Psicologia e a realidade brasileira: notas preliminares para uma práxis psicossocial. In C. Antloga, K. T. Brasil, S. R. Lordello, M. Neubern, & E. Queiroz (Eds.), Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea (pp. 37-52). Technopolitik.
- Pastorio, I. T., & Roesler, M. R. V. B. (2019). O protagonismo das trabalhadoras rurais no acesso ao direito à terra, permanência e modo de produção coletiva. *Serviço Social em Revista*, 21(2), 355-374. <https://doi.org/10.5433/1679-4842.2019v21n2p355>
- Silva, H. C. G. M. D. (2018). Sobre lonas e lutas: análise da espacialização da luta pela terra do campo à cidade a partir das ações do MST e MTST nas regiões de Campinas e Grande São Paulo (1997-2016). [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <http://hdl.handle.net/11449/157276>

## Reflexões sobre o impacto do estresse de minorias na população transsexual e travesti

*Trabalho de Graduação - Sexualidade e Gênero*

**Telmo Rodrigues Batista Filho**<sup>1</sup> [telmorodriguespsi@gmail.com](mailto:telmorodriguespsi@gmail.com)

**Anna Carolina Rodrigues Chaves**<sup>1</sup> [annacarolinachaves30@gmail.com](mailto:annacarolinachaves30@gmail.com)

**Heloisa Frederico Cardoso**<sup>1</sup> [Heloiscardoso2002@gmail.com](mailto:Heloiscardoso2002@gmail.com)

**Nathália Martins de Paulo Cândido**<sup>1</sup> [Nathaliamartins.74@outlook.com](mailto:Nathaliamartins.74@outlook.com)

**Bettieli Barboza da Silveira**<sup>1</sup> [Bettieli.silveira@uemg.br](mailto:Bettieli.silveira@uemg.br)

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais

**Introdução:** Atualmente é considerado como norma padrão uma sociedade pautada na cis heteronormatividade, consequentemente produzindo o fenômeno das minorias sexuais. Entende-se por minorias, grupos que vivenciam o desprivilegio e dificuldade de acesso em detrimento de um coletivo com diversos privilégios, tendo, por exemplo, pessoas transsexuais e travestis. Devido aos estigmas associados a esse público e a comunidade LGBTQIAP+, esses indivíduos enfrentam uma série de prejuízos pessoais e sociais. Sendo assim, Meyer (2003), construiu o conceito de estresse de minorias, ampliando a visão acerca desse construto considerando para além de uma visão fisiológica e individual, mas, refletindo a influência das atitudes e ideais oriundas da sociedade dominantes. Diante desses pressupostos, se objetiva com esse trabalho promover reflexões acerca dos danos à saúde mental a esse grupo minoritário. **Objetivo:** Refletir sobre os possíveis impactos do estresse de minorias na saúde mental da população transsexual e travesti. **Método:** Trata-se de uma proposição metodológica reflexiva com base nas principais e contemporâneas literaturas da área. Estudo de reflexão analítica que envolveu os dados obtidos por meio de relatórios da Associação Nacional de Transsexuais e Travestis (ANTRA) e de bases científicas, Biblioteca Virtual em Saúde (BvS), Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Google Acadêmico. **Resultados:** Foi observado uma maior probabilidade do desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, por exemplo, a depressão, além do maior risco ao suicídio. Segundo o relatório “Transexualidades e Saúde Pública no Brasil” promovido pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT e do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG (2015), ao menos 42% da população trans já tentou suicídio, enquanto o dossiê da ANTRA (2023) aponta para maior prevalência em mulheres transsexuais e travestis. **Discussão:** Diante dos resultados encontrados é possível atentar a diversos danos à saúde mental do público estudado, é importante que ao abordar transtornos psicopatológicos haja um olhar cuidadoso para não

atribuir mais estigmas, e não potencializar as vulnerabilidades direcionadas a esse grupo, entre elas ressalta-se a maior probabilidade ao autoextermínio. Em vista disso, comprehende-se o suicídio como um fenômeno multicausal e complexo, entretanto, diversos motivos podem influenciar, entre eles a violência física, social e psicológica. Conforme os dados identificados pela ANTRA, o Brasil é o país que mais mata transsexuais e travestis no mundo, sendo registrado 131 assassinatos em 2022, ao qual foram 130 mulheres transsexuais e travestis e 1 homem trans, mostrando estatisticamente que mulheres são as mais violentadas, ocupando também maior índice de autocídio. Posto isso, a experimentação da própria sexualidade em um ambiente marcado pela violência, a invisibilidade e o silenciamento, pode propiciar aos sujeitos essas variadas formas de sofrimento psíquico. **Considerações finais:** Diversos estudos apontam diferentes danos à saúde mental de pessoas trans, contudo, ao discutir a temática se encontra escassez de produções, tabus sociais e uma falha na notificação e divulgação dos dados acerca da violência e autoextermínio, revelando a ausência de verificação dos órgãos estatísticos governamentais. Dessa forma, localiza-se a importância da construção de políticas públicas e estudos que visem formas de combater o preconceito e a exclusão de comunidades minoritárias.

**Palavras-chave:** *Estresse de Minorias, Saúde Mental, Sexualidade e gênero, Pessoas trans.*

## Referências

- Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2023). Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. (6a.ed.).[https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2022/01/2022\\_Antra\\_DossieAssassinatosEViolencias](https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2022/01/2022_Antra_DossieAssassinatosEViolencias).
- Cerqueira-Santos, E., Azevedo, H. V. P., & de Miranda Ramos, M. (2020). Preconceito e saúde mental: estresse de minoria em jovens universitários. *Revista de Psicologia da IMED*, 12(2), 7-21.
- Chinazzo, I. R., Lobato, M. I. R., Nardi, H. C., Koller, S. H., Saadeh, A., & Costa, A. B. (2023). Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 20(4), 3215; <https://doi.org/10.3390/ijerph20043215>
- da Silva, R. R., da Silva, L. A., de Souza, M. V. L., da Silva, M. V. G., das Neves, M. P., de Vargas, D., ... & Mattos, C. M. (2021). Estresse de minoria de gênero e seus efeitos na saúde mental como fator de risco para depressão em pessoas transgênero: Revisão da literatura. *Research, Society and Development*, 10(3), e51610313693-e51610313693.
- dos Santos, M. E., & de Lima, F. C. (2022). Impactos do preconceito homofóbico na saúde mental das pessoas LGBTQI+: breves apontamentos. *Revista Mosaico*, 13(3), 94-102. <http://www.repository.ufal.br/jspui/handle/123456789/11837>.

- SOUZA, É., PRADO, M. A., MACHADO, P. S., MONTEIRO, I., SANTOS, L., FREITAS, R., ... & RIBEIRO, S. (2015). Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: Entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans. Relatório descritivo.
- Souza, I. G. F. D. (2023). Estresse de minoria em populações sexo gênero diversas: mensuração e análises multigrupais. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Brasil.

## Re(começos) na velhice: unindo aspectos positivos e negativos da solidão no contato com a arte

*Iniciação Científica - Psicologia e Arte*

**Juliana dos Santos Vitalli<sup>1</sup>** [juliana.vitalli@ufu.br](mailto:juliana.vitalli@ufu.br)

**Silvia Maria Cintra da Silva<sup>1</sup>** [silvia@ufu.br](mailto:silvia@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A crise da COVID-19 desvelou preconceitos voltados à população idosa e fez com que o tema da solidão nessa fase da vida se tornasse proeminente. Na literatura, a solidão recebe diferentes significados e sentidos, positivos e negativos; porém os aspectos negativos predominam no contexto sociocultural. A solidão da pessoa idosa reflete esta dicotomia, tendo seu potencial enriquecedor respaldado pela literatura; e sendo, amiúde, no senso comum, relacionada a perdas e abandono. Para a Psicologia Histórico-Cultural, a Arte possibilita oportunidades de aprendizagem, desenvolvimento e emancipação humana. Partimos desta teoria para perguntarmos: poderia a Arte ser instrumento de união e superação dos polos positivos e negativos da solidão em idosas/os? A escassez de pesquisas que conectem envelhecimento, solidão e Arte demonstra uma lacuna científica, tornando necessária a realização desta articulação. **Objetivo:** A pesquisa teve como objetivo geral a compreensão do papel da Arte na vivência da solidão entre idosas/os; e como objetivos específicos identificar como as idosas/os vivenciam velhice e solidão, e quais recursos artísticos têm mais contato.

**Método:** O estudo qualitativo teve quatro idosas/os entre 64 e 76 anos como participantes, e utilizou-se como instrumentos o diário de campo e a entrevista semiestruturada. A análise de dados considerou temáticas recorrentes nas falas dos entrevistados e aspectos que atraíram a atenção por dialogarem com o referencial teórico escolhido. **Resultados:** A velhice é entendida como fase inevitável, que precisa ser aceita em suas (im)potências, sem ceder à medicalização e à visão da idade como condição adoecedora. Queixas acerca da experiência do etarismo, preconceito relacionado à idade, estiveram presentes. A solidão é percebida como fenômeno presente em todos os momentos da vida, não sendo inerente à velhice; e é reconhecida tanto em seus aspectos negativos – perdas e lutos –, quanto positivos – preferência por estar sozinha/o como forma crucial de conexão consigo mesmo. É notável que, a partir da solidão experienciada na velhice, tais idosas/os encontraram na Arte uma forma de se reinventarem, mesmo que esse encontro tenha ocorrido após a aposentadoria. Entretanto, ainda que a Arte possibilite satisfação pessoal, as/os entrevistadas/os apresentam uma concepção superficial sobre ela. **Discussão:** Em consonância com a literatura, há uma pluralidade de sentidos pessoais atribuídos à velhice e à solidão, que por vezes superam os

significados sociais, evidenciando as inúmeras possibilidades de se envelhecer, bem como de ser/estar só. Na Arte, mais do que ensinamentos técnicos, interessam a essas/es idosas/os a coletividade e o acolhimento, somente agora possíveis de serem vivenciados para algumas/nas delas/es – constatando os (re)começos possíveis de serem feitos na velhice. Todavia, na sociedade capitalista, o acesso à Arte é limitado, o que dificulta o desenvolvimento de capacidades críticas necessárias para que as pessoas possam apreciarem-na em suas vertentes mais transgressoras. **Considerações finais:** O estudo aborda questões de grande relevância teórica e social, desconstruindo estigmas sobre a velhice ao reivindicar a premência do acesso à Arte em benefício da população idosa – interação que transcende idades. Como limitações, sugerimos que outras entrevistas sejam realizadas com pessoas idosas, considerando os impactos da pandemia e a fruição da Arte.

**Palavras-chave:** *Velhice, Solidão, Arte.*

## Referências

- Brandão, V. (2020). Sobre a solidão. *Revista Longeviver*, 2(5), 113-124. <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/819>
- Carmona, C. F.; Couto, V. V. D; & Scorsolini-Comin, F. (2014). Experiência de solidão e a rede de apoio social de idosas. *Psicologia em estudo*, 19(4), 681-691 <https://doi.org/10.1590/1413-73722395510>
- Oliveira, V. V.; Oliveira, L. V.; Rocha, M. R.; LEITE, I. A.; Lisboa, R. S.; & Andrade, K. C. L. (2021). Impactos do isolamento social na saúde mental de idosos durante a pandemia pela Covid-19. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1), 3718-3727. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-294>
- Santos, J. D. L. B.; Gregório, S. R.; & Rosa, C. M. (2021). A solidão na contemporaneidade: uma reflexão sobre as relações sociais. *PerCursos*, 22(49), 316–339. <https://doi.org/10.5965/1984724622492021316>
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte* (1<sup>a</sup> ed.). Martins Fontes.

## **Psicologia no terceiro setor: um estudo sobre o contexto de atuação e o trabalho de psicólogas em ONGs de Uberlândia**

*Trabalho de Graduação - Psicologia Social e Comunitária*

**Izabela Aguiar Carvalho<sup>1</sup>** [aguiarizabela.carv@gmail.com](mailto:aguiarizabela.carv@gmail.com)

**Maristela de Souza Pereira<sup>1</sup>** [maristela.ufu@gmail.com](mailto:maristela.ufu@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Ao investigar a atuação da Psicologia no Terceiro Setor é necessário aprofundar o entendimento acerca do desenvolvimento da profissão ao longo dos anos, incluindo seus objetivos, as funções desempenhadas e o público alvo de suas intervenções. Não há como esquecer o caráter elitista presente em seus primórdios e ainda na atualidade. Somente nas décadas posteriores à sua regulamentação no Brasil, se constituíram formas de atuação menos tradicionais, voltadas a segmentos da sociedade que antes não eram sequer mencionados. Paralelamente, a diminuição do aparato estatal, expressa na liberalização comercial, desregulamentação e privatizações fez com que as Organizações Não-Governamentais surgissem como uma possibilidade de resgate aos direitos sociais manifestos na Constituição, ora negados por esse projeto neoliberal (Fontana, 2021). A Psicologia, então, passou a contemplar demandas mais coletivas e calcadas na realidade social desigual. As práticas, neste contexto, surgem apoiadas nas políticas de assistência social, que pressupõem que não existe proteção social sem uma aproximação com a vida cotidiana dos sujeitos, onde nascem os riscos e escancaram-se as vulnerabilidades. Como desdobramento, é preciso fazer uma distinção entre abordagens assistencialistas – um trabalho paliativo e temporário que se afasta de práticas que incentivem o envolvimento ativo das comunidades e fomentem o protagonismo popular (Freitas, 2012). Por isso é preciso estabelecer coerência entre as funções desempenhadas e os princípios que orientam estas práticas: a partir de quais fundamentos e valores psicólogos estão se organizando e atuando em prol do bem-estar coletivo? O que é possível fazer com os recursos disponíveis? **Objetivo:** Buscando responder essas perguntas, o presente estudo busca conhecer e refletir acerca do trabalho que é realizado por psicólogas em ONGs de Uberlândia, com ênfase na importância de desenvolver intervenções críticas e efetivas. **Método:** O estudo contou com a participação de cinco profissionais, cada uma atuando em uma instituição diferente, tendo sido realizado através de entrevistas semi-dirigidas. **Resultados:** Sobre as intervenções que realizam – em sua maioria no gerenciamento ou coordenação das ONGs – encontramos a importância do vínculo com seus colegas e a coletividade nas ações. Em contrapartida, houveram críticas à formação insuficiente para atuar nesse campo e à gestão das instituições. **Discussão:** A busca pelo

vinculo saudável entre colegas que lutam por metas compartilhadas e por um fazer coletivo se contrapõem ao que é estruturante e estruturado pelo pensamento neoliberal, e inclusive possibilitam o estreitamento de vínculos com a comunidade. Se tratando do preparo insuficiente para atuação profissional, foram mencionadas a transposição de abordagens provenientes da clinica tradicional e intervenções que almejam a mudança tão somente em âmbito individual ou apenas no contexto institucional em que estão inseridos. Falta de recursos humanos e financeiros, sobrecarga, atribuições profissionais indefinidas e falhas no reconhecimento também foram citados. **Considerações finais:** Os resultados mostram que existem desafios a serem enfrentados, mas também as potencialidades do trabalho com a comunidade, se afastando de paradigmas elitistas e defendendo um posicionamento crítico a ser adotado pela Psicologia nos contextos assistenciais, comunitários e no Terceiro Setor.

**Palavras-chave:** *Psicologia Comunitária, Terceiro Setor, Organizações Não-Governamentais.*

## **Referências**

- Fontana, E., & Schmidt, J. P. (2021). Um conceito forte de Terceiro Setor à luz da tradição associativa. *Revista Direitos Fundamentais & Democracia*, 26(1), 278–304.
- Freitas, M. F. Q (2012). Intervenção psicossocial e compromisso: desafios às políticas públicas. In Jacó Vilela, A. M. e Sato, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 370-386.

## **Psicologia escolar, oficinas artísticas e o atendimento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA)**

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar*

**Mônica Rodrigues Cardoso**<sup>1</sup> [moonarc@hotmail.com](mailto:moonarc@hotmail.com)

**Viviane Prado Buiatti**<sup>2</sup> [vivibuiatti@ufu.br](mailto:vivibuiatti@ufu.br)

**Maria Eduarda Siqueira Pereira**<sup>3</sup> [mariaeduarda.psiqueira@hotmail.com](mailto:mariaeduarda.psiqueira@hotmail.com)

**Bruna Emanuele Felix Batista**<sup>3</sup> [brunaemanuelefelix@gmail.com](mailto:brunaemanuelefelix@gmail.com)

<sup>1</sup> Projeto Autismo, Arte e Cultura

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia

<sup>3</sup> Centro Universitário do Triângulo

**Introdução:** O desenvolvimento infantil está diretamente relacionado às interações sociais e a cultura, sendo a vivência com a arte imprescindível no processo de transformação e aprendizagem. Por meio da expressão artística, a criança explora, transmite e constrói vivências emocionais e simbólicas, proporcionando o desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano (Vigotski,1999). **Objetivo:** Tendo como alicerce a teoria histórico-cultural, o presente trabalho busca apresentar oficinas artísticas mediadas por arte educadores e discentes do curso de psicologia com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

**Método:** Trata-se de um projeto de extensão, numa parceria entre a instituição “Mundo Circo” e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na qual participam como coordenadoras a psicóloga da instituição, uma docente da UFU e estudantes dos cursos de psicologia de diversas universidades da cidade. **Resultados e Discussão:** O estudo é permeado por algumas questões como: De que forma a dança, capoeira, artes visuais, musicalização e o circo promovem saúde, desenvolvimento e aprendizagem de crianças e adolescentes com TEA? Como aprimorar essas vivências e mediá-las? As pessoas com TEA permanecem muitas vezes isoladas nos espaços e com utilização de estratégias rígidas que não levam em consideração o contexto de cada sujeito. Em diferentes níveis, o transtorno pode apresentar dificuldades de comunicação, socialização, interação, padrões repetitivos e rígidos de comportamento. Resultado: As crianças contempladas no projeto, chegam com o diagnóstico e, busca-se pela mediação e participação nas oficinas atribuir sentidos, afastar-se de seu movimento isolador e, encontrar na relação com o outro a construção de novas possibilidades de aprendizado, reflexão e elaboração (Buiatti, et al, 2022). **Conclusão:** Esse relato de experiência, justifica-se pela importância de promover as vivências das crianças e adolescentes com autismo em diversas oficinas artísticas, bem como na necessidade de se compartilhar com a comunidade científica teorias e práticas da psicologia com a arte. Acredita-se que o projeto, tem

proporcionado a inclusão dessa população nos diversos espaços e promovido potencialização em áreas como a expressividade, linguagem, criatividade, pensamento lógico, interação, psicomotricidade, afeto, musicalização, entre outros. Pretende-se apresentar o projeto, as atividades realizadas, as especificidades que se relacionam ao atendimento de pessoas com TEA e compartilhar os estudos que envolvem arte, mediação e psicologia histórico-cultural.

**Palavras chave:** *Transtorno do Espectro Autista (TEA), Oficinas Artística,; Psicologia Escolar.*

## **Referências**

- Vigotski, L. S. (1999). Psicologia da arte. São Paulo: Martins Fontes.
- BUIATTI, V. P. et al. (2022). Arte, inclusão e o atendimento às pessoas com transtorno do espectro autista (TEA): relato de experiência. In Isobe, R. M. R et al. (Org), Formação e trabalho docente: políticas educacionais e práticas pedagógicas (p. 91-101). Uberlândia, MG: Regência e Arte Editora.

## **Promovendo o autocuidado com participantes de um grupo dos alcoólicos anônimos**

*Trabalho de Graduação - Psicologia e processos grupais*

**Tamires Milena Costa Garcez**<sup>1</sup> [milenagarcez@hotmail.com](mailto:milenagarcez@hotmail.com)

**Edileuza dos Santos Costa**<sup>1</sup> [dossantosedileuza@gmail.com](mailto:dossantosedileuza@gmail.com)

**Talita Vieira Gomes de Melo**<sup>1</sup> [talitamelo.psico@outlook.com](mailto:talitamelo.psico@outlook.com)

**João Victor Medina Barreiros de Azevedo**<sup>1</sup> [jvmedinaa@gmail.com](mailto:jvmedinaa@gmail.com)

**Alina Mira Maria Coriolano**<sup>2</sup> [alina.coriolano@edu.ufes.br](mailto:alina.coriolano@edu.ufes.br)

<sup>1</sup> Centro Universitário Brasileiro

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo

**Introdução:** De acordo com Carneiro (2005), na década de 1930 havia uma urgência histórica da criação de um grupo de ajuda ou apoio cujo objetivo fosse o tratamento do uso abusivo de álcool através da abstinência. Com base nesta proposta, foi criado o Alcoólicos Anônimos (AA). Objetivo: Apresentar uma proposta de autocuidado a membros do AA desenvolvida seguindo um planejamento previamente elaborado no contexto do componente curricular Estágio Básico em Psicologia II. **Método:** A partir do componente curricular Estágio Básico em Psicologia II, foi planejado um grupo terapêutico sobre autocuidado para os integrantes do AA. Para cada encontro, as vivências foram pensadas e discutidas em equipe com supervisão e, após a realização destes, era realizado acompanhamento da evolução do grupo possibilitando ajustes. Contou-se com a participação de 9 integrantes do AA, sendo composto por homens e mulheres com idade entre 32 e 75 anos de idade. Foram realizados 6 encontros no local de reunião de um dos grupos do AA no Recife – PE. **Resultados:** O primeiro encontro foi um momento de escuta e foi construído o contrato terapêutico com a colaboração dos integrantes do AA. Os temas propostos para os demais encontros foram: autoconhecimento, autoestima, identidade, paradigmas e sonhos. A cada encontro foi possível observar cuidadosamente a evolução dos participantes e construir vínculos terapêuticos como facilitadores. Os participantes do AA apresentaram um comportamento acolhedor e bastante colaborativo. **Discussão:** Foi possível perceber o quanto significativo é a escuta psicológica e a valorização do contínuo esforço para “evitar o primeiro gole” para os participantes. Ademais, é importante ressaltar o quanto o apoio dos familiares é importante nessa trajetória, alinhando a história de vida dos participantes ao momento presente e auxiliando-os a reforçarem seus vínculos uns com os outros, ressignificando a proposta do AA como grupo de apoio. Tendo como base as propostas terapêuticas estruturadas da Gestalt-terapia e da Terapia cognitivo-comportamental, percebeu-se que o uso das leituras reflexivas, momentos de meditação

através da técnica de mindfulness (atenção plena) e dinâmicas de grupo trouxeram ganhos para o processo terapêutico. Ao final dos encontros propostos, os participantes relataram pequenas mudanças no dia a dia para promoção do autocuidado, maior integração e maior autoconhecimento. **Considerações finais:** Esta experiência proporcionou integrar conhecimentos acerca das teorias de grupos com conceitos da Gestalt-terapia e da Terapia cognitivo-comportamental. Além disso, através dessa vivência, foi possível refletir sobre uma prática em Psicologia para o fortalecimento de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva, rompendo com preconceitos sobre o alcoolismo e alinhando os conhecimentos teóricos com a prática proposta.

**Palavras-chave:** *Grupos Terapêuticos, Alcoólicos Anônimos, Autocuidado.*

## **Referências**

CARNEIRO, Henrique Soares. Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

## Personas e sombras: uma análise da obra “persona” de Ingmar Bergman a partir da psicologia analítica de C. G. Jung

*Trabalho de Graduação - Psicologia Analítica Junguiana*

**Lavínia de Freitas Melo**<sup>1</sup> [laviniafdm@outlook.com](mailto:laviniafdm@outlook.com)

**Tommy Akira Goto**<sup>2</sup> [tommy@ufu.br](mailto:tommy@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** No filme “Persona” (1966), escrito e dirigido por Ingmar Bergman, pode-se observar a condição do ser humano como multifacetado e volátil, mas que, ao mesmo tempo, aspira a ser pleno, em vez de apenas parecer ser. Na trama cinematográfica, as protagonistas enfrentam a ansiedade de ser e a necessidade de parecer ser algo e, nesse esforço de representação, acabam se abdicando do que realmente são para tornarem suas existências mais toleráveis e, dessa forma, conseguirem viver. Diante dessa vivência, as personagens Elizabeth (Liv Ullmann) e Alma (Bibi Andersson) assumem “máscaras” (Persona), identidades plásticas, reprimindo, assim, suas experiências psicológicas próprias (Sombra) e distanciando-se de si-mesmas (Self). A partir desse entendimento, o filme pode ser visto como um exemplar vivencial de processos psicológicos fundamentais, principalmente aqueles descritos na Psicologia Analítica de C.G. Jung (1875-1961), tais como: a Persona, que é a máscara social com a qual a pessoa se mostra ao mundo, que nos possibilita a adaptação ao meio sócio-cultural-humano em geral; e a Sombra, que representa o aspecto inconsciente de elementos reprimidos, negados ou ignorados da personalidade consciente de uma pessoa. **Objetivo:** O presente estudo teve como objetivo analisar e explicitar os processos psicológicos descritos na Psicologia Analítica que se fazem presentes na obra. **Método:** O método utilizado foi a análise sistemática do roteiro e de cenas significativas do filme, estabelecendo correlações com os conceitos e com os processos fundamentais da psicologia analítica. **Resultados:** Ao analisar a obra, notam-se dois momentos distintos em relação à apropriação da Persona pelas personagens. No primeiro momento, tem-se a personagem Elizabeth se apresentando sociável e agindo de acordo com as exigências do marido, do filho e da sociedade, enquanto Alma se revela como alguém de poucas palavras, calma e com uma vida estruturada, valorizando o trabalho, a família e o casamento. Já no segundo, ocorre uma inversão das Personas, ou seja, uma personagem assume a personalidade social da outra. Assim, Elizabeth se torna introvertida e silenciosa, enquanto Alma se mostra extrovertida e adota uma personalidade social. Essa inversão leva Elizabeth e Alma a revelarem suas Sombras. **Discussão:** Ao longo do filme, fica, cada vez mais, evidente a necessidade de as personagens reconhecerem suas

próprias Personas e Sombras, mostrando a importância de se “jogar luz” nas Sombras para identificar o que existe e pertence a elas. Por isso, ao tomar consciência da própria Persona-Sombra é possível tornar-se consciente também daquilo que “já se é” (Self) no mundo, harmonizando suas partes ao Si-mesmo (Self). **Considerações Finais:** Assim sendo, é possível constatar que a análise do filme buscou explorar uma série de processos psicológicos fundamentais que estão relacionadas à jornada de individuação proposta por C. G. Jung. Dentre esses processos, destacam-se aqui o diálogo com os complexos, o reconhecimento da Sombra e da Persona, a integração dos arquétipos, o equilíbrio entre Anima e Animus e o encontro com o Si-mesmo. Por fim, é possível verificar que o filme de Bergman oferece várias possibilidades de análises e futuros estudos no campo da Psicologia e Psicoterapia.

**Palavras-chave:** processo de individuação, análise qualitativa, cinema, obra de arte.

## Referências

- Bueno, B. (2017). Persona: Bergman, Jung e Kierkegaard. Docero Brasil. <https://docero.com/doc/nevon8cn>.
- Campos, M. C. (2011). A loucura no cinema: a representação da loucura em persona. [Apresentação de trabalho]. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, Londrina. <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Marina%20da%20Costa%20Campos.pdf>.
- Jung, C. G. (2013). O espírito na arte e na ciência. (8<sup>a</sup> ed., Vol.15). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2017). Fundamentos da psicologia analítica. (6<sup>a</sup>ed., Vol.18/1). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2014). Psicologia do inconsciente. (24<sup>a</sup>ed., Vol. 7/1). Petrópolis: Vozes.
- Leite, D. M. (2002). Psicologia e Literatura. (5<sup>a</sup>ed.). São Paulo: Unesp.
- Bergman, I. (1966). Persona. [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=OqzRzdXqT7M&t=4227s>.
- Piere, P. F. (2022). Dicionário Junguiano. (2<sup>a</sup> ed.). Petrópolis: Vozes.
- Pires, L. V. C. (2013). Uma reflexão sobre o filme Persona (1965), de Ingmar Bergman. [Dissertação Mestrado em Filosofia – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa]. Run – Repositório Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/11922>.

## **Percepção de psicólogos a respeito da formação profissional e do trabalho multiprofissional no atendimento de violência autodirigida**

*Outro - Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Marina Abreu Dias<sup>1</sup>** [marina.abreu.m@gmail.com](mailto:marina.abreu.m@gmail.com)

**Mariana de Lima e Souza<sup>1</sup>** [mariana.lsousa@ufu.br](mailto:mariana.lsousa@ufu.br)

**Renata Fabiana Pegoraro<sup>1</sup>** [renatapegoraro@gmail.com](mailto:renatapegoraro@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A psicologia compõe uma das várias profissões da saúde e é referência para o cuidado de saúde mental e de pessoas que praticam a violência autodirigida com ou sem intenção suicida. Desse modo, é imprescindível que a formação em psicologia conte a temática e auxilie no desenvolvimento de habilidades e competências para a atenção em saúde e para promoção de ações a nível individual e coletivo sobre a violência autodirigida. Além da psicologia, outras áreas da saúde são importantes no atendimento de violência autodirigida, sendo o trabalho multiprofissional essencial para a ampliação e integralidade do cuidado.

**Objetivo:** Identificar a percepção de psicólogos que atuam no Estado de MG a respeito da realização de atuação multiprofissional no atendimento de violência autodirigida e da formação profissional da psicologia e de outras áreas. **Método:** Trata-se de um estudo qualitativo desenvolvido a partir de questionário respondido de forma on-line e entrevistas realizadas a partir de roteiro semiestruturado e submetida à análise temática. Por se tratar de um estudo de maior amplitude, recortou-se, para responder ao objetivo proposto neste trabalho, as respostas referentes à formação profissional e a importância e dificuldades de atuação em equipe multiprofissional. **Resultados:**

Os nove profissionais entrevistados tinham entre 25 e 50 anos, em média 12 anos de conclusão do curso de psicologia, todos tinham especialização e atuavam em instituições de saúde, ensino e clínica particular. Os profissionais apontaram que não tiveram disciplinas ou outros componentes curriculares sobre a temática da violência autodirigida durante a graduação, de modo que o contato com a temática ocorreu por meio de experiências pontuais. As especializações forneceram subsídios maiores para o atendimento de violência autodirigida, contudo, não se relacionam diretamente ao tema. Assim como percebem que a formação profissional a respeito da violência autodirigida na psicologia é incipiente, os profissionais também notam as limitações de outras áreas da saúde sobre a temática, o que traz algumas dificuldades como: criação de espaços de discussão, inflexibilidade no cuidado e burocracias. **Discussão:** Essas dificuldades podem influenciar no trabalho multiprofissional, contudo, quando há possibilidade de trocas, pode existir uma continuidade e alinhamento do cuidado, que se torna integral, além da ampliação dele para a

rede de apoio. O modo de cuidado para pessoas que praticam violência autodirigida precisa ser individualizado e de acordo com as necessidades que apresentam, o que ressalta a importância do trabalho multiprofissional, para oferecer suporte em diferentes áreas do conhecimento. A violência autodirigida ainda é uma temática pouco abordada nas formações em saúde e uma lacuna importante a ser preenchida para ampliar o cuidado desse público. Além disso, a escassez da temática nas formações dificulta o trabalho multiprofissional e influencia no cuidado de quem pratica violência autodirigida e da rede de apoio. **Conclusão:** Desse modo, é essencial que as formações em psicologia e de outras áreas da saúde auxiliem no desenvolvimento de habilidades e competências para o atendimento de violência autodirigida.

**Palavras-chave:** formação, trabalho multiprofissional, violência autodirigida.

## Referências

- Aguiar, E. B. P., Ceretta, L. B., Soratto, M. T. (2015). Os desafios enfrentados pela equipe de enfermagem no atendimento ao paciente com tentativa de suicídio. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, 4(1), 68–82. Disponível em <<https://doi.org/10.33362/ries.v4i1.342>>
- Amendola, M. F. (2014). Formação em Psicologia, Demandas Sociais Contemporâneas e Ética: uma Perspectiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 971-983. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-370001762013>>.
- Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução no 5, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2011-pdf/7692-rces005-11-pdf>
- Rigo, S.C. (2013). Capítulo III. In: Conselho Federal de Psicologia [C.F.P.]. *O Suicídio e os Desafios para a Psicologia* (pp. 30-40). Brasília: CFP. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/suicidio-e-os-desafios-para-a-psicologia/>
- Santos, S. S. A., Angonese, N., Meireles, T., Oliveira, V. B. C. A. (2022) Atuação da enfermagem na assistência ao paciente com lesão autoprovocada na urgência e emergência. *Research, Society and Development*, 11(5), e12311527702. Disponível em: < DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i5.27702>>

## Outras narrativas de amor para mulheres negras: relato de um aquilombamento feminegro

*Outro - Sexualidade e Gênero*

**Luísa Parreira Santos<sup>1</sup>** [luisa\\_ps@ymail.com](mailto:luisa_ps@ymail.com)

**Renata Aparecida Basto Santos<sup>2</sup>** [renata.basto@hotmail.com](mailto:renata.basto@hotmail.com)

<sup>1</sup> UNIESSA, Núcleo Uberlândia ABRAPSO Minas

<sup>2</sup> Instituto Verus

**Introdução:** As mulheres negras constituem o grupo mais vulnerabilizado em termos de interseccionalidade de opressões, de modo que suas experiências amorosas são inegavelmente marcadas por silêncios, exclusão, objetificação e preterimento. Lélia Gonzalez, Neusa Santos Souza, bell hooks e Angela Davis são algumas autoras negras que apontaram a urgência de mulheres negras construírem discursos sobre si mesmas, buscando na ancestralidade e no aquilombamento a potência de transgredir as narrativas coloniais de gênero e sexualidade. É fundamental articular ações pautadas no encontro e na valorização das vozes de mulheres negras para além de atividades teóricas e pedagógicas. **Objetivo:** Relatar a execução da Roda de Conversa ‘Outras Narrativas de Amor para Mulheres Negras’, um aquilombamento para mulheres negras que desejam dialogar sobre amor e relacionamentos. **Método:** A atividade foi direcionada a pessoas que se identificam como mulheres e se autodeclaram negras, tendo sido facilitada por duas psicólogas clínicas negras e organizada em um encontro virtual único no mês de Junho de 2021, com duração de duas horas. Com caráter dialógico, a conversa teve duas etapas distintas: a primeira consistiu em explorar os discursos sobre o amor romântico, a desumanização da mulher negra e a subjetivação da mulher a partir dos dispositivos amoroso e materno, e a segunda consistiu em abordar o amor como ato político, a importância do autoamor e do autocuidado e os usos do erótico. **Resultados e Discussão:** Participaram nove mulheres negras cisgênero de diferentes estados civis (solteiras, namorando, divorciadas). Após breves apontamentos das facilitadoras na primeira etapa, as mulheres compartilharam suas experiências amorosas marcadas por idealizações acerca dos papéis de gênero, dificuldade em confiar, preterimento, sentimentos de desvalor e culpa, reprodução de crenças intergeracionais e violências cotidianas. Foi notável que essas mulheres, de diferentes idades, origens e localização geográfica, entrelaçaram suas trajetórias singulares de modo a se encontrarem na experiência comum da dor fruto do racismo. As marcas de proibição antes feitas na pele hoje são feitas na subjetividade das mulheres, de modo que o colonialismo introjetado reproduz, acima de tudo, a violência da negação da humanidade. Na segunda etapa, as facilitadoras apontaram algumas estratégias e ferramentas que podem ser usadas

para ajudar na construção de novas narrativas, como a necessidade de cuidar das feridas psíquicas, o reconhecimento das próprias necessidades físicas e emocionais, o estabelecimento de limites, o diálogo com as parcerias, o potencial de agenciamento e de escolha, o contato com referências negras, a descolonização das funções de contato e a ativação do erótico no cotidiano. As participantes relataram e ressignificaram algumas vivências pessoais, trocando conhecimentos sobre estratégias utilizadas e dando exemplos de atitudes e comportamentos que lhes trazem mais consciência de si, proteção e confiança para explorar suas possibilidades.

**Considerações Finais:** A Roda de Conversa foi um espaço privilegiado para recuperação da ancestralidade negra em suas dores e potências transgressoras. O encontro de mulheres negras, com vistas à troca de experiências e valorização dos saberes construídos no cotidiano, é uma excelente intervenção para a construção de narrativas insubmissas e contracoloniais.

Palavras-Chave: Sexualidade, Feminismo Negro, Psicologia Social

## Referências

- Davis, A. Mulheres, Cultura e Política. Tradução Heci Regina Candiani. – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.
- Davis, A. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.
- Hooks, B. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2000.
- Gonzalez, L. Por um feminismo afro latino americano. São Paulo: Zahar, 2000.
- Souza, N. S. Tornar-se negro: as vicissitudes do negro em ascenção social. São Paulo: Zahar, 2021.

## **Saúde mental da população Queer: encarceramento e impacto psicológico das violências**

*Trabalho de graduação - Sexualidade e Gênero*

**André Ricardo Teixeira Junior<sup>1</sup>** [teixeira.junior@unesp.br](mailto:teixeira.junior@unesp.br)

**Deivis Perez Bispo<sup>1</sup>** [deivis.perez@unesp.br](mailto:deivis.perez@unesp.br)

**Larissa Brasil Costa Marques<sup>1</sup>** [larissa.brasil@unesp.br](mailto:larissa.brasil@unesp.br)

**Lauren Marlene Fiori Salvador<sup>1</sup>** [lauren.fiori@unesp.br](mailto:lauren.fiori@unesp.br)

**Sabrina Aparecida Fernandes<sup>1</sup>** [sa.fernandes@unesp.br](mailto:sa.fernandes@unesp.br)

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências e Letras – FCL Unesp Assis

**Introdução:** Este texto apresenta o relato de experiência formativa de caráter extensionista realizado no curso de graduação em Psicologia da UNESP, a qual foi organizada e consubstanciada pelos integrantes discentes e professor tutor do Programa de Educação Tutorial (PET Psicologia). Especificamente, foi realizado um curso de extensão focalizado na temática “O trabalho de psicólogos no campo da saúde mental da população queer em situação de encarceramento”, o qual teve como público-alvo participante os graduandos da UNESP e carga horária de 32 horas distribuídas ao longo de dois meses. **Objetivos:** A formação ora apresentada teve como objetivos garantir que os partícipes fossem capazes de identificar e examinar criticamente os referenciais teórico-metodológicos da Psicologia orientados para a atuação dos seus profissionais na atenção, prevenção e reparação da saúde mental de pessoas da população queer encarceradas no sistema prisional brasileiro. **Método:** A experiência formativa foi realizada mobilizando distintas técnicas educativas para asseverar a aprendizagem pelos graduandos. Foram empregadas técnicas de ensino como – leitura de textos especializados seguida da análise e debate; dinâmicas de grupo e simulações educativas vinculadas ao tema da formação. **Resultados:** Cumpre notar que o processo educativo foi estruturado em torno dos escritos de Rezende (2022) e Barbosa (2022), sobre a problemática da LGBTQIAP+fobia nos contextos prisionais. Como resultado qualitativo, é possível sinalizar que houve a apropriação de saberes academicamente qualificados sobre a saúde da população LGBTQIAP+ em situação de encarceramento, além de conhecimento teórico-prático sobre o funcionamento das estratégias de execução e administração penal, que apresentam padrões de funcionamento marcados pela LGBTQIAP+fobia. Notadamente se identificou três principais dimensões de violências que afetam a saúde da população queer encarcerada: a interpessoal, praticada por funcionários e internos da prisão; a de um Estado LGBTfóbico e suas estratégias de controle de corpos queer; e a simbólica (Carvalho, 2012). **Discussão:** Verificou-se que as problemáticas da população LGBTQIAP+ não são abordadas suficientemente no cárcere,

contendo uma subnotificação com relação às intempéries existentes nesse contexto, com pouca adesão estatal no quesito da fiscalização e promoção de políticas públicas. A discriminação se faz presente em ações explícitas, mas também na estrutura funcional da cadeia, com restrições de objetos de necessidade básica, obrigando quem necessita de tais itens a comprarem ou trocarem por favores sexuais de outros presidiários (Rezende, 2022). O impacto de tal cenário produz a privação do autocuidado, que reflete diretamente na produção (nesse caso na falta) de saúde mental. **Conclusão:** O processo extensionista permitiu aos participantes reconhecerem que o trabalho na área da Psicologia em prisões junto à população queer enfrenta dificultadores impostos tanto pela LGBTQIAP+fobia, a qual encontra relações diretas com as práticas e ações de parte do corpo funcional das prisões, dos seus internos (presos) e, especialmente, pelas ações marcantemente discriminatórias oriundas do próprio poder estatal. Neste contexto o trabalho psicológico voltado para a saúde mental da população queer encarcerada solicita a análise crítica do tema, do próprio sistema prisional nacional e a mobilização de teorias e práticas comprometidas com o apoio e fortalecimento das estratégias de sobrevivências destas pessoas nas prisões.

**Palavras-chave:** Saúde Mental, População LGBT+, Encarceramento.

## Referências

- Barbosa, L., Weigert, M., & Carvalho, S. D. (2022). Quem enxerga a população LGBT encarcerada?(a lgbtfobia institucional sob a perspectiva da criminologia crítica queer). *Revista Direito e Práxis*, 13, 1982-2008.
- Canheo, R. O. (2017). “Puxa pro Evaristo”: produção e gestão da população LGBT presa na cidade do Rio de Janeiro.
- de Carvalho, S. (2012). Sobre as possibilidades de uma criminologia queer. *Sistema Penal & Violência*, 4(2).
- Rezende, A. G., Santos, L. N., Rodrigues, A. P. J., & Costa, M. D. S. (2022). Transgressões no Sistema Prisional: desafios e caminhos para prática psicológica com a população lgbtqia+.

## Os impactos contemporâneos da ditadura militar brasileira na psicologia: uma experiência de extensão

*Trabalho de Graduação – História e Epistemologia da Psicologia*

**Sabrina Aparecida Fernandes**<sup>1</sup> [sa.fernandes@unesp.br](mailto:sa.fernandes@unesp.br)

**Deivis Perez Bispo**<sup>1</sup> [deivis.perez@unesp.br](mailto:deivis.perez@unesp.br)

**Lauren Marlene Fiori Salvador**<sup>1</sup> [lauren.fiori@unesp.br](mailto:lauren.fiori@unesp.br)

**Letícia José Cardoso**<sup>1</sup> [lj.cardoso@unesp.br](mailto:lj.cardoso@unesp.br)

**Larissa Brasil Marques**<sup>1</sup> [larissa.brasil@unesp.br](mailto:larissa.brasil@unesp.br)

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências e Letras – FCL Unesp Assis

**Introdução:** Neste resumo, descreve-se uma experiência de formação com ênfase em extensão realizada por estudantes de Psicologia na UNESP. Essa iniciativa de extensão foi planejada e executada pelo Programa de Educação Tutorial (PET) com o objetivo de investigar e apreender o processo de evolução da psicologia no contexto brasileiro, concentrando-se na análise da trajetória histórica e epistemológica das teorias psicológicas de origem nacional. A análise foi conduzida por meio de uma atividade integrada de ensino e extensão, que se desenrolou por dois meses com encontros semanais de duas horas, envolvendo 15 discentes e 1 docente. A estratégia de participação adotada contou com 2 discentes se voluntariando para selecionar o material bibliográfico pertinente ao tema de cada encontro, permitindo a curadoria de produções acadêmicas que constituíram a base de sustentação das análises realizadas. Destaca-se a escolha, nesta exposição, de um aspecto específico que recebeu ênfase ao longo da formação: o impacto contemporâneo decorrente da intervenção da ditadura militar na moldagem da psicologia. A análise desse processo desempenhou um papel fundamental na construção da experiência, proporcionando uma investigação aprofundada do efeito desse fenômeno na psicologia brasileira. **Objetivo:** O principal objetivo da atividade foi capacitar os participantes para uma apreciação e avaliação crítica das relações entre as teses de constructos da psicologia e os acontecimentos históricos e sociais da ditadura civil-militar. Desta forma, o estudo almejou não apenas a compreensão dos fundamentos teóricos da psicologia, mas também a sua contextualização em um período de relevância histórico-social, proporcionando um panorama enriquecido para a compreensão da profissão e suas implicações contemporâneas. **Método:** Com o objetivo de alcançar os propósitos estabelecidos, adotou-se uma variedade de técnicas metodológicas. Estas englobaram a realização de revisão bibliográfica, análise crítica e aprofundada de artigos e a promoção de discussões e debates em grupo. No contexto específico da temática ligada à ditadura militar, optou-se por conduzir uma análise detalhada dos artigos produzidos por Fabíola Figueirêdo

da Silva e Luis Eduardo Françao Jardim, os quais serviram como pilares do arcabouço teórico empregado no estudo. **Resultados:** O estudo produziu resultados significativos, tanto quantitativos quanto qualitativos. No aspecto quantitativo, a participação ativa de 15 estudantes de psicologia no processo de assimilação dos conceitos propostos evidenciou o engajamento e o interesse no tema. Na dimensão qualitativa, a análise revelou uma ampliação na compreensão dos participantes sobre a interação entre a psicologia e o contexto ditatorial, permitindo uma análise das influências políticas nos fundamentos e aplicações da psicologia. **Discussão:** Por meio da análise dos materiais, percebe-se que a ditadura militar teve amplos e profundos efeitos na psicologia. A conformidade e colaboração de alguns psicólogos com o regime ressaltam a complexa interação entre psicologia e política, com relevância contemporânea, sendo importante uma análise crítica para os participantes da atividade. **Considerações finais:** A atividade destacou que a ditadura militar no Brasil mantém impacto na psicologia e suas práticas, ressaltando a importância de abordagens extensionistas, como a do PET Psicologia de Assis na formação dos discentes, capacitando-os a compreender melhor a história da profissão e suas influências.

**Palavras-chave:** *Ditadura-militar, educação tutorial, extensão universitária, psicologia brasileira.*

## Referências

- Silva, F. F. (2017). Psicologia no contexto da ditadura civil-militar e ressonâncias na contemporaneidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(n. spe), 82-90. <https://doi.org/10.1590/1982-3703060002017>
- Jardim, L. E. F. (2017). Psicologia social e pesquisa com memória: método e reparação de danos da ditadura civil-militar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(n. spe), 103-115. <https://doi.org/10.1590/1982-3703080002017>
- Coimbra, C. M. B. (2001). Tortura ontem e hoje: resgatando uma certa história. *Psicologia em Estudo*, 6(2), 11-19. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722001000200003>
- Jardim, L. E. (2016). A ditadura militar na vida e no trabalho de cidadãos brasileiros. Um estudo de depoimentos (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Correia, A. M. B., & Dantas, C. N. C. B. (2017). O fazer psicológico no período da ditadura militar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(n. spe), 71-81. <https://doi.org/10.1590/1982-370305000201>

## Os caminhos da infância e da violência no conto “menina a caminho”, no ambulatório NUAVIDAS e nas indagações psicanalíticas

*Trabalho de Graduação – Psicanálise*

**Thaís Vieira Belafonte Barros<sup>1</sup>** [thais.belafonte@gmail.com](mailto:thais.belafonte@gmail.com)

**Anamaria Silva Neves<sup>1</sup>** [anamaria.neves@ufu.br](mailto:anamaria.neves@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A relação entre Literatura e Psicanálise se encontra na base das primeiras formulações de Freud. Inaugurando um novo olhar sobre o inconsciente, o mestre vienense diferenciou-se da soberania vigente à época e, para além de um saber médico, desenvolveu sua teoria a partir do diálogo com várias áreas do conhecimento. Nesse sentido, considerando as duas formações acadêmicas da autora (Letras e Psicologia) e a experiência enquanto estagiária no Núcleo de Atendimento às Vítimas de Agressão Sexual (NUAVIDAS), ambulatório localizado no Hospital de Clínicas Universitário da Universidade Federal de Uberlândia (HCU-UFU), a infância e a violência sexual passaram a ser objetos de investigação e discussão. A partir do conto “Menina a caminho” (1997), de Raduan Nassar, que narra a trajetória de uma menina ao caminhar pela cidade, utilizou-se da obra como balizador analítico para auxiliar no caminho de reflexões sobre a infância e o infantil por meio da interface entre Literatura e Psicanálise e as vivências e atendimentos no NUAVIDAS. **Objetivo:** Refletir sobre o caminho das crianças frente ao encontro com situações de violência e com os impasses de seus próprios corpos. **Método:** Foram utilizadas vinhetas clínicas a partir da experiência no ambulatório NUAVIDAS e trechos do conto “Menina a Caminho”, de Raduan Nassar. **Resultados:** Foi possível identificar pontos em comum relacionados à violência, infância e cuidado, tanto nas crianças do NUAVIDAS, quanto nas crianças presentes no conto de Raduan Nassar. Com isso, pôde-se refletir sobre os impasses, desafios e potencialidades para a infância. **Discussão e Considerações finais:** A partir do trabalho desenvolvido, foi possível resgatar a relação entre Literatura e Psicanálise e evidenciar as questões da infância, tão caras aos profissionais e à sociedade como um todo e tão necessárias de serem cuidadas. Além disso, destaca-se que o diálogo interdisciplinar é enriquecedor por permitir a relação e a reflexão entre realidade e ficção, sendo esta, tantas vezes, representação do panorama social que vivemos.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Literatura, Infância, Violência Sexual

### Referências

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? [Versão eletrônica] Ágora, 6 (1), 115-138.

- Nassar, R. (1997). Menina a caminho e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Vieira, A. N., Martins, K. P. H., & Silveira, L. C. (2022). O resto como causa do desejo no conto “A terceira Margem do Rio”. *Psicanálise & Barroco Em Revista*, 19(2), 49–68. Recuperado de <http://www.seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/10839>

## Orientação profissional e de carreira em grupo e *online*: um relato de experiência

*Trabalho de Graduação - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

Dyeinne Pereira Fernandes<sup>1</sup> [dyeinnepf@gmail.com](mailto:dyeinnepf@gmail.com)

Victor Gabriel dos Santos Tomaz<sup>2</sup> [victor.tomaz@usp.br](mailto:victor.tomaz@usp.br)

Ligia Carolina Oliveira-Silva<sup>1</sup> [ligiacarol@ufu.com](mailto:ligiacarol@ufu.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo

**Introdução:** A Orientação Profissional e de Carreira é um subcampo da Psicologia do Trabalho, e é definida pela Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do trabalho (SBPOT) como uma atuação com foco de intervenção nos processos de orientação e suporte às tomadas de decisão das pessoas, acerca de suas profissões e carreiras. Para tanto leva em consideração as condições e características pessoais, familiares, sociais e do mundo do trabalho. Esse serviço pode também ser realizado de forma individual, entre um(a) orientador(a) e um orientando(a) ou em grupo com mais de um cliente. Em virtude da pandemia de COVID-19 e a necessidade do distanciamento social, o estágio profissionalizante de orientação profissional e de carreira foi realizado em grupo, de forma síncrona e remota.

**Objetivo:** Relatar a experiência de estágio supervisionado obrigatório em Psicologia Organizacional e do Trabalho, na subárea Orientação e Planejamento de Carreira, do curso de graduação em Psicologia. **Método:** Foi realizada uma triagem dos inscritos levando em consideração a demanda e etapa profissional para a construção do grupo de atendimento. Após o recrutamento e triagem, foi formulado um grupo de atendimento composto de 5 pessoas, sendo 4 mulheres, com média de idade igual a 24,4, em processo de conclusão de graduação/inserção no mercado de trabalho e em diferentes áreas de atuação. Os pilares do serviço de orientação profissional tiveram como base: 1) autoconhecimento; 2) exploração do mundo do trabalho e 3) planejamento de carreira. Foi feito o uso de atividades personalizadas para cada cliente de acordo com a etapa do processo e sua demanda. As atividades foram enviadas a cada sessão, onde o cliente realizava a atividade em casa e discutia os resultados com o grupo em sessão. **Resultados:** Foram realizados 11 encontros, guiados por 2 estagiários Orientadores de Carreira. A partir dos encontros foi possível desenvolver o autoconhecimento, conhecimentos das profissões e do mercado de trabalho, bem como planejar a trajetória profissional futura. Ao final, os participantes foram capazes de desenvolver projetos de carreira individuais, construídos a partir da realização de atividades, discussão em grupo das opções de carreira e dos prós e contras de cada escolha. **Discussão:** Ao alinhar as escolhas

profissionais com valores pessoais e oportunidades presentes no mercado de trabalho, o processo de Orientação de Carreira foi capaz de colaborar para o desenvolvimento de metas e um plano de ação. O grupo como ferramenta, também se mostrou potente à medida que os participantes do grupo eram capazes de compartilhar seu progresso com outros indivíduos em uma etapa profissional similar, o que auxiliou a estimular os participantes do grupo. **Conclusão:** A carreira pode ser considerada um importante constituinte da identidade do sujeito, desta maneira a Orientação de Carreira demonstra o potencial para contribuir para a realização profissional dos clientes à medida que auxilia no processo decisório, no desenvolvimento de competências e no planejamento profissional. Em adição, a heterogeneidade em termos de área de atuação dos participantes, instituições educacionais e cidade de residência resultado da metodologia digital adotada, demonstrou-se outro fator positivo.

**Palavras-chave:** *Psicologia do Trabalho, Orientação Profissional, Orientação de Carreira em Grupo e Covid-19.*

## **Referências**

- Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho [SBPOT]. (2020) Competências para a atuação em psicologia organizacional e do trabalho: um referencial para a formação e qualificação profissional no Brasil. Brasília: UniCEUB.
- Carvalho, L., Mourão, L., & Freitas, C. (2023). Career counseling for college students: Assessment of an online and group intervention. *Journal of Vocational Behavior*, 140, 103820. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2022.103820>
- Dias, M. S. L., & Soares, D. H. P. (2009). Planejamento de Carreira: Uma orientação para estudantes universitários. São Paulo: Votor.
- Oliveira-Silva, L. C. (2019). Plano de Estágio Profissionalizante. Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

## Oficina de teatralidade no espaço da brinquedoteca: um relato de experiência estética na formação do psicólogo

*Trabalho de Graduação - Psicologia e Arte*

**Arthur Alves de Oliveira Silva**<sup>1</sup> [arthur-aos@ufu.br](mailto:arthur-aos@ufu.br)

**Luana Alves de Souza**<sup>1</sup> [luanaalves@ufu.br](mailto:luanaalves@ufu.br)

**Lara Oliveira Soares**<sup>1</sup> [lara.soares@ufu.br](mailto:lara.soares@ufu.br)

**Túlio Garcia Portilho**<sup>1</sup> [tuliogarcy7@ufu.br](mailto:tuliogarcy7@ufu.br)

**Luana Gonçalves Coelho**<sup>1</sup> [luanacoelehopsi@gmail.com](mailto:luanacoelehopsi@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A estética permite ao sujeito experienciar a presentificação do que existe, do ser-aí, para além das referências tradicionais de racionalidade. Tal experiência não pode ser alcançada, se não, mediante uma atitude estética (Pereira, 2012), compreendida enquanto uma disponibilidade aos acontecimentos, de forma interessada mais nos efeitos possíveis do que num desenho final. Com isso, entendemos a experiência estética, através da Arte em suas diversas linguagens, também como um caminho para formação, já que a presentificação, para além da previsão e racionalização, faz emergir a relação genuína com a alteridade, tão cara para o trabalho em Psicologia. No entanto, na formação acadêmica, estruturada sob parâmetros rígidos e tradicionais de educação, há poucos espaços para que a atitude estética possa emergir. Nesse sentido, este relato pretende fornecer pistas para novas formas de suprimir essa lacuna. **Objetivo:** Apresentar relatos de experiência acerca de uma oficina de teatralidade realizada com estudantes de Psicologia, buscando oferecer reflexões sobre como a Arte pode ampliar a formação de estudantes. **Método:** A oficina foi conduzida por um artista do curso de Teatro da UFMG, com duração de 2h30, no espaço da Brinquedoteca do Instituto de Psicologia da UFU, com a participação de 7 extensionistas do projeto “Parangolé - Brincando com arte”. Contou com conteúdos práticos que trabalharam corporeidade, espontaneidade e criatividade. Após a oficina, foi feita uma roda de conversa para falarmos sobre os efeitos provocados. Além disso, 4 dias após a oficina, os participantes foram contatados via Whatsapp para que enviassem um áudio respondendo à pergunta “Como a oficina impactou na sua formação?”. A partir da roda de conversa e desses áudios, coletamos os relatos de experiência, os quais foram analisados pelos pesquisadores. **Resultados:** A partir dos relatos, observa-se que a oficina impactou na formação dos graduandos de Psicologia no sentido de desenvolver um estado de presença e uma entrega importantes para o exercício da profissão. Surgiram diversos elementos nas falas dos extensionistas, como suscitar criatividade, instigar uma sensibilização, fortalecer as noções de vínculo e de grupo,

ampliando as formas de estar com o outro, e, desta forma, expandir as noções de cuidado dentro da psicologia. **Discussão:** A partir dos dados obtidos nas falas dos extensionistas, foi possível identificar como a Arte operou como um recurso mediacional de aprendizagem. O conceito de mediação determina que através das relações que são estabelecidas na cultura e sociedade é possível haver a apreensão do conhecimento. Compreende-se a partir dos relatos que a oficina proporcionou uma experiência estética diversa e profícua em seus efeitos, sobretudo quando pensada em relação ao processo de formação. Para além de um aprendizado formal, tecnicista e pragmático, a experiência estética se mostrou como um recurso ampliador da noções de alteridade, corporeidade, sensibilidade e criatividade - elementos fundamentais para o trabalho em Psicologia. **Considerações finais:** Identificamos um avanço nas compreensões do impacto da Arte na formação em Psicologia. Destacamos como limitação o fato de ter sido apenas um único encontro, e não encontros variados que permitissem outras experiências.

**Palavras-chave:** *Arte, Oficina, Estética, Experiência estética, Formação.*

## **Referências**

Pereira, M. V. (2012). O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. *Pró-posições*, 23 (1), 183-195

## Ciclo de estudos temático: Frantz Fanon e as instituições totais

*Trabalho de Graduação - Psicologia Étnico-Racial*

**Jéssica de Jesus Silva**<sup>1</sup> [jessica.jesus@unesp.br](mailto:jessica.jesus@unesp.br)

**Deivis Perez Bispo dos Santos**<sup>1</sup> [deivis.perez@unesp.br](mailto:deivis.perez@unesp.br)

**Guilherme Achôa Moura Leite**<sup>1</sup> [guilherme.achoa@unesp.br](mailto:guilherme.achoa@unesp.br)

**André Ricardo Teixeira Junior**<sup>1</sup> [teixeira.junior@unesp.br](mailto:teixeira.junior@unesp.br)

**Sabrina Aparecida Fernandes**<sup>1</sup> [sa.fernandes@unesp.br](mailto:sa.fernandes@unesp.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista

**Introdução:** Este trabalho apresenta o Ciclo de Estudos Temático “Frantz Fanon e as Instituições Totais”, criado em virtude da urgência de um debate a respeito dos discursos de viés racista e colonial que permeiam a lógica de funcionamento das instituições de poder contemporâneas. O ciclo foi organizado pelos discentes e professor tutor integrantes do Programa de Educação Tutorial em Psicologia, da UNESP de Assis. A atividade coloca-se como uma estratégia de ensino-aprendizagem que consiste na utilização de encontros semanais para o exame de temas gerais com crescente relevância sociocultural, política e acadêmica, buscando diversificar a formação dos integrantes e complementar o curso de educação superior. **Objetivo:** Apresentar as discussões e reflexões sintetizadas pelo grupo acerca das instituições totais, bem como as contribuições de Frantz Fanon para se pensar o racismo.

**Método:** O ciclo foi realizado ao longo de três meses e meio, dividido entre oito encontros realizados no segundo semestre de 2021. Quanto a metodologia, privilegiou-se a alternância e diversidade de estratégias educativas, utilizando-se da exposição de conteúdos através de diálogos e aparatos visuais, análise e debate dos materiais, leitura de excertos textuais, dinâmicas e discussões articuladas em grupo e subgrupos. Ao final do ciclo, foi realizada uma discussão para avaliação interna, a qual tratou sobre os pontos positivos e negativos em relação ao planejamento e execução da atividade por todos os integrantes. **Resultados:** A atividade possibilitou fundamentar um pensamento crítico acerca da necessidade de contextualizar os sujeitos racialmente, sendo possível compreender o racismo enquanto estruturante da sociedade capitalista atual e articulá-lo às instituições, como por exemplo, manicômios e prisões. Ademais, possibilitou a compreensão, enquanto futuros psicólogos, de uma perspectiva sobre o psiquismo humano, vinda de um psiquiatra revolucionário em meio à colonização francesa e suas violências. **Discussão:** As construções possibilitaram explorar diferentes aspectos da opressão totalitária dentro das instituições, bem como perceber o quanto ainda perpetuam os mecanismos racistas, revelando que o contexto atual exige estudo e dedicação para o combate à hegemonia totalitária das abordagens opressoras e racistas, o

que também inclui a Psicologia para pensar sobre. **Conclusão:** O ciclo de estudos mostrou-se como um dispositivo relevante para o processo de ensino-aprendizagem, de modo que o grupo optou por desenvolver um evento aberto ao público, também em dezembro de 2021. Foram três dias de evento, somando um total de seis palestras virtuais com grandes especialistas do tema, como a jornalista, escritora e documentarista Daniela Arbex e o Prof. Dr. Silvio Yasui.

**Palavras-chave:** *Frantz Fanon, Instituições totais, Estratégia de ensino-aprendizagem.*

## Referências

- COSTA, P. H. A. da; MENDES, K. T. Frantz Fanon, saúde mental e a práxis antimanicomial. Sociedade em Debate, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 66-82, 2021. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/2809>. Acesso em: 7 set. 2023.
- FANON, F. Pele Negra, Máscaras Brancas. Brasil: Ubu Editora, 2020.
- FLAUZINA, A; PIRES, T. Cartas do Cárcere: horizontes de resistência política. Revista Direito e Práxis, v. 10, p. 2117–2136, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/NmdpPKpQ9C3vrh5XB5P4L9q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: Acesso em: 7 set. 2023.

## A importância da criação de um acervo documental de projeto extensionista: um relato de experiência de pesquisa

*Trabalho de Graduação - Sexualidade e Gênero*

**Monize Villega Rios<sup>1</sup>** [riosmonize@gmail.com](mailto:riosmonize@gmail.com)

**Walter Amora de Faria Silva<sup>1</sup>** [walter.faria@uftm.edu.br](mailto:walter.faria@uftm.edu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro

**Introdução:** O tripé universitário é composto pelo ensino, pesquisa e extensão. Em muitos programas de extensão essas atividades são realizadas de maneira articulada como nas ligas acadêmicas (Souza, Noguchi, & Alvares, 2019). A criação de um acervo documental é de suma importância para que a história não seja apagada, bem como para a reflexão sobre as ações desenvolvidas e para se pensar em futuras ações. **Objetivos:** Relatar a criação de um acervo de uma liga acadêmica e discutir como a pesquisa pode contribuir como modelo para outras ações universitárias. **Método:** Foi realizada uma pesquisa historiográfica a partir de um programa de extensão da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Liga de Sexualidade - LiS) com vistas para tentar organizar um acervo como uma forma de tornar visível as atividades realizadas pelo programa. Foram utilizadas fontes documentais primárias, documentos complementares e fontes orais (Delgado, & Ferreira, 2014; Pimentel, 2001). **Resultados:** A partir da análise entre os documentos constantes no *Google Drive* da LiS, dos documentos cedidos para as pesquisadoras e das entrevistas semi-estruturadas, identificou-se a importância da criação de um acervo de uma atividade extensionista. Para tanto, os documentos foram separados por meio das categorias ano/atividade e as entrevistas foram gravadas, transcritas e enviadas para os entrevistados realizarem possíveis modificações. Então, houve uma análise entre as informações contidas nos documentos e nas entrevistas, em que algumas eram incongruentes. Ao final, foi criado um acervo documental no *Tumblr* contendo documentos disponibilizados, resumos em anais e artigos publicados - derivados de ações da LiS - e redes sociais da mesma. **Discussão:** As ações de extensão universitária têm grande importância, pois organizam e desenvolvem ações para além dos muros das universidades. Por isso, demonstra-se importante realizar o mapeamento das ações desenvolvidas por projetos acadêmicos, com intuito de criar um acervo, colocar em evidência e divulgar as atividades já realizadas pelas mesmas por meio dos *sites* das instituições. Isso pode colaborar para a organização das atividades já realizadas e planejamentos futuros, além de contribuir para um não apagamento da história, pois alguns de seus elementos, quando não documentados, podem se perder na memória dos sujeitos (Pimentel, 2001). Também, é importante analisar quais e como foram feitas as articulações entre as ações de ensino,

pesquisa e extensão, com intuito de fortalecer as práticas do tripé universitário dentro das atividades das universidades. **Considerações finais:** Sendo assim, a pesquisa articulou fontes documentais e fontes orais para recuperar aspectos históricos da liga e pensar em novas possibilidades de atuação. Baseado nisso, é possível pensar em uma maior articulação entre o tripé universitário. Por fim, com a creditação curricular de extensão - correspondente a 10% do total dos créditos curriculares (Brasil, 2018) -, alguns desafios surgem na sua implementação, além de empecilhos de operacionalização das extensões. Nesse sentido, este estudo pode apresentar-se como modelo. Portanto, a criação do acervo documental pode contribuir nesse processo de implementação e realçar a extensão nas instituições públicas. Também, evidencia-se a necessidade da disponibilização do mesmo - que muitas vezes não acontece - nas redes sociais e institucionais.

**Palavras-chave:** *História da Psicologia, Micro-História, Extensão Universitária.*

## Referências

- Brasil (2018). *Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018 - Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira*. Brasília.
- Delgado, L. de A. N., & Ferreira, M. de M. (2014). História do tempo presente e ensino de História. *Revista História Hoje*, 2(4), 19–34. <https://doi.org/10.20949/rhhj.v2i4.90>
- Pimentel, A. (2001). O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de pesquisa*, 114, 179-195.
- Souza, L. S. de, Noguchi, C. de S., & Alvares, L. B. (2019). Uma nova possibilidade de construção do conhecimento em psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 237-251. Recuperado em 07 de agosto de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072019000100013&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100013&lng=pt&tlang=pt)

## **A expansão diagnóstica de TEA e TDAH: reverberações do mal-estar na infância contemporânea**

*Trabalho de Graduação - Psicanálises*

**Maria Paula Cunha Souza e Carrijo Pereira<sup>1</sup>** [mpaulacarrijo@gmail.com](mailto:mpaulacarrijo@gmail.com)

**João Luiz Leitão Paravidini<sup>1</sup>** [jlparavidini@gmail.com](mailto:jlparavidini@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Com a aproximação da psiquiatria com as neurociências, estruturou-se um novo modo de elaboração de categorias diagnósticas, onde o cérebro ganha um lócus privilegiado de manifestação das denominadas, anteriormente, doenças mentais. O discurso psiquiátrico que antes se restringia ao campo médico logra espaço em outros âmbitos da sociedade, circulando amplamente em instituições, como a família e a escola. Diante de um novo modo de produção de diagnósticos, duas chaves de leitura diagnóstica alcançam um lugar de prevalência, sendo eles: o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). **Objetivo:** O presente trabalho buscou realizar um percurso pelos determinantes históricos e sociais que elevaram o TEA e o TDAH a *nomenclaturas diagnósticas* privilegiadas, visando tecer o que esses diagnósticos apontam e ao mesmo tempo escondem do mal estar das crianças na contemporaneidade. **Método:** Foi utilizado o método psicanalítico, que consiste na “interpretação de atos e produções psíquicas a fim de reconstruir os processos que os geraram, tanto intra-individuais quanto relacionais” (Mezan, 2007). Buscando seguir a proposta de uma “psicanálise aplicada” (Freud, 1996/1917), em que Freud demonstra que a teoria psicanalítica não se reduz à prática clínica e individual, sendo extensiva também à cultura. **Resultados:** Esse trabalho buscou apontar a necessidade de fazer uma diferenciação entre um aumento em si da incidência de autismo e de hiperatividade nas crianças e o aumento da aplicação dessas categorias diagnósticas às crianças. Pois, existe uma diferença entre uma epidemia diagnóstica e uma epidemia de categorias diagnósticas (Jerusalinsky, 2017). Dessa forma, mostra-se necessário pensar como a ascensão e produção do TEA e do TDAH partem também de um *sintoma social*, que nos diz do modo de estabelecimento de laços que temos hoje. Ainda é importante considerar o que o percurso histórico dessas duas *nomenclaturas diagnósticas* aponta para uma generalização, onde variados sintomas possam ser abarcados dentro de uma mesma categoria, apagando de sua elaboração o mal-estar e o sofrimento singular do sujeito, dinâmica essa que reflete na mudança do discurso dos pais que chegam à clínica hoje buscando tratamento para seus filhos e em um deslocamento da posição da escola diante dos alunos, onde ambas as instituições se aproximam cada vez mais de um saber médico psiquiátrico. **Discussão e Considerações**

**finals:** Nesse sentido, a difusão do discurso médico científico para outros âmbitos da sociedade e os modos de se fazer laço na contemporaneidade (Paravidini, Neves & Araújo, 2019) desvelam a expansão de uma sintomatologia que está presente nos quadros de TEA e TDAH, mas que também devem ser pensadas de uma maneira crítica, entendendo que nem todo sofrimento na infância pode ser lido como autismo ou hiperatividade. Portanto, não se trata de desconsiderarmos crianças que apresentam um fechamento ao outro ou uma agitação que a impede de permanecer em uma atividade, mas de nos lembarmos de que seu sintoma tem uma dimensão de verdade, que nos conta de uma resposta singular, de um modo de lidar com esse contexto familiar e social que se apresenta.

**Palavras-chave:** *Infância, TEA, TDAH, Contemporaneidade, Mal-Estar.*

## Referências

- Freud, S. (1996). Conferência XVI. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Jerusalinsky, J. (2017, abril). Atenção: Nem todo sofrimento na primeira infância é autismo, mas precisa ser tratado favorecendo a constituição. Trabalho apresentado na *V Jornada do Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública (MPASP), Porto Alegre. Recuperado de* [https://appoa.org.br/correio/edicao/266/atencao\\_nem\\_todo\\_sofrimento\\_na\\_primeira\\_infancia\\_e\\_autismo\\_mas\\_precisa\\_ser\\_tratado\\_favorecendo\\_a\\_constituida/455](https://appoa.org.br/correio/edicao/266/atencao_nem_todo_sofrimento_na_primeira_infancia_e_autismo_mas_precisa_ser_tratado_favorecendo_a_constituida/455)
- Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?. *Natureza humana* , 9(2), 319-359. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&tlang=pt).
- Paravidini, J. L. L., Neves, A. N. & Araújo, S. A. S. (2019). A perda da experiência de si na infância no cenário neoliberalista: o ritmo do desamparo social. *Revista Crítica Cultural*, 14(1), 57-70. Recuperado de <https://doi.org/10.19177/rcc.v14e1201957-70>

## **A necessidade de atendimento psicológico para gestantes em situação de cárcere**

*Trabalho de Graduação - Psicologia e Políticas Públicas*

**Heloísa Frederico Cardoso<sup>1</sup>** [heloisacardoso2002@gmail.com](mailto:heloisacardoso2002@gmail.com)

**Anna Carolina Rodrigues Chaves<sup>1</sup>** [annacarolinachaves30@gmail.com](mailto:annacarolinachaves30@gmail.com)

**Nathalia Martins de Paulo Candido<sup>1</sup>** [nathalia.martins47@outlook.com](mailto:nathalia.martins47@outlook.com)

**Telmo Rodrigues Batista Filho<sup>1</sup>** [telmorodriguespsi@gmail.com](mailto:telmorodriguespsi@gmail.com)

**Betielli Barboza da Silveira<sup>1</sup>** [bettieli.silveira@uemg.br](mailto:bettieli.silveira@uemg.br)

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais

**Introdução:** A gestação trata-se de um período de mudanças nos âmbitos da vivência da mulher, marcada por momentos de ansiedade e entre outros fatores (Benincasa et al., 2019), com isso, em 2021, foram calculadas 622 mulheres gestantes ou lactantes privadas de liberdade no Brasil (SISDEPEN, 2022). Portanto, busca-se compreender três questões principais: a realidade das gestantes no cárcere; a interseção das vulnerabilidades biopsicossociais frente ao desenvolvimento do feto; e a importância da psicologia frente aos aspectos referenciados. **Objetivo:** Promover a reflexão sobre a necessidade da atenção psicológica para as gestantes frente à situação de cárcere. **Método:** Esta pesquisa adotou uma abordagem exploratória descritiva com revisão de artigos nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (Scielo), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Os critérios utilizados para a seleção foram os seguintes eixos norteadores: 1) textos em português; 2) ser referentes ao contexto brasileiro; 3) parâmetro cronológico: 2016-2022; 4) artigos completos disponibilizados nas bases. Com posse dos dados, foram apreciados à luz da Análise Temática. **Resultados:** Segundo dados disponibilizados pelo SISDEPEN (Sistema de Dados Estatísticos Penitenciários), entre janeiro e junho de 2022, a população carcerária totalizou 652.007, sendo 4,4% (28.699) a população feminina. Além disso, foram calculadas 67 celas próprias para gestantes no país e, como capacidade máxima dedicada para berçários e creches, respectivamente, foram 487 e 181 vagas (SISDEPEN, 2022). Já em relação a prestação de serviço penitenciário, dentre as estatísticas divulgadas, o serviço de psicologia, no mesmo ano, contava com 1222 profissionais, contratados ou temporários, em serviço para detentos e funcionários das instituições. Outrossim, das 5.248.372 consultas multidisciplinares registradas entre a população penitenciária geral, somente 8,9% foram de atendimento psicológico com mulheres (SISDEPEN, 2022). Além disso, foi constado que a permanência no cárcere pode afetar negativamente o desenvolvimento infantil (Franga,

2020). **Discussão:** A partir da análise dos dados, é possível vislumbrar outros obstáculos ao processo gestacional, assim como o manejo dos preconceitos atinentes, fomentando uma nova pena, associada à precarização da assistência à saúde (Santana et al., 2017). Já em relação ao desenvolvimento infantil, como apontado por Franga (2020), as condições precárias e estressantes do ambiente podem refletir posteriormente no desenvolvimento da criança. Outrossim, também constatado por Nascimento e Bandeira (2018), o profissional inserido auxiliaria frente a valorização dos direitos humanos, prevenção de saúde, na elaboração de enfrentamento, entre outros fatores. **Considerações finais:** Portanto, perante a análise dos materiais, foi possível a constatação da importância da realização de mais pesquisas sobre o tema e a necessidade da atenção psicológica e políticas públicas frente à gestação no cárcere. Além disso, visto que as vulnerabilidades do contexto e as mudanças naturais do ciclo podem gerar sofrimento mental, o cuidado com tais mulheres apresenta influência direta no desenvolvimento infantil de seus filhos e na implicação dos direitos de ambos.

**Palavras-chave:** Cárcere, Gestação, Prisão.

## Referências

- Benincasa, M., de Freitas, V. B., Romagnolo, A. N., Januário, B. S., & Heleno, M. G. V. (2019). O pré-natal psicológico como um modelo de assistência durante a gestação. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 22(1), 238-257.
- Fraga, G. S. (2020). *Maternidade no contexto do cárcere: análise de ações efetivas de proteção ao desenvolvimento seguro materno-infantil* (Doctoral dissertation, brasil).
- Nascimento, L. G. D., & Bandeira, M. M. B. (2018). Saúde penitenciária, promoção de saúde e redução de danos do encarceramento: desafios para a prática do psicólogo no sistema prisional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 102-116.
- Santana, A. T., Oliveira, G. R. D. S. A., & Bispo, T. C. F. (2016). Mães do cárcere: vivências de gestantes frente à assistência no pré-natal. *Revista baiana de Saúde pública*, 40(1).
- Secretaria Nacional de Políticas Penais. (2022). SISDEPEN - Sistema de Dados Estáticos Penitenciário. Governo Federal. <https://www.gov.br/depn/pt-br/servicos/sisdepen>.

## Concepções atreladas a gênero e seus impactos sociais: análise do filme “Barbie”

*Trabalho de Graduação - Sexualidade e Gênero*

**Leticia Ghislotti Araujo<sup>1</sup>** [leticia.1594315@discente.uemg.br](mailto:leticia.1594315@discente.uemg.br)

**Erika Palis Alves<sup>1</sup>** [erika.1594240@discente.uemg.br](mailto:erika.1594240@discente.uemg.br)

**Victoria Luna de Oliveira<sup>1</sup>** [victoria.1593897@discente.uemg.br](mailto:victoria.1593897@discente.uemg.br)

**Débora Ferreira Bossa<sup>1</sup>** [debora.bossa@uemg.br](mailto:debora.bossa@uemg.br)

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais

**Introdução:** A organização social e a construção simbólica da vida humana são reguladas pelas dimensões de gênero, pelas estruturas de poder (Arruda, 1995). Essa construção social e histórica colocou a mulher em um lugar de vulnerabilidade, enquanto ao homem foi destinado à posição de domínio, tendo a mulher e os filhos como elementos de sua propriedade, ou seja, considerados como bens, tal como preconiza a lógica capitalista articulada ao patriarcado (Dias & Machado, 2008). **Objetivo:** Este texto tem o objetivo de investigar os efeitos do patriarcado nas relações de gênero, tendo como material de análise a obra cinematográfica Barbie (Gerwig, 2023). **Método:** O estudo tem como metodologia a análise documental, com enfoque crítico e qualitativo. **Resultados:** O filme Barbie (Gerwig, 2023), provocou intensas discussões a respeito de seu conteúdo e roteiro, isso porque, colocou em questão um importante tema de debate: as relações de gênero a partir do patriarcado. No enredo, as mulheres denominadas como Barbie ocupam lugares de domínio e prestígio na Barbielandia, e ao Ken, que denomina as pessoas do gênero masculino, foi delegado os lugares de coadjuvantes na sociedade. **Discussão:** As temáticas abordadas na obra dizem respeito ao patriarcado, corpos idealizados, a performance de feminilidade às mulheres, crise de identidade, questões relacionadas à saúde mental, e insegurança. Com isso, é possível recorrer ao conceito de representações sociais, o qual corresponde a “um conjunto de conceitos, preposições e explicações criado na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual” (Moscovici 1981, pp.181). Segundo Zanello (2023), “os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar os homens”, demonstrando que mulheres são socializadas para a submissão e dependência da figura masculina. O filme aborda um mundo em que as mulheres ocupam posições de prestígio, contudo, Barbie, ao viajar da Barbielandia para o mundo real, deparou com um contexto diferente da organização política de seu mundo, e a partir desse estranhamento iniciou-se o conflito e questionamento de papéis e identidades sociais. **Conclusão:** Compreende-se que as construções discursivas em torno das dimensões de gênero produzem efeitos na organização social, bem como os destinos dos corpos femininos e masculinos. Contudo, o filme deixou de abordar as questões de racialidade, destinando a

discussão em privilégio de corpos brancos, ou seja, embora aponte para a discussão das relações de poder, ainda mantém o discurso hegemônico sustentado pela branquitude. Para se construir uma discussão sobre o filme, no Brasil, é necessário considerar as composições históricas e políticas dos corpos de mulheres em suas diferentes classes sociais e etnias. A discussão de gênero deve não deve se reduzir à dimensão binária, o que foi apartado no filme. Além disso, deve-se compreender também aspectos históricos e geopolíticos de cada país, bem como a Psicologia deve estar atenta a esses territórios de discussões, uma vez que a construção de uma Psicologia democrática e engajada com questões sociais deve passar pela análise dos atravessamentos políticos nas subjetividades e coletividades.

**Palavras-chave:** *Gênero, Patriarcado, Invisibilidade, Modelo Social.*

## Referências

- Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 117. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000300007&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000300007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 08 de agosto de 2023.
- Beauvoir, S. (1949). *O segundo sexo*. Nova Fronteira.
- Dias, A. R. C., & Machado, C. (2008). Gênero e violência conjugal - Uma relação cultural. *Análise Psicológica*, 4, 571-586.
- Figueiredo, N. M. A. (2007). *Método e metodologia na pesquisa científica* (2a ed.). São Caetano do Sul, São Paulo: Yendis Editora.
- Foucault, M. (1998). *História da Sexualidade 2. O Uso dos Prazeres* (M. T. C. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (2005). *A Mulher*. In M. T. C. Albuquerque (Trad.), *História da Sexualidade III: cuidado de si* (8a ed., pp. 147-186). São Paulo: Graal.
- Gerwig, G. (Diretor). (2023). *Barbie* [Filme]. Mattel Entertainment.
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D., & Guindani, J. F. (2008). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 1(1). Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 01 ago. 2023.
- Scott, W. J. (1993). *Mulher trabalhadora*. Em G. Duby & M. Perrot (Orgs.), *História das Mulheres*. Porto Alegre: Afrontamento.
- Serge Moscovici. (2009). Representações sociais: investigações em psicologia social. Vozes.
- Torrao Filho, A. (2005). *Gender issue: where masculine and feminine meet*. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 24. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100007&lng=en&nrm=iso)

[83332005000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 09 de agosto de 2023.

Zanello, V. (2023). *A Prateleira do Amor: Sobre Mulheres, Homens e Relações*. Editora Appris.

## **Ensino remoto na Universidade Federal de Uberlândia e o processo de escolarização dos (as) estudantes com deficiência**

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar e Educacional*

**Sofia Moretti de Oliveira Campos**<sup>1</sup> [sofiamoretticampos@ufu.br](mailto:sofiamoretticampos@ufu.br)

**Juliana Rizza Ribeiro Batista**<sup>1</sup> [julianarizza4@gmail.com](mailto:julianarizza4@gmail.com)

**Viviane Prado Buiatti**<sup>1</sup> [vivibuiatti@ufu.br](mailto:vivibuiatti@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O ingresso e permanência de pessoas com deficiência no ensino superior no Brasil é um direito fundamental instaurado pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146/2015). Nele, explicita-se o direito à educação inclusiva em todos os níveis de aprendizado, visando propiciar o maior alcance possível do desenvolvimento pessoal, de acordo com as necessidades individuais. No contexto da pandemia de COVID-19, foi implantado o ensino remoto para dar continuidade aos estudos em diferentes níveis de ensino. **Objetivo:** Este trabalho investigou os enfrentamentos das pessoas com deficiência no ensino superior com estudantes da Universidade Federal de Uberlândia aprovados por cotas de 2018 até 2021, durante o ensino remoto, identificando dificuldades deste público e apontamentos a serem implantados ou modificados. **Método:** Foi elaborado um questionário, enviado por e-mail a 171 estudantes da Universidade e respondido por 7 deles, declarando leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Realizou-se um estudo qualitativo de análise de conteúdo das respostas. As categorias construídas foram: caracterização dos participantes; relação entre universidade e acessibilidade; formação docente e inclusão; núcleos de acessibilidade das instituições de ensino superior; dificuldades, facilidades e possíveis caminhos no contexto de ensino remoto; e mudanças necessárias para a promoção da escolarização das pessoas com deficiência no ensino presencial e remoto. **Resultados:** Quanto à especificidade da deficiência, três alunos possuem deficiência física, dois baixa visão, um deficiência intelectual e outro deficiência auditiva. Todos(as) os(as) participantes cursaram o ensino remoto. Os(as) discentes identificaram que, remotamente, a Universidade não estaria tão preparada para oferecer atendimento a pessoas com deficiência. Apontaram a pouca qualificação na formação docente para atender essa população, e somente 4 dos 7 discentes conheciam a divisão responsável pela assistência dessa demanda. A maior dificuldade enfrentada foi a de elaboração de material didático (envio dos materiais a serem estudados em aula, formas de avaliações e atividades, tempo das realizações de atividades, formato das aulas síncronas e assíncronas, entre outros). Também foram citados

problemas em promoção de acessibilidade na comunicação, disponibilização de equipamentos tecnológicos específicos, didática dos professores e falta de assistência. **Discussão:** Apesar de um estudo realizado por Freire, Paiva & Fortes (2020) em 141 instituições de ensino superior públicas no Brasil apontar boa infraestrutura, equipamentos de apoio e suporte educacional e digital aos estudantes, a pesquisa realizada com estudantes da UFU demonstra a necessidade de uma noção de responsabilidade conjunta dos gestores de instituições, devendo proporcionar condições financeiras, estruturais e de formação para que os docentes possam atuar de maneira inclusiva. Também foi identificada necessidade de maior visibilidade ao núcleo direcionado ao apoio ao estudante com deficiência na UFU, responsável por proporcionar materiais especiais que facilitem tanto o aprendizado discente como a prática docente. **Considerações finais:** Para que se amplie o alcance da inclusão, é de extrema importância que as dimensões de acessibilidade sejam realmente efetivadas, buscando aplicá-las em todos os ambientes das instituições de ensino e isto se inicia com as mudanças atitudinais individuais, coletivas, sociais e institucionais.

**Palavras-chave:** *Pessoas com deficiência, Ensino Superior e Remoto, Equidade.*

## **Referências**

- Brasil, LEI N° 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).
- Freire, A. P.; Paiva, D. M. B. & Fortes, R. P. M. (2020). Acessibilidade digital durante a pandemia da COVID-19 – Uma investigação sobre instituições de ensino superior públicas brasileiras. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, 28(1), pp. 956-984.

## Conflito trabalho-família em mulheres

*Trabalho de Graduação - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

**Heloisa Carlos Reis<sup>1</sup>** [heloisa.reis@ufu.br](mailto:heloisa.reis@ufu.br)

**Fernanda Fonseca Simões<sup>1</sup>** [Fernanda.simoes@ufu.br](mailto:Fernanda.simoes@ufu.br)

**Ana Júlia Calegari Torres<sup>1</sup>** [ana.calegari@ufu.br](mailto:ana.calegari@ufu.br)

**Larissa Mahler Martins<sup>1</sup>** [larissa.mahler@ufu.br](mailto:larissa.mahler@ufu.br)

**Heila Magali da Silva Veiga<sup>1</sup>** [heila.veiga@ufu.br](mailto:heila.veiga@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O conflito trabalho-família, experimentado por mulheres, emerge quando as responsabilidades profissionais e familiares se chocam de maneira intransponível. O desequilíbrio é historicamente reforçado por uma divisão de gênero arraigada, onde mulheres enfrentam expectativas tradicionais, assumindo o fardo desproporcional de cuidados e tarefas domésticas. Como resultado, a tensão entre papéis pode gerar níveis significativos de estresse e tensão, que são exacerbados pela falta de ajustes nas horas trabalhadas. Além disso, mulheres continuam a enfrentar discriminação no ambiente de trabalho, recebendo menos oportunidades, remuneração inadequada e barreiras à progressão. Portanto, o conflito trabalho-família, particularmente para as mulheres, é um desafio substancial que tem implicações profundas em termos de saúde mental, equidade de gênero e realização profissional. **Objetivo:** Investigar os principais fatores do conflito trabalho-família em mulheres e compreender seu impacto no desempenho e crescimento profissional delas nas organizações. **Método:** Revisão bibliográfica, utilizando os descritores (conflito trabalho família) AND (mulheres). Abordando artigos publicados nos últimos 5 anos (2017-2022) na plataforma periódicos CAPES. Inicialmente, a busca resultou em 140 artigos. A aplicação dos filtros (artigo científico), (língua portuguesa) e (2017-2022) reduziu o número para 30 artigos. Foram excluídos estudos como relatos de caso, revisões bibliográficas e aqueles que não mencionavam os termos (conflito trabalho família) e (mulheres) no título ou resumo, resultando em 10 artigos para análise. **Resultados:** Em um estudo com dez análises, cinco foram qualitativas, utilizando entrevistas semiestruturadas com grupos múltiplos de mulheres, enquanto cinco foram quantitativas, com caráter descritivo exploratório, com questionários e escalas de percepção. As pesquisas revelaram que a sobrecarga das mulheres em relação aos deveres domésticos, especialmente para aquelas com filhos, contribui significativamente para o conflito trabalho-família. Fatores como a gestão do tempo e a realização de atividades profissionais em casa emergem como potenciais amplificadores dos conflitos. A desigualdade de gênero, persistente ao longo do tempo e entre diferentes culturas,

se reflete na distribuição assimétrica das tarefas domésticas e em seu impacto no equilíbrio entre trabalho remunerado e não remunerado. Mulheres continuam a assumir desproporcionalmente a responsabilidade pelo cuidado dos filhos. Essas obrigações limitam as oportunidades de trabalho, apesar do desejo de uma carreira. **Discussão:** A partir dos dados apresentados, observa-se uma acentuada influência do conflito trabalho-família nas vidas das mulheres. A sobrecarga decorrente das responsabilidades domésticas, particularmente para aquelas que também são mães, revela-se como um fator de significativa importância nesse contexto. O desequilíbrio na distribuição de tarefas e o impacto negativo sobre o equilíbrio entre trabalho remunerado e não remunerado destacam-se como impulsionadores do conflito. A desigualdade de gênero é claramente perceptível na maneira como as obrigações de cuidado são atribuídas, a carga desproporcional restringe as oportunidades de progresso profissional, minando seus objetivos de carreira. **Considerações finais:** Os dados apresentados apontam para a urgência de ações e políticas que abordem a desigualdade de gênero no local de trabalho, bem como proporcionem suporte eficaz para ajudar as mulheres a gerir de forma mais efetiva o conflito trabalho-família, contribuindo para uma sociedade com mais equidade de gênero.

**Palavras-chave:** *Conflito trabalho-família, Mulheres, Saúde mental.*

## As críticas ao sexo heteronormativo e a proposta de uma outra sexualidade travesti em ‘pajubá’ de Linn da Quebrada

*Trabalho de Graduação - Sexualidade e Gênero*

**Marlon de Oliveira Cunha<sup>1</sup>** [marlonoliv@ufu.br](mailto:marlonoliv@ufu.br)

**Emerson Fernando Rasera<sup>1</sup>** [emersonrasera@gmail.com](mailto:emersonrasera@gmail.com)

<sup>1</sup>Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A cultura e os produtos culturais desempenham um papel fundamental na construção de nossa subjetividade, influenciando nossa forma de pensar, sentir, agir e nos relacionar com o mundo ao nosso redor. No campo da sexualidade e do gênero, a música de artistas queer tem produzido outros discursos, imagens e performatividades para a crítica e transformação das sexualidades hegemônicas. **Objetivo:** O estudo busca analisar como os relacionamentos afetivo-sexuais são apresentados no álbum Pajubá de Linn da Quebrada, especialmente, no que se refere às críticas ao sexo heteronormativo e à proposta de uma outra sexualidade travesti. **Método:** A análise de conteúdo foi utilizada para compreender o significado que está presente nos vídeos e músicas, visando descobrir padrões, temas, tendências e significados subjacentes nos dados analisados. **Resultados Parciais:** Nas canções de Linn da Quebrada, há uma crítica à heteronormatividade que atravessa a comunidade LGBT, por meio da denúncia de certas masculinidades e por sua reprodução nos relacionamentos afetivo-sexuais. Analisando os versos da canção ‘Transudo’, especificamente, “Tá pagando de transudo / Se achando o maior vilão / Quer enganar que pega todas / Que vive no luxo, só na ostentação” e, mais adiante, “Um pinto gigante / Que bate na testa”, observa-se como o personagem descrito assume o papel de homem viril, ativo e cheio de lábia. Por outro lado, na composição ‘Pare Querida’, em versos como “Tu vem me dizer que só trepa com homem bombado / Apenas pare, querida / Vem fuder com os vyado”, Linn da Quebrada expõe como se reproduz tal heteronormatividade. Seu convite é para que não sei caia nesse “conto-de-foda”. Quando canta sobre seu desejo e sobre sua sexualidade, Linn também canta sobre novos modos de se relacionar consigo mesma. Na canção “Dedo Nucué”, interpretada por Linn da Quebrada e Mulher Pepita, “Dedo nucué tão gostoso / Eu vou bater uma curirica / E vou lamber meu próprio gozo” retrata o sexo consigo própria, a masturbação anal que, de forma irônica, é chamada de curirica. Nota-se que é uma canção que coloca a posição sexual de passividade no foco, excluindo a necessidade de um outro ativo para satisfação da pessoa. Aqui, a ‘bixa travesty’ é a dona do próprio corpo, dona do próprio rabo. **Discussão e Considerações Finais:** Através da música, Linn da Quebrada vem pensando estratégias de combater a heteronormatividade e criar um ambiente inclusivo e diversificado que desafia as

normas sociais restritivas em relação à orientação sexual e a identidade de gênero. A música tem o poder de influenciar a cultura e pode ser uma ferramenta para promover a transformação dos regimes de verdade sobre o gênero e a sexualidade.

**Palavras-chave:** Teoria Queer, Arte, LGBTQIA+, Gênero.

## A atuação de egressas(os) em Psicologia da UFU junto à área escolar e educacional

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar e Educacional*

**Beatriz Harumi Nishiyama<sup>1</sup>** [beatriz.nishiyama@ufu.br](mailto:beatriz.nishiyama@ufu.br)

**Anabela Almeida Costa e Santos Peretta<sup>1</sup>** [anabela@ufu.br](mailto:anabela@ufu.br)

**Cirlei Evangelista Silva<sup>1</sup>** [cirleievangelista@ufu.br](mailto:cirleievangelista@ufu.br)

**Luciana Pereira de Lima<sup>1</sup>** [luciana.lima@ufu.br](mailto:luciana.lima@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A partir do trabalho de Maria Helena Souza Patto (1984) intitulado *Psicologia e Ideologia – uma introdução crítica à Psicologia Escolar*, iniciou-se um movimento de questionamentos sobre o papel da Psicologia no campo educacional e os pressupostos que guiavam esse conhecimento. Desde então, a Psicologia Escolar e Educacional tem procurado desenvolver uma atuação crítica que priorize transformações e incentive os processos reflexivos, para que, assim, possam ser ressignificados saberes e fazeres do campo da Educação. **Objetivo:** Neste contexto, este estudo teve como objetivo investigar a atuação de egressas(os) do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia que atuam diretamente na área escolar e educacional. **Método:** Para tal, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa, utilizando-se de questionário eletrônico e entrevista semiestruturada, tendo como referencial teórico a Psicologia Escolar Crítica. Neste estudo serão analisadas somente as informações obtidas por meio do questionário eletrônico, que foi respondido por 10 profissionais egressas(os) do curso de Psicologia UFU, concluintes no período de 2011 a 2021, com idades entre 24 e 32 anos, sendo que a maioria se identificou com o gênero feminino, se autodeclarou branca e sem deficiência, tendo finalizado a graduação dentro do período formal de 5 anos. **Resultados:** As informações apontaram que, apesar de possuírem entre 3 e 7 anos de conclusão do curso, a maioria das(os) egressas(os) está há menos de 2 anos atuando na área como profissionais contratados junto ao setor privado, trabalhando entre 20 e 45 horas semanalmente e recebendo até 2 salários-mínimos. O referencial teórico que utilizam em sua prática é a Psicologia Histórico-Cultural, atuam junto a adolescentes/jovens, crianças, adultos e bebês, realizando atividades com alunos/a, famílias e profissionais da Educação, como avaliação da aprendizagem; intervenções junto aos professores, famílias e estudantes; realização de palestras, reuniões e projetos; docência em disciplinas. **Discussão:** Percebe-se que as(os) egressas(os) se encontram em situação precária em razão da dificuldade de se adentrar no mercado de trabalho, trabalhar um número significativo de horas semanais, além de receberem um salário não condizente com sua profissão e atuação. Nesse sentido, uma formação voltada para reflexões, discussões e conscientização sobre políticas públicas e

participação ativa em organizações sociais e representativas de classe deveria ocupar lugar de destaque nas universidades, ao contribuir para a formação de profissionais engajados e impelidos a buscarem transformações não somente em seu espaço individual de atuação, mas também em contextos sociais e políticos que se relacionam com a coletividade. Um fator positivo é que o referencial teórico apontado pelas(os) egressas(os) favorece que a(o) profissional assuma um compromisso de transformação com as questões da sociedade e da escola. Nesse processo, a(o) psicóloga(o) deve investir na construção de uma postura crítica e criativa e estar sempre aberta(o) aos desafios e às possibilidades presentes nos contextos educacionais. **Considerações Finais:** A partir do exposto, observa-se que as informações construídas na pesquisa indicam elementos relevantes que poderiam ser mantidos e/ou aperfeiçoados na formação de discentes em Psicologia UFU, em interlocução com os avanços e desafios identificados na atuação profissional junto à Educação.

**Palavras-chave:** *Psicologia Escolar e Educacional, atuação, egressas(os) UFU.*

## Referências

- Guzzo, R. S. L. (2002). Novo paradigma para a formação e atuação do psicólogo escolar no cenário educacional brasileiro. In R. Guzzo (Org.), *Psicologia escolar: LDB e educação hoje* (pp. 131-144). Alínea.
- Moreira, A. P. G. & Guzzo, R. S. L. (2016). Situação-limite e potência de ação: Atuação preventiva crítica em psicologia escolar. *Estudos de Psicologia* (Natal) [online]. 2016, v. 21, n. 2, pp. 204-215. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160020>
- Mourão, L., Abbad, G. S., & Dutra-Thomé, L. (2022). O ingresso no mercado de trabalho: características do exercício profissional de recém-formados. In Conselho Federal de Psicologia (Brasil), *Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro: volume I : formação e inserção no mundo do trabalho* (1. ed., pp. 176-190). Conselho Federal de Psicologia.
- Patto, M. H. S. (1984). *Psicologia e Ideologia - uma introdução crítica à Psicologia Escolar*. Queiroz.
- Silva, S. M. C., Peretta, A. A. C. S., Rezende, P. C. M., Silva, A. C. O., Souza, C. S., Nasciutti, F. M. B., Oliveira, J. O., Sousa, L. R., Guimarães, N., & Soares, S. S. (2014). Atuação do psicólogo na rede pública de educação de Minas Gerais. In M. P. R. Souza, S. M. C. Silva, & K. Yamamoto (Orgs.), *Atuação do psicólogo na educação básica: concepções, práticas e desafios* (pp. 115-141). EDUFU.

## Como a criança em idade escolar aprende?: relato de uma experiência

*Trabalho de Graduação - Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*

**Gabriela Luiza Oliveira<sup>1</sup>** [gabriela.luizaa@ufu.br](mailto:gabriela.luizaa@ufu.br)

**Maria Clara Marquez Pajuaba<sup>1</sup>** [maria.pajuaba@ufu.br](mailto:maria.pajuaba@ufu.br)

**Maria Paula Alves<sup>1</sup>** [maria.alves6@ufu.br](mailto:maria.alves6@ufu.br)

**Mariê Machado Sales<sup>1</sup>** [marie.machado@ufu.br](mailto:marie.machado@ufu.br)

**Carmen Lúcia Reis<sup>1</sup>** [carmenreis@ufu.br](mailto:carmenreis@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Jean Piaget é bastante conhecido e discutido no campo do desenvolvimento infantil. Mediante observações sistemáticas de crianças, o referido autor procurou compreender o sujeito em seu processo de construção do conhecimento. Sua teoria é nomeada construtivismo, o qual considera que o conhecimento é engendrado pela elaboração contínua das operações exercidas pelo ser humano e das novas estruturas formadas a partir destas operações. Compreende-se que nada está pronto, acabado, e que o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ao contrário, ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que, para essa abordagem não se desenvolve o pensamento sem a ação. Assim, o desenvolvimento acontece em períodos denominados: sensório motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. **Objetivo:** Compartilhar uma experiência de sondagem realizada com uma criança em idade escolar para compreender o processo de desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social a luz da teoria piagetiana. **Método:** Trata-se de um relato de prática realizada na disciplina Psicologia do Desenvolvimento 2, oferecida no 4º período do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, para compreender o processo de aquisição da leitura, da escrita e do pensamento lógico-matemático de uma criança. Essa atividade aconteceu no Centro de Psicologia (CENPS UFU) e em uma escola de futebol frequentada pela criança, no segundo semestre de 2022. Participou uma criança de 10 anos de idade, do sexo masculino, cor branca, que estudava no 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede de ensino particular e seus pais. As atividades propostas: encontro com a criança para entrevista, avaliação da leitura, da escrita e do número; entrevista com os pais; e, observação durante a aula de futebol. **Resultados:** As atividades propostas possibilitaram compreender o processo de desenvolvimento da criança nos aspectos físico, emocional, cognitivo e social como estudado. A criança mostrou domínio da coordenação motora fina e grossa, ter consciência

corporal e compreender o sentido das regras. Nas atividades da leitura, da escrita e do número, a criança revelou capacidade de interpretação, demonstrando repertório, compreensão de palavras ambíguas e raciocínio lógico. **Discussão:** A experiência de sondagem, à luz da teoria piagetiana, levanta a questão de como as práticas pedagógicas podem ser adotadas para promover e facilitar o processo de construção de conhecimento das crianças. **Conclusão:** A atividade possibilitou a articulação entre teoria e prática, de modo que foi possível compreender a criança em idade escolar nos âmbitos psicológicos, físicos e sociais. Assim, o exercício reforçou a importância da interação ativa com o meio das experiências vividas para construção do conhecimento. A prática compartilhada ressalta a relevância de abordagens práticas para compreensão do desenvolvimento infantil e sua relação com as atividades do cotidiano.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento, Criança Idade Escolar, Jean Piaget.

## Referências

- Ferreiro, E. & Teberosky, A. (1999). Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed.
- Kamii, C. (2012). A criança e o número: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos. Campinas: Papirus.
- Piaget, J. (2021) A Psicologia da Criança. (11<sup>a</sup> ed.) Rio de Janeiro: Difel.
- Piaget, J. (2021). Seis Estudos de Psicologia. (25<sup>a</sup> ed.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.

## Atuar na extensão “medicalização da educação e da vida: saberes e fazeres”: contribuições para formação em Psicologia

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar e Educacional*

**Isabela Bacani Pereira<sup>1</sup>** [isabacani@ufu.br](mailto:isabacani@ufu.br)

**Eduarda Ferreira Furtado Gomes<sup>1</sup>** [eduarda.gomes@ufu.br](mailto:eduarda.gomes@ufu.br)

**Carmen Lúcia Reis<sup>1</sup>** [carmenreais@ufu.br](mailto:carmenreais@ufu.br)

**Anabela Almeida Costa e Santos Peretta<sup>1</sup>** [anabela@ufu.br](mailto:anabela@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A discussão a respeito da medicalização da vida vem ganhando espaço nos meios acadêmicos atuais, buscando discutir uma lógica normatizante que busca estabelecer padrões estritos de como ser e viver e do que é normal e o que é patológico. Entendemos medicalização como um processo no qual questões não médicas são abraçadas pelo saber médico-centrado e se tornam passíveis de intervenção, apagando o caráter social, político e cultural, que permeia a história do sujeito e suas relações com a comunidade. Tendo em vista as consequências e desdobramentos desse fenômeno, o projeto de extensão “Medicalização da Educação e da vida: saberes e fazeres”, iniciado em 2012 por duas docentes do Instituto de Psicologia da UFU, propõe a articulação entre entidades, grupos e pessoas para a reflexão sobre o fenômeno da medicalização da vida. Movimento elaborado e construído através do engajamento dos estudantes de Psicologia da UFU participantes do projeto, além da construção de pontes de comunicação com a comunidade externa realizada, principalmente, pela plataforma Instagram. **Objetivo:** Analisar como o projeto contribui/ contribuiu na formação acadêmica de estudantes que participam/ participaram como extensionistas, no que tange as suas reflexões e desconstruções acerca do tema; além de entender como a percepção desses integrantes foi afetada no que diz respeito ao seu papel enquanto futuro psicólogo frente a temática de medicalização da vida. **Método:** Coleta de relatos de ex-membros e membros atuais, a partir de um questionário contendo três perguntas, enviadas através das redes sociais ativas desses estudantes. **Resultados parciais:** Os resultados obtidos até agora revelam que o projeto teve um impacto positivo na formação acadêmica desses extensionistas, no sentido de que se tornaram mais críticos em relação ao processo de medicalização e aos impactos que ele pode gerar na saúde psíquica dos sujeitos. Além disso, relatam um olhar mais sensibilizado para a compreensão das questões e contextos em que atua a Psicologia, englobando não apenas questões físicas e biológicas que culpabilizam o sujeito, mas também entendendo a relevância da compreensão dos aspectos socioculturais que compõem sua trajetória de vida. **Discussão:** Na discussão dos resultados apresentados, é possível perceber que a participação de discentes

de Psicologia no referido projeto de extensão contribuiu positivamente no processo de formação acadêmica dos mesmos, enriquecendo suas reflexões e concepções a respeito do assunto e do papel que desejam desempenhar enquanto psicólogos. **Considerações finais:** Portanto, é notório a importância de projetos e espaços nos quais se discuta e se refletiu a respeito da medicalização, a fim de que seja propiciado o desenvolvimento de psicólogos críticos e conscientes em relação a esse fenômeno, além da formação de profissionais que buscarão atuar a partir de um olhar menos reducionista e mais humano em relação aos temas e contextos em que a Psicologia atua. Sendo assim, investir na construção de espaços de discussão, projetos de extensão e pesquisas sobre essa temática pode não só contribuir para o embasamento teórico desses estudantes, mas também influenciar na sua prática profissional enquanto psicólogos nas diversas áreas de atuação.

**Palavras-chave:** *Medicalização, Extensão Universitária, Formação.*

## **Referências**

- Freitas, F.; Amarante, P. (2017). *Medicalização em Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Manifesto Desmedicalizante e Interseccional: “Existirmos, a que será que se destina?”. (2020). *Movimento-Revista de Educação*, Niterói, 7 (15), 194-204. <https://doi.org/10.22409/mov.v7i15.43018>
- Oliveira, E. C. de, Viégas, L. de S., & Neto, H. da S. M. (2021) *Desver o mundo, perturbar os sentidos: caminhos na luta pela desmedicalização da vida*. EDUFBA.

## Grupo terapêutico sobre luto: planejamento e práticas desenvolvidas no estágio básico em Psicologia

*Trabalho de Graduação - Psicologia e Processos Grupais*

**Bárbara Beltrão Assunção de Farias**<sup>1</sup> [babi.farias2001@hotmail.com](mailto:babi.farias2001@hotmail.com)

**Laura Eduarda Siqueira de Amorim**<sup>1</sup> [laurasdeamorim@gmail.com](mailto:laurasdeamorim@gmail.com)

**Alina Mira Maria Coriolano**<sup>1</sup> [alina.coriolano@edu.ufes.br](mailto:alina.coriolano@edu.ufes.br)

**Juliana da Silva Ferreira**<sup>1</sup> [profissionaljulianaferreira@gmail.com](mailto:profissionaljulianaferreira@gmail.com)

**Millena Carla da Silva**<sup>1</sup> [millena17\\_2015@outlook.com](mailto:millena17_2015@outlook.com)

<sup>1</sup> Centro Universitário Brasileiro

**Introdução:** O luto é um processo psicológico de adaptação a uma experiência de perda, seja ela de natureza simbólica ou real, e sua elaboração ocorre de forma subjetiva (Franco, 2021). De acordo com Kluber-Ross (1969), o processo do luto acontece em cinco estágios: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação e não necessariamente possui uma ordem ou obrigatoriedade. Entendendo que o luto ainda é visto como um tabu em nossa cultura e pouco se fala abertamente sobre ele, dentro da proposta do componente curricular Estágio Básico em Psicologia II, construímos um grupo terapêutico visando discutir, de forma leve e didática, acerca do luto: estágios, identificação de sinais, formas nas quais o luto pode afetar todas as áreas da vida e a diferença entre o luto dito normal e patológico. A escolha por discutir esta temática através de grupo terapêutico se deu reconhecendo as potencialidades deste formato como o compartilhamento de experiências e informações. **Objetivo:** Apresentar e discutir sobre a experiência de planejamento e prática de um grupo terapêutico acerca do luto a partir do Estágio Básico em Psicologia II. **Método:** De acordo com o planejamento de cada encontro, sendo cinco ao todo, abordamos alguns temas, sendo respectivamente: o conceito do que era o luto, os tipos de luto e introdução às fases, e os três últimos, aprofundando nas fases. Inicialmente, o grupo foi composto por oito participantes, entre homens e mulheres, de 18 a 24 anos, todos estudantes universitários. Os encontros aconteceram semanalmente em salas da própria instituição de ensino. Durante os encontros, utilizamos como materiais: folhas de papel A4, piloto de quadro branco, caixa de som, canetas, bexigas, *notebook*, tintas, pincéis e *post-it*. **Resultados:** No primeiro contato com o grupo terapêutico, houve um certo receio em falar sobre o tema, por ser uma experiência nova e ser um assunto delicado, ainda visto como um tabu. Ao passar dos encontros, os participantes que se mantiveram presentes desenvolveram maior interação entre si, o que resultou em um compartilhamento rico e potente de experiências e debates. **Discussão:** De acordo com a teoria de Pichon-Rivière (1988), quanto aos papéis grupais, identificamos o papel da liderança e do porta-voz entre os

integrantes do grupo. Além disso, o fenômeno grupal da ressonância se fez presente quando os participantes compartilhavam suas experiências e ocorria uma identificação em grupo entre eles. Através disso, pôde-se perceber que houve uma mudança de pensamentos, ideias e até comportamentos quanto ao que antes entendiam sobre o que é o luto através das trocas de conhecimento e na relação empática estabelecida. **Considerações finais:** O planejamento e execução do grupo terapêutico foi bastante desafiador, porém enriquecedor em termos de conhecimento e experiência diante de diferentes possibilidades e visões de mundo. Aprendemos a manejar debates de um tema bastante delicado, por se tratar de perdas reais e simbólicas dos envolvidos; porém, foi uma experiência importante para nosso desenvolvimento como futuras profissionais de Psicologia, treinando nossa escuta e posição empática frente aos conteúdos trazidos pelos participantes.

**Palavras-chave:** luto, grupo terapêutico, estágio básico em psicologia.

## Referências

- FRANCO, M. H. P. O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus, 2021.
- KUBLER-ROSS, Elizabeth. Sobre a morte e o morrer. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 1985.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Teoria do vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

## Compreendendo a uberização: autogerenciamento subordinado

*Trabalho de Iniciação Científica - Psicologia Social e Comunitária*

**Pedro Lucas Rodrigues de Araújo**<sup>1</sup> [pedrolu.araujo@ufu.br](mailto:pedrolu.araujo@ufu.br)

**Pamela Rodrigues da Silva**<sup>1</sup> [pamela@ufu.br](mailto:pamela@ufu.br)

**Sofia Moretti de Oliveira Campos**<sup>1</sup> [sofiamoretticampos@ufu.br](mailto:sofiamoretticampos@ufu.br)

**Maristela de Souza Pereira**<sup>1</sup> [maristela.pereira@ufu.br](mailto:maristela.pereira@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A Uberização pode ser entendida como uma nova forma de gestão e controle da força laboral, representando também uma tendência à generalização em diversas frentes de trabalho. O trabalho uberizado ganhou visibilidade com o grande aumento de motoristas e entregadores por aplicativo, embora, é importante destacar, a uberização não se limite aos trabalhos mediados por plataformas digitais. Um dos principais aspectos desse fenômeno está na redução do trabalhador a um trabalhador *just-in-time*, que precisa estar permanentemente disponível, sendo remunerado apenas pelo período em que efetivamente realiza a atividade laboral. Partimos da noção de autogerenciamento subordinado para compreender esse fenômeno, a qual aponta para formas refinadas de controle pelas empresas aplicativo e para um processo de intensificação da precarização, ocultados pelo discurso ideológico do empreendedorismo. **Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo discutir a dinâmica laboral de entregadores por aplicativo da cidade de Uberlândia-MG, com enfoque mais específico em analisar como emerge no discurso desses trabalhadores a condição de autogerenciamento subordinado. **Método:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, parte do projeto multicêntrico intitulado “Nexos da Uberização: análise a partir dos trabalhadores”, na qual os dados foram construídos a partir de entrevistas com entregadores por aplicativo em Uberlândia-MG. O estudo, de caráter exploratório, contou com 40 participantes, que atuavam como entregadores por aplicativo. As entrevistas seguiram um roteiro pré-estabelecido, composto por 25 questões. No recorte que aqui apresentamos, será discutido o material obtido nas entrevistas relacionado à condição de trabalhadores autônomos, que na literatura pertinente é criticada a partir da noção do autogerenciamento subordinado. **Resultados:** De maneira geral, os participantes relataram que definem seus horários e dias de trabalho conforme metas diárias de remuneração, que nem sempre são cumpridas. Também contam que, caso não aceitem entregas, recebem punições do aplicativo, podendo ficar sem receber chamados ou bloqueados. Foram relatadas situações em que foram punidos por situações banais, como o relato de um participante que foi suspenso do aplicativo por dois dias, após não ter conseguido finalizar uma entrega por ter furado o pneu da moto durante o trajeto. Contudo,

a maioria dos participantes relatou a falta de vínculo com o aplicativo de forma positiva, associada a uma ideia de liberdade, sendo essa comumente remetida à ausência da figura do patrão. Ao mesmo tempo, relatam situações arbitrárias pelas quais são subordinados pelas empresas-aplicativo. **Discussão:** De maneira geral, o modo como os participantes descreveram o trabalho como entregadores de aplicativo se mostra condizente com a noção de autogerenciamento subordinado: esses definem sua jornada de trabalho conforme a própria necessidade de ganhos, enquanto estão submetidos às decisões arbitrárias das empresas. Além disso, a contradição relativa à liberdade no trabalho revela um dos pilares no qual o trabalho uberizado se sustenta, a ideologia. **Considerações Finais:** O recorte apresentado nesse trabalho se mostra coerente com os achados presentes na literatura especializada, sendo importante discutir outros aspectos relacionados, como, por exemplo, as mobilizações coletivas enquanto um importante instrumento para desconstrução do discurso empreendedor.

**Palavras-Chave:** Uberização, Entregadores, Autogerenciamento Subordinado

## Referências

- Abílio, L. C. (2020). Uberização: A era do trabalhador just-in-time?1. *Estudos Avançados*, 34(98), 111–126. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>
- Abílio, L. C., Amorim, H., & Grohmann, R. (2021). Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: Conceitos, processos e formas. *Sociologias*, 23(57), 26–56. <https://doi.org/10.1590/15174522-116484>
- Grohmann, R., Pereira, G., Guerra, A., Abilio, L. C., Moreschi, B., & Jurno, A. (2022). Platform scams: Brazilian workers' experiences of dishonest and uncertain algorithmic management. *New Media*, 24(7), 1611–1631. <https://doi.org/10.1177/14614448221099225>
- Leite, M. D. P., & Lindôso, R. O. (2021). Empreendedorismo, neoliberalismo e pandemia. O desmascaramento de uma ideologia. *Contemporânea*, 11(3), 791–820. <https://doi.org/10.4322/2316-1329.2021027>

## Compreendendo os imbricamentos da tripla jornada de trabalho feminina e o burnout em mulheres empreendedoras

*Trabalho de Conclusão de Curso - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

**Isadora Borges Squilassi<sup>1</sup>** [isadorasquilassi@ufu.br](mailto:isadorasquilassi@ufu.br)

**Heila Magali da Silva Veiga<sup>1</sup>** [heila.veiga@ufu.br](mailto:heila.veiga@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A tripla jornada enfrentada por mulheres empreendedoras é uma realidade complexa e desafiadora que reflete as múltiplas responsabilidades que essas mulheres assumem diariamente. Além de se dedicarem ao desenvolvimento de seus negócios, elas precisam equilibrar as demandas do trabalho doméstico e da criação dos filhos. Essa sobrecarga pode comprometer a qualidade de vida, a saúde mental e até mesmo a produtividade profissional. A persistência dessas mulheres empreendedoras é inspiradora, pois, apesar dos obstáculos, elas continuam a impulsionar suas empresas, superar estereótipos de gênero e buscar o reconhecimento merecido. Reconhecer e apoiar suas jornadas é fundamental para promover a equidade de gênero no mundo dos negócios. Burnout é um estado de exaustão física e mental resultante de estresse prolongado e intenso no trabalho. O gênero refere-se aos papéis, comportamentos, e expectativas associados a homens e mulheres em uma sociedade, influenciando seu tratamento e oportunidades com base em normas culturais e sociais de gênero. Burnout, gênero e empreendedorismo se entrelaçam em uma dinâmica complexa. Mulheres empreendedoras, equilibrando as demandas do negócio, responsabilidades domésticas e expectativas sociais, estão em maior risco de burnout. Esse fenômeno de gênero destaca a necessidade de políticas sensíveis ao gênero e estruturas de apoio para abordar os desafios únicos enfrentados por mulheres no empreendedorismo e mitigar os efeitos adversos do burnout. **Objetivo:** Realizar uma revisão sistematizada sobre a incidência de Burnout em mulheres empreendedoras que vivenciam a tripla jornada de trabalho, ou seja, cuidam de filhos, casa e trabalham em seus próprios negócios. **Método:** Trata-se de uma revisão sistematizada de literatura usando a estratégia de busca (saúde mental) AND (trabalho) AND (mulheres), abordando artigos publicados nos últimos 10 anos (entre 2013 e 2023) na língua portuguesa ou inglesa que fossem encontrados na plataforma Scielo, totalizando em 7 artigos. **Resultados:** Entre o total de pesquisas, identificadas, prevalecem as investigações qualitativas (n=4). Nessas pesquisas foram analisados aspectos tais como: a sobrecarga, a falta de rede de apoio e a desigual divisão de tarefas. **Discussão:** Os dados apresentados revelam que se faz

indiscutível a presença e impacto da tripla jornada de trabalho feminina. Pelo fato de a qualidade das condições de trabalho geralmente ser pior para as mulheres do que para os homens, além de ocuparem posições de trabalho mais baixas e receberem menos salário pelas mesmas atividades. **Considerações finais:** A tripla jornada de trabalho feminina é uma realidade que pode levar ao burnout. As mulheres enfrentam desafios ao equilibrar carreira, cuidados domésticos e maternidade. É essencial reconhecer essa sobrecarga e buscar soluções para promover a igualdade de gênero e melhorar o bem-estar dessas mulheres em suas múltiplas responsabilidades.

**Palavras-chave:** Saúde Mental, Tripla Jornada, Empreendedorismo.

## Referências

- Bruschini, C., & Lombardi, M. R. (2018). Gênero, trabalho e saúde: reflexões sobre os sentidos da tripla jornada no cotidiano feminino. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 28(1) doi:10.1590/s0103-73312018280114

Cotrim, L. R., Teixeira, M., & Proni, M. W. (2020). Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil. Instituto de Economia, Unicamp.

Costa, F. A. (2018). Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(6), 434-452.

Fórum Econômico Mundial. (2020). Global Gender Gap Report 2020 [Relatório]. Recuperado de [Global Gender Gap Report 2020 | World Economic Forum \(weforum.org\)](https://www.weforum.org/reports/global-gender-gap-report-2020/)

Garg, S., & Sangwan, S. (2020). Literature review on diversity and inclusion at workplace, 2010–2017. *Vision: The Journal of Business Perspective*, 25(1). <https://doi.org/10.1177/0972262920959523>

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). (2019). Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil [Relatório]. Recuperado de [Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil | IBGE](https://www.ibge.gov.br/estatistica/temas/0010/desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html)

Organização Internacional do Trabalho. (2018). *Mulheres no trabalho: Tendências 2018*. Recuperado de: [Perspectivas sociales y del empleo en el mundo – Tendencias 2018 \(ilo.org\)](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---publications/documents/publication/wcms_647007.pdf)

## Divisão do trabalho pelo gênero: essencialismo e representações sociais

*Outro - Psicologia Social e Comunitária*

Jéssica Bruna Borges Pereira<sup>1</sup> [jessicaborgespsicologia@gmail.com](mailto:jessicaborgespsicologia@gmail.com)

Alina Mira Maria Coriolano<sup>1</sup> [alina.coriolano@edu.ufes.br](mailto:alina.coriolano@edu.ufes.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo

**Introdução:** Considerando que o trabalho humano é abrangido na segunda geração de direitos humanos, engloba-se o direito a um salário equitativo e remuneração igual por um trabalho de igual valor. Apesar disto, o gênero como estruturador do trabalho permite a distinção de espaços delimitados e um nível de valorização diferente destes. **Objetivo:** Explorar de quais formas as representações sociais refletem na organização do trabalho, tomando o gênero como categoria analítica. **Método:** Para isso, faz-se uma discussão teórica com base em produções acerca do tema com uma exploração de dados nacionais que traçam a organização do trabalho com base no gênero. **Resultados:** O aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, tanto em intensidade como em constância, não retirou, necessariamente, a responsabilização destas pelo trabalho doméstico não remunerado, assim como, a sua maior presença no trabalho doméstico remunerado (Bruschini, 2007, Souza; Guedes, 2016). O espaço doméstico, bem como as suas demandas, foi sendo colocado como de responsabilidade das mulheres, muitas vezes com base em atribuições de traços, comportamentos e expectativas sob o viés biológico. Estas crenças estão fundamentadas no conceito de essência no qual determinadas características são consideradas naturais e acabam por reforçar estereótipos sobre grupos sociais (Holtz; Wagner, 2011). O essencialismo é uma das possibilidades de explicação de um fenômeno complexo como o sexismo: discursos nos quais as mulheres nascem como propensas ao cuidado, a delicadeza, a sensibilidade e a emoção justificariam a maior adequação da mulher, em comparação com o homem, a alguns tipos de trabalhos, dentre eles o trabalho doméstico. Este conhecimento socialmente elaborado e compartilhado permite uma organização da realidade social, possibilitando a divisão do trabalho com base no gênero. **Discussão:** Assim, as representações sociais, entendidas como o conhecimento social partilhado por grupos que permite uma visão da realidade e fornece explicações sobre o funcionamento do mundo social (Jodelet, 2001), desempenham papel importante quanto à estruturação do trabalho pelo gênero, garantindo que a (re)produção de tais crenças em traços essencialistas sejam legitimados e naturalizados e, ainda, influenciam a estruturação das práticas sociais. **Considerações finais:** As representações sociais, também permeadas por crenças e fundamentos essencialistas, possibilitam uma organização social

reforçando lugares de pertencimento e de inadequação, em que se vê espaços diferenciados no âmbito do trabalho de acordo com o gênero. Estas questões reforçam a relevância social e acadêmica do tema e permitem que se perceba como, mesmo que o trabalho igualitário seja um direito de todas e todos, este ainda é estruturado com diferenciações e valorizações diferentes a depender do gênero.

**Palavras-chave:** *Representações Sociais, Trabalho, Gênero, Essencialismo.*

**Agência de fomento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

### **Referências**

- BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, 2007, 37(132), p. 537-572. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>.
- HOLTZ, P.; WAGNER, W. Dehumanization, Infrahumanization, and Naturalization. Em: CHRISTIE, D. J. (Ed.). *The Encyclopedia of Peace Psychology*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011. p. 1-5.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 31- 61
- SOUSA, L. P.; GUEDES, S. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 2016, 30(87), p. 123-139. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>

## **Estereótipos e preconceitos quanto à velhice: estudo qualitativo com profissionais de uma instituição de longa permanência para idosos**

*Iniciação Científica - Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Eduarda Moura Silva**<sup>1</sup> [eduardamourasilva9@gmail.com](mailto:eduardamourasilva9@gmail.com)

**Rodrigo Sanches Peres**<sup>1</sup> [rodrigosanchesperes@ufu.br](mailto:rodrigosanchesperes@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Instituições de longa permanência de idosos (ILPIs) são espaços residenciais para moradia coletiva nos quais a atenção integral à saúde deve ser operacionalizada mediante iniciativas de promoção, proteção e prevenção. Dessa forma, as ILPIs contam com profissionais de diferentes áreas. O trabalho desempenhado por esses profissionais pode ser afetado por estereótipos e preconceitos quanto à velhice, os quais, por sua vez, são passíveis de compreensão mediante o recurso ao conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica. **Objetivo:** O presente estudo teve como objetivo investigar o imaginário coletivo acerca da velhice por parte de profissionais de uma ILPI. **Método:** Trata-se de um estudo qualitativo, do qual participaram 14 profissionais do sexo feminino, com ensino fundamental completo, que atuavam diretamente ou indiretamente junto a pessoas idosas. A coleta de dados ocorreu individualmente na própria ILPI, sendo que o instrumento empregado para tanto foi o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (PDE-T). Assim, as participantes foram solicitadas a desenhar “uma pessoa idosa”, a criar uma estória a respeito da mesma e a criar um nome para a estória. Na sequência, foi realizada, com cada participante, uma discussão livre a respeito do desenho e da estória. A coleta de dados foi gravada em áudio e transcrita. A análise de dados foi realizada mediante a utilização da interpretação psicanalítica como ferramenta metodológica. **Resultados:** Foram configurados dois campos de sentidos, assim intitulados: (1) Dependentes e carentes e (2) Rabugentos e abandonados. O primeiro campo de sentido foi organizado em torno de duas crenças, sobre duas características que, para muitas participantes, estariam presentes em idosos. Uma delas seria a dependência física decorrente de limitações causadas pelo envelhecimento, ao passo que a outra seria a carência emocional. Já o segundo campo de sentido decorre da constatação de que, para diversas participantes, a institucionalização de idosos comumente seria uma consequência direta do abandono familiar. Contudo, algumas participantes deram a entender que certos idosos teriam uma parcela de responsabilidade nesse processo, pois apresentariam particularidades comportamentais que, no limite, inviabilizariam a convivência. **Discussão:** Os resultados obtidos são compatíveis com aqueles reportados por pesquisas previamente desenvolvidas com foco na identificação das raízes de atitudes discriminatórias em relação a idosos, as quais,

contudo, têm privilegiado profissionais de ILPIs com ensino superior, ou então gestores. **Conclusão:** Os dois campos de sentido captados revelam que o imaginário coletivo das participantes sobre a velhice é moldado por estereótipos e preconceitos em função dos quais atenção integral que deve ser ofertada no âmbito das ILPIs pode ser prejudicada significativamente.

**Palavras-chave:** *Velhice, Estereótipos, Preconceitos, Instituições de longa permanência de idosos, Imaginário coletivo.*

## **Referências**

- Rosa, D. C. J., Lima, D. M. D., Peres, R. S., & Santos, M. A. (2019). O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica, 31*(3), 577-595.
- Simões, C. H. D., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre o envelhecimento. *Boletim de Psicologia, 64*(140), 65-77.
- Visintin, C. N., Ambrosio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2023). O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em pesquisas qualitativas sobre imaginários coletivos. *Estilos da Clínica, 28*(1), 98-114.

## Elaboração de um jogo como mediador clínico no acompanhamento psicológico de um paciente oncológico pediátrico

*Trabalho de Graduação - Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Monize Villega Rios**<sup>1</sup> [riosmonize@gmail.com](mailto:riosmonize@gmail.com)

**Thaís Lorencetti Ferrari**<sup>1</sup> [thais.ferrari16@gmail.com](mailto:thais.ferrari16@gmail.com)

**Emanuelle Valera Silva**<sup>1</sup> [emanuellevalera@gmail.com](mailto:emanuellevalera@gmail.com)

**Ana Marla Moreira Lima**<sup>2</sup> [anamarla.psi.br@gmail.com](mailto:anamarla.psi.br@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro

<sup>2</sup> HC-UFTM

**Introdução:** O câncer infantil pode ocasionar prejuízos físicos e psíquicos tanto para a criança quanto para seus familiares. O acompanhamento psicológico contribui para o enfrentamento das consequências biopsicossociais da doença e do tratamento. A utilização de recursos lúdicos facilita as intervenções psicoterápicas com crianças e adolescentes, de modo que esses recursos devem estar adequados ao momento de desenvolvimento em que o sujeito se encontra, à sua faixa etária e às demandas específicas que apresenta. **Objetivo:** Relatar a experiência de criação de um recurso lúdico personalizado para uma criança em tratamento oncológico, com o intuito de atender às necessidades identificadas em seu acompanhamento psicológico. **Método:** O recurso lúdico foi sistematizado por discentes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e por uma psicóloga do Hospital de Clínicas da UFTM durante a realização de um estágio supervisionado obrigatório. Foi elaborado um jogo de tabuleiro composto por casas que representam as fases do tratamento de maneira lúdica e por “cartas das emoções”, “cartas de desafios” e “cartas de azar ou sorte”. Para isso, houve discussões do caso, anotações em diários de campo e criação gráfica em software editor de imagens entre as discentes e a psicóloga envolvidas no processo. **Resultados:** Foi possível constatar, a partir da elaboração e da utilização do jogo, benefícios como o favorecimento da expressão da experiência subjetiva de tratamento, a verbalização de conteúdos emocionais, a identificação de estratégias de enfrentamento e a promoção de comportamentos assertivos, além do fortalecimento do vínculo terapêutico, do desenvolvimento das habilidades profissionais e do enriquecimento do repertório das autoras. **Discussão:** A criação de um recurso lúdico-terapêutico personalizado envolveu discussões relativas à adequação dos itens e cuidados em sua elaboração, no que se refere ao conteúdo do tabuleiro e das cartas e ao manejo durante a aplicação. Tratando-se de um jogo interativo, em que as terapeutas são participantes, buscou-se evitar, por parte dessas, respostas sugestivas. Foram utilizados personagens do desenho animado favorito do paciente para que

houvesse um maior envolvimento por parte dele. Ademais, o recurso foi utilizado para identificar emoções até então não verbalizadas e, a partir dos conteúdos que surgiram durante a aplicação do jogo, foi possível estimular a adoção de novas estratégias para o enfrentamento do tratamento e identificar intervenções por meio das quais as profissionais poderiam contribuir nesse processo. **Considerações finais:** Constataram-se oportunidades de possibilitar novas formas de expressão da criança, de atendimento às demandas específicas do paciente e de qualificação profissional.

**Palavras-chave:** *Saúde da Criança, Psico-oncologia, Ludicidade.*

## **Referências**

- Damarso, M., Suguihura, A. & Wechsler, A. (2017). Psico-oncologia infantil e o brincar no enfrentamento da doença. *Psicologia - Saberes & Práticas*, v.1(1), 85-92.
- Giaxa, A. C. M., Tavares, E. N., Oliveira, T. P., Eying, J., & Burda, T. A. M. (2019). A utilização do jogo como recurso terapêutico no processo de hospitalização da criança. *Revista da SBPH*, 22(1), 280-305. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582019000100015&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582019000100015&lng=pt&tlang=pt)>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- Souza L., Silva R., Amaral R., Souza A., Mota E. & Silva C. (2012). Câncer infantil: sentimentos manifestados por crianças em quimioterapia durante sessões de brinquedo terapêutico. *Rev Rene.* Disponível em: <<http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/49821>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

## Ensaio sobre a interação mente-corpo

*Trabalho de Graduação - Fenomenologia.*

**Felipe Rodrigues Torres<sup>1</sup>** [felipertrabalho@gmail.com](mailto:felipertrabalho@gmail.com)

**Ricardo Wagner Machado da Silveira<sup>1</sup>** [ricardo.silveira@ufu.br](mailto:ricardo.silveira@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A relação entre mente e corpo é discutida há milhares de anos, mas ainda hoje não há um consenso para explicar esse fenômeno. O debate é muito amplo e conta com a contribuição de diversos pensadores, que vão de filósofos da antiguidade a contemporâneos. É difícil pontuar quando exatamente se deu o início desta discussão, mas o debate se tornou mais estruturado na Grécia antiga. Neste momento, Platão discute a imortalidade da alma. Ele acreditava que a mente (alma) é imaterial, imortal e eterna, enquanto o corpo é material e finito. Ademais, diversas religiões ocidentais também destacam essa segregação, como o Judaísmo e o Cristianismo. Além disso, outro marco importante se deu no séc. XVII com as obras de Descartes, quem se tornou uma grande referência para discussão da separação entre corpo e alma. Assim, apesar da forte influência dos antepassados, autores contemporâneos apresentam novas percepções a respeito desta questão, e estas ainda não são tão difundidas.

**Objetivo:** Este trabalho, realizado na disciplina de Psicologia da Personalidade III do curso de Psicologia da UFU, busca apresentar, a partir de pesquisas teóricas, uma breve linha do tempo, mostrando como o pensamento dualista prevaleceu no passado e como emergiram autores, principalmente a partir do século XVIII que apresentam uma “nova” perspectiva para explicar essa interação, tais como Keleman, James e Damásio. **Método:** O método utilizado é o ensaio teórico. Neste, o autor tem liberdade para explorar teorias e conceitos que foram previamente trabalhados por outros autores. Além disso, baseando-se em discussões prévias, há uma expansão e síntese de diversos conceitos. Dessa forma, novas reflexões, percepções e discussões a respeito do assunto podem acontecer a partir de um ensaio teórico. **Resultados:**

Apesar da predominância do pensamento dualista durante grande parte da história, novos pontos de vista devem ser expostos: James discute que as respostas emocionais são o resultado da percepção das mudanças físicas no corpo; Damásio afirma que as emoções, as sensações corporais e os processos fisiológicos desempenham papel fundamental em nossa tomada de decisões racionais e comportamento, e que lesões no cérebro (no corpo) influenciam a forma como se percebe o mundo (alteração da consciência ou alma); Keleman argumenta que as emoções são vivenciadas e expressas por meio de padrões específicos de tensão muscular e postura corporal. **Discussão:** A partir do trabalho, torna-se nítido que a sociedade ocidental possui bases filosóficas, teológicas e históricas de base dualistas. Entretanto, os avanços

teóricos de diferentes autores em relação a essa interação, apontam para uma linha de raciocínio contrária, na qual o corpo e a mente atuam na mesma dimensão indissociavelmente.

**Considerações finais:** Embora a discussão da relação entre mente e corpo seja um tema importante, é notável sua complexidade e a falta de consenso acadêmico. Neste contexto, a separação das duas esferas pode levar indivíduos ao equivocado pensamento que processos mentais têm menos importância do que processos corporais e esse pensamento por sua vez, faz com que a saúde mental seja menosprezada. Dessa forma, faz-se importante a divulgação desta temática.

**Palavras-chave:** *Mente-corpo, Dualismo, Ensaio, Monismo, Interação.*

## Referências

- Barbosa, P. S. C. B. (2018). Introdução ao estudo da alma em Aristóteles. *Occursus*, 3(1), 21-30.
- Cohn, L. (2022). Anatomia emocional: o corpo como um processo subjetivo Emotional anatomy: the body as a subjective process. *Brazilian Journal of Health Review*, 5(3), 11519-11528.
- Damásio, A. R. (2012). *O Erro de Descartes*. Companhia das letras - Grupo cia das letras.
- Gazzaniga, M., Heatherton, T., & Halpern, D. (2018). *Ciência Psicológica* (5<sup>a</sup> ed., pp. 403-449.). Artmed.
- Keleman, S. (1992) *Anatomia Emocional*. (5<sup>a</sup>. Ed.) São Paulo: Summus, pp. 75-116.
- Pegoraro, E., & Souza, J. D. (2010). Concepção e imortalidade da alma em Platão. *Mirabilia*, (11), 0018-59.
- Sapolsky, R. M. (2021). Adolescência ou: “Cara, cadê meu córtex frontal?”. *Comporte-se: a biologia humana em nosso melhor e pior* (225- 257). Companhia das letras.

## Reflexões sobre o impacto do estresse de minorias na população transsexual e travesti

*Trabalho de Graduação - Sexualidade e Gênero*

**Telmo Rodrigues Batista Filho**<sup>1</sup> [telmorodriguespsi@gmail.com](mailto:telmorodriguespsi@gmail.com)

**Anna Carolina Rodrigues Chaves**<sup>1</sup> [annacarolinachaves30@gmail.com](mailto:annacarolinachaves30@gmail.com)

**Heloisa Frederico Cardoso**<sup>1</sup> [Heloiscardoso2002@gmail.com](mailto:Heloiscardoso2002@gmail.com)

**Nathália Martins de Paulo Cândido**<sup>1</sup> [nathaliamartins.74@outlook.com](mailto:nathaliamartins.74@outlook.com)

**Bettieli Barboza da Silveira**<sup>1</sup> [bettieli.silveira@uemg.br](mailto:bettieli.silveira@uemg.br)

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais

**Introdução:** Atualmente é considerado como norma padrão uma sociedade pautada na cis heteronormatividade, consequentemente produzindo o fenômeno das minorias sexuais. Entende-se por minorias, grupos que vivenciam o desprivilegio e dificuldade de acesso em detrimento de um coletivo com diversos privilégios, tendo, por exemplo, pessoas transsexuais e travestis. Devido aos estigmas associados a esse público e a comunidade LGBTQIAP+, esses indivíduos enfrentam uma série de prejuízos pessoais e sociais. Sendo assim, Meyer (2003), construiu o conceito de estresse de minorias, ampliando a visão acerca desse construto considerando para além de uma visão fisiológica e individual, mas, refletindo a influência das atitudes e ideais oriundas da sociedade dominantes. Diante desses pressupostos, se objetiva com esse trabalho promover reflexões acerca dos danos à saúde mental a esse grupo minoritário. **Objetivo:** Refletir sobre os possíveis impactos do estresse de minorias na saúde mental da população transsexual e travesti. **Método:** Trata-se de uma proposição metodológica reflexiva com base nas principais e contemporâneas literaturas da área. Estudo de reflexão analítica que envolveu os dados obtidos por meio de relatórios da Associação Nacional de Transsexuais e Travestis (ANTRA) e de bases científicas, Biblioteca Virtual em Saúde (BvS), Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Google Acadêmico. **Resultados:** Foi observado uma maior probabilidade do desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, por exemplo, a depressão, além do maior risco ao suicídio. Segundo o relatório “Transexualidades e Saúde Pública no Brasil” promovido pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT e do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG (2015), ao menos 42% da população trans já tentou suicídio, enquanto o dossiê da ANTRA (2023) aponta para maior prevalência em mulheres transsexuais e travestis. **Discussão:** Diante dos resultados encontrados é possível atentar a diversos danos à saúde mental do público estudado, é importante que ao abordar transtornos psicopatológicos haja um olhar cuidadoso para não atribuir mais estigmas, e não potencializar as vulnerabilidades direcionadas a esse

grupo, entre elas ressalta-se a maior probabilidade ao autoextermínio. Em vista disso, comprehende-se o suicídio como um fenômeno multicausal e complexo, entretanto, diversos motivos podem influenciar, entre eles a violência física, social e psicológica. Conforme os dados identificados pela ANTRA, o Brasil é o país que mais mata transsexuais e travestis no mundo, sendo registrado 131 assassinatos em 2022, ao qual foram 130 mulheres transsexuais e travestis e 1 homem trans, mostrando estatisticamente que mulheres são as mais violentadas, ocupando também maior índice de autocídio. Posto isso, a experimentação da própria sexualidade em um ambiente marcado pela violência, a invisibilidade e o silenciamento, pode propiciar aos sujeitos essas variadas formas de sofrimento psíquico.

**Considerações finais:** Diversos estudos apontam diferentes danos à saúde mental de pessoas trans, contudo, ao discutir a temática se encontra escassez de produções, tabus sociais e uma falha na notificação e divulgação dos dados acerca da violência e autoextermínio, revelando a ausência de verificação dos órgãos estatísticos governamentais. Dessa forma, localiza-se a importância da construção de políticas públicas e estudos que visem formas de combater o preconceito e a exclusão de comunidades minoritárias.

**Palavras-chave:** *Estresse de Minorias, Saúde Mental, Sexualidade e gênero, Pessoas trans.*

## Referências

- Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2023). Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. (6a.ed.).[https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2022/01/2022\\_Antra\\_DossieAssassinatosEViolencias.pdf](https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2022/01/2022_Antra_DossieAssassinatosEViolencias.pdf)
- Cerqueira-Santos, E., Azevedo, H. V. P., & de Miranda Ramos, M. (2020). Preconceito e saúde mental: estresse de minoria em jovens universitários. *Revista de Psicologia da IMED*, 12(2), 7-21.
- Chinazzo, I. R., Lobato, M. I. R., Nardi, H. C., Koller, S. H., Saadeh, A., & Costa, A. B. (2023). Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 20(4), 3215; <https://doi.org/10.3390/ijerph20043215>
- da Silva, R. R., da Silva, L. A., de Souza, M. V. L., da Silva, M. V. G., das Neves, M. P., de Vargas, D., ... & Mattos, C. M. (2021). Estresse de minoria de gênero e seus efeitos na saúde mental como fator de risco para depressão em pessoas transgênero: Revisão da literatura. *Research, Society and Development*, 10(3), e51610313693-e51610313693.

- dos Santos, M. E., & de Lima, F. C. (2022). Impactos do preconceito homofóbico na saúde mental das pessoas LGBTQI+: breves apontamentos. *Revista Mosaico*, 13(3), 94-102.  
<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/11837>.
- SOUZA, É., PRADO, M. A., MACHADO, P. S., MONTEIRO, I., SANTOS, L., FREITAS, R., ... & RIBEIRO, S. (2015). Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: Entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans. *Relatório descritivo*.
- Souza, I. G. F. D. (2023). Estresse de minoria em populações sexo gênero diversas: mensuração e análises multigrupais. *Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas*, Maceió, Brasil.

## A formação de egressas(os) em psicologia da UFU junto à área escolar e educacional

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar e Educacional*

**Josy Marianny Gomes Oliveira<sup>1</sup>** [josygomes@ufu.br](mailto:josygomes@ufu.br)

**Anabela Almeida Costa e Santos Peretta<sup>1</sup>** [anabela@ufu.br](mailto:anabela@ufu.br)

**Cirlei Evangelista Silva<sup>1</sup>** [cirleievangelista@ufu.br](mailto:cirleievangelista@ufu.br)

**Luciana Pereira de Lima<sup>1</sup>** [luciana.lima@ufu.br](mailto:luciana.lima@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Sabe-se ser a formação profissional essencial para a garantia de uma atuação ética, crítica e socialmente compromissada em Psicologia, especialmente na área da Educação, considerando-se esta como uma possibilidade de transformação humana e social. Nesse sentido, há a necessidade de se repensar as universidades, enquanto contextos formativos, para que possam, ao mesmo tempo, contribuir para a produção de conhecimentos na área de Psicologia Escolar e para a formação de um profissional que possa superar as contradições, dificuldades e desafios atuais da área. **Objetivo:** O objetivo da pesquisa foi investigar a formação de egressas(os) do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia que atuam diretamente na área escolar e educacional. **Método:** Trata-se de pesquisa quanti-qualitativa, desenvolvida por meio de questionário eletrônico e entrevista semiestruturada, e em diálogo com a Psicologia Escolar Crítica. Neste estudo serão analisadas somente as informações obtidas por meio do questionário eletrônico, que foi respondido por 10 profissionais egressas(os) do curso de Psicologia UFU, concluintes no período de 2011 a 2021, com idades entre 24 e 32 anos. A maioria se identificou com o gênero feminino, se autodeclarou branca e sem deficiência, tendo finalizado a graduação dentro do período formal de 5 anos. **Resultados:** As(os) egressas(os) cursaram e concluíram duas ênfases ou mais, estando a ênfase de Psicologia Escolar e Educacional dentre elas; tiveram, dentre os componentes curriculares mais cursados, o estágio, disciplinas da ênfase, disciplina optativa e extensão; o estágio foi lembrado como contribuinte para a sua formação, bem como a pesquisa e a extensão, para seu percurso profissional; sinalizaram para a necessidade de atividades e discussões que abarquem temas emergentes fundamentais para avançar na promoção de uma educação de qualidade e para todos; realizaram cursos extracurriculares durante a graduação e após sua conclusão, buscando aprimorar sua prática e promover o seu desenvolvimento profissional. **Discussão:** Explicita-se necessidade de que sejam propostas e implementadas ações que favoreçam a superação da dicotomia teoria-prática, possibilitando às(as) estudantes estabelecerem relações entre os componentes curriculares estudados e os contextos nos quais elas(es) estão inseridas(os) profissionalmente. Outra questão se refere à priorização

que deveria ser dada a temáticas e situações que acontecem nesse cotidiano, permitindo às(as) estudantes refletirem sobre formas de agir, proporem e implementarem novas ações que possam impactar positivamente nos seus processos de desenvolvimento e aprendizagem. O estágio, a pesquisa e a extensão sinalizam para o tripé que sustenta os processos formativos de todas(as) as(os) estudantes durante a graduação nas universidades, espaços que podem oferecer uma formação sólida, contextualizada e que consiga atender às necessidades e exigências do mundo contemporâneo. **Conclusão:** Para que isso aconteça, é necessário que haja investimento na formação dessas(es) profissionais, desde a graduação, de forma a instrumentalizá-las(os) para que possam exercer uma Psicologia que promova a inclusão social, a garantia de direitos e de uma educação de qualidade para todas(os) as(os) estudantes.

**Palavras-chave:** Psicologia Escolar e Educacional; formação; egressas(os)  
UFU.

## Referências

- Brasileiro, T. S. A., & Souza, M. P. R. (2020). Psicologia, Diretrizes Curriculares e Processos Educativos na Amazônia: um estudo da formação de psicólogos. In M. P. R. Souza, A. K. Checchia, C. J. M. Ramos, G. Toassa, S. M. C. Silva, & T. S. A. Brasileiro (Orgs.), *Diretrizes Curriculares e Processos educativos: desafios para a formação do psicólogo escolar* (pp. 83-111). CRV.
- Conselho Federal de Psicologia. (2022). *Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho*: volume I. Conselho Federal de Psicologia. <https://site.cfp.org.br/censopsi-2022-cfp-divulga-os-resultados-da-maior-pesquisa-sobre-o-exercicio-profissional-da-psicologia-brasileira/#:~:text=A%20pesquisa%20da%20Psicologia%20brasileira,Pesquisa%20e%20P%C3%B3s%2Dgradua%C3%A7%C3%A3o%20em>
- Guzzo, R., Mezzalira, A., Moreira, A., Tizzei, R., & Silva Neto, W. (2010). Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 131-141. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500012>
- Patto, M. H. S. (1984). *Psicologia e Ideologia - uma introdução crítica à Psicologia Escolar*. Queiroz.
- Souza, M. P. R., Silva, S. M. C., & Toassa, G. (2020). Desafios e perspectivas para a formação de psicólogos nos processos educativos. In M. P. R. Souza, A. K. Checchia, C. J. M. Ramos, G. Toassa, S. M. C. Silva, & T. S. A. Brasileiro (Orgs.), *Diretrizes Curriculares e Processos educativos: desafios para a formação do psicólogo escolar* (pp. 293-313). CRV.

## **Grupos como forma de cuidado às pessoas trans e em não conformidade de gênero: uma revisão da literatura**

*Trabalho de Mestrado - Psicologia e Processos Grupais*

**Isabella Alves Azevedo Moré<sup>1</sup>** [isabella.more@ufu.br](mailto:isabella.more@ufu.br)

**Emerson Fernando Rasera<sup>1</sup>** [emersonrasera@ufu.br](mailto:emersonrasera@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Pessoas trans e em não conformidade de gênero (TNCG) podem ser entendidas como identidades posicionadas em um campo de tensionamentos sinuosos e conflitantes com as normas construídas sob pressupostos de normalidade, que se debruçam sobre processos binários de gênero. Em decorrência da violência significativa e das vulnerabilidades das quais pessoas TNCG estão expostas, as propostas de cuidado vêm sendo ampliadas e podem envolver o cuidado em grupo. **Objetivo:** Compreender como têm sido desenvolvidas as práticas grupais como forma de cuidado voltadas às pessoas TNCG. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura por meio de buscas nas bases de dados PsycINFO, PEPSIC, BVS-saúde, LILACS, EMBASE, SciELO e Portal de Periódico CAPES, em março de 2023. O corpus foi constituído por 18 referências, as quais foram analisadas a partir de um conjunto de 15 dimensões. **Resultados:** Os artigos selecionados foram publicados nos últimos 10 anos, são predominantemente estadunidenses e publicados em revistas de psicologia. Os estudos consistiram em relatos de experiências ou intervenções grupais e tinham como objetivo explorar e discutir o trabalho de intervenção realizado a partir do ponto de vista dos profissionais ou dos participantes. A maioria dos grupos eram compostos por mulheres trans e coordenados por psicólogos cisgêneros, eram grupos psicoterapêuticos, de frequência semanal, orientados por perspectivas cognitivas/comportamentais e realizados em contextos hospitalares. Os objetivos dos grupos eram de apoio entre pares, nos quais os temas mais frequentes relacionaram-se com autocuidado e autoestima. Recomenda-se uma abordagem afirmativa para a realização de grupos com pessoas TNCG, competências específicas para quem deseja trabalhar com esta população e uma abordagem de grupos orientada para a justiça social. **Discussão:** A história do tratamento psicológico com pessoas TNCG é frequentemente interpelado por processos cismutantes e interpretações patologizantes. Apesar de 2018 haver a retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental da 11a versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde. No cenário nacional, somente em 2011 criou-se a Política Nacional de Saúde Integral LGBT e em 2013 a portaria que ampliou o Processo Transexualizador no SUS. Tais dados expressam que o cuidado à população TGNC para além das narrativas patologizantes são recentes e salientam

a necessidade da ampliação dos serviços de saúde sob outras óticas. Nesse contexto, o cuidado em saúde em grupos pode ter caráter subversivo às ideias cisnormativas e aos ideais de tratamento psicológico pela perspectiva da “cura”, promovendo contextos adequados de cuidado. Nesta revisão, os grupos eram potencialmente espaços de apoio e cuidado, no entanto, poucos estudos destacaram um cuidado em direção à autonomia, ao descentramento da cisgenerideade como norma e estão significativamente engajados com a justiça social. Dado tais desafios e complexidades, é preciso se atentar para o treinamento e formação adequada na prestação de cuidados afirmativos a essas pessoas. A identidade de gênero dos coordenadores também é citada como fator importante nos grupos, assim, os grupos coordenados por pessoas LGBTI+ podem promover formas de cuidado sensível à cultura local e potencialmente promotora de organização política e ação social da população TNGC.

**Considerações finais:** A revisão da literatura realizada aponta que as intervenções de cuidado psicológico com pessoas TNGC devem ser fundamentadas em uma abordagem afirmativa e comprometida com a justiça social. As práticas grupais podem possibilitar um espaço de compartilhamento e apoio mútuo, mas é preciso se atentar aos objetivos específicos do grupo, as competências do coordenador, a configuração do grupo e em como esse grupo pode contribuir para a equidade, acesso, autonomia e transformação social de pessoas TNCG. As poucas informações sobre os procedimentos, técnicas utilizadas e o processo grupal dificultaram a análise sobre os padrões encontrados nos grupos e como os grupos com pessoas TNGC vêm sendo realizados. Observa-se que os estudos encontrados são recentes, qualitativos, apontando para um caráter ainda emergente desse campo de prática e estudo.

**Palavras-chave:** *Práticas grupais, Grupos de apoio, Transgenerideade.*

## Referências

- American Psychological Association. (2015). Guidelines for psychological practice with transgender and gender nonconforming people. *American Psychologist*, 70(9), 832–864.
- Association for Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Issues in Counseling. (2009). *Competencies for Counseling Transgender Clients*. Recuperado em 12 de julho de 2023 de < [www.counseling.org/docs/default-source/competencies/algbtic\\_competencies.pdf?sfvrsn=d8d3732f\\_12](http://www.counseling.org/docs/default-source/competencies/algbtic_competencies.pdf?sfvrsn=d8d3732f_12) >.
- Borret, R. H., Oliveira, D. O. P. S. de, Amorim, A. L. T., & Baniwa, B. A. (2021). Vulnerabilidades, interseccionalidades e estresse de minorias. In Ciasca, S. V., Hercowitz, A., Junior, A. L. (Ed.). *Saúde LGBTQIA+ : práticas de cuidado transdisciplinar*. (1a. ed., Cap 8, pp.60-72). Santana de Parnaíba, SP: Manole.

- Jesus, M. K. M. R. de., Moré, I. A. A., Querino, R. A., & Oliveira, V. H. de. (2023). Experiências de mulheres transexuais no sistema de saúde: visibilidade em direção à equidade. *Interface (Botucatu)*, 27.
- Miles, J. R. (2020). Introdução à seção especial sobre psicoterapia de grupo e identidade de gênero. *International Journal of Group Psychotherapy*, 70(4), 540-551.
- Nascimento, L. (2021). *Transfeminismo* (1a ed.). São Paulo, SP: Jandaíra.
- Rasera, E. F., & Rocha, R. M. G. (2010). Sentidos sobre a prática grupal no contexto de saúde pública. *Psicologia Em Estudo*, 15(1), 35–44.
- Vergueiro, V. (2016). Pensando a cisgeneride como crítica decolonial. In Messeder, S., Castro, M. G., & MOUTINHO, L. (Orgs). *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* (pp. 249-270). Salvador: EDUFBA.
- World Professional Association for Transgender Health. (2012). *Normas de atenção à saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero*. Recuperado em 12 de julho de 2023 < [www.wpath.org/media/cms/Documents/SOC%20v7/SOC%20V7\\_Portuguese.pdf](http://www.wpath.org/media/cms/Documents/SOC%20v7/SOC%20V7_Portuguese.pdf) >.

## **Jornal Vivo: ferramenta potente para promoção de saúde na formação acadêmica de um grupo de estudantes do curso de Psicologia**

*Pós-Graduação Lato Sensu - Psicodrama*

**Carmen Lúcia Reis<sup>1</sup>** [carmenreis@ufu.br](mailto:carmenreis@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A universidade pode ser compreendida como um espaço de fundamental importância para o desenvolvimento de vida, uma vez que promove a ampliação do rol de habilidades e competências profissionais e pessoais. Por outro lado, quando essa adaptação ao contexto universitário não é bem-sucedida pode conduzir a uma vulnerabilidade da saúde mental, suscitando sofrimento, manifestando conflitos de diferentes ordens, traços de transtornos mentais e, no extremo, processo suicida entre estudantes. Diante do cenário pós-pandêmico de COVID-19, nota-se impactos consequentes de um tempo marcado pela insegurança e pelo sofrimento que resultam em uma condição de adoecimento de estudantes de diferentes níveis de ensino. Queixas decorrentes de estresse, ansiedade, depressão, drogadição, assim como os elevados índices de reprovação, trancamento e evasão são motivo de preocupação das Instituições de Ensino Superior. Nesse contexto, a formação acadêmica e a promoção de saúde tem sido assunto debatido durante as reuniões do grupo que compõe o projeto de extensão universitária “Medicalização da educação e da vida: saberes e fazeress”. Na intenção de possibilitar olhares mais ampliados em relação aos aspectos que atravessam a presente temática recorremos ao Jornal Vivo compreendido como uma forma de teatro espontâneo que privilegia o efeito sociodramático que valoriza mais os aspectos coletivos do que os pessoais na cena desenvolvida. **Objetivo:** Apresentar e discutir as contribuições da ferramenta metodológica psicodramática Jornal Vivo como estratégia de reflexão sobre a rotina acadêmica na promoção de saúde de estudantes universitários. **Método:** O grupo descrito no presente trabalho é coordenado por duas docentes do Instituto de Psicologia e formado por 8 estudantes com idade média de 22 anos, sendo: 7 se reconhecem quanto a identidade de gênero feminino e 1 como homem Cis; quanto a raça: 6 se declaram brancas e 1 como parda, matriculadas do 5º ao 11º período do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e participam do Projeto de Extensão Universitária “Medicalização da Educação e da Vida: saberes e fazeress”, desde 2019. São estudantes interessadas e envolvidas em estudos e práticas desmedicalizantes. As reuniões acontecem quinzenalmente com duração de 2 horas. O percurso metodológico adotado envolveu um diálogo com a literatura e registros elaborados sobre a vivência, tendo como pressuposto, na socialização de ideias, saberes e troca de experiências. Foram dramatizadas duas notícias

referentes ao tema educação e promoção de saúde publicadas em páginas de jornal de circulação nos anos de 2022 e 2023. **Resultados/Discussão:** O grupo contou da sensação de impotência frente às exigências impostas pela dinâmica da vida acadêmica e da organização das atividades que envolvem os estudos. O desejo e a sensação de precisar dar conta de tudo seguindo o movimento que supervaloriza a produtividade e, por vezes, desconsidera o olhar para os próprios limites bem como para os sentidos produzidos pela experiência revelam pouca espontaneidade frente à situação vivida. **Considerações Finais:** Ao final, observou-se profundo impacto sobre o grupo, despertando reflexões sobre a própria rotina, as questões que envolvem as escolha realizadas, sobre o seu papel enquanto estudante e algumas estratégias de mudança e organização.

**Palavras-chave:** *Psicodrama, Saúde, Formação Acadêmica, Jornal Vivo.*

## Referências

- Malaquias, M. C. (2020). *Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões*. São Paulo: Ed. Ágora.
- Monteiro, R. F. (2021). Técnicas Históricas: Teatro da improvisação (Espontâneo) e Jornal Dramatizado (Jornal Vivo). In Monteiro, R. (Org), *Técnicas Fundamentais do Psicodrama*. (11-18). Editora Summus. 4<sup>a</sup> edição.
- Moreno, J. L. (1997). *Psicodrama*. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Cultrix.
- Romanã, M. A. (2019). Pedagogia psicodramática e educação consciente: mapa de um acionar educativo. Campo Grande, MS: Entre Nós.
- Vital, S. C. C., & Urt, S. C. (2021). Do imprevisível pandêmico ao intencional formativo: uma psicologia educacional/escolar para pensar o enfrentamento ao adoecimento docente. In Negreiros, F.; Ferreira, B. O. (Orgs.), *Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?* (pp. 118-146). São Paulo: Pimenta Cultural.

## O enriquecimento da escuta das extensionistas no Banco de Leite Humano

*Projeto de Extensão - Psicanálises*

**Katiúce Cristina Santos Borges<sup>1</sup>** [psikatiuce@gmail.com](mailto:psikatiuce@gmail.com)

**Juçara Clemens<sup>1</sup>** [iclemens@ufu.br](mailto:iclemens@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A universidade oferece aos estudantes diversos estímulos à aprendizagem, porém existem certas capacidades, como a escuta analítica e o raciocínio clínico, que somente é possível desenvolver no encontro humano, na vivência com o outro. Ao longo de sua prática como pediatra e psicanalista, Winnicott percebeu uma grande importância do início da vida para o desenvolvimento humano e foi a partir de suas observações e atividades com os bebês e suas mães que a teoria do desenvolvimento humano se consolidou. Por tal razão, Winnicott pôde contribuir com indicações para os profissionais da saúde atuarem nesse início da vida, como: ajudar os pais a se sentirem seguros no cuidado com seu bebê, acalmá-los quando necessário, manter um vínculo de confiança para que esse momento possa ser vivido da melhor forma possível. A partir da teoria winniciotiana é possível compreender que dispositivos de saúde, voltados para os cuidados iniciais do bebê e sua família, é um rico campo de observação e atuação, tal como o Banco de Leite Humano do Hospital de Clínicas (BLH) da UFU. Este tem recebido, desde 2019, discentes em Psicologia para ações de extensão. Em especial, essas ações têm proporcionado espaço para o desenvolvimento das extensionistas através das observações e abordagens das usuárias dos serviços do BLH e seus acompanhantes. A atuação das extensionistas acontece juntamente com a inauguração de um espaço subjetivo de escuta de outra pessoa. **Objetivo:** Apresentar o desenvolvimento da habilidade de escuta que as extensionistas desenvolvem e aprimoram durante a extensão do BLH. **Método:** Como metodologia as extensões possuem a abordagem das(os) usuárias(os) do Banco de Leite Humano do HC-UFU sobre os aspectos emocionais relacionados à amamentação; as leituras de textos indicados; reuniões de grupo para discussão tanto teórica como das abordagens realizadas, relato das abordagens e relatório das atividades. **Resultados:** A partir das diferentes edições da extensão no BLH foi percebido um significativo avanço na capacidade de escuta e pensamento clínico das alunas. **Discussão:** A escuta psicanalítica diferencia-se das demais por não ter um foco direcionado apenas ao conteúdo da fala, mas sim ao surgimento de toda e qualquer manifestação do inconsciente, tal como no lapso da fala, no sintoma, também até no que não é dito e se manifesta em tom de voz, na gestualidade. Esses aspectos vinculados à história individual das extensionistas favorece recursos para uma escuta mais sensível e cuidadosa, que pode ser comprovada a partir dos relatos das abordagens realizadas.

No transcorrer de cada edição do projeto de extensão, os relatos puderam ficar mais ricos na descrição dos detalhes dos encontros e da compreensão de aspectos dinâmicos do funcionamento psíquico das pessoas abordadas. **Considerações Finais:** Sendo assim, se faz necessário valorizar e priorizar ainda mais o espaço da extensão para o desenvolvimento de capacidades que não são possíveis apenas a partir da teoria desenvolvida nas disciplinas da graduação, mas em vivências de ações extensionistas.

**Palavras-chave:** *Escuta analítica, Psicanálise, Extensão.*

## **Referências**

- Freud, S. (2017) Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. In FREUD, S. *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Autêntica (Trabalho original publicado em 1912).
- Nunes, A. L. P.F.; Silva, M. B. C. (2011). A extensão universitária no ensino superior e a sociedade, ano IV, n. 7, p.119-133.
- Silva, W. P. (2020). Extensão universitária: um conceito em construção. *Revista Extensão & Sociedade*, e-ISSN 2178-6054.
- Winnicott, D. W. (2020). A contribuição da psicanálise para a obstetrícia. In D.W.Winnicott, *Bebês e suas Mães*. Ubu Editora (Trabalho original publicado em 1957).
- Winnicott, D. W. (1978). A observação de bebês em uma situação estabelecida. In D.W.Winnicott, *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (pp.139-164). Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1941).

## **Intervenções psicanalíticas na clínica com adultos diagnosticados com Transtorno de Personalidade Borderline: uma análise a partir de revisão da literatura**

*Trabalho de Graduação - Psicologia e Psicopatologia*

**Lúcio Jorge de Lima de Aquino Júnior**<sup>1</sup> [luciolima21@gmail.com](mailto:luciolima21@gmail.com)

**Kalline Francielly de Lima Barbosa Moura**<sup>1</sup> [kallinemoura2019@gmail.com](mailto:kallinemoura2019@gmail.com)

**Alina Mira Maria Coriolano**<sup>1</sup> [alina.coriolano@edu.ufes.br](mailto:alina.coriolano@edu.ufes.br)

<sup>1</sup> Centro Universitário Brasileiro

**Introdução:** O Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) é caracterizado pela vivência no limiar das emoções, resultando em comportamentos explosivos e instáveis que negativamente afetam os relacionamentos (Matioli; Rovani; Noce, 2014). Os sintomas incluem impulsividade, insegurança, insatisfação pessoal, descontrole emocional, apegos desordenados e medo intenso de rejeição, podendo levar à agressividade e quadros depressivos. Esses impactos na sociedade são preocupantes, gerando preconceito e indiferença, tornando as interações sociais ainda mais desafiadoras (Lima, 2021). **Objetivo:** Mapear e discutir as intervenções realizadas a partir da Psicanálise com adultos diagnosticados com TPB no contexto clínico. **Método:** Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, na qual os dados foram obtidos por meio de busca realizada na base de dados eletrônica Scielo considerando artigos publicados no período de 2017 a 2022. Os critérios de seleção dos artigos foram: descrever intervenções psicanalíticas realizadas na prática clínica com adultos diagnosticados com TPB e textos completos disponíveis gratuitamente em português. As palavras-chave utilizadas na busca foram Transtorno de Personalidade Borderline, psicanálise e intervenção. Foram excluídos artigos que não abrangiam o objetivo da pesquisa após leitura dos resumos. **Resultados parciais:** A pesquisa encontra-se na fase inicial de coleta de dados, assim serão apresentados dados preliminares. Os resultados parciais desta revisão sistemática de literatura revelam que a psicanálise tem sido uma das abordagens utilizadas no tratamento de adultos com TPB. Os profissionais têm utilizado técnicas psicanalíticas para investigar as origens dos padrões de comportamento e das instabilidades emocionais presentes no TPB. Além disso, a psicanálise proporciona um espaço terapêutico seguro para a expressão e compreensão dos conflitos internos e traumas passados, visando uma maior introspecção e autoconhecimento. **Discussão:** Essa abordagem tem mostrado potencial para auxiliar os indivíduos com TPB a lidar com seus sentimentos de abandono e rejeição, permitindo a construção de relacionamentos mais saudáveis e uma melhoria na qualidade de vida emocional. Contudo, é importante continuar a análise dos dados e aprofundar a discussão

teórica para obter uma visão mais completa e consistente das intervenções psicanalíticas com essa população. **Considerações finais:** Espera-se que este estudo contribua para ressaltar a importância do suporte e auxílio adequado a pessoas com TPB, buscando uma melhoria em sua qualidade de vida e bem-estar emocional. Ao promover a intervenção apropriada, estamos contribuindo para a construção de relações mais saudáveis e oferecendo suporte de qualidade para aqueles diagnosticados com TPB.

**Palavras-chave:** *Transtorno de Personalidade Borderline, intervenções psicanalíticas, orientações psicanalíticas.*

## **Referências**

- LIMA, Caroline Silva de Araujo et al. Transtorno de Personalidade Borderline e sua relação com os comportamentos autodestrutivos e suicídio. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 4, p. e7052-e7052, 2021.
- MATIOLI, Matheus Rozário; ROVANI, Érica Aparecida; NOCE, Mariana Araújo. O transtorno de personalidade borderline a partir da visão de psicólogas com formação em Psicanálise. *Saúde & Transformação Social/Health & Social Change*, v. 5, n. 1, p. 50-57, 2014.

## A importância da rede de apoio para pais em processo de amamentação: relato de abordagens no banco de leite humano

*Trabalho de Graduação – Psicanálises*

**Luiza Cunha Machado<sup>1</sup>** [luizacunhamachado@gmail.com](mailto:luizacunhamachado@gmail.com)

**Monalissa Ferreira Horácio<sup>1</sup>** [ferreiramonalissa@gmail.com](mailto:ferreiramonalissa@gmail.com)

**Juçara Clemens<sup>1</sup>** [iclemens@ufu.br](mailto:iclemens@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A parentalidade e a amamentação envolvem múltiplos desafios que requerem, principalmente, condições psíquicas favoráveis para o estabelecimento do vínculo entre os cuidadores principais e o bebê, a partir de um cuidado e de um ambiente suficientemente bom. Nesse sentido, os pais em processo de amamentação podem contar com pessoas de suas relações que podem contribuir com as necessidades do contexto, formando, então, uma rede de apoio. Assim, nota-se a importância de definir e identificar quais são as características dessa rede de apoio. **Objetivo:** Relatar os aspectos vinculados à importância da rede de apoio para pais em processo de amamentação, encontrados nas vivências propiciadas pelas abordagens e escuta de mães e seus acompanhantes que foram realizadas por participantes do Projeto de Extensão universitária “Aspectos emocionais da amamentação: abordagem psicoeducativa às mães e acompanhantes usuários do Banco de Leite Humano do HC-UFU”. **Método:** A extensão ocorreu a partir de 4 horas semanais de visitas das extensionistas ao Banco de Leite Humano (BLH), as quais fundamentaram encontros, também semanais, com as coordenadoras do projeto para a realização de supervisões que envolveram o compartilhamento de vivências e o aprofundamento teórico a partir da teoria psicanalítica winniciottiana e de autores contemporâneos da área. **Resultados:** Verificou-se que a rede de apoio de pais em processo de amamentação é constituída por pessoas das relações do casal parental que podem contribuir para suas necessidades nesse contexto, como avós, tios, parentes, amigos, vizinhos, entre outros. Algumas formas de contribuição encontradas foram: auxílio na realização dos trabalhos domésticos, se fazer presente e disponível para os pais, ajuda nos cuidados com o bebê, evitar palpites e interferências na relação dos pais com o bebê e com a amamentação, respeito ao espaço e tempo da relação pais-bebê, utilização de uma comunicação afetuosa e compreensiva com os pais, sugestão de ideias em detrimento da imposição de práticas. **Discussão:** Para atender às demandas de cuidado do bebê, inclusive as relacionadas à amamentação, o casal parental necessita de um elevado grau de disponibilidade e entrega às funções dele exigidas. Essa busca por atender às condições de desenvolvimento do bebê está relacionada ao conceito winniciottiano da mãe suficientemente

boa, aqui estendido à figura do pai. Mas para que tal disponibilidade se efetive, é necessário um ambiente que extrapole os pais e que também opere no sentido de favorecer a amamentação e a construção da relação pais-bebê. É possível, então, identificar na rede de apoio um dos componentes desse ambiente facilitador, a partir de ações e posturas desses sujeitos do entorno dos pais. **Conclusão:** Conclui-se que, a partir das vivências com mães e acompanhantes usuários do BLH, foi possível constatar que a rede de apoio para pais em processo de amamentação, enquanto um conceito que designa pessoas que se dispõem a realizar certos tipos de ajuda, ao mesmo tempo em que se abstêm de interferências consideradas perniciosas à relação pais-bebê, desempenha um papel importante para a promoção de condições favoráveis à amamentação e aos cuidados em geral com o bebê.

**Palavras-chave:** amamentação, rede de apoio, psicanálise, parentalidade.

## Referências

- Andreani G., Custódio Z. A. O., & Crepaldi, M. A. (2006). Tecendo as redes de apoio na prematuridade. *Aletheia*, 24, 115-126. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013462011>
- Mello, D. F., Antonietto, A. C. G., Furtado, M. C. C., Werner, M., & Alves, J. J. (2012). O cuidado cotidiano da criança na perspectiva Winnicottiana. *Rev Rene*, 13(4), 938-947. <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20120004000024>
- Mozzaquattro, C. O., Arpini, D. M., & Polli, R. G. (2015). Relação mãe-bebê e promoção de saúde no desenvolvimento infantil. *Psicologia em Revista*, 21(2), 334-351. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N2P333>
- Pereira, V. B. & Leitão, H. A. L. (2020). Sobrecarga e rede de apoio: a experiência da maternidade depois da separação conjugal. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(1), 1-12. [http://www.seer.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/3708](http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/3708)
- Winnicott, D. (2020). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu.
- Winnicott, D. (2022). *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu
- Zimerman, D. E. (2008). *Manual de Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: ArtMed.

## Atuação da Psicologia Hospitalar no luto perinatal

*Trabalho de Graduação - Psicologia da Saúde*

**Heloísa Frederico Cardoso**<sup>1</sup> [heloisacardoso2002@gmail.com](mailto:heloisacardoso2002@gmail.com)

**Anna Carolina Rodrigues Chaves**<sup>1</sup> [annacarolinachaves30@gmail.com](mailto:annacarolinachaves30@gmail.com)

**Nathalia Martins de Paulo Cândido**<sup>1</sup> [nathalia.martins47@outlook.com](mailto:nathalia.martins47@outlook.com)

**Telmo Rodrigues Batista Filho**<sup>1</sup> [telmorodriguespsi@gmail.com](mailto:telmorodriguespsi@gmail.com)

**Bettieli Barboza da Silveira**<sup>1</sup> [bettieli.silveira@uemg.br](mailto:bettieli.silveira@uemg.br)

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais

**Introdução:** A psicologia hospitalar demanda do profissional um papel dinâmico frente às diversidades institucionais, participando das dificuldades da internação, somando a atenção aos familiares e a equipe (Rodrigues & Langaro, 2019). Demanda recorrente no cenário hospitalar é a vivência do luto perinatal, destacando a relevante atuação da Psicologia no cuidado à mulher e familiares frente à perda. **Objetivo:** Compreender a importância da atuação do profissional da Psicologia em casos de luto perinatal. **Método:** Esta pesquisa adotou uma abordagem descritiva com revisão de artigos nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Os critérios utilizados para a seleção foram os seguintes eixos norteadores: textos em inglês, português e espanhol; referentes ao contexto hospitalar; parâmetro cronológico: 2018-2023; artigos completos disponibilizados nas bases de dados. Os dados obtidos foram analisados por Análise Temática. **Resultados:** No que tange o processo de aceitação e a vivência do luto, que se torna, em muitos casos, invisível socialmente, evidenciou-se a necessidade de compressão sobre o tempo individual de recuperação dessas mães (Lopes et al., 2021). Além disso, as mulheres expõem, de forma geral, sentimentos de angústia, medo, raiva e afins ao luto materno, o que requer manejo para a comunicação de notícias difíceis, uma vez que, se exposto sem o devido preparo, pode agravar as consequências emocionais da enlutada (Pereira et al., 2018). Outrossim, foi identificado que a equipe multidisciplinar e a rede de apoio são fatores importantes para a elaboração do luto da mulher, ressaltando a importância da expressão dos sentimentos e apoio emocional (Bisotto et al., 2021). Quanto ao papel da Psicologia, enaltece-se a relevância da intervenção frente ao luto perinatal por intermédio da escuta qualificada, com uso de técnicas, conforme abordagem terapêutica, e ferramentas específicas ao suporte das necessidades psicológicas da enlutada e familiares (Damasceno & Maia, 2021) **Discussão:** A partir da análise realizada pelo presente estudo, foram percebidos pontos relevantes e em comum aos estudos apreciados sobre a importância e as modalidades de atendimento psicológico hospitalar frente ao luto

perinatal. Observou-se consenso na literatura sobre a importância e aplicabilidade do suporte psicológico em instituições hospitalares, sobretudo na compreensão do processo de luto perinatal, ajudando as pacientes a lidarem com a dor, angústia e culpa que podem surgir, confirmado que o processo de luto materno necessita de atenção multidisciplinar, sendo, segundo Silva (2020), necessário empatia, humanidade e compreensão com o sofrimento do sujeito. **Considerações Finais:** Enquanto estratégia-chave no manejo psicológico em hospitais, o acompanhamento psicológico oferece espaço seguro para expressão de sentimentos, promovendo a elaboração saudável da perda e reduzindo o risco de complicações psicológicas. Os estudos que basearam esta pesquisa evidenciaram a importância da intervenção psicológica para mães e acompanhantes presentes, além de destacar papel facilitador no enfrentamento da dor e no processo de recuperação pós-perda. Para tanto, mostra-se a importância de construção de projetos futuros, evidenciando a relação entre teorias e técnicas terapêuticas com eficácia.

**Palavras-chave:** Assistência Perinatal, Morte Perinatal, Psicologia Hospitalar.

## Referências

- Rodrigues, C., & Langaro, K. A Atuação Da Psicologia No Âmbito Hospitalar E A Sua Relevância.
- Bisotto, L. B., de Oliveira Cardoso, N., & de Lima Argimon, I. I. (2021). Luto antecipatório materno: uma revisão integrativa nacional. *Revista do nufen: phenomenology and interdisciplinarity*, 13(1).
- Sampaio-Unileão, C. U. D. L., & Da Silva, M. T. P. A Expressão Da Perda: Atuação De Psicólogos Hospitalares E Estagiários De Psicologia Diante Do Luto Materno.
- de Sousa Damasceno, A. M., & Maia, A. H. N. (2021). Luto perinatal na perspectiva da psicologia hospitalar. *Mostra de Psicologia*.
- de Vasconcelos Santos, L. L., Paixão, F. J. D., de Sousa, C. P., de Araújo, F. G. A., Amorim, J. S., De Sousa, G. M. K. K., ... & do Nascimento Leal, L. G. (2022). Papel do psicólogo hospitalar no cuidado da mulher em processo de luto perinatal. *Research, Society and Development*, 11(12), e553111234819-e553111234819.
- Lopes, B. G., Carletto, M. R., Ivastcheschen, T., & Borges, P. K. D. O. (2021). Sentimentos maternos frente ao óbito perinatal. *Rev. Pesqui.(Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*, 1493-1498.
- Pereira, M. U. L., Gonçalves, L. L. M., Loyola, C. M. D., Anunciação, P. S. D., Dias, R. D. S., Reis, I. N., ... & Lamy, Z. C. (2018). Comunicação da notícia de morte e suporte ao luto

de mulheres que perderam filhos recém-nascidos. *Revista Paulista de Pediatria*, 36, 422-427.

## Construindo formas de autocuidado no dia a dia: grupo terapêutico sobre promoção da saúde mental

*Trabalho de Graduação - Psicologia e Processos Grupais*

**Michele Belo da Silva Mesquita**<sup>1</sup> [michelebmesquita@gmail.com](mailto:michelebmesquita@gmail.com)

**Kamila Kassiane Ferreira de Oliveira**<sup>1</sup> [kamilakassiane01@gmail.com](mailto:kamilakassiane01@gmail.com)

**Grayce Kelly de Sousa Fernandes Mendonça**<sup>1</sup> [graycek1704@gmail.com](mailto:graycek1704@gmail.com)

**Alina Mira Maria Coriolano**<sup>2</sup> [alina.coriolano@edu.ufes.br](mailto:alina.coriolano@edu.ufes.br)

<sup>1</sup> Centro Universitário Brasileiro

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo

**Introdução:** Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), o conceito de saúde vai além da mera ausência de doenças: ter saúde abrange o bem-estar físico, mental e social (Ferraz & Segre, 1997). O grupo terapêutico surgiu como um espaço para discutir tais temáticas, compartilhando as experiências, potencializando as trocas, buscando gerar conscientização sobre saúde mental e construindo formas de autocuidado no dia a dia. Isto foi possível, pois os grupos terapêuticos possibilitam o acolhimento de pessoas de diferentes contextos, fomentam debates e têm caráter não somente terapêutico como também educativo (Brunozi, 2019).

**Objetivo:** Difundir a experiência, ocorrida a partir do Estágio Básico em Psicologia II, de planejamento e prática de um grupo terapêutico sobre promoção da saúde mental. **Método:** O grupo terapêutico teve como participantes 10 profissionais de uma empresa de prestação de serviços de engenharia localizada na cidade de Recife – PE. Durante o planejamento dos encontros, iniciamos com informações sobre bem-estar e saúde mental e qual a relação que existe entre estes conceitos. Após isso, começamos a aprofundar e construir formas de autocuidado no dia a dia em cada encontro e sempre fazendo a relação entre ações de bem-estar e saúde mental. Para o encontro de fechamento, discutimos sobre a importância da psicoterapia. Os encontros ocorreram semanalmente em uma sala de reunião dentro da empresa e utilizamos materiais construídos por nós e distribuídos para os participantes ao final de cada encontro.

**Resultados:** Pudemos observar como evolução do grupo terapêutico as mudanças de pensamentos em relação ao que era saúde mental: no início do grupo, os participantes não relacionavam saúde mental com saúde física, autocuidado e autoconhecimento. Entretanto, através das discussões e dos debates propostos, pudemos trazer tais temas e relacioná-los. Também destacamos que tivemos vários relatos dos participantes sobre como o grupo terapêutico foi importante para desmistificar algumas ideias sobre saúde mental e como contribuiu positivamente na vida deles. **Discussão:** O grupo terapêutico apresenta potencial de trocas de diálogos, experiências e melhorias no meio

coletivo e individual sendo uma possibilidade para o trabalho com saúde mental; também destaca-se a capacidade resolutiva do grupo terapêutico por possuir vários olhares direcionados para uma questão em comum construindo possibilidades capazes de proporcionar mudanças significativas na vida de seus integrantes (BENEVIDES et al., 2010).

**Considerações finais:** Desde o planejamento dos encontros, mantivemos um diálogo entre teoria e prática, o que nos possibilitou ampliar nossos conhecimentos. A experiência do estágio básico possibilitou uma vivência prática da formação, além de conhecer possibilidades de atuação em Psicologia antes desconhecidas por nós. Além disto, essa experiência nos motivou a continuar trilhando os caminhos da Psicologia a fim de sermos profissionais melhores.

**Palavras-chave:** *Bem-estar, Saúde Mental, Grupo Terapêutico, Autocuidado, Estágio Básico em Psicologia.*

## **Referências**

- BENEVIDES, Daisyanne Soares et al. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 14, p. 127-138, 2010.
- BRUNOZI, Naipy Abreu et al. Grupo terapêutico em saúde mental: percepção de usuários na atenção básica. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 40, 2019.
- SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. *Revista de saúde pública*, v. 31, p. 538-542, 1997.

## **O trabalho com as emoções na educação infantil: mediações da Psicologia Escolar**

*Projeto de Extensão - Psicologia Escolar e Educacional*

**Andressa Ribeiro Ferreira**<sup>1</sup> [andressa.rf@ufu.br](mailto:andressa.rf@ufu.br)

**Dóris Alves Ferreira Serafim**<sup>1</sup> [doris.alves@ufu.br](mailto:doris.alves@ufu.br)

**Jéssica Resende de Andrade**<sup>1</sup> [jessicarandrade@ufu.br](mailto:jessicarandrade@ufu.br)

**Yasmin Vitória Souza Silva**<sup>1</sup> [yasmin.vitoria@ufu.br](mailto:yasmin.vitoria@ufu.br)

**Liliane dos Guimarães Alvim Nunes**<sup>2</sup> [lilidosgui@uol.com.br](mailto:lilidosgui@uol.com.br)

1 Universidade Federal de Uberlândia

2 Colégio de Aplicação Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Este trabalho refere-se ao relato de uma experiência de intervenções da Psicologia Escolar junto a crianças da Educação Infantil em um Colégio de Aplicação associado a uma Instituição de Ensino Superior. Tomamos como base o referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural e as proposições de Vigotski, que considera as emoções como funções psicológicas superiores que precisam ser trabalhadas para serem desenvolvidas e aprimoradas. Tais funções contribuem para a formação da consciência e atuam no desenvolvimento da personalidade. Desde a infância, as crianças internalizam os signos de sua cultura e complexificam sua dimensão afetiva, sendo esta marcada pelos contextos em que estão inseridas. Portanto, essa fase é essencial para a constituição do psiquismo humano, principalmente no que se refere à esfera afetivo-emocional e ao campo da linguagem. Diante do exposto e visando o alcance das metas propostas no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Cap. Eseba/UFU, os docentes da Área de Psicologia Escolar inicialmente levantaram alguns assuntos relevantes para serem trabalhados com as crianças da Educação Infantil, dentre eles, a temática das emoções. Em seguida foi elaborado um conjunto de intervenções psicoeducacionais considerando a importância da construção (inter)subjetiva das crianças sobre o tema em questão, proporcionando a elas um espaço escolar favorável à identificação, à nomeação e à expressão de suas emoções. **Objetivo:** Pretende-se com o presente trabalho apresentar algumas intervenções psicoeducacionais sobre o tema das emoções mediadas por uma psicóloga escolar e quatro extensionistas de um Projeto de Extensão, com vistas a promover reflexão crítica sobre a importância de a criança ter a oportunidade, desde cedo, de identificar e expressar tais emoções no cotidiano. **Método:** As intervenções foram planejadas no formato de rodas de conversa com as crianças e contaram com diferentes recursos e estratégias especialmente de cunho lúdico e artístico, como livros ilustrados, músicas, curta-metragens, brincadeiras, incluindo também a dimensão pedagógica, como atividades de

registros gráficos, tentativa de escrita e leitura de palavras significativas relacionadas à temática. **Resultados:** Após a realização de uma sequência de intervenções, percebemos uma ampliação na expressão e compreensão das emoções pelas crianças durante as rodas de conversa, assim como na elaboração de um “jogo da memória das emoções”, no qual cada criança representou uma emoção por meio do desenho em cartões coloridos, que depois puderam ser usados para a brincadeira no grupo. Ademais, constatamos a manifestação de comportamentos cuidadosos e afetivos por parte das crianças, repercutindo em um ambiente mais tranquilo, harmônico e solidário em sala de aula, contribuindo, inclusive, na diminuição e/ou resolução de conflitos entre pares. **Discussão:** A experiência que construímos com as crianças se mostrou concordante aos achados da literatura sobre a temática, na medida em que possibilitou ampliar seu repertório afetivo-emocional e adquirir elementos mediadores de sua relação com o outro, através de condições concretas de vida e educação. **Considerações finais:** Desse modo, é possível confirmar a relevância da proposição e mediação de rodas de conversa pela área de Psicologia Escolar e direcionadas a crianças da Educação Infantil, com temáticas que auxiliem em seu desenvolvimento e aprendizagem afetivo-emocional, social e cultural.

**Palavras-chave:** *psicologia escolar, emoções, mediação, educação infantil, desenvolvimento.*

## Referências

- Batista, J. B., Pasqualini, J. C., & Magalhães, G. M. (2022). Estudo sobre Emoções e Sentimentos na Educação Infantil. *Educação & Realidade*, 47, e116927. <https://doi.org/10.1590/2175-6236116927vs01>
- Machado, L. V., Facci, M. G. D., & Barroco, S. M. S. (2011). Teoria das emoções em Vigotski. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 647-657.
- Magiolino, L. L. S. (2014). A significação das emoções no processo de organização dramática do psiquismo e de constituição social do sujeito. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 48-59. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000600006>

## O uso de recursos do Tik Tok em atendimento de adolescente com autismo: uma forma alternativa na busca da identidade

*Trabalho de Graduação - Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*

**Lucas Borges de Carvalho**<sup>1</sup> [lucasbdc@outlook.com](mailto:lucasbdc@outlook.com)

**Mônica Rodrigues Cardoso**<sup>2</sup> [moonicarc@hotmail.com](mailto:moonicarc@hotmail.com)

<sup>1</sup> Centro Universitário do Triângulo

<sup>2</sup> Apiá Coletivo

**Introdução:** A adolescência é um período que impõe ao indivíduo importantes transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais que influenciam fortemente na construção da identidade. É uma fase conturbada para a maioria dos indivíduos e mais ainda para aqueles que possuem o Transtorno do Espectro Autista – TEA. Justifica-se em razão de o adolescente com TEA vir de uma infância com o desenvolvimento comprometido pelas disfunções sociais, de linguagem e comportamentais – próprias de quem tem o transtorno. Nesse contexto, o estabelecimento dos valores, crenças e metas fica prejudicado, podendo potencializar a crise de identidade, tornando fundamental propor estratégias que permitam reduzir esses impactos. **Objetivo:** Apresentar a estratégia utilizada para interagir com o paciente visando auxiliá-lo na busca da identidade, tendo percepção de si mesmo e de suas preferências, discutindo as possíveis implicações terapêuticas. **Método:** Paciente Renato, 15 anos, diagnosticado com TEA aos 3 anos e em acompanhamento multiprofissional desde então, com dificuldades para compreender a sua identidade e resistente a se abrir sobre sentimentos e pensamentos. É atendido pelo autor<sup>1</sup>, como atividade de estágio supervisionado, em uma clínica psicológica, tendo como abordagem a Análise do Comportamento e enfoque na Terapia ABA. Diante dessa dificuldade em se expressar e percebendo o interesse do paciente pela rede social *Tik Tok*, adaptaram-se dinâmicas que fizeram sucesso no aplicativo e as mesmas foram utilizadas em sessão. Foram realizadas perguntas que versavam sobre preferências, características físicas e de personalidade, situações estressantes, entre outras, e o paciente foi convidado a respondê-las usando plaquinhas com as alternativas de resposta que variavam entre números que correspondiam às opções e palavras “sim” e “não”. Dentre as dinâmicas, pode-se citar as seguintes: “Eu nunca...”, “Isto ou aquilo?”, “Coisas que me irritam”, “Faço ou não faço?”, “O que eu sou mais?”. Após isso, o paciente foi conduzido para um momento de reflexão sobre as respostas, na busca de auxiliar o processo de construção da identidade. **Resultados:** Observou-se que foi potente a adaptação, pois gerou engajamento, respostas efetivas e um caminho proveitoso de olhar para si de forma lúdica e assertiva. Essa repercussão

foi observada no compartilhamento por parte do paciente de situações e vivências tanto com o autor<sup>1</sup> como em outros contextos. **Discussão:** A forma lúdica com que foram apresentadas as perguntas surtiram efeito e propiciaram efetiva participação do paciente. Após as respostas, o autor iniciou uma conversa sobre cada item, a fim de que houvesse uma internalização de suas preferências. Isso possibilitou uma elaboração da identidade e o entendimento da sua condição de sujeito no mundo, do que gosta, quais suas características, os relacionamentos com a família, os pares e a sociedade adulta e como pode lidar com essa identidade ainda em construção psíquica e social. **Considerações finais:** As intervenções mostraram-se eficazes e válidas, pois estimularam o paciente a compreender a sua individualidade, o que até então estava primitivo e pouco sedimentado. A proposta evidenciou as vantagens de se usar criatividade nos atendimentos e de se beneficiar das preferências e atividades reforçadoras dos pacientes para os engajarem no processo terapêutico.

**Palavras chave:** Adolescência, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Personalidade, Tik Tok.

## Referências

- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2000). **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artmed.
- Silva, A. B. B., Gaiato, M. B., & Reveles, L. T. (2012). **Mundo singular: Entenda o Autismo.** Rio de Janeiro: Editora Fontana.
- Silva, D. G. F. D., & Gondim, L. S. D. S. (2022). **Tecnologia e adolescência: influência nas relações interpessoais e na construção de identidade.** Construção psicopedagógica, 32(33), 90-104.

## **O acolhimento da maternidade: desafios, demanda por apoio e superação de idealizações**

*Projeto de Extensão - Psicanálises*

**Tarsila Carneiro Lúcio<sup>1</sup>** [tarsilacarneiro@gmail.com](mailto:tarsilacarneiro@gmail.com)

**Juçara Clemens<sup>1</sup>** [iclemens@ufu.br](mailto:iclemens@ufu.br)

**Fernanda Eustáquio Peres<sup>1</sup>** [feustiquiop19@gmail.com](mailto:feustiquiop19@gmail.com)

**Gabriele Maria de Paula Brito<sup>1</sup>** [gabibrito.026@gmail.com](mailto:gabibrito.026@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A chegada de um bebê traz mudanças intensas na rotina e na organização familiar e, mesmo para as mães que já vivenciaram essa experiência antes, diversos desafios podem surgir, uma vez que cada vivência da maternidade é única. O vínculo que se constitui entre mãe e bebê é essencial para o bom desenvolvimento físico e psíquico do recém-nascido, por isso, é necessário promover condições suficientemente boas para que o desenvolvimento da criança possa se dar de uma forma satisfatória. Para isso, é importante que a mãe possa experienciar uma boa maternagem, sem julgamentos e, se possível, com o suporte de uma rede de apoio. **Objetivo:** Relatar as vivências advindas da escuta de mães e de acompanhantes usuários dos serviços do Banco de Leite Humano acerca da experiência da maternagem, a qual é marcada por desafios e por aspectos emocionais do puerpério. **Método:** O Projeto de Extensão “Aspectos emocionais da amamentação: abordagem psicoeducativa das mães e dos acompanhantes usuários do Banco de Leite Humano do HC-UFU” ocorreu a partir de 4 horas de abordagens realizadas semanalmente, por cada extensionista, às mães e aos acompanhantes usuários do Banco de Leite Humano do Hospital de Clínicas da UFU. Além disso, aconteceram encontros das discentes com as coordenadoras da Extensão, às quintas-feiras para a supervisão, a fim de debater as abordagens vivenciadas, expandir conhecimentos e aprofundar, teoricamente, a análise de casos, por meio da discussão de textos psicanalíticos. Ainda foram elaborados relatórios semanais quanto às abordagens efetuadas, por cada extensionista, ao longo dessas experiências práticas. **Resultados:** Tornou-se evidente que a maternidade suscita mudanças na rotina, alterações na organização familiar e desafios diante de modelos de cuidado impostos e de pressões sociais acerca do maternar romantizado. Notou-se que diversas mães enfrentam dificuldades para amamentar, autocobranças, sobrecarga emocional, adoecimento psíquico, ansiedade, hipertensão, desamparo, sensibilidade aguçada, falta de rede de apoio, culpa, sensação de ter falhado com o bebê, insônia e exaustão perante, até mesmo, demandas da dupla jornada de trabalho, marcadas pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com o recém-nascido. **Discussão:** A experiência do maternar é uma jornada

desafiadora e única, é essencial reconhecer e desmistificar a romantização da maternidade, evitando pressões e expectativas irreais. Ao acolher as dificuldades da amamentação e proporcionar uma rede de apoio sólida, torna-se possível auxiliar as mães nesse período. A busca por orientações especializadas é um passo importante para apoiar as famílias nessa trajetória. Respeitando a singularidade de cada mãe e valorizando o cuidado emocional, pode-se contribuir para uma maternidade mais saudável. **Considerações Finais:** O contato com famílias que estejam convivendo com a presença de um bebê demonstra como essa experiência pode ser sensível e desafiadora em uma diversidade de formas, essa vivência mostra os significados que podem se desdobrar na vida das mães, ou seja, como elas são afetadas, de acordo com a postura dos principais elementos que se ligam à sua experiência de maternar (rede de apoio, tipos de informações que entram em contato, qualidade do serviço de saúde procurado, etc).

**Palavras-chave:** Amamentação, Psicanálise, Rede de Apoio, Autocobranças, Maternar romantizado.

## Referências

- Benatti, A. P., Campeol, A. R., Machado, M. S., & Pereira, C. R. R. (2021). Famílias Monoparentais: Uma Revisão Sistemática da Literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(3), e209634. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003209634>
- Esteves, C. M., Anton, M. C., & Piccinini, C. A. (2011). Indicadores da preocupação materna primária na gestação de mães que tiveram parto pré-termo. *Psicologia Clínica*, 23(2), 75-99. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652011000200006&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200006&lng=pt&tlang=pt).
- Iaconelli, V. (2013). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna* [Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Produção Intelectual da Universidade de São Paulo. <https://repositorio.usp.br/item/oo2388706>
- Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Artmed.
- Lopes, R. C. S., Donelli, T. S., Lima, C. M., & Piccinini, C. A. (2005). O Antes e o Depois: Expectativas e Experiências de Mães sobre o Parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 247-254. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200013>
- Menezes, L. S. (2012). *Desamparo* (2a ed.). Casa do Psicólogo

- Pereira, L. C., & Tsallis, A. C. (2020). Maternidade versus sacrifício: uma análise do efeito moral dos discursos e práticas sobre a maternidade comumente engendrados nos corpos das mulheres. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(3), 1-14. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-890820200003\\_00008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-890820200003_00008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Pinto, K. L. B., Arrais, A. R., & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, 19(1), 37-47. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100005>
- Santos, G. A. G., Barbieri, V., & Santos, M. A. (2022). O pai e a função paterna na teoria winniciottiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 73(3), 112-128. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2021v73i3p.112-128>
- Silva, M., Wecker, A., Menegotto, L. M. O., & Rieth, C. E. (2023). Os desamparos da maternidade em um contexto de vulnerabilidade social. *Psico*, 54(1), e37872. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.37872>
- Winnicott, D. W. (1988). Preocupação materna. In Winnicott, D. W. Textos selecionados: da pediatria à psicanálise (pp. 491-498). Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (2020). Bebês e suas Mães. Ubu Editora.

## O lugar da psicanálise frente ao racismo na cultura brasileira: uma revisão teórica

*Trabalho de Conclusão de Curso - Psicologia Étnico-Racial*

**Layla Aparecida Rosa e Silva<sup>1</sup>** [layla.silva3210@gmail.com](mailto:layla.silva3210@gmail.com)

**Jolie Gregório Caetano<sup>1</sup>** [jogregoriocaetano@gmail.com](mailto:jogregoriocaetano@gmail.com)

**Giovanna Loubet Ávila<sup>1</sup>** [gloubetavila@gmail.com](mailto:gloubetavila@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

<sup>2</sup> Universidade Federal da Grande Dourados

**Introdução:** A Psicologia se constituiu no Brasil por meio da apropriação, por parte da elite intelectual brasileira, de estudos psicológicos pertinentes às questões voltadas à noção de indivíduo moderno que, não obstante, se consolidava no seio de transformações sociais, históricas e culturais de países da Europa e da América Central, no Séc. XIX. Particularmente, em que pese as contradições envoltas na produção da ciência psicológica brasileira desde tempos mais pretéritos, o desenvolvimento do saber psicanalítico na nossa sociedade também veio atravessado por incongruências na prática, principalmente quando vinculado à medicina-psiquiátrica com seus objetivos higienistas nas medidas de controle e marginalização de ex-escravizados. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho foi o de investigar e discutir o lugar da psicanálise com relação às questões étnico-raciais, na atualidade, tendo em vista os fatores históricos acima apontados. **Método:** Por meio da revisão da literatura voltada ao tema, a problematização da psicanálise brasileira foi importante para pensarmos as limitações e as contribuições da prática clínica e de noções freudianas com relação à violência imanente ao racismo na nossa cultura, e nas suas formas de produção de sofrimento e sintomas nos sujeitos. Para além da clínica, levantamos e discutimos alguns constructos teóricos psicanalíticos discutidos por autores da área engajados(as) nas questões étnico-raciais no Brasil, nas articulações feitas entre a psicanálise e a sociedade. **Resultados:** Percebemos que há vários estudos sobre as relações raciais no Brasil dentro da psicanálise, inaugurando um pensamento crítico dentro deste campo de atuação. Exemplos disso são as autoras Vírginia Bicudo e Neusa Santos Souza. Além dos autores dos livros “O racismo e negro no Brasil: questões para Psicanálise” (Kon et al., 2017) e “Provocações para a psicanálise no Brasil: racismo, políticas identitárias, violências e colonialismo” (Peron & Ambra, 2021). **Discussão:** Entretanto, ideias psicanalíticas já foram utilizadas para defender e embasar um viés eugenista por psiquiatras brasileiros na tentativa de continuar marginalizando pessoas pretas e pardas. Tal impasse abriu margem para o surgimento de um pensamento crítico e engajado nos estudos da constituição da subjetividade dessa população, destrinchando conceitos como Narcisismo das pequenas diferenças, Ideal do Eu, Identidade. Detalhando como a violência do racismo

atravessa a autoestima e as vivências de pessoas negras, os(as) autores(as) também apontam como a população branca não reconhece ser racista por meio de um “pacto narcísico”.

**Conclusão:** Concluímos que há referências importantes abordando questões raciais por meio dos referenciais teóricos da Psicanálise, servindo de apoio para profissionais atuarem de acordo com as particularidades do território brasileiro. Salientamos também a importância de considerar práticas antirracistas não apenas nos consultórios clínicos mas também em instituições psicossociais, considerando que “práticas de discriminação institucional que fazem com que negros e brancos não tenham acesso aos mesmos bens materiais e simbólicos” (Rosemberg, 2017, p. 132). Portanto, a problemática do racismo não pode ser tratada apenas individualmente, e sim no âmbito sociocultural para que seja possível avanços, embora o fator psicológico, o sofrimento do sujeito, deva ser ressaltado e digno de discussão por parte da Psicologia.

**Palavras-chave:** *História da Psicologia. Psicanálise Brasileira. Racismo.*

*Relações Étnico-raciais.*

## **Referências**

- Kon, N. M., Silva, M. L., & Abud, C. C. (2017). O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva.
- Peron, P. & Ambra, P. (2021). Provocações para a psicanálise no Brasil: racismo, políticas identitárias, violências e colonialismo. São Paulo: Zagodoni.
- Rosemberg, F. (2017). Psicanálise e relações raciais. In Kon, N. M., Silva, M. L., & Abud, C. C. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* (pp. 130-141). São Paulo: Perspectiva.

## Capacidade terapêutica em grupo: interseções entre o filme “Toc Toc” e a teoria de Carl Rogers

*Trabalho de Graduação - Psicologia e Processos Grupais*

**Túlio Fischer Ventura**<sup>1</sup> [tulio.ventura@ufu.br](mailto:tulio.ventura@ufu.br)

**Ana Elisa de Freitas Machado Silva**<sup>1</sup> [anaelisa\\_fms@ufu.br](mailto:anaelisa_fms@ufu.br)

**Juliana dos Santos Vitalli**<sup>1</sup> [juliana.vitalli@ufu.br](mailto:juliana.vitalli@ufu.br)

**Humberto Angelo Semensato Filho**<sup>1</sup> [humberto.semensato@gmail.com](mailto:humberto.semensato@gmail.com)

**Emerson Fernando Rasera**<sup>1</sup> [emersonrasera@ufu.br](mailto:emersonrasera@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Salientada pela teoria humanista de Carl Rogers, a capacidade terapêutica que emana nos grupos é reafirmada pela literatura especializada como um dos mais importantes e frequentemente percebidos fatores terapêuticos dentro de um grupo (Andrade et al., 2022). Todavia, na maioria das publicações existentes, a figura do terapeuta quase sempre se encontra presente, de certa forma exercendo algum grau de influência sobre os resultados alcançados por um processo grupal dito terapêutico. Com base nisso, questiona-se: a capacidade terapêutica ocorre exclusivamente na presença de um profissional terapeuta ou seria ela uma capacidade intrínseca a todo e qualquer grupo humano? É possível supor que indivíduos são capazes de apresentar a capacidade terapêutica autônoma, mas dependem de um cenário específico que os coloque em uma situação demandante por um efetivo exercício desse tipo de autonomia e empatia, situação cada vez mais escassa em tempos de individualismo crescente (Schmidt, 2011). **Objetivo:** O objetivo desse ensaio é refletir como os participantes de um grupo conseguem ser mutuamente e verdadeiramente terapêuticos, de forma autônoma, consoante aos pressupostos teóricos de Carl Rogers. **Método:** Para tanto, utilizamos a obra cinematográfica *Toc Toc* (Silva et al., 2021), na qual um grupo de pacientes é indiretamente incentivado a se relacionar na ausência de um terapeuta, e analisamos algumas cenas de interação entre as personagens e suas possíveis relações com conceitos rogerianos. **Resultados:** Como resultado, foram identificados os conceitos de capacidade terapêutica grupal, aceitação positiva incondicional, congruência e empatia ao longo do filme. As personagens da obra cinematográfica em questão apresentaram a capacidade de cuidarem-se genuinamente, realizando funções tradicionalmente exercidas pelo terapeuta, especialista do processo terapêutico, de modo a aprofundar essas relações interpessoais e conseguirem lidar de forma mais saudável com suas respectivas condições. **Discussão:** Uma possibilidade que se torna evidente é a de que o papel do terapeuta, frequentemente exercido pelo profissional

psicólogo, seria apenas o de facilitar o processo terapêutico pelo qual os próprios indivíduos já estariam dispostos a atravessar. Em um cenário ideal, em que os indivíduos estivessem mais abertos a interagirem e existirem coletivamente, ouvindo e respeitando as adversidades alheias, talvez o papel do psicólogo se tornasse menos essencial do que atualmente o é. Questiona-se, então, se a nossa responsabilidade profissional não consistiria na intenção de tornar os indivíduos cada vez mais autônomos, empáticos e, portanto, cada vez menos demandantes de nossos serviços. **Considerações finais:** Conclui-se que a importância deste ensaio reside, então, nas reflexões capazes de nos fortalecer enquanto profissionais críticos das próprias práticas e do modo de vida vigente na sociedade atual, passando a investir mais no potencial terapêutico de cada paciente, o qual constitui-se no genuíno especialista de sua própria existência, sendo cada um deles também capazes de fazer ressoar, em maior escala, os frutos de nosso imprescindível esforço profissional.

**Palavras-chave:** *Processos grupais, Carl Rogers, Arte, Fatores terapêuticos, Humanismo.*

## Referências

- Andrade, J. M. M., Farinha, M. G., Sousa, J. M., Vale, R. R. M. D., & Esperidião, E. (2022). Presença de fatores terapêuticos em atendimentos grupais em sala de espera. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 24:68907, 1-8. <https://doi.org/10.5216/ree.v24.68907>
- Schmidt, M. L. S. (2011). Utopia, teoria e ação: Leitura das propostas grupais na abordagem centrada na pessoa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 628–639. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300014>
- Silva, C. C., Souto, W. K. S. C., & Borges, F. T. (2021). Toc Toc—uma reflexão sobre o papel da alteridade no acabamento estético de si. *AVANCA| CINEMA*, 798-802. <https://doi.org/10.37390/avancacinema.2021.a310>

## **Centro de Atenção Psicossocial, oficina remota e pandemia: um relato de experiência**

*Trabalho de Graduação - Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Monize Villega Rios<sup>1</sup>** [riosmonize@gmail.com](mailto:riosmonize@gmail.com)

**Gabrielly dos Santos Mazini<sup>1</sup>** [gabrielly-mazini@hotmail.com](mailto:gabrielly-mazini@hotmail.com)

**Prof. Dr. Tiago Humberto Rodrigues Rocha<sup>1</sup>** [tiago.rocha@uftm.edu.br](mailto:tiago.rocha@uftm.edu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro

**Introdução:** O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) busca oferecer suporte psicossocial para os usuários através de oficinas, atendimentos individuais e grupais. As oficinas terapêuticas contribuem para a estimulação do pensar/agir individual e coletivo. A família, por sua vez, ao estar integrada nas oficinas, pode contribuir com o cuidado em saúde mental dos usuários (Noronha et al., 2016; Martinhago, & Oliveira, 2012). Com a pandemia do novo coronavírus, as atividades do CAPS tiveram que ser remanejadas para o modelo remoto e os usuários, famílias e profissionais precisaram se adaptar a esse modelo. Com o distanciamento social, limitou-se a interação social, o que ocasionou em impactos na saúde psíquica e, por isso, a realização das atividades no modelo remoto se demonstrou essencial (Santana, Aragão, & Bernardo, 2021). **Objetivo:** Relatar uma experiência de estágio em oficinas remotas de um Centro de Atenção Psicossocial durante o período da pandemia do Covid-19, compreender a participação das famílias nas atividades e identificar se as oficinas remotas desempenharam papel de suporte psicossocial para os usuários. **Método:** Este estudo compreende-se como um relato de experiência com caráter qualitativo-descritivo, realizado a partir do diário de campo das estagiárias. Houve a participação de dez encontros supervisionados em uma oficina de um Centro de Atenção Psicossocial, realizados por meio da ferramenta Google Meet durante o período de maio a julho de 2021. Cada encontro teve, aproximadamente, uma hora de duração e participação de duas psicólogas, cinco estagiárias de Psicologia de uma Universidade de Minas Gerais e cerca de sete usuários. A “Oficina de Notícias” – como era denominada – teve como objetivo disseminar informações verdadeiras e constituir um ambiente de acolhimento e reflexão. **Resultados:** A oficina pôde proporcionar um espaço de interação entre os usuários, criação de uma nova rotina, e, apesar da baixa adesão, possibilitou a continuidade ao tratamento. Ademais, houve participação direta e indiretamente das famílias e dificuldade de acesso aos encontros, considerando a situação de vulnerabilidade social dos usuários e famílias. **Discussão:** Apesar de ter sido a primeira vivência em um CAPS pelas estagiárias, as situações foram abordadas de maneira acolhedora e cuidadosa pelas mesmas e pelas psicólogas. A família participou indireta e diretamente nas oficinas, solucionando

problemas técnicos em relação à internet e à ferramenta do Google Meet. Também, incentivou a participação dos usuários e apareceu nas chamadas em alguns momentos, tendo sido uma grande aliada. O barulho foi um empecilho, pois os usuários se encontravam em ambientes com mais pessoas e havia interferência, inclusive impossibilitando a garantia total do sigilo. Por parte da equipe, também houve problema técnico, o que levou as estagiárias a serem mais proativas. **Considerações finais:** Por fim, considerando feedback dos usuários, contatou-se que foi oferecido suporte psicossocial pelo CAPS e, apesar das adversidades encontradas, a instituição conseguiu reinventar suas atividades e criar um espaço de acolhimento das demandas dos usuários e de cuidado de seus sintomas. Além disso, um novo formato de setting foi consolidado em que todos passaram a estar presentes de um modo diferente do que estavam anteriormente.

**Palavras-chave:** CAPS, Suporte Psicossocial, Covid-19.

## Referências

- Martinhago, F., & Oliveira, W. F. (2012). A prática profissional nos Centros de Atenção Psicossocial II (caps II), na perspectiva dos profissionais de saúde mental de Santa Catarina. *Saúde em Debate*, 36(95), 583-594. Recuperado em 08 de agosto de 2023, de <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Bj63LCHtYZHjqd8fN7MyP6r/abstract/?lang=pt>
- Noronha, A. A., Folle, D., Guimarães, A. N., Brum, M. L. B., Schneider, J. F., & Motta, M. G. C. (2016). Percepções de familiares de adolescentes sobre oficinas terapêuticas em um centro de atenção psicossocial infantil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 3(4). Recuperado em 08 de agosto de 2023, de <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/FPSwyYG99WqZQ4vr39W5phS/?lang=pt>
- Santana, R. S., Aragçao, L. I. S., & Bernardo, K. J. C. (2021). INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL ONLINE COM IDOSOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 6(16), 69–83, 2021. Recuperado em 08 de agosto de 2023, de <https://revista.foles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/273>

## Etarismo nas organizações: o impacto dos estereótipos e preconceitos sobre os trabalhadores mais velhos no brasil

*Trabalho de Graduação - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

**Ana Júlia Bovolenta Herculano<sup>1</sup>** [ana.herculano@ufu.br](mailto:ana.herculano@ufu.br)

**Maria Clara Perez Cazellato<sup>1</sup>** [maria.cazellato@ufu.br](mailto:maria.cazellato@ufu.br)

**Isabella Vieira Salomão<sup>1</sup>** [isabella.vsalomao@ufu.br](mailto:isabella.vsalomao@ufu.br)

**Gabriela Caixeta Gandolfi<sup>1</sup>** [gabicgandolfi@ufu.br](mailto:gabicgandolfi@ufu.br)

**Heila Magali da Silva Veiga<sup>1</sup>** [heila.veiga@ufu.br](mailto:heila.veiga@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** De acordo com o IBGE (2020), a expectativa de vida aumentou em aproximadamente 30 anos desde 1940 no Brasil, demonstrando um crescimento da população idosa, sendo imprescindível que se fale sobre a temática da velhice, trazendo para a discussão o termo etarismo que se configura enquanto “qualquer preconceito ou discriminação contra, ou a favor de um grupo de idade”, que se manifesta tanto no âmbito pessoal quanto institucional. Nesse sentido, cabe pensar em estereótipos como traços que vêm à mente quando se pensa em determinados grupos sociais e que podem levar à inferência incorreta de que todos os membros deste são iguais, de maneira que o preconceito é definido como atitude negativa, enquanto discriminação de natureza comportamental. Alguns dos principais estereótipos ligados à pessoa idosa se encontram no mercado de trabalho, em que esses indivíduos são vistos como mais lentos, com a saúde debilitada e, consequentemente, menos dispostos. Diante disso, o etarismo está presente nas práticas, políticas e rotinas das organizações, contribuindo para que esse fenômeno seja naturalizado. **Objetivo:** Este artigo visa realizar uma revisão sistematizada do etarismo nas organizações no período de 2014 a 2020. **Método:** Para a busca dos artigos, foram selecionadas as palavras-chave “etarismo”, “organizações”, “mercado de trabalho” e “envelhecimento”. Além disso, foram considerados critérios para a escolha dos artigos: aqueles escritos em língua portuguesa e disponíveis nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico. **Resultados:** A literatura aponta que os profissionais no processo de envelhecimento enfrentam dificuldades e resistência para admissão e permanência no mercado de trabalho, como é evidenciado pelo avanço da tecnologia, já que são tidos como menos preparados e mais inflexíveis à mudanças inerentes aos avanços tecnológicos, evidenciando ainda mais o etarismo por eles vivenciados. **Discussão:** A partir do que foi encontrado, observa-se que o indivíduo considerado como velho na sociedade contemporânea se encontra à margem da sociedade. No entanto, cabe pensar que num futuro próximo eles serão o principal grupo etário e mão de obra disponível.

Dessa forma, é interessante pensar ações que podem e devem ser realizadas para combater o etarismo nas organizações. Por isso, identifica-se a importância da psicologia organizacional como apoio e orientação para as adaptações das organizações, bem como para possibilitar uma melhor qualidade de vida e produtividade no ambiente de trabalho para esses indivíduos.

**Considerações finais:** O presente estudo apresenta uma revisão sistematizada sobre o preconceito e a discriminação sofridos pelos trabalhadores mais velhos e a partir disso tem-se como resultado que essas pessoas experimentam o etarismo, o que influencia diretamente nas dificuldades tanto para ingressar quanto para permanecer no mercado de trabalho. Ainda, com tal pesquisa, pode-se perceber que o estudo apresenta limitações, visto que foram abrangidos apenas artigos em língua portuguesa, todavia seria interessante a busca de trabalhos em outros idiomas, como também aumentar o período de buscas para ser realizada uma análise mais pormenorizada da temática. Por fim, como sugestão para pesquisas futuras, pode ser realizado um estudo de caso, com relatos de experiências, para enriquecer ainda mais o assunto pesquisado.

**Palavras-chave:** etarismo, organizações, mercado de trabalho, envelhecimento.

## Referências

- Agência de Notícias - IBGE. (2020). Em 2019, expectativa de vida era de 76,6 anos. Editoria: Estatísticas Sociais. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos>
- Cepellos, V. M., & Tonelli, M. J. (2017). Envelhecimento profissional: percepções e práticas de gestão da idade. *Revista Alcance*, 24(1), 4-21. Doi: alcance.v24n1.p4-21
- Hanashiro, D. M. M., & Pereira, M. F. M. W. M. (2020). O etarismo no local de trabalho: evidências de práticas de “saneamento” de trabalhadores mais velhos. *Revista Gestão Organizacional*, 13(2), 188-206. DOI: <http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v13i2>
- Loth, G. B., & Silveira, N. (2014). Etarismo nas organizações: um estudo dos estereótipos em trabalhadores envelhecentes. *Revista de Ciências da Administração*, 16(39), 65-82. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n39p65>
- Silva, R. A., & Helal, D. H. (2019). Ageismo nas organizações: questões para debate. *Revista de Administração IMED*, 9(1), 187-197. DOI: <https://doi.org/10.18256/2237-7956.2019.v9i1.3167>

## A figura materna enquanto violentadora sexual: um estudo psicanalítico com meninas adolescentes

*Trabalho de Graduação – Psicanálises*

Thaís Shibatta Kagesawa<sup>1</sup> [thaiskagesawa@gmail.com](mailto:thaiskagesawa@gmail.com)

Miriam Tachibana<sup>1</sup> [mirita@ufu.br](mailto:mirita@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Embora a maioria dos casos de violência sexual infanto-juvenil sejam cometidos por um agressor do sexo masculino (Oliveira et al., 2022), entendemos que se faz necessário investigar os casos de violência sexual perpetrada pela figura feminina que cumpre função materna para a adolescente vitimada, compreendendo que a menor incidência de casos em que a agressora é a figura materna não justifica a escassez de estudos científicos sobre o tema, principalmente por vivermos em uma sociedade materno-centrada. **Objetivo:** Investigar a experiência emocional de adolescentes vítimas de violência sexual perpetrada por uma mulher que cumpre a função materna, estando ela envolvida como ofensora ou como co-ofensora. **Método:** A pesquisa contou com a participação de cinco meninas adolescentes entre 12 e 17 anos que estavam sendo acompanhadas em um ambulatório especializado na atenção integral a vítimas de agressão sexual. Foram realizadas entrevistas individuais, psicanaliticamente orientadas, de modo que a associação livre das participantes foi privilegiada. Entretanto, visando favorecer a comunicação emocional delas, foi adotado, como recurso dialógico mediador, o Procedimento de Desenho-Estória com Tema, desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999), por meio do qual cada participante foi convidada a fazer um desenho segundo o tema “uma família” e, em seguida, a inventar uma história sobre o que havia desenhado. Cada entrevista resultou em uma narrativa transferencial, redigida pela entrevistadora, em que foram descritos o acontecer clínico, as impressões contratransferenciais e a associação livre da pesquisadora, para além das falas e condutas manifestadas pelas participantes (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005; Medeiros, 2009). O material foi analisado psicanaliticamente segundo a Teoria dos Campos, elaborada por Fábio Herrmann. **Resultados:** Foi possível identificar dois campos, sendo o primeiro deles referente ao sentimento de (não) filiação, experienciado pelas adolescentes, em relação aos seus grupos familiares; e o segundo deles concernente ao lugar do feminino para elas. **Discussão:** É possível pensarmos que o sentimento de falta de filiação com as famílias relaciona-se ao fato de vivermos em uma cultura materno-centrada, em que a parentalidade é principalmente feminina. Assim, à medida em que a relação com a figura materna é danificada, as adolescentes parecem perder suas

referências de família, conseguindo preservar algum tipo de vinculação familiar apenas por meio de duas estratégias defensivas: 1) focalizando no subsistema fraterno; ou 2) preservando dissociadamente a figura materna agressora como um objeto bom internalizado. Notamos também que as participantes pareciam sustentar uma representação do feminino como uma figura onipotente a ser temida. **Considerações finais:** Há uma escassez de estudos científicos sobre violência sexual infantojuvenil em que a figura materna é a agressora e, dentre os parcos estudos brasileiros sobre essa temática, nenhum foi constituído a partir da perspectiva das vítimas. Assim, acreditamos que a presente pesquisa pode enriquecer a literatura científica acerca do tema investigado e proporcionar maior visibilidade a esse tipo peculiar de violência.

**Palavras-chave:** *Mulher ofensora sexual, Violência sexual materna, Violência sexual infantojuvenil.*

## Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. [Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo].
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. *Anais do IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. Estados Gerais da Psicanálise.
- Medeiros, C. (2009). *Girando o cata-vento: sofrimento e cuidado na psicanálise do ser e fazer* [Tese de Doutorado; Universidade de São Paulo].
- Oliveira, Y. S., Rodrigues da Silva, D., Pombo, A.P. M., & Moura, R. F. (2020). Epidemiologia da violência sexual infantojuvenil no município de São Paulo. *Nursing*, 23(271), 5055-5060. <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i271p5055-5066>

## “Acompanhar” para desinstitucionalizar: relato de experiência de um acompanhamento terapêutico

*Trabalho de Graduação - Psicologia Social e Comunitária*

**Thaís Shibatta Kagesawa**<sup>1</sup> [thaiskagesawa@gmail.com](mailto:thaiskagesawa@gmail.com)

**Ricardo Wagner Machado da Silveira**<sup>1</sup> [ricardo.silveira@ufu.br](mailto:ricardo.silveira@ufu.br)

**Camilla Cristina Sgarbi de Souza**<sup>1</sup> [camillasgarbi1234@gmail.com](mailto:camillasgarbi1234@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O acompanhamento terapêutico (AT) é um dispositivo consoante aos preceitos da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial, à medida em que é “uma clínica a serviço dos processos de desinstitucionalização que coloca em jogo a desinstitucionalização da clínica mesma” (Palombini, 2006, p. 117), pois ele acontece entre o serviço e a rua e no território. O acompanhante terapêutico (at) deve ser capaz de acolher, acompanhar e pensar junto com o acompanhado e, além de construir um vínculo e uma relação com a pessoa acompanhada, deve ser capaz de observar e avaliar tal interação constantemente (Mauer & Resnizky, 1987).

**Objetivo:** Descrever e refletir sobre a experiência de realizar um estágio de AT. **Método:** Trata-se de um relato de experiência de duas estagiárias que atuaram enquanto at's de J., mulher de 56 anos diagnosticada com Transtorno Afetivo Bipolar quando era jovem. A primeira etapa foi realizar visitas à uma unidade de internação em saúde mental, a fim de conhecer o local, os profissionais e os usuários. A partir disso, nos vinculamos a J., que foi escolhida por entendermos que ela poderia se beneficiar do AT e por ter tido várias internações sucessivas, o que caracteriza a porta giratória e o AT privilegia o cuidado a esses casos. Os encontros aconteceram duas vezes na semana em dupla. Posteriormente, a frequência dos encontros aumentou para três vezes semanais, sendo duas de forma individual e uma em dupla. Encontramos-nos com J. principalmente em sua casa, mas também circulamos pelo seu território e estivemos com ela em outros espaços, como o CAPS e a UBSF. **Resultados:** Ao longo do trabalho, nos tornamos “amigas” de J., a acompanhamos pelo território na tentativa de propiciar novos hábitos, a acompanhamos em consultas, estimulamos reflexões e convocamos reuniões com a equipe de referência e com a família. Durante 9 meses de trabalho, percebemos maior aproximação do filho no cuidado de J. e criamos estratégias de organização que ajudassem em sua rotina. A acompanhada não foi internada nesse período, o que demonstra, ao nosso ver, que o trabalho de AT tem contribuído para este novo cenário. **Discussão:** O at parte de uma equipe, se desprende da clínica institucionalizada e se lança para o cotidiano do sujeito, possibilitando outra visão do acompanhado e de sua família,

diferente do que é alcançado no trabalho realizado pelo CAPS e outros serviços (Palombini, 2008). **Considerações finais:** O AT está fortemente alinhado com a Reforma Psiquiátrica, devido ao envolvimento dele com diversos atores (profissionais de saúde, família, comunidade) e também pelo seu *setting*, que não é restrito ao contexto institucional de tratamento. São muitos os desafios enfrentados no AT de J., como o da parceria do AT com o CAPS e uma relação de maior proximidade entre J. e sua família. Entretanto, o fato de J. não mais ter sido internada, estar conseguindo se cuidar e ser cuidada pelas at's, pela família e pelo CAPS, tem se mostrado um importante resultado de que nosso trabalho está no caminho da busca de saúde mental e reinserção psicossocial.

**Palavras-chave:** *Luta Antimanicomial, Desinstitucionalização, Acompanhamento Terapêutico.*

## Referências

- Mauer, S. K., & Resnizky, S. (1987). *Acompanhantes Terapêuticos e pacientes psicóticos*. Papirus.
- Palombini, A. L. (2006). Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. *Psychê*, 10(18), p. 115-127. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382006000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200012)
- Palombini, A. L. (2008). Adendo: da inclusão do acompanhante terapêutico nas equipes de saúde mental. In *Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS

## A ação de incluir, transformar o corpo, a mente e expressar-se na observação participante

*Relato de Experiência - Psicologia e Arte*

**Márcia Souza Oliveira<sup>1</sup>** [marciaolivira1962@gmail.com](mailto:marciaolivira1962@gmail.com)

<sup>1</sup>Faculdade Anhanguera

**Introdução:** O relato apresenta uma prática de observação participante junto ao projeto extensivo *Grupo SOMA: Ações Transdisciplinares* na UFU. Para tanto, fundamentou-se nas abordagens da Psicologia Social através da literatura de Antonio Ciampa (1986), além de abordagens da Dança propostas por Luciana Mourão Arslan (2020), quando relaciona dança à estética da existência com ênfase na *somaestética* de Richard Shusterman (2012), e na sistematização corporal de Klauss Vianna (MILLER, 2007). **Objetivo:** De modo geral propôs-se como objetivo colaborar com práticas de cuidado em saúde e educação junto ao *Grupo SOMA*, aliando Psicologia à Arte nos processos de autocuidado. Já no específico, identificou-se os papéis desempenhados pela observadora participante. **Método:** O grupo observado envolveu alunos, funcionários e público externo à universidade, nas práticas de cuidados somáticos, qualidade de vida, saúde e meio ambiente. Junto ao *Grupo SOMA: Ações Transdisciplinares*, desenvolveu-se a investigação participativa e qualitativa que possibilita ao pesquisador atuar e investigar concomitantemente (THIOLLENT,2022). Na ação participativa o investigador abordou a sua interação com o grupo, o registro e a análise do processo. No contexto da pesquisa optou-se pela prática de ioga, que ocorriam às sextas-feiras no campus Santa Mônica, na Universidade Federal de Uberlândia, bloco 1 W, cuja relevância era a prática integrativa pela somática criativa, envolvendo a palavra, o corpo e o movimento. **Resultados:** O caráter participativo na observação oportunizou o autocuidado pela reeducação dos sentidos. A *Iogamovie*, proposta de Luciana Arslan, enquanto Práticas Integrativas e Complementares à Saúde desenvolveu no participante uma atenção quanto ao respirar, construir e desconstruir posturas, trabalhar o imaginário, relaxar, exercitar a lateralidade, perceber o espaço, organizar o corpo pelo alinhamento, o peso, os apoios, a resistência, as oposições, a presença, o eixo global do corpo. Tal caminho comunicativo pessoal, foi também possibilidade de aproximação com o grupo. No sentido de integrar-se, percebeu-se a importância do cuidado com o grupo, porém sem interferir demasiadamente. **Discussão:** A proposta da observação questionou o distanciamento do observador na pesquisa, trazendo para a cena a observação participativa. Para Ciampa (1986), na medida em que comparecemos frente ao outro, representamo-nos. Somos representantes de nós mesmos. No contato com o grupo surgiram as demandas, uma delas dizia respeito a inexistência de alunos bolsistas no

projeto de extensão. Esse descaso com a educação, que culminou no desmonte do ensino, da pesquisa e da extensão, foi um problema colocado pelo governo Jair Bolsonaro.

**Considerações finais:** Percebeu-se no contato com o projeto *SOMA*, que as pessoas do grupo tinham necessidades muito parecidas com as necessidades do observador. E que a Psicologia nos diversos espaços sociais em que se faz presente, facilita o engajamento interdisciplinar com qualidade no envolvimento, e com foco no interesse do grupo.

**Palavras-chave:** *Observação; Participante; Grupo; Dança; Inclusão.*

## **Referências**

- ARSLAN, L.M. Corpo (sentido): corporeidade e estesia nós processos de ensino-aprendizagem. Uberlândia: Regência e Arte Editora, 2020.
- CIAMPA, A.C. Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio sobre Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MILLER, Jussara. A escuta do corpo: sistematização da técnica Klauss Vianna. São Paulo: Summus Editorial, 2007.
- SHUSTERMAN, R. Consciência Corporal. São Paulo: E. Realizações, Livraria e Editora Ltda, São Paulo, 2012.
- THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2022.

## E quando a adolescente alega seu consentimento?: um estudo de caso sobre vivência/violência sexual

*Trabalho de Graduação - Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Isabella Rodrigues Rezende<sup>1</sup>** [isabella.rezende@ufu.br](mailto:isabella.rezende@ufu.br)

**Miriam Tachibana<sup>1</sup>** [mirita@ufu.br](mailto:mirita@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Na legislação penal brasileira, é considerado crime de estupro de vulnerável o ato sexual praticado com menores de 14 anos, de modo que se entende juridicamente que, antes dos 14 anos, o indivíduo não possui maturidade, autonomia ou direito de consentir uma relação sexual (Costa et al., 2020). Contudo, é comum haver casos em que meninas pré-adolescentes, que deveriam ser tidas a rigor como vítimas de violência sexual, não se reconheçam enquanto tal, declarando que o que experienciaram foi uma vivência sexual consentida. **Objetivo:** Objetivou-se tecer reflexões de um caso considerado juridicamente como violência sexual, embora a suposta vítima não se reconhecesse enquanto tal. **Método:** Optou-se pelo estudo de caso (Carneiro, 2018), sendo o caso escolhido o de uma pré-adolescente de 11 anos, atendida ao longo de seis meses num ambulatório especializado em violência sexual, ao qual ela havia sido encaminhada após denúncia da escola. Compuseram esse estudo de caso os cinco atendimentos ambulatoriais, que foram conduzidos por uma das autoras (que se ocupava da pré-adolescente) e por outros integrantes da equipe interdisciplinar (que realizavam a escuta dos familiares). Após a realização de cada atendimento ambulatorial, era redigida uma narrativa transferencial (Granato et al., 2011) por parte da pesquisadora, onde eram registradas não só suas impressões contratransferenciais emergentes dos atendimentos com a pré-adolescente, mas, também, aquelas a partir da discussão com a equipe que realizava paralelamente os atendimentos de sua mãe. Em seguida, o conjunto das narrativas transferenciais foi analisado conforme a Teoria dos Campos (Hermann, 2006). **Resultados:** Os campos identificados, através da análise psicanalítica das narrativas transferenciais, foram intitulados “Grande menina, pequena mulher”, “Red: crescer é uma fera” e “Vítima x Suspeita”. Esses campos foram construídos buscando anunciar as reflexões que podem ser levantadas no estudo do caso apresentado e o que a literatura aponta sobre. **Discussão:** No campo “Grande menina, pequena mulher”, expomos o paradoxo de a pré-adolescente apresentar-se enquanto uma criança e uma adolescente, num só tempo, o que por sua vez despertava dúvidas na equipe ambulatorial acerca de como dirigir-se a ela. No campo “Red: crescer é uma fera”, tecemos reflexões sobre o corpo da pré-adolescente, que, apesar de revelar-se como um corpo em sofrimento, em meio ao discurso desafetado da pré-adolescente, acabou sendo alvo de intervenções, por parte da Rede de Proteção, desde o prisma

de um corpo sexuado que precisaria ser contido. No campo “Vítima x Suspeita”, discutimos o mal-estar vivenciado pelos cuidadores responsáveis pelo caso, vale dizer, a mãe da pré-adolescente e a equipe ambulatorial, que por vezes sentiam-se vitimados pelas narrativas fugidias da pré-adolescente; por outro lado, os mesmos também intervinham de modo revitimizante para com ela, deslegitimando o seu discurso sobre os seus (supostos) direitos. **Considerações finais:** Espera-se que este trabalho, fruto da escuta da voz e do corpo de uma pré-adolescente acerca das práticas sexuais que por ela foram supostamente consentidas e que, a rigor, foram consideradas violências sexuais sofridas, possa fomentar a atenção psicológica dedicada a esse tipo peculiar de violência sexual infantojuvenil.

**Palavras-chave:** violência sexual, pré-adolescentes, consentimento sexual.

## Referências

- Carneiro, C. (2018). O estudo de casos múltiplos: Estratégia de pesquisa em psicanálise e educação. *Psicologia USP*, 29, 314–321. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170151>
- Costa, S. F. da, Taquette, S. R., Moraes, C. L. de, Souza, L. M. B. da M., & Moura, M. P. de. (2020). Contradições acerca da violência sexual na percepção de adolescentes e sua desconexão da lei que tipifica o “estupro de vulnerável”. *Cadernos de Saúde Pública*, 36, 1-13. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00218019>
- Granato, T. M. M., Corbett, E. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 157-163.
- Hermann, L. (2006). A Episteme da Psicanálise: Uma contribuição da Teoria dos Campos. *Jornal da Psicanálise*, 39(70), 81-96. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100005&lng=pt&tlng=pt)
- Magalhães, C. L. P. (2021). A abordagem psicossocial sobre a violência de gênero e a violência sexual: Uma revisão de literatura. *Kairós*, 16(especial), 7–27. <https://www.ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/33>

## Desafios da permanência no ensino superior de universitárias mães: uma revisão bibliográfica

*Iniciação Científica - Sexualidade e Gênero*

**Natália Duarte Tinti**<sup>1</sup> [natalia.duarte.tinti@uel.br](mailto:natalia.duarte.tinti@uel.br)

**Eneida Silveira Santiago**<sup>1</sup> [esantiago@uel.br](mailto:esantiago@uel.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina

**Introdução:** A sexualidade feminina foi historicamente constituída por atravessamentos culturais, sociais e subjetivos em que os desejos da classe dominante alimentou noções do ser mulher, atrelando-as a capacidade de gerar e cuidar dos filhos, marido e lar. A sexualidade feminina é reflexo dos modos de vida ocidental e de dispositivos acionados por instâncias patriarcalista de poder (SAFFIOTI, 1987). Tal cenário contribuiu para o acesso tardio das mulheres ao ensino superior. Quando houve o ingresso, naquele período até os dias atuais, tornou-se fundamental considerar alguns aspectos e fatores como contribuintes para o abandono ou permanência durante todo o período acadêmico. Atualmente, as mulheres no ensino superior possuem entre 20-29 anos, biologicamente, em idade fértil. O perfil das estudantes atrelado com sua inserção neste universo e os caminhos acadêmicos por elas traçados podem se conectar caso engravidem durante a graduação. Quando universitárias-mães, são socialmente atribuídas a elas, além das responsabilidades educacionais, as imposições domésticas de cuidados com a prole em realidades em que elas ainda são as principais cuidadoras das crianças. **Objetivo:** Neste contexto, nosso objetivo foi compreender a partir de uma revisão de literatura, a vivência de universitárias-mães no contexto do ensino superior. **Metodologia:** Pesquisa bibliográfica, qualitativa, e revisão da literatura de materiais publicados entre 1988-2022. O material levantado foi base para discussões das vivências de universitárias-mães. **Resultados:** Após levantamento e análise, foram selecionados 36 materiais a partir dos descritores Universidade/maternidade/parentalidade, ensino superior/maternidade/parentalidade, políticas de permanência/maternidade/parentalidade considerando data de publicação, língua (portuguesa), realidade brasileira, tipo de material (Dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso; Teses e artigos), disponibilidade do material completo e de acesso gratuito, nas plataformas Scielo, Google Acadêmico, BDTD e Plataforma Sucupira. **Discussão:** Com a análise, notamos que a gravidez durante a graduação é um desafio de várias ordens, para muitas universitárias, exigindo que se reorganizem como estudantes e como futuras mães. São vivências subjetivas e sociais de sobrecarga acadêmica, vulnerabilidade e solidão como mulheres e mães ao precisar dar conta dos novos arranjos e, ao mesmo tempo, sendo a única

ou a principal cuidadora do bebê. A partir dos materiais, pode-se concluir que a universidade se faz um campo de sonhos e de potencialidades para formação e realização profissional, mas a maternidade pode por vezes, se colocar como impedimento para o alcance deste desejo. Universitárias-mães tendem a necessitar de mais anos para concluir os cursos de graduação do que universitárias sem filhos, e universitários, com ou sem filhos. Tais dados contribuem para tornar o contexto universitário desigual quanto à recepção, suporte e permanência a partir da perspectiva de gênero e de experiências de parentalidade. **Considerações Finais:** Defendemos que se o campo universitário deixe de invisibilizar tais universitárias-mães e promovam mudanças estruturais e políticas de permanência que as contemplem o recorte “maternidade”. Tal tipo de política é escassa na universidade brasileira. Pensar na proposição, institucionais e estatais, de políticas e ações afirmativas focando neste perfil de estudantes, teríamos implicações positivas à saúde mental dessas universitárias-mães, e, maior qualidade formativa ao proporcionar um espaço acolhedor e com seus direitos respeitados.

**Palavras-chave:** *Maternidade, Políticas de Permanência Universitária, Ensino Superior*

## Referências

- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno.** São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil.** 2a edição, 2019a. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf). Acesso em 10 ago. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- PEDUZZI, Pedro. **Mapa do Ensino Superior aponta maioria feminina e branca.** Estudo mostra o perfil do estudante universitário brasileiro. Agência Brasil, Distrito Federal, v. 21, p. 2020-05, 2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca>. Acesso em 10 ago. 2023.
- SAFFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

## Literatura e arpilleras no combate à violência contra as mulheres

*Projeto de Extensão - Psicologia e Arte*

**Brenna Izabella Rodrigues Barbosa**<sup>1</sup> [brenna.barbosa@ufu.br](mailto:brenna.barbosa@ufu.br)

**Gabriel Barra Falconieri Oliveira**<sup>1</sup> [gabrielbarra@ufu.br](mailto:gabrielbarra@ufu.br)

**Silvia Maria Cintra da Silva**<sup>1</sup> [silvia@ufu.br](mailto:silvia@ufu.br)

**Denise Stefanoni Combinato**<sup>1</sup> [denise.combinato@ufu.br](mailto:denise.combinato@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A violência contra as mulheres no Brasil atinge níveis alarmantes, conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), de modo que tal violência deve ser combatida e denunciada pela sociedade e, para isso, medidas educativas, sociais e econômicas devem ser tomadas. O projeto de extensão *Literatura e Arpilleras no combate à violência contra as mulheres* visa ocupar essa necessidade de enfrentamento contra a violência de gênero por meio da discussão acerca do assunto com membros da comunidade utilizando a arte literária como ponto de partida e como ponto final a produção de bordado. Arpilleras foi uma técnica de bordado utilizada por mulheres durante a ditadura chilena para denunciar as violações de direitos humanos ocorridas no país. Entende-se a Arte como possibilidade de transformação, pois ela “implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam o algo a mais acima daquilo que nelas está” (Vigotski, 1999, p. 307). **Objetivos:** Possibilitar o diálogo e a troca de saberes a respeito da violência contra as mulheres, tendo em vista a mudança cultural e o enfretamento da violência contra a mulher, assim como a valorização e a defesa desta por meio da troca de conhecimento e a elaboração de saberes. Além disso, visa estabelecer uma ponte entre Psicologia e Arte, tendo em vista a possibilidade de apropriação social e objetivação de afetos. **Metodologia:** São realizados encontros quinzenais, nos quais a dinâmica consiste na leitura e na discussão de um texto literário de autoria feminina, relacionado às temáticas de autonomia e protagonismo das mulheres, igualdade e equidade entre gêneros, enfrentamento e prevenção da violência contra as mulheres, promoção da valorização e proteção das mulheres. Em seguida, o grupo é convidado a produzir um bordado que denuncie a violência, assim como fizeram as mulheres nas Arpilleras, e sintetize seus afetos e pensamentos, tendo em vista a superação e a transformação. **Resultados:** No primeiro semestre de 2023, participaram quatro mulheres, com diferentes idades e formações. Percebe-se que o projeto tem se caracterizado como um espaço de escuta e acolhimento, incluindo os atravessamentos de gênero na vida dessas mulheres, como maternidade, autoestima e pressão social, no qual a

arte bordada mostra-se como uma maneira de expressar as angústias vividas, os afetos com o grupo e as esperanças. **Discussão:** O projeto tem oferecido um espaço de escuta do sofrimento e de debate sobre os desafios de ser mulher na sociedade atual, promovendo uma ampliação de sentidos por meio das trocas realizadas e uma interação dialógica através da arte, visando a formação cidadã e a elaboração de uma visão crítica e alinhada com a realidade acerca do tema violência de gênero. **Considerações Finais:** Assim como as Arpilleras, esse projeto tem se mostrado como um instrumento de resistência quanto à violência contra a mulher, uma vez que propicia a valorização e a elaboração de experiências sobre o ser mulher na atualidade aliada com a possibilidade de transpor afetos para linhas e tecidos.

**Palavras-chave:** *Psicologia, Arte, Feminismo, Resistência, Literatura*

## **Referências**

- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência contra mulheres em 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>
- VIGOTSKI, L. S. Psicologia da Arte. Martins Fontes. 1999.

## A importância da rede de apoio à amamentação, sob a perspectiva do ambiente facilitador de Winnicott

*Trabalho de Graduação - Psicanálise*

**Maria Vitória Marcondes de Miranda Couto**<sup>1</sup> [maria.couto@ufu.br](mailto:maria.couto@ufu.br)

**Juçara Clemens**<sup>1</sup> [iclemens@ufu.br](mailto:iclemens@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O psicanalista Donald Winnicott destaca-se por suas contribuições na constituição da relação mãe-bebê e da importância dos cuidados iniciais, dentre eles a amamentação. Após o parto, o bebê se depara com um ambiente no qual suas necessidades serão atendidas por quem lhe cuida. Nesse contexto, a “mãe”, principal figura solicitada, em nossa cultura, para os cuidados e alimentação, desempenha papel fundamental na promoção de um ambiente facilitador para o desenvolvimento do bebê (Winnicott, 2020). Para isso, pode haver uma ampliação da sensibilidade com a qual a cuidadora pode atender de forma mais adequada as necessidades do novo indivíduo. O amamentar é influenciado por uma intersecção de fatores biopsicossociais, incluindo o funcionamento hormonal, as características do corpo da mãe, o comportamento do bebê e o apoio disponível de outras pessoas (do Sul, 2022). Esses elementos combinados podem facilitar o aprendizado da dupla mãe-bebê na amamentação, como também gerar dúvidas e inseguranças. Portanto, é crucial que a mãe possa contar com um apoio consistente, composto por pessoas de confiança que forneçam suporte emocional, informações e auxílio prático, promovendo à mãe um ambiente facilitador para que desempenhe suas funções junto ao bebê. **Objetivo:** A partir da experiência no projeto de extensão: “*Aspectos emocionais da amamentação: abordagem psicoeducativa das mães e acompanhantes usuários do BLH do HC-UFU*”, identificar o papel da rede de apoio na promoção de um ambiente facilitador à mãe lactante. **Método:** Relato de experiência de acolhimento às mães e aos acompanhantes usuários de BLH do HC-UFU, fruto de 10 turnos, cada qual com 4 horas de duração. Durante esses turnos, a extensionista abordava os usuários que estavam na sala de espera, perguntando se gostariam de conversar sobre a experiência da amamentação. Ao todo, foram realizados 25 acolhimentos, sendo 9 apenas com os acompanhantes, 12 com as lactantes e em 2 casos foi possível o acolhimento da mãe e, enquanto esta era atendida, de seus acompanhantes. **Resultados:** Ao longo dos acolhimentos, foi possível identificar que o ambiente da mãe nem sempre desempenha um papel facilitador, podendo dificultar sua aprendizagem da amamentação, cobrando excelência, compartilhando informações incorretas e comparando experiências. Por outro lado, havia mães que podiam contar com uma rede de apoio fortalecida e sua composição era diversa:

vizinhos, amigos, profissionais da área da saúde e esposas. **Discussão:** Na discussão desses resultados, sustentada pela teoria winniciottiana, destaca-se que a presença de uma rede de apoio efetiva e informada pode ajudar no enfrentamento dos desafios da amamentação, permitindo que a mãe se concentre no bem-estar do bebê e na construção do vínculo. **Considerações finais:** Salienta-se que a rede de apoio enquanto promotora de um ambiente facilitador para a mãe é apenas um potencial. Portanto, para que ele seja alcançado, o investimento em programas de orientação e escuta da vivência da amamentação para a mulher e seus acompanhantes, pode demonstrar ser uma boa ferramenta. A abordagem psicoeducativa pode possibilitar maior respeito à constituição do vínculo e ao modo que cada mulher vivencia a aprendizagem da amamentação, reduzindo o sofrimento psíquico de todos os envolvidos e criando laços afetivos fortes entre mãe-bebê.

**Palavras-chave:** *Maternidade, Amamentação, Rede de apoio, Psicanálise.*

## **Referências**

- do Sul, M. G. (2022). Fatores que influenciam na amamentação em mulheres atendidas no Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados–. *Cadernos de Ensino e Pesquisa em Saúde*, 2(1), 168-185.
- Winnicott, D. W., & Safra, G. (2020). *Bebês e suas mães*. Ubu Editora.

## **Medicalização da educação e da vida: história e impacto do projeto para a comunidade e percursos acadêmicos**

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar e Educacional*

**Letícia Alexsandra Gonçalves Silva**<sup>1</sup> [leticia.ags@ufu.br](mailto:leticia.ags@ufu.br)

**Marina Silva Nascimento**<sup>1</sup> [marina.nascimento1@ufu.br](mailto:marina.nascimento1@ufu.br)

**Rayanne Eva de Oliveira Silva**<sup>1</sup> [rayanne.oliveira@ufu.br](mailto:rayanne.oliveira@ufu.br)

**Carmen Lúcia Reis**<sup>1</sup> [carmenreis@ufu.br](mailto:carmenreis@ufu.br)

**Anabela Almeida Costa e Santos Peretta**<sup>1</sup> [anabela@ufu.br](mailto:anabela@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A lógica biologizante da sociedade atual, que prescreve formas de ser e agir, ditando comportamentos e padrões ditos como aceitáveis, invade o pensamento sobre os fenômenos da educação e da vida. O movimento da medicalização é compreendido como processo de biologização e patologização das questões sociais. Questões que podem ter a sua origem em aspectos relativos ao próprio modo de funcionamento do sistema escolar e da sociedade passam a ser compreendidas como questões intrínsecas aos indivíduos, como supostas patologias que ideologicamente escamoteiam processos políticos e pedagógicos. Essa maneira de compreender o mundo se calca em uma ideia de ciência que é reducionista e valoriza uma suposta neutralidade frente aos processos de vida do ser humano. Diante disso, profissionais, grupos e entidades da área da Saúde e da Educação, como o Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade, vêm construindo diferentes espaços de luta contra esse fenômeno. **Objetivos:** Compartilhar a história e os impactos do projeto de extensão universitária “Medicalização da Educação e da Vida: saberes e fazeres” para a comunidade e seu percurso acadêmico, a partir de relatos de experiência nesse projeto que visa conscientização não apenas da comunidade universitária, mas da sociedade em geral.

**Método:** Há 11 anos o referido projeto idealizado por duas docentes do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia conta com a participação direta e/ou indireta de estudantes da Graduação, da Pós-Graduação e profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Atualmente, o grupo é formado por 8 discentes do curso de Graduação em Psicologia interessadas e envolvidas em estudos e práticas pelas questões que atravessam o tema da medicalização. São realizados encontros quinzenais com 2 horas de duração, para: estudos relacionados à temática, organização de eventos, preparação de material para publicação em eventos científicos e elaboração de material para rede social Instagram “(Des)Medicaliza-UFU”. Fez-se um mapeamento de informações acerca do projeto, a partir: publicações científicas produzidas pelo grupo; registros textuais e fotográficos; avaliação de

participantes em eventos já realizados; divulgação na rede social; e, leitura de registros produzidos no decorrer do projeto. **Resultados:** A partir do número de estudantes e profissionais envolvidos nas ações propostas, bem como, do público que participou das mesmas, nota-se que houve uma sensibilização e um (re)significar sobre as questões que atravessam o tema, possibilitando uma busca por ações desmedicalizantes. **Discussão:** Entende-se que a realização das reuniões periódicas de forma planejada tem contribuído para uma formação mais consistente além de favorecer o alcance do objetivo principal do grupo. A organização de eventos e o preparo para construção do material que será publicado na rede social favorece diálogo mais estreito com a comunidade externa. **Conclusão:** Retomar a história do projeto possibilitou verificar: fortalecimento da luta contra a medicalização; contribuições para uma formação sensível as questões sociais; importância de comprometimento com uma ciência que tenha um olhar crítico para o fenômeno da medicalização da educação e da vida. Apesar das conquistas constatadas percebe-se que ainda há muito para avançar na luta contra a medicalização, principalmente, além dos muros da Psicologia.

**Palavras-chave:** *Medicalização, Formação, Extensão.*

## **Referências**

- Freitas, F.; Amarante, P. (2017). *Medicalização em Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Manifesto Desmedicalizante e Interseccional: “Existirmos, a que será que se destina?”. (2020). Movimento-Revista de Educação, Niterói, ano 7, n. 15. P. 194-204.
- Oliveira, E. C. de; Viégas, L. de S.; Neto, H. da S. M. (2021) *Desver o mundo, perturbar os sentidos: caminhos na luta pela desmedicalização da vida*. Salvador: EDUFBA.

## De superestrela a anti-heroína: conceitualização de caso da cantora Taylor Swift com base no documentário ‘miss americana’

*Trabalho de Graduação - Psicologia Comportamental*

**Matheus Dias Xavier<sup>1</sup>** [diasxaviermatheus@gmail.com](mailto:diasxaviermatheus@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A teoria subjacente à terapia cognitivo comportamental (TCC) propõe que as emoções, assim como os comportamentos e a fisiologia de uma pessoa, são influenciadas pela percepção que ela tem dos eventos que a cercam (Beck, 2021). O pensamento disfuncional é caracterizado por distorções que transformam as informações que chegam aos indivíduos, perpetuando a sua “embalagem mental” negativa sobre si mesmos, seus relacionamentos e experiências (Friedberg & McClure, 2019). Recentemente, uma tendência seguida por diversos artistas é a exposição de sua intimidade e pensamentos mais privados, inclusive os disfuncionais, por meio de séries ou filmes documentais. Um exemplo disso é o documentário ‘Miss Americana’ (Wilson, 2020) em que a cantora e compositora Taylor Swift relata um pouco de sua trajetória profissional e política. **Objetivo:** Realizar a conceitualização de caso de Taylor Swift, ou seja, a sistematização do funcionamento cognitivo e comportamental da figura, tendo como base o documentário ‘Miss Americana’, disponível na plataforma de *streaming* Netflix. **Método:** Investigou-se aspectos como os problemas atuais enfrentados pela artista, juntamente com os fatores estressores precipitantes e mantenedores destes, suas predisposições culturais e contextuais, suas crenças centrais e estratégias compensatórias. A análise, contudo, foi limitada pela qualidade do material utilizado na obra. **Resultados:** Desde pequena, Taylor mostrava interesse em seguir a carreira na indústria da música *country*, estilo musical mais popular em seu estado, Pensilvânia, atravessado por ideais mais conversadores. Mesmo sendo iniciante na indústria, a moça empreendeu grandes feitos e seus álbuns, em geral, foram todos sucessos comerciais e aclamados pela crítica. Durante uma conversa exibida no documentário, a artista relata como foi orientada no começo a focar em seu trabalho e não opinar sobre temas controversos ou políticos, de forma a não desagradar seu público e se manter como ‘boa garota’. Nesse sentido, ela aponta duas experiências marcantes: a primeira, aos 19 anos, ao ser ter seu discurso de aceitação de um prêmio interrompido e, em seguida, ter seu trabalho menosprezado por outro artista e, a segunda, o linchamento virtual anos depois, após um mal entendido com essa mesma figura. Na primeira, Taylor se silenciou sobre o acontecido e, na outra, se afastou da mídia por quase um ano por acreditar que era o que o público queria. Enquanto crenças nucleares, é possível identificar a crença de que ela “deve fazer o que é certo e bom” e “fazer o que os outros esperam que ela

faça”, segundo a própria. Como estratégias compensatórias é possível apontar a hiper dedicação ao trabalho e a supressão de sentimentos, pensamentos e opiniões. **Discussão:** Observa-se como as crenças centrais dos indivíduos são desenvolvidas através das suas interações com outras pessoas significativas e das vivências de diversas situações que fortaleçam essa ideia, como descreve Beck (2021). **Considerações Finais:** A análise narrada permitiu exemplificar a conceituação como um exercício de descrição e explicação das dificuldades apresentadas por um indivíduo. Na clínica, por sua vez, ela também é uma ferramenta terapêutica fundamental, uma vez que auxilia na escolha das metas a serem trabalhadas e das intervenções a serem realizadas.

**Palavras-chave:** *Terapia Cognitiva Comportamental, Pensamentos Disfuncionais, Crenças Nucleares.*

## **Referências**

- Beck, J. S. (2021). *Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática* (3a ed). Artmed. ISBN-10 : 6558820250
- Friedberg, R.D. & McClure, J.M. (2019). *A prática de clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes* (2a ed). Artmed. ISBN-10 : 8582715471
- Wilson, L. (2020). *Miss Americana* [filme]. Netflix.

## Efeitos da pandemia no terceiro setor: relato de trabalho voluntário em ONG de Uberlândia

*Trabalho de Graduação - Psicologia Social e Comunitária*

**Matheus Dias Xavier<sup>1</sup>** [diasxaviermatheus@gmail.com](mailto:diasxaviermatheus@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O papel das entidades componentes do terceiro setor, a sociedade civil, recaiu sobre as ações sociais, a qualidade de vida dos indivíduos e condições básicas de saúde (Alves & Bonho, 2019). As Organizações Não Governamentais (ONGs), atores plurais em seus objetivos, projetos e formas de atuação, relataram redução na arrecadação de recursos e dificuldade em realizar suas atividades-fim durante a pandemia iniciada em 2020 (Silva, 2020). Isso se deu porque, além de superar as dificuldades intrínsecas à sustentabilidade de uma organização sem fins lucrativos, era necessário também adaptar o seu funcionamento às exigências sanitárias e enfrentar as consequências sociais da própria pandemia. Essas respostas ao cenário eram atravessadas pela identidade política de cada organização.

**Objetivo:** Descrever a realidade e o funcionamento de uma ONG durante a pandemia do novo coronavírus (período tido aqui entre março de 2020 e dezembro de 2021), em que foram beneficiadas cerca de cem crianças e adolescentes de cinco a dezessete anos de um bairro periférico da cidade de Uberlândia. **Método:** Fundamentado na perspectiva de um voluntário, estudante de psicologia e gestor de projetos da ONG, é narrado um relato das atividades desenvolvidas pelos gestores, com o propósito de manter os beneficiários engajados com os seus processos de aprendizagem e desenvolvimento durante o isolamento social. A proposta da organização é desenvolver programas assistenciais continuados através de ações socioeducativas que visam ampliar o universo informacional, artístico e cultural de seus beneficiários. **Resultados:** Entre as atribuições do grupo estavam: (i) elaborar e produzir cadernos psicopedagógicos entregues mensalmente para os beneficiários da instituição; (ii) coordenar oficinas remotas realizadas semanalmente com os jovens que tinham acesso à internet; e (iii) arrecadar fundos suficientes para arcar com as atividades descritas, incluindo a entrega mensal de 60 cestas básicas distribuídas para as famílias beneficiadas pela ONG.

**Discussão:** Considerando que a virtualização das atividades, movimento realizado durante a pandemia em diversos contextos, nesse caso implicaria em processos excludentes visto a vulnerabilidade do público, a decisão tomada foi conciliar as propostas de oficinas lúdicas remotas com materiais psicopedagógicos impressos. O cuidado da ONG com as suas propostas é explicitado também pelo impasse em relação às medidas emergenciais de arrecadar cestas básicas e distribuí-las. Por ser uma prática assistencialista e mercadológica, característica da

maioria das novas entidades do terceiro setor (Gohn, 2018), essa ação ia de encontro aos princípios e metodologias da instituição: transformação social e promoção da autonomia. Entretanto, a fome e as necessidades da comunidade eram mais urgentes naquele momento e ameaçavam a sobrevivência dos beneficiários. **Considerações Finais:** O relato evidencia a importância e a urgência de políticas e fundos públicos que não só apoiem de forma substancial as ONGs, mas também contribuam para a sobrevivência destas, dado que o trato à “questão social” é também responsabilidade do Estado, segundo a Constituição de 1988. Da mesma forma, anuncia a necessidade e a complexidade do planejamento e implementação de ações sociais que são adequadas à realidade vivenciada pelo público-alvo, assim como comprometidas de fato com a justiça social.

**Palavras-chave:** Sociedade Civil, Organização Não Governamental, Covid, Voluntariado.

## Referências

- Alves, A. & Bonho, F. T. (2019). *Contabilidade do terceiro setor* (1a ed). SAGAH.
- Gohn, G. M. (2018). Marcos Referenciais Teóricos que têm dado suporte às análises dos movimentos sociais e ações coletivas no Brasil–1970-2018. *Revista brasileira de sociologia*, 6(14), 5-33.
- Silva, Y. A. P. D. (2020). *Dificuldades das organizações de Terceiro Setor: estudo da Casa Santa Gemma em Uberlândia–MG* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório Institucional UFU. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31781>

## Encontros narrativos na UBS: a experiência da arte com um grupo de pessoas idosas

*Projeto de Extensão - Psicologia e Arte*

**Lettycia Cristina Ferreira Ribeiro**<sup>1</sup> [lettycia.ribeiro@ufu.br](mailto:lettycia.ribeiro@ufu.br)

**Mariana Ribeiro Jonas Damião**<sup>1</sup> [marianajdami1@gmail.com](mailto:marianajdami1@gmail.com)

**Guilherme Antonio Vieira Monteiro**<sup>1</sup> [guilherme.monteiro@ufu.br](mailto:guilherme.monteiro@ufu.br)

**Denise Stefanoni Combinato**<sup>1</sup> [denise.combinato@ufu.br](mailto:denise.combinato@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** No Brasil, 15% da população tem 60 anos ou mais. Apesar do ganho social, o envelhecimento populacional é um desafio para a saúde pública, tendo em vista as necessidades dessa população. Mesmo com direitos adquiridos a partir especialmente do Estatuto da Pessoa Idosa (2003), preocupa-nos como as pessoas idosas vulneráveis socialmente estão lidando com o processo de envelhecimento e enfrentando as múltiplas adversidades. **Objetivo:** Proporcionar momentos de trocas de conhecimento, diálogos e reflexões entre pessoas idosas vinculadas a uma Unidade Básica de Saúde (UBS), estudantes e profissionais de Psicologa sobre o envelhecimento, buscando uma ressignificação dos processos de perdas e a construção de novos sentidos de vida. O objetivo específico é ampliar as oportunidades de narrativas para todas e todos participantes do processo grupal por meio da arte. **Método:** O presente trabalho pauta-se na Psicologia histórico-cultural, com uma percepção do sujeito por sua narrativa, atravessado pela cultura, história, política, educação que o constitui(u). Os participantes desse projeto de extensão são pessoas idosas vinculadas a uma UBS de Uberlândia/MG. Coordenam o processo grupal seis estudantes extensionistas voluntários do curso de graduação em Psicologia da UFU, a professora responsável pelo projeto e uma psicóloga voluntária residente no bairro que se propôs a oferecer apoio aos participantes, caso seja necessário um plantão de acolhimento. As atividades são realizadas quinzenalmente, com duração média de 1 hora. A participação tem variado de quatro a oito pessoas. As atividades iniciam com a contação de história, baseada em um texto literário, realizada por algum estudante ou a professora e, em seguida, as pessoas idosas são convidadas a relatar as próprias narrativas relacionadas ao texto contado. Por fim, acompanhados pelos extensionistas, os idosos são convidados a construírem artisticamente, através de uma palavra, um texto ou um desenho, algo que marcou, que fez sentido, que sintetize seus afetos e reflexões. O encontro é encerrado com uma música tocada no violão ou em plataforma digital. **Resultados:** Após a contação de história, a professora ou algum estudante extensionista faz a mediação do processo grupal, trazendo questionamentos e

problematizações. Os próprios idosos se organizam na participação, por vezes um complementa a fala do outro, contradiz e explora pontos que não foram falados. **Discussão:** Observa-se que a contação de história permite que os participantes recordem e tragam ao grupo suas próprias histórias e vivências. Um tema recorrente tem sido a família e as relações intergeracionais. Além disso, foram trazidas pautas mais coletivas como a proteção ao meio-ambiente. **Considerações finais:** Os resultados parciais demonstram a relevância em proporcionar um espaço de escuta e acolhimento do público idoso na UBS para a promoção de saúde, assim como um espaço de interação entre idosos, estudantes e profissionais de Psicologia. A partir da narrativa, os participantes compartilharam suas histórias, sendo uma possibilidade de ressignificação de perdas e elaboração de novos sentidos de vida. A presença de estudantes de Psicologia permitiu um diálogo intergeracional enriquecedor, evidenciando a importância da coletividade na promoção do bem-estar e conscientização sobre o envelhecer.

**Palavras-chave:** *Psicologia histórico-cultural; Processo grupal; Formação em Psicologia, Arte narrativa.*

## Referências

- BRASIL. Lei 10471/2003. Estatuto da pessoa idosa. Brasília, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm) Acesso em: 23 ago 2022.
- COMBINATO, D.S. et al. “Grupos de conversa”: saúde da pessoa idosa na estratégia saúde da família. *Psicologia e Sociedade*, 2010, v.22, n.3, p. 558-68.
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

## Atendimento a crianças com transtorno do espectro autista (TEA), Psicologia e arte: relato de experiência

*Trabalho De Graduação - Psicologia E Arte*

**Viviane Prado Buiatti**<sup>1</sup> [vivibuiatti@ufu.br](mailto:vivibuiatti@ufu.br)

**Mônica Rodrigues Cardoso**<sup>2</sup> [moonicarc@hotmail.com](mailto:moonicarc@hotmail.com)

**Ana Elisa de Freitas Machado Silva**<sup>1</sup> [anaelisa\\_fms@ufu.br](mailto:anaelisa_fms@ufu.br)

**Maria Eduarda Siqueira Pereira**<sup>3</sup> [mariaeduarda.psiqueira@hotmail.com](mailto:mariaeduarda.psiqueira@hotmail.com)

**Letícia Silva Santos**<sup>4</sup> [letrucel@gmail.com](mailto:letrucel@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

<sup>2</sup> Projeto Autismo, Arte e Cultura

<sup>3</sup> Centro Universitário do Triângulo

<sup>4</sup> Centro Universitário Una

**Introdução:** Com a intensificação das políticas públicas, principalmente, a partir da década de 1990 sobre a educação inclusiva, questões como a participação e direito de todos na escola comum, a reestruturação desta, bem como da escola especial trouxeram como eixo a discussão sobre acessibilidade, equidade e efetivação de práticas inclusivas nos vários espaços. Diversas legislações foram instituídas para alicerçar esses direitos, no caso das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) a Lei 12.764/2012 proclamou a Política Nacional de Proteção dos Direitos dessa população, demarcando a sua inclusão no processo de escolarização no espaço da escola comum. Notoriamente essa demanda começa a ter visibilidade, e, estudos e pesquisas na psicologia foram impulsionados para o fortalecimento do atendimento a essas pessoas. **Objetivo:** Este trabalho busca relatar e apresentar uma experiência de estágio profissionalizante que é oferecido no “Mundo Circo”, que tem como intuito proporcionar oficinas artísticas mediadas por arte-educadores e estudantes da psicologia, entendendo a arte como potencializadora no processo de desenvolvimento infantil. **Método:** Busca-se relatar as vivências no espaço que atualmente atende 100 crianças e adolescentes, entre três e quatorze anos, com esse diagnóstico, alicerçado pela abordagem teórica histórico-cultural de desenvolvimento humano e aprendizagem. **Resultado:** Observa-se o desenvolvimento de crianças e adolescentes com TEA, a partir da arte como mediadora e do afeto, entendendo também a importância da construção do vínculo entre estudante de psicologia, arte educador, criança com TEA e família. **Discussão:** A teoria nos possibilita compreender a importância da mediação, da construção de projetos diferenciados que coadunam com a especificidade de cada caso, pelas necessidades individuais e coletivas (Martins & Monteiro, 2018). No projeto, são realizadas oficinas de circo, capoeira, dança, artes visuais e musicalização. A proposta é propiciar um espaço lúdico, valorizando a individualidade, potencializando as demandas de

cada indivíduo e promovendo atividades de imersão e vivências artísticas, na qual as crianças com TEA possam experimentar e se expressar através da relação com os elementos dessas artes. Os estudantes de psicologia têm a oportunidade de vivenciar o atendimento das crianças, o diálogo com a família e a construção de instrumentos para o desenvolvimento desse trabalho, além de momentos de supervisão, discussão de casos e estudos. **Conclusão:** Conclui-se que o projeto tem propiciado enriquecimento para formação de futuros/as psicólogos/as, aprendizagem da teoria e a inclusão e atendimento dessa demanda. A utilização da arte como mediadora envolve um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos que visam a criação de significações, exercitando a constante possibilidade de mudança do ser humano (Vigotski, 2000). Nesse espaço, crianças e jovens com TEA não são vistas pelo seu diagnóstico, mas sim, pelas suas potencialidades e capacidades, evidenciando o vínculo, a interação com o outro e ao mesmo tempo com a arte. Corpo, movimento e a consideração pelas diferenças que são inerentes aos sujeitos envolvem todo o trabalho. Desse modo, esperamos que outros projetos sejam construídos nos diversos espaços da sociedade, que a inclusão seja efetiva e os direitos garantidos, tais como descritos na legislação.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Psicologia; Arte.

## Referências

- MARTINS, A. D. F; MONTEIRO, M.I.B (2018). Interações de alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola. *Comunicações*: Piracicaba, v.25.
- VIGOTSKI, L. S (2000). A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo, Martins Fontes.

## Arteterapia no Transtorno de Estresse pós-traumático (TEPT): uma revisão sistemática.

*Iniciação Científica - Psicologia Cognitiva e dos Processos Básicos*

**Yasmin Duarte Campos<sup>1</sup>** [yasmin.duarte@ufu.br](mailto:yasmin.duarte@ufu.br)

**Renata Ferrarez Fernandes Lopes<sup>1</sup>** [rfernandeslopes@ufu.br](mailto:rfernandeslopes@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A arteterapia agrega diversas áreas do conhecimento, caracterizando-se como uma prática terapêutica transdisciplinar. Um trauma emocional é o resultado de eventos chocantes. O Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) é uma psicopatologia derivada de traumas. A psicoterapia artística (arteterapia) estimula os sentidos visuais, auditivos e físicos e oportuniza a integração do trauma, oferecendo aos pacientes a oportunidade de comunicação simbólica e metafórica dentro de um espaço seguro. **Objetivos:** Esta revisão sistemática teve por objetivos identificar, descrever, comparar e sistematizar a literatura sobre arteterapia para pessoas adultas com TEPT. **Método:** Foi realizada uma revisão bibliográfica (método PRISMA). Fase 1: busca de artigos através das bases de dados: Academia.edu, psycnet.apa; ERIC-ProQuest; SafetyLit.org; pubmed; sciencedirect e Google acadêmico. Os unitermos consultados partiram da Terminologia Psi-Alfabética da BVS-Psi e foram os seguintes: “arteterapia” AND “tratamento do transtorno pós-traumático” AND “violência de parceiro íntimo” AND/OR “violência doméstica AND “art-therapy” AND “post-traumatic disorder treatment” AND “intimate partner violence” AND/ OR “domestic violence”. Fase 2: Incluiu-se artigos publicados entre 2002 a 2022, em inglês e espanhol, descritivos, exploratórios ou empíricos sobre arteterapia para o TEPT em pessoas vítimas de violência. Fase 3: Avaliou-se os artigos pré-selecionados por: tipo de psicoterapia associada à arteterapia, tamanho das amostras, número de citações, tipo de arteterapia utilizada, objetivos e resultados da pesquisa, presença de follow up. **Resultados:** Obteve-se 7 artigos. Quanto às abordagens psicológicas associadas à arteterapia, destacam- se a Terapia Cognitivo-Comportamental (4 artigos) e a Terapia Familiar Sistêmica (1 artigo); 2 artigos utilizaram apenas a arteterapia como procedimento de intervenção. Os sintomas psicológicos apresentados pelos participantes foram: depressão (2 artigos) e dissociação (2 artigos). O tamanho das amostras variaram de 1 até 92 participantes (média= 24; desvio padrão 34,5). O recurso de arteterapia mais utilizado foi o desenho (5 artigos), seguido da escrita criativa (2 artigos). Destaca-se a confecção de bonecos terapêuticos na sessão de terapia como forma de reelaboração do self após o abuso (1 artigo). A maioria dos artigos realizaram suas intervenções em grupo (6 artigos). Apenas 1 artigo citou a realização de follow up (1 mês após a intervenção).

**Discussão:** Todos os artigos citam relatos subjetivos indicando melhora dos participantes. Tomados em conjunto, os dados apontam que a arteterapia sozinha ou associada a terapias psicológicas parecem trazer bem estar subjetivo aos participantes dos estudos. **Considerações finais:** Conclui-se que especialmente o desenho e a escrita, podem ser procedimentos interventivos promissores, à medida em que hipotetiza-se que a arte e os procedimentos psicológicos combinados, podem levar a um reprocessamento controlado dos esquemas associados ao trauma, favorecendo que os participantes integrem as experiências traumáticas em suas histórias.

**Palavras chaves:** Arteterapia, TEPT, Intervenção em adultos.

## Referências

- Aktaş Özkaraci, A., & Eren, N. (2020). Effect of art psychotherapy using marbling art on depression, anxiety, and hopelessness in female survivors of domestic violence with PTSD. *The Arts in Psychotherapy*, 71, 101703.
- HU, Jingxuan et al. Art therapy: a complementary treatment for mental disorders. *Frontiers in psychology*, v. 12, p. 3601, 2021.

**Experiência de moradores de bairro de município de médio porte  
sobre a implementação de um serviço de atenção psicossocial especializado  
em álcool e drogas**

*Iniciação Científica - Psicologia das Políticas Públicas*

**Sophia Luiza Jager Silva<sup>1</sup>** [sophialuiza.jager@gmail.com](mailto:sophialuiza.jager@gmail.com) Bolsista PIBIC-FAPEMIG

**Renata Fabiana Pegoraro<sup>1</sup>** [renata.pegoraro@ufu.br](mailto:renata.pegoraro@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Os Centros de Atenção Psicossocial funcionam na lógica da Reforma Psiquiátrica e da Redução de danos, sendo caracterizados como serviços abertos e comunitários, portanto que deve dialogar com o espaço da cidade e dos seus habitantes, desenvolvendo ações de cuidado não apenas dentro de seus muros. Nesse sentido, a vizinhança ao entorno pode ser vista como parte da rede de suporte (ou não), sendo acionada (ou não) pela equipe e usuário quando necessário. Contudo, para que a vizinhança seja uma rede de suporte, esta precisa ter conhecimento sobre o tipo de cuidado ofertado em um CAPS ad e qual a sua lógica de funcionamento. Em trabalho anterior com mídias identificamos discursos sobre um CAPS ad do município de Uberlândia segundo a sua vizinhança e, a partir disso, surgiu o interesse em investigar os discursos dos moradores sobre o serviço. **Objetivo:** Compreender de que modo a vizinhança que residia próximo a um CAPS-ad percebia este serviço, o tratamento ofertado ali e o seu público-alvo. **Método:** trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida a partir da teoria da subjetividade de Gonzalez Rey e da metodologia compreensiva-interpretativa, apoiada na Psicologia Histórico-Cultural. Realizou-se 15 entrevistas com moradores ou comerciantes, maiores de 18 anos, a partir de um roteiro que investigou além dos aspectos pessoais (idade, escolaridade e tempo que reside no bairro), questões norteadoras sobre a função do CAPS, público alvo, tipo de tratamento ofertado. O material foi audiogravado com permissão dos participantes, transscrito na íntegra e submetido à análise de conteúdo temático, após aprovação por comitê de ética. **Resultados:** A vizinhança entrevistada não apresenta um discurso homogêneo quanto ao seu público-alvo e ao tratamento. A percepção acerca dos usuários do serviço está associada majoritariamente com a doença mental, a criminalidade ou a vulnerabilidade social. Outra temática de contraste são as compreensões do tratamento ideal, as quais mostram que os moradores possuem mais informações acerca de um cuidado ultrapassado anterior a Reforma Psiquiátrica, destacando comunidade terapêutica e internações prolongadas. Em contrapartida, há entrevistados que descreverem um tratamento ideal similar ao que era oferecido pelo CAPS ad, isto é, oferecendo acompanhamento psicológico e médico, assim como encaminhamento para internações

breves quando necessário e participação da família no tratamento. Apesar desta descrição se aproximar ao que era oferecido pelo CAPS ad, os participantes não a associam com a proposta do serviço. **Discussão:** A visão sobre o usuário do serviço não transita entre outras possibilidades de ser e existir para além do estigma por ser um sujeito que faz uso prejudicial de álcool e outras drogas, apontando para uma visão estigmatizadas dos sujeitos, sem possibilidade de singularidades em suas trajetórias e o CAPS como equipamento ineficiente, pois não retira o sujeito do meio e o mantém recluso, forma de tratar adequada segundo muitos entrevistados. **Considerações finais:** O presente estudo proporciona uma reflexão acerca da relação comunidade-serviço, por vezes, esquecida tanto na literatura científica quanto no processo de implementação dos CAPS ad, possibilitando perceber o território como importante pilar para o cuidado em liberdade.

**Palavras-chave:** atenção psicossocial; álcool; uso prejudicial de substâncias; território.

## Referências

- Almeida, D. T. de, & Arruda, A. E. (2019). Fronteiras permeáveis e suas implicações no cuidado em Saúde Mental: a experiência de um serviço aberto e territorial. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(2), 1-12. Recuperado em 22 de maio de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082019000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000200003&lng=pt&tlng=pt)
- González Rey, F. (2011). *Subjetividade e saúde. Superando a clínica da patologia*. São Paulo: Corteze.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: LTC. (Obra original publicada em 1963)
- Martínez-Soto, J. (2019). La ciudad: una visión desde la psicología ambiental. *Quivera*, 21, 43-45

## Gozo e sofrimento em tempos neoliberais: considerações psicanalíticas

*Iniciação Científica - Psicanálise*

**Jhonatan Relher<sup>1</sup>** [jhonatan.relher@gmail.com](mailto:jhonatan.relher@gmail.com)

**Wilson Camilo Chaves<sup>1</sup>** [camilo@ufsj.edu.br](mailto:camilo@ufsj.edu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de São João del-Rei

**Introdução:** Observa-se, hodiernamente, a discussão acerca da posição do sujeito na ordem neoliberal e como ela contribui na dinâmica do seu sofrimento subjetivo. Tendo isso em vista, os pensadores franceses Pierre Dardot e Christian Laval concebem o *sujeito neoliberal* instaurado no dever de fortalecer seus esforços sobre si, cujo processo de autossuperação visa expandir os limites do sujeito em direção a um sucesso não delimitado e idealizado. A questão que se coloca nesta pesquisa é, pois, qual o saldo psíquico resultante da tentativa de sustentar esses ideais? Como eles conduzem ao sofrimento psíquico? Para isso, o conceito de gozo, a partir do ensino de Jacques Lacan, é fundamental, sob a hipótese de que por meio dele podemos compreender o adoecimento gerado pela comparação do sujeito com um outro ideal e onipotente, presente no discurso neoliberal. **Objetivo:** Explanar, a partir do conceito psicanalítico de gozo, aspectos da dinâmica do sofrimento psíquico engendrados pelo ideal da autossuperação dos limites do sujeito expresso no discurso neoliberal. **Método:** A partir da pesquisa bibliográfica, alicerçar-nos-emos, primordialmente, na leitura das obras de Jacques Lacan, bem como de comentadores que propõe a análise dos ditames socioeconômicos dos sujeitos neoliberais, como, Dardot e Laval, Christian Dunker e Vladimir Safatle. **Resultados parciais:** Verifica-se que o espaço no qual o sujeito supostamente é colocado para superar a si mesmo, tal como um empresário, sob a insígnia do sucesso e do dever produzir e consumir, é o mesmo no qual ele padece, por não alcançar a dimensão do gozo puro do Outro. **Discussão:** Ao examinarem a racionalidade neoliberal, Dardot e Laval (2016) encontram na personificação do *sujeito neoliberal*, o reforço do investimento do eu sobre si mesmo, de modo que devam agir para se fortalecer e sobreviver à competitividade constante. Uma das marcas basilares da fundação desse sujeito é sua originalidade de fonte de eficácia, por conseguinte, os problemas econômicos tornam-se problemas psíquicos oriundos da falta de motivação na qual ser bem-sucedido é uma questão global da vida humana. É o dispositivo desempenho/gozo, advogam os autores, que assimila a dicotomia entre o ser “bem-sucedido” e o sofrimento envolto em tais questões hodiernas. Essa tensão se expressa na identificação do desempenho ao gozo, cujo princípio se rege pelo excesso e autossuperação constante, logo, exige-se que o sujeito produza e goze sempre mais. Portanto, entendemos o conceito de gozo a partir do ensino lacaniano como satisfação da pulsão de morte, enquanto, ao recusar a lei e

tentar subvertê-la, não admite a falta e pretende torná-la um excesso a fim de gozar. **Considerações finais:** Delineia-se, destarte, que o sofrimento psíquico evocado pelo dispositivo desempenho/gozo são manifestações de um discurso patológico engendrado economicamente na vida dos sujeitos. Nessa esteira de pensamento, a autossuperação, enquanto ideal, na dinâmica do gozo se vincula à incapacidade de se deter a um objeto, somando-se à própria constituição dos conflitos subjetivos de cada sujeito. Assim, o que era uma tentativa de bem-estar e sucesso, torna-se um fracasso na realização desse gozo incondicional, ascendendo ao sofrimento psíquico.

**Palavras-chave:** gozo; psicanálise; sofrimento; sujeito neoliberal.

## Referências

- Dardot, P; Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, Livro 7: A Ética da Psicanálise* (1959). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda* (1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Safatle, V. P. (2015). *Cinismo e falácia da crítica*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Safatle, V. P; Da Silva Junior, N; Dunker, C. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica.

## **Moral sexual em análise: a dominação masculina sobre o feminino nas modalidades relacionais contemporâneas**

*Trabalho de Graduação - Psicanálises*

**Luiz Felipe Soares Araújo<sup>1</sup>** [felipearaujopsico@gmail.com](mailto:felipearaujopsico@gmail.com)

**Daniel da Silva Santos Patente Alves<sup>1</sup>** [danielpatentea@gmail.com](mailto:danielpatentea@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Freud, em "A Moral Sexual 'Cultural' e a Doença Nervosa Moderna", discute a moralidade opressiva e normativa nas relações conjugal-monogâmicas heterossexuais. Ao homem seria permitido uma "dupla moralidade", ou seja, as transgressões masculinas nas relações não seriam punidas rigorosamente. À mulher, entretanto, restaria a "imoralidade", não sendo permitidas transgressões por sua parte, compreendendo-se, a partir da discussão, como a dominação patriarcal está presente nesse tipo de relação na época desse escrito. A questão da dominação masculina nas relações monogâmicas heterossexuais foi mudando de roupagem ao decorrer das décadas e se reproduzindo em outros tipos de relação, como as relações abertas, não-heteronormativas, poliamorosas e não-monogâmicas. Neste sentido, busca-se estabelecer um embasamento teórico-crítico acerca das relações amorosas na contemporaneidade, pensando nas contradições existentes entre aquilo que elas "prometem" de liberdade aos sujeitos e no que acabam concretamente por estabelecer em suas dinâmicas internas, recaindo nos moldes da dominação patriarcal masculina. Articulou-se, como hipótese, a ideia do feminino na cultura como objeto de dominação e controle, expressos na misoginia e demais formas de opressão à mulher – ou de sujeitos que remetam à feminilidade – mesmo nas formas relacionais atuais. Questiona-se também se essa moral sexual burguesa do século XIX ainda vigora sob a ilusão de liberdade sexual promovida pelas condições sociais e econômicas da sociedade vigente. **Objetivo:** Partindo de escritos psicanalíticos e teórico-críticos, busca-se elaborar um referencial teórico-prático para a análise da reprodução da moralidade sobre a figura do feminino nas modalidades de relação afetiva na contemporaneidade. **Método:** Essa pesquisa qualitativa, de natureza básica e exploratória, foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica e análise de reportagens a respeito das diversas formas relacionais, observando-se suas particularidades e seus modos de liberdade e opressão acerca da figura do feminino. **Resultados:** A partir da revisão bibliográfica e análise dos dados, observou-se a confirmação da hipótese inicial a respeito da reprodução da opressão sobre o feminino no interior das várias modalidades relacionais contemporâneas. Há, no entanto, diferentes formas de opressão e dominação encontradas no interior dessas, mas que são absorvidas pela lógica patriarcal no intuito de prosseguir a reprodução opressiva

ao feminino. **Discussão:** Constatase que as diferentes modalidades relacionais reproduzem a dominação masculino-patriarcal por serem relações existentes em um cenário material, político, econômico e social normativo. Essas diversas modalidades, surgidas como formas transgressivas à moralidade monogâmico-patriarcal, objetivam nesse cenário romper com a imperatividade das relações tradicionais. No entanto, retomam-na, por se manifestar enquanto esforços meramente individuais que não refletem o panorama moral geral das formas relacionais, reintegrando tais formas à lógica patriarcal. **Considerações Finais:** As atuais modalidades relacionais, mesmo buscando transgredir o impositivo paradigma patriarcal da relação conjugal-monogâmico heterossexual, acabam por reproduzir este mesmo paradigma em diferentes graus, com a dominação masculina sobre o feminino ainda imperando recorrentemente. A mercantilização e o controle da sexualidade encontrados na publicidade, para fins da reprodução social, apresentam tais modelos como imperativos de emancipação e transgressão moral, mas somente reforça a dominação.

**Palavras-chave:** Feminino, Moral sexual, Dominação patriarcal, Relações amorosas.

## Referências

- Amorim, P. M., Belo, F. R. R., & Moreira, G. G. M. (2015). Monogamia: interpretações winnictorianas. *Contextos Clínicos*, 8(2), 201-209. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2015.82.09>.
- Azevedo, S. F. L. (2019). A ética da monogamia e o espírito do feminicídio: marxismo, patriarcado e adultério na Roma Antiga e no Brasil Atual. *História*, 38, 1-19. <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019053>.
- Dunker, C. (2022, março 30). *Não-monogamia e relacionamentos abertos | Falando nIsso* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/hC2i4gqywgk>.
- Fraser, N., & Jaeggi, R. (2018/2020). *Capitalismo em Debate: Uma Conversa na Teoria Crítica*. São Paulo: Boitempo.
- Freud, S. (1908/2020). A Moral Sexual "Cultural" e a Doença Nervosa Moderna. In S. Freud, *Cultura, Sociedade, Religião* (pp. 65-97). Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (1918 [1917]/2018). O Tabu da Virgindade (Contribuições para a Psicologia da Vida Amorosa III). In S. Freud, *Amor, Sexualidade, Feminilidade* (pp. 155-178). Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (1930/2020). O Mal-Estar na Cultura. In S. Freud, *Cultura, Sociedade, Religião* (pp. 305-410). Belo Horizonte: Autêntica.
- Jorge, M. P. (2023, abr 7). Não monogamia é bom para quem? Para os homens. *Folha de S.Paulo*. <https://bit.ly/3R7TpEU>.

- Lukács, G. (1919/2003). A Mudança de Função do Materialismo Histórico (1919). In G. Lukács, *História e Consciência de Classe: Estudos sobre a Dialética Marxista* (pp. 413-463). São Paulo: Martins Fontes.
- Massis, D. (2021, set 25). 'Com as relações abertas, a infidelidade perdeu peso, pois não é mais tão importante', defende escritora chilena. *BBC News Brasil*. <https://bbc.in/3Z8lUUM>.
- Núñez, G. (2020, abr 15). Não-monogamia e as opressões estruturais. *NM em Foco*. <https://naomonogamia.com.br/nao-monogamia-e-as-opressoes-estruturais>.
- Pilão, A. C. (2019). Quando o amor é o problema: feminismo e poliamor em debate. *Revista Estudos Feministas*, 27(3), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n355097>.
- Roncaglia, A. Meritocracia é o disfarce da plutocracia [Vídeo]. YouTube. [https://youtu.be/kMgWQCG\\_22o](https://youtu.be/kMgWQCG_22o).
- Sarti, B. L. (2023, Jun 12). Relacionamento aberto: reinvenção da opressão contra mulheres? *Catarinas*. <https://bit.ly/48otHIy>.
- Vieira, E., & Pretto, Z. (2021). Mulheres não monogâmicas: Trajetórias em uma sociedade Mononormativa. *RUNA – Repositório Universitário da Ânima*. <https://bit.ly/463BX8V>.
- Winnicott, D. W. (1967/2021). Este Feminismo. In D. W. Winnicott, *Tudo Começa em Casa* (pp. 217-230). São Paulo: Ubu/WMF Martins Fontes.

## Importância da prevenção da violência entre parceiros íntimos na adolescência

*Trabalho de Mestrado - Psicologia Social e Comunitária*

**Mariana Isabel Sainz Beserra**<sup>1</sup> [marianasainzb@gmail.com](mailto:marianasainzb@gmail.com)

**Renata Fabiana Pegoraro**<sup>1</sup> [renatapegoraro@gmail.com](mailto:renatapegoraro@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Os índices de violência contra a mulher tornaram-se um fenômeno com consequências devastadoras na saúde pública. Segundo a Organização Mundial da Saúde, uma em cada três mulheres é vítima de violência física por parte de seu parceiro íntimo. No Brasil, as mulheres são as principais vítimas de violência e as mulheres com menos de 18 anos também apresentam denúncias de agressões por parte de companheiros ou ex-parceiros íntimos. **Objetivo:** Conhecer a produção teórica científica relacionada ao fenômeno da violência entre parceiros íntimos adolescentes e identificar programas de prevenção de violência já implementados. **Método:** O presente trabalho é uma revisão de literatura feita a partir de bases de dados e portais acadêmicos como Google acadêmico, Scielo e Periódicos CAPES com as palavras-chave combinadas: violência, mulher, prevenção, adolescentes, parceiros íntimos. A busca inicial indicou 17 títulos, os quais tiveram seus títulos e resumos lidos, sendo selecionados oito para análise. **Resultados:** Foram identificadas cinco pesquisas empíricas e de revisão sobre a violência entre adolescentes, os quais apontaram que o fenômeno é complexo e multifatorial. A literatura aponta que a violência entre adolescentes tem fortes ligações com o ambiente familiar. Conviver com agressões verbais por parte dos pais ou irmãos pode influenciar os adolescentes a cometerem violência psicológica em seus relacionamentos íntimos, reforçando comportamentos agressivos em outros contextos sociais. Além disso, a violência por parte do parceiro íntimo está intimamente ligada às construções de gênero, que muitas vezes legitimam e naturalizam essas agressões. Estudos também revelam que, no contexto dos relacionamentos, as participantes do sexo feminino muitas vezes permitem que seus parceiros sejam dominantes, especialmente no âmbito sexual, a fim de agradá-los. Por outro lado, os participantes masculinos frequentemente justificam a violência com base em comportamentos que consideram sedutores e provocantes por parte das mulheres adolescentes, culminando na culpabilização das vítimas. Os três artigos que analisaram intervenções com adolescentes relacionadas à prevenção da violência apontaram que a implementação de programas preventivos pode ter impactos positivos. Vale destacar que as representações sociais de masculino e feminino desempenham um papel crucial na prevenção da violência entre adolescentes. Trabalhar essas representações sociais é de suma importância para o sucesso dos programas preventivos. Esta revisão proporciona uma visão

mais clara dos resultados e estabelece uma conexão mais direta entre os resultados e as teorias relevantes, destacando a importância da prevenção da violência entre adolescentes.

**Discussão:** O fenômeno da violência tem uma influência significativa do contexto social sendo que as representações de gênero socialmente atribuídas a homem e mulher são o principal gerador e justificador de atos violentos, o que gera a legitimação da violência que é perpetuada por novas gerações de jovens que normalizam e reproduzem essas atitudes negativas sendo incapazes de reconhecê-las. **Considerações finais:** É fundamental a elaboração de programas e projetos focados na prevenção da violência que estimulem e favoreçam a promoção de relacionamentos saudáveis na adolescência, quando acontecem os primeiros relacionamentos amorosos.

**Palavras-chave:** prevenção, violência, casais, adolescentes, mulheres.

## Referências

- Brancaglioni, B. D. C. A., & Fonseca, R. M. G. S. D. (2016). Violência por parceiro íntimo na adolescência: Uma análise de gênero e geração. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), 946–955. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. de, Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 707–718. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
- Schoenmaker, M. et al. (2016, 6 julho). A violência por parceiro íntimo entre adolescentes: percepções a partir de um jogo online. *CIAIQ2016*. <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/81>

## A experiência emocional de mulheres-mães na maternagem de crianças fruto de relação conjugal violenta

*Trabalho de Conclusão de Curso – Psicanálises*

**Letícia Ribeiro Arcos<sup>1</sup>** [leticiaribeiroarcos@gmail.com](mailto:leticiaribeiroarcos@gmail.com)

**Miriam Tachibana<sup>1</sup>** [mirita@ufu.br](mailto:mirita@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Na literatura científica, encontramos estudos dedicados predominantemente à violência parental (Patias, Bossi, & Dell'Aglio, 2014) e à violência conjugal (Costa, 2013). No presente trabalho, contudo, nos debruçamos acerca de que maneira a violência conjugal afeta o exercício da maternagem de mulheres-mães, que muitas vezes têm suas individualidades reduzidas a um padrão esperado de comportamento devido à naturalização da maternidade e à idealização da figura materna (Baluta & Moreira, 2019; Mendonça, 2021). **Objetivo:** Investigar a experiência de maternagem em mulheres vítimas de violência conjugal, em relação aos filhos derivados dessa a relação violenta. **Método:** Foram realizadas entrevistas com cinco mulheres que haviam solicitado atendimento psicológico para os seus filhos numa ONG dedicada a famílias em situação de violência intrafamiliar. As entrevistas foram psicanaliticamente orientadas, seguindo as técnicas da associação livre e da atenção flutuante (Coelho & Santos, 2012). A fim de facilitar a comunicação emocional das participantes, tais entrevistas foram mediadas pela apresentação de uma narrativa interativa como recurso mediador-dialógico (Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011). Assim, foi apresentada às participantes uma história ficcional, desenvolvida especialmente para esse estudo, envolvendo a temática da maternagem no campo da violência conjugal, com as participantes sendo convidadas a inventar um desfecho para a história, associando-a com as suas próprias dinâmicas familiares. Após cada entrevista, foram redigidas narrativas transferenciais, que consistem em produções textuais nas quais, além da inclusão do que ocorreu durante as entrevistas, também é descrito o impacto emocional destas últimas na entrevistadora (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005). As narrativas transferenciais e os desfechos inventados pelas participantes foram analisados psicanaliticamente por meio da Teoria dos Campos (Herrmann, 2006), que defende a existência de campos que atravessam o inconsciente e determinam a percepção e, consequentemente, a forma de se relacionar com a realidade externa. Assim, buscamos identificar os campos habitados pelas participantes, dando luz à uma melhor compreensão sobre como as participantes experienciam a maternagem de seus filhos frutos de uma relação conjugal violenta. **Resultados:** Foram identificados três campos: “Dois é demais”, “Ele(s)” e “Eu e minha mãe”. **Discussão:** O campo “Dois é demais” descreve

uma tendência por parte de algumas das participantes em falarem apenas de seus filhos e, de outras, de falarem sobretudo de seus ex-maridos, representando a incapacidade de conter dentro de si conteúdos da conjugalidade violenta e da parentalidade da criança fruto dessa relação. O campo “Ele(s)” já versa sobre a incapacidade psíquica da mulher de discriminar entre a criança e o ex-cônjuge, com a primeira sendo vista como a so(m)bra do segundo. Já o campo “Eu e minha mãe” revela que, vulneráveis, as mulheres-mães vítimas de violência conjugal acabam voltando-se para outras figuras femininas (normalmente, maternas) para conseguir exercer a maternagem de seus filhos, recorrendo a uma posição filial para fazer frente à dissolução conjugal e às demandas da parentalidade. **Considerações finais:** Foi possível produzir conhecimento científico sobre a maternagem de mulheres vítimas de violência conjugal, o que pode auxiliar os profissionais que atuam com famílias em situação de violência a sustentarem um manejo sensível junto a essa população.

**Palavras-chave:** maternagem; violência conjugal; relação materno-filial.

## Referências

- Aiello-Vaisberg, T.M. J., & Machado, M. C. L.. (2005). Narrativas: O Gesto do Sonhador Brincante. Recuperado em 28 de dezembro de 2022, de <http://serefazer.psc.br/wpcontent/uploads/2013/09/aiello-vaisberg-e-machado-IV-ENCLAT-DOS-ESTADOSGERAIS-DA-PSICAN%C3%81LISE-2005.pdf>
- Baluta, M. C., & Moreira, D. (2019). A injunção social da maternagem e a violência. *Revista Estudos Feministas*, 27(2). Recuperado em 02 de dezembro de 2022, de <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n248990>
- Coelho, D. M., & Santos, M. V. O. (2012). Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. *Analytica: Revista De Psicanálise*, 1(1), 90–105. Recuperado de <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/235>
- Costa, D. (2013). Exposição da criança à violência interparental: perturbações de stress pôstraumático. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- Granato, T. M. M., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia Em Estudo*, 16(1), 149-155.
- Herrmann, L. (2006). A episteme da psicanálise: Uma contribuição da teoria dos campos. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 81-96.
- Mendonça, M. C. (2021). Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. *Revista Ártemis*, 31(1), 56-72. Recuperado em 02 de dezembro de 2022, de <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.54296>
- Patias, N. D., Bossi, T. J., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Repercussões da exposição à violência conjugal nas características emocionais dos filhos: revisão sistemática da literatura.

Temas em Psicologia, 22(4), 901-915. Recuperado em 01 de dezembro de 2022, de  
<https://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-17>

## Da autoestima ao narcisismo: as múltiplas faces do espelho contemporâneo

*Iniciação Científica - Psicologia e Psicopatologia*

**Maria Gabriela Sousa Borges<sup>1</sup>** [mgabrielasb@ufu.br](mailto:mgabrielasb@ufu.br)

**Andréa Pereira de Lima<sup>1</sup>** [andrealima@ufu.br](mailto:andrealima@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A autoestima é um componente do Bem-Estar Subjetivo (BES) que medeia o feedback intrínseco e extrínseco. O narcisismo, muitas vezes confundido com a autoestima, pode ser adaptativo ou patológico, envolvendo excepcionalismo egocêntrico e problemas interpessoais. Embora tratados como traços equivalentes, a autoestima e o narcisismo diferem em aspectos como adversidades na socialização e estabilidade psicológica. Este estudo tem como objetivo compreender a autoestima e o narcisismo, explorar suas inter-relações e discutir o impacto das redes sociais nesses construtos. **Objetivos:** Este projeto visa elucidar as características e diferenças entre a autoestima e o narcisismo, além de analisar suas inter-relações. Também busca discutir os efeitos das redes sociais na autoestima e no narcisismo dos indivíduos. Os objetivos específicos são compreender as principais características da autoestima e do narcisismo, explorar as semelhanças e diferenças entre eles, investigar suas inter-relações e analisar os possíveis impactos do uso das redes sociais. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa, selecionando artigos relevantes nas áreas de Psicologia Social e Psicopatologia nas bases de dados PubMed, BVS e Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram autoestima e narcisismo, *self-esteem and narcissism*, autoestima e rede social, *self-esteem and social media*, narcisismo e rede social, *narcissism and social media*. Foram considerados artigos publicados nos últimos 5 anos em português e inglês.

**Resultados:** Embora haja falta de consenso na literatura, a compreensão da autoestima e suas relações com as diversas formas de narcisismo podem ser explicadas pelos traços essenciais e periféricos, que contribuem para as diferenças individuais na expressão do narcisismo como um contínuo multidimensional. Diferente da crença popular que associa o narcisismo a uma forma exagerada de autoestima, foi observado outras possibilidades de interação entre esses construtos. **Discussão:** A autoestima elevada e autêntica está associada a um autoconceito positivo, comportamento pró-social, ajustes adaptativos ao meio e manutenção de relações estáveis e significativas. Por outro lado, o narcisismo envolve autoimagem positiva baseada no excepcionalismo egocêntrico, crenças de superioridade e grandiosidade, senso de direito e exploração dos outros, resultando em problemas interpessoais. O campo de estudo da autoestima, narcisismo e uso de redes sociais ainda é

pouco explorado na literatura, especialmente considerando o crescimento recente do ambiente virtual. No entanto, algumas pesquisas abordam predominantemente o vício em redes sociais e possuem amostras restritas em termos de faixa etária e contexto socioeconômico e cultural. **Considerações finais:** Em conclusão, a relação entre a autoestima e as diferentes formas de narcisismo é complexa e não há consenso na literatura. Os traços essenciais e periféricos ajudam a explicar as diferenças individuais na expressão multidimensional do narcisismo e da autoestima. Este estudo revelou outras possibilidades de interação entre esses construtos psicológicos, desafiando a noção popular de que o narcisismo é uma forma exagerada de autoestima. Além disso, o crescimento do ambiente virtual é um fenômeno recente que requer mais estudos para compreender melhor suas implicações nos construtos da autoestima e do narcisismo.

**Palavras-chave:** Autoestima, Narcisismo, Redes Sociais.

## Referências

- Benson, A. J., & Giacomin, M. (2020). How self-esteem and narcissism differentially relate to high and (un)stable feelings of status and inclusion. *Journal of Personality*, 88(6), 1177–1195. <https://doi.org/10.1111/jopy.12565>
- Brown, R. P., & Zeigler-Hill, V. (2004). Narcissism and the non-equivalence of self-esteem measures: A matter of dominance?. *Journal of Research in Personality*, 38(6), 585–592. doi:10.1016/j.jrp.2003.11.002
- Brummelman, E., Nelemans, S. A., Thomaes, S., & Orobio de Castro, B. (2017). When parents' praise inflates, children's self-esteem deflates. *Child Development*, 88, 1799–1809. <https://doi.org/10.1111/cdev.12936>
- di Pierro, R., Mattavelli, S., & Gallucci, M. (2016). Narcissistic traits and explicit self-esteem: The moderating role of implicit self-view. *Frontiers in Psychology*, 7. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01815>
- Du, H., King, R. B., & Chi, P. (2017). Self-esteem and subjective well-being revisited: The roles of personal, relational, and collective self-esteem. *PLOS ONE*, 12(8). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0183958>
- Geukes, K., Nestler, S., Hütteman, R., Dufner, M., Küfner, A., Egloff, B., Denissen, J., & Back, M. D. (2017). Puffed-up but shaky selves: State self-esteem level and variability in narcissists. *Journal of personality and social psychology*, 112(5), 769–786. <https://doi.org/10.1037/pspp0000093>
- Giacomin, M., & Jordan, C. H. (2019). Misperceiving grandiose narcissism as self-esteem: Why narcissists are well liked at zero acquaintance. *Journal of Personality*, 87(4), 827–842. <https://doi.org/10.1111/jopy.12436>

- Gnambs, T., & Appel, M. (2018). Narcissism and Social Networking Behavior: A Meta-Analysis. *Journal of Personality*, 86(2), 200–212. <https://doi.org/10.1111/jopy.12305>
- Hyatt, C. S., Sleep, C. E., Lamkin, J., Maples-Keller, J. L., Sedikides, C., Campbell, W. K., & Miller, J. D. (2018). Narcissism and self-esteem: A nomological network analysis. *PLoS ONE*, 13(8). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0201088>
- Mota, S., Humberg, S., Krause, S., Fatfouta, R., Geukes, K., Schröder-Abé, M., & Back, M. D. (2019). Unmasking Narcissus: A competitive test of existing hypotheses on (agentic, antagonistic, neurotic, and communal) narcissism and (explicit and implicit) self-esteem across 18 samples. *Self and Identity*, 1–21. doi:10.1080/15298868.2019.1620012
- Orth, U, Robins, R. W., Meier, L. L., Conger, R. D. (2015). Refining the Vulnerability Model of Low Self-Esteem and Depression: Disentangling the Effects of Genuine Self-Esteem and Narcissism. *Journal of Personality and Social Psychology*. 110(1), 135–149. <https://doi.org/10.1037/pspp0000038.supp>
- Pantic, I., Milanovic, A., Loboda, B., Błachnio, A., Przepiorka, A., Nesic, D., Mazic, S., Dugalic, S., & Ristic, S. (2017). Association between physiological oscillations in self-esteem, narcissism and internet addiction: A cross-sectional study. *Psychiatry Research*, 258, 239–243. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2017.08.044>
- Richardson, K., Hart, W., & Kinrade, C. (2021). Investigating how self-esteem moderates grandiose narcissism's interpersonal orientation. *Journal of Personality*, 89(4), 738–753. <https://doi.org/10.1111/jopy.12612>
- Sedikides, C. (2021). In Search of Narcissus. In *Trends in Cognitive Sciences*, 25(1), 67–80. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2020.10.010>
- Shi, Y., Luo, Y. L. L., Yang, Z., Liu, Y., & Bao, H. (2018). Do narcissists enjoy visiting social networking sites? It depends on how adaptive they are. *Frontiers in Psychology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01739>
- Vater A, Moritz S, Roepke S (2018) Does a narcissism epidemic exist in modern western societies? Comparing narcissism and self-esteem in East and West Germany. *PLoS ONE* 13(1). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0188287>

## Moralidade como adaptação para a cooperação humana: uma revisão teórica

*Trabalho de Conclusão de Curso - Psicologia Evolucionista*

**Marcos Vinícius Nunes Cardoso<sup>1</sup>** [mvnunespsi@gmail.com](mailto:mvnunespsi@gmail.com)

**Wallisen Tadashi Hattori<sup>1</sup>** [wallhattori@gmail.com](mailto:wallhattori@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Nossos ancestrais viveram em um mundo intensamente social por milhões de anos, no qual a vida em grupo era crucial para a sobrevivência. Desse modo, adaptações foram desenvolvidas, a partir do mecanismo da seleção natural e outros, para lidar com os problemas adaptativos decorrentes da interação entre os indivíduos e da pressão exercida pelo ambiente. Com isso, a Psicologia Evolucionista mostra-se como campo teórico de estudo integrativo do comportamento e de seus mecanismos psicológicos subjacentes, fornecendo uma estrutura heurística para explorar as origens e a natureza de tais mecanismos. Diante disso, entende-se que a mente humana precisou, ao longo do tempo, lidar com problemas adaptativos advindos da relação indivíduo-ambiente que colocavam em risco a sobrevivência e reprodução da espécie, sendo a moralidade, então, um desses mecanismos criados. **Objetivo:** Assim, torna-se necessário identificar, com base na literatura recente em Psicologia Evolucionista e Social, se a moralidade pode ser considerada uma dessas adaptações evolutivas para os problemas cooperativos humanos. **Método:** Fora realizada uma revisão teórica com análise de conteúdo, tendo sido selecionados apenas artigos teóricos de 2010 a 2023 das bases de dados *online*: PsycNet, Google Acadêmico e SciELO. Com isso, estruturou-se um quadro contendo as sínteses dos 12 artigos selecionados para a revisão, contendo: referência, objetivos e conclusões. **Resultados:** Com a síntese, observou-se que o comportamento moral é o nome que damos para os traços cooperativos humanos, os quais são representados em diversos mecanismos, como instintos, intuições, sentimentos e cognições, que são capazes de sustentar, promover e regular a cooperação, inclusive a chamada moral “puritana”, em que atos aparentemente sem vítimas são moralizados por constituírem uma ameaça a cooperação. **Discussão:** Os comportamentos que são vistos como moralmente bons ao redor do mundo, também são aqueles que contribuem com o comportamento cooperativo. No entanto, é demonstrado que devido aos vários tipos de problemas cooperativos existentes, foram selecionados durante nosso percurso evolutivo valores morais distintos correspondente a cada contexto. É possível, assim, atestar que a moralidade pode ser considerada como uma adaptação evolutiva para os problemas cooperativos humanos, uma tentativa da seleção natural de não deixar que as relações recíprocas humanas ocorressem ao acaso, implementando sentimentos, pensamentos morais, instintos, invenções e instituições a fim de

assegurar a harmonia social através da cooperação. **Considerações finais:** Cooperar não é algo a ser desejado, mas algo que é considerado necessário para o bom desenvolvimento de uma sociedade e seus indivíduos. E embora o fenômeno da cooperação seja ancestral, talvez o sucesso de nossa espécie *Homo sapiens* se deva a essa capacidade desenvolvida, a consciência moral, maximizando as relações cooperativas. Ademais, destaca-se algumas limitações de pesquisa, como a pouca quantidade e variedade de descritores no momento de busca nas bases de dados digitais, o que resultou em estudos que convergiram em um determinado tipo de resposta para a pergunta de pesquisa realizada e na seleção de uma quantidade pequena de estudos para serem analisados. Espera-se, portanto, que futuras pesquisas na área preencham tais lacunas, além de produzir análises acerca do tema com base em estudos empíricos.

**Palavras-chave:** *Moralidade, Cooperação, Adaptação evolutiva, Psicologia Evolucionista.*

## Referências

- Cortês, P. R., Oliveira, A. M. A., & Valentova, J. V. (2022). Psicologia moral evolucionista. In Albuquerque, U. P. (Ed.), *Bases ecológicas e evolutivas do comportamento humano*. (pp. 82–96). Recife, PE: NUPEEA. Recuperado de [Bases Ecológicas e Evolutivas do Comportamento Humano – Canal 6 Editora](https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.1086/701478)
- Curry, O. S. (2016). Morality as cooperation: A problem-centred approach. In The evolution of morality. In Shackelford, T., Hansen, R. (Eds), *The Evolution of Morality. Evolutionary Psychology* (pp. 27–51). Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-19671-8\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-19671-8_2)
- Curry, O. S., Mullins, D. A., & Whitehouse, H. (2019). Is it good to cooperate? Testing the theory of morality-as-cooperation in 60 societies. *Current Anthropology*, 60(1), 47–69. Retrieved from <https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.1086/701478>
- Curry, O.S., Alfano, M., Brandt, M.J. et al. (2021). Moral Molecules: Morality as a Combinatorial System. *Review of Philosophy and Psychology*, 13, 1039–1058. <https://doi.org/10.1007/s13164-021-00540-x>
- Downes, S. M. (2021). Evolutionary Psychology. In Zalta, E. N. (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Spring Edition. Retrieved from <https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/evolutionary-psychology/>.
- Fitouchi, L., André, J., & Baumard, N. (2022). Moral disciplining: The cognitive and evolutionary foundations of puritanical morality. *Behavioral and Brain Sciences*, 1–71. <https://doi.org/10.1017/S0140525X22002047>

James, S. M. (2015). *Uma introdução à ética evolutiva*. (1<sup>a</sup>. ed.). São Paulo, SP: Ideias & Letras.

Tooby, J. (2020). Evolutionary psychology as the crystallizing core of a unified modern social science. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 14(4), 390–403.  
<https://doi.org/10.1037/ebs0000250>

## Luz, Web Cam e ação: as condições do trabalhar docente universitário durante a pandemia da COVID-19

*Iniciação Científica - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

**Igor Altiéres Faria Silva<sup>1</sup>** [igoraltieres@gmail.com](mailto:igoraltieres@gmail.com)

**Profa. Dra. Heila Magali da Silva Veiga<sup>1</sup>** [heila.veiga@gmail.com](mailto:heila.veiga@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A pandemia da Covid-19 foi um fenômeno de proporções globais, com seus efeitos sendo percebidos por todos, nos mais amplos âmbitos de suas vidas. Nessa prerrogativa, a docência universitária fora também perpassada pelos percalços pandêmicos (Dias, 2021). Um dos grandes impactos vivenciado pelos professores diz respeito à adoção do modelo de ensino emergencial remoto. Tal processo exigiu uma espécie de “reinvenção docente”, na qual lacunas estruturais e formativas se somaram às condições trabalhistas estressoras já presentes na carreira (Ferreira, Ferraz, & Ferraz, 2021; Pereira, Santos, & Manetti, 2020; Medeiros, 2021). Sendo assim, se faz necessário a compreensão de como estes profissionais vivenciaram tais experiências e, consequentemente, como estas reverberaram em suas atuações profissionais, num momento pós pandêmico. Como hipótese, os pesquisadores postulam que tais vivências foram interpretadas como majoritariamente nocivas e percursoras de patologias. **Objetivo:** Investigar quais foram as reverberações do “trabalhar” durante a pandemia da COVID-19, na saúde de professores universitários. **Método:** Ancorando-se num modelo de investigação qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com 5 mulheres e 3 homens, numa faixa etária entre 27 e 56 anos. A amostra por conveniência foi recrutada a partir do método Bola de Neve (Costa, 2018). Todas as entrevistas foram realizadas em modalidade online. A análise discursiva se deu sob a orientação do método de Bardin (Bardin, 2011). **Resultados:** A partir da análise de conteúdo, os pesquisadores elaboraram dez categorias, nas quais as falas dos entrevistados puderam ser agrupadas, sendo elas: “Sintomas físicos”, “Sintomas Psicopatológicos”, “Ansiedade”, “Sobrecarga”, “Desenvolvimento Pessoal”, “Autoconhecimento”, “Reverberação familiar”, “Dificuldade na adaptação do remoto”, “Ganhos da atuação remota”, e “Desamparo Organizacional”. Das categorias elencadas, as que receberam o maior número de citações são “Reverberação familiar”, “ansiedade”, “Sobrecarga” e “Dificuldades na atuação no período”, citadas em sete das dez entrevistas realizadas. Por outro lado, tais categorias foram seguidas por “ganhos na atuação remota”, presente em seis das dez entrevistas realizadas. **Discussão:** a experiência laboral no ensino remoto foi percebida como majoritariamente negativa, estando em concordância com a literatura pesquisada. Sendo assim, a hipótese dos pesquisadores foi

confirmada, sendo o período da pandemia da covid-19 majoritariamente categorizado como Ansiogênico. Contudo, aspectos positivos da atuação remota também foram observados, como a não necessidade do deslocamento diário até o posto de trabalho, a possibilidade de participações em eventos científicos e bancas nas mais distintas localidades, além da aprendizagem de novos conteúdos e recursos tecnológicos que, mesmo após o retorno ao presencial, continuaram sendo utilizados pelos docentes. Sendo assim, apesar das inquestionáveis e múltiplas dores, oportunidades puderam ser observadas pelos docentes. **Considerações finais:** O estudo, então, atendeu ao que se propôs, tendo cumprido seu objetivo. No entanto, o tamanho da amostra se apresentou como uma limitação. Espera-se, portanto, que novos trabalhos investiguem a temática de forma mais abrangente, a partir de instrumentos psicométricamente validados.

**Palavras-Chave:** *Trabalho Remoto, Docência Universitária, Saúde Ocupacional, Pandemia.*

## Referências

- Bardin. L. (2011). Análise de conteúdo. São Paulo, SP: Almedina.
- Costa, B. R. L. (2018). Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. *Revista Interdisciplinar De Gestão Social*, 7(1). Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649d>
- Dias, É. (2021). A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação*, 29(112), 565-573. <https://doi.org/10.1590/S0104-4036202100290120001>
- Ferreira, L. G., Ferraz, R. D., & Ferraz, R. de C. S. N. (2021). Trabalho docente na pandemia: discursos de professores sobre o ofício. *fólio - Revista De Letras*, 13(1). <https://doi.org/10.22481/folio.v13i1.9070>
- Pereira, H. P., Santos, F. V., & Manenti, M. A. (2020). Saúde Mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. *Boletim De Conjuntura (BOCA)*, 3(9), 26–32. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3986851>
- Medeiros, D. M. (2021). O teletrabalho durante a pandemia da covid-19: indicadores da intensificação do trabalho docente. *Revista Educação e Políticas em Debate*, 10(3), 1158-1171. <https://doi.org/10.14393/REPOD-v10n3a2021-62304>.

## As práticas narrativas coletivas como cuidado psicossocial: uma revisão da literatura

*Trabalho de Mestrado - Construcionismo Social*

**Paula Romite**<sup>1</sup> [paularomite@gmail.com](mailto:paularomite@gmail.com)

**Emerson Fernando Rasera**<sup>1</sup> [emersonrasera@gmail.com](mailto:emersonrasera@gmail.com)

<sup>1</sup>Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Baseadas na Terapia Narrativa de Michael White e David Epston e influenciadas pela perspectiva de mudança social de Paulo Freire, as Práticas Narrativas Coletivas, segundo seu proponente, David Denborough, são alternativas para oferecer apoio psicossocial a indivíduos, grupos e comunidades que experenciam ou experienciaram significativo sofrimento coletivo em contextos em que o aconselhamento individual não é possível ou culturalmente apropriado, e em que os recursos são escassos, contribuindo com o movimento social e minimizando a colonização psicológica. A importância da análise, pesquisa e disseminação de conteúdos acerca das práticas narrativas coletivas tem o potencial de auxiliar os profissionais a refletirem sobre formas alternativas, não patologizantes de prática profissional, além de promover a mudança e transformação social junto a diversas populações.

**Objetivo:** Analisar como estão sendo desenvolvidas as práticas narrativas coletivas quanto à intervenção de cuidado psicossocial. **Método:** Revisão da literatura realizada a partir da perspectiva epistemológica construcionista social. Para a localização das publicações foram realizadas buscas eletrônicas em outubro de 2022, no PePSIC, Portal da CAPES, SciELO, BVS-LILACS, PsycINFO, PubMed e *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*. As buscas contemplaram o campo “all” com a expressão “prática narrativa coletiva”/“collective narrative practice”. O período de busca delimitou o ano final de 2021, resultando um total de 163 artigos. Aplicados os critérios de inclusão de formato de artigos completos em periódicos científicos (exceto revisões bibliográficas), nos idiomas português, inglês e espanhol e que continham como tema as práticas narrativas coletivas, foram selecionados 39 artigos que passaram para a etapa de avaliação. Nesta etapa, os artigos foram avaliados de forma quantitativa e qualitativa através das seguintes dimensões de análise: fonte das publicações, ano das publicações, autores das publicações, país de origem dos autores, tipo de estudo, uso das práticas narrativas coletivas, características da prática narrativa coletiva, papel do terapeuta narrativo no contexto da prática narrativa coletiva, área predominante de atuação dos autores, visão do problema, visão da mudança e ativismo do terapeuta narrativo. **Resultados:** A análise quanti-qualitativa e temática apontou que: há uma amplitude de usos das práticas narrativas coletivas; elas foram desenvolvidas por

coordenadores, contextos e populações diferentes das originalmente propostas; a visão de problema explicita a base social do sofrimento; a visão da mudança focaliza-se nos participantes como indivíduos; e o combate à colonização psicológica se dá pela valorização do conhecimento dos participantes. **Discussão e Considerações Finais:** O modo de desenvolvimento das práticas narrativas coletivas atualmente as aproximam da terapia narrativa em grupo, sendo necessário aprimorar intervenções que visem o enfrentamento coletivo e a transformação social. Nesse sentido, tais práticas demonstram ser oportunidades para o desenvolvimento do ativismo social, mas que não tem sido fortemente aproveitadas pelos terapeutas. (CNPQ/FAPEMIG)

**Palavras-chave:** *Práticas Narrativas Coletivas; Terapia Narrativa; Revisão da Literatura.*

## Referências

- Abdalla, L. H. & Novis, A. L. (2014). Uh Oh! I have received an unexpected visitor: the visitor's name is chronic disease. A brazilian family therapy approach. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 35, 100–104.
- Barton, P. (2017). Witnessing practices of resistance, resilience and kinship in childbirth: a collective narrative Project. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 36–49.
- Boucher, M. (2009). Finding resiliency, standing tall: exploring trauma, hardship, and healing with refugees. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 43–51.
- Carmichael, L. & Denborough, D. (2015). Listening for alternative stories: narrative practice with vulnerable children and young people in India. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1.
- Caulfield, L. (2021). 'I am more than the violence I survive': reflections from the policing family violence storytelling project. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 76-93.
- Chan, S. (2018). Multiple family narrative practice: in search of family agency for Chinese families of children with dyslexia through externalising documentation. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 43-49.
- Chiu, J. C. T. (2020). Stories and knowledge of responding to hard times: A narrative approach to collective healing in Hong Kong. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 32–42.

- D'Arrigo-Patrick, J., Hoff, C., Knudson-Martin, C., & Tuttle, A. (2017). Navigating critical theory and postmodernism: social justice and therapist power in family therapy. *Family process*, 56(3), 574–588.
- Denborough, D. (2008). *Práticas narrativas coletivas: trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas*. (A. Muller, Trad.). Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- Denborough, D. (2012). A storyline of collective narrative practice: a history of ideas, social projects and partnerships. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 40-65.
- Freire, P. (1999). Making history and unveiling oppression (D. Denborough & C. White, interviewers). *Dulwich Centre Journal*, 3, 37–39.
- Haegert, M. C., Rachid M., & Moxley-Haegert L. (2018). Narrative community work in Burundi, Africa: Working with orphaned children and teaching narrative practices to their caregivers. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 40-52.
- Holland, T. (2016). Two-way learning as respectful community practice: honouring, co-creating and facilitating access to the knowledge stories of the Men of the Mimosa Creek Healing Centre. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 31–44.
- Holland, T., Nowland, T., Swan, J., Lord, S., Johnson, J., Dudley A., Langer J., Dang, M. Beazley C. & St Clair, B. (2018). Quiet or Shy when we prefer to be, but always resisting Silencing: A project of multi-storied descriptions and directions. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 36-42.
- Hung, S. S. L. (2011). Collective narrative practice with rape victims in the chinese society of Hong Kong. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 14–31.
- Leger, M. F. (2016). Exploring the bicycle metaphor as a vehicle for rich story development: a collective narrative practice project. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 17–35.
- Lock, S. (2016). The tree of life: a review of the collective narrative approach. *Educational psychology research and practice*, 2(1), 2–20.
- Monk, G., & Gehart, D. R. (2003). Sociopolitical activist or conversational partner? distinguishing the position of the therapist in narrative and collaborative therapies. *Family process*, 42(1), 19–30.
- Morgan, A. (2007). *O que é terapia narrativa? Uma introdução de fácil leitura*. Porto Alegre: Pacartes.

- Moxley-Haegert, L. (2015). Leaving a legacy' and 'letting the legacy live': using narrative practices while working with children and their families in a child palliative care program. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 58-69.
- Ncube, N. (2006). The tree of life project: using narrative ideas in work with vulnerable children in Southern Africa. *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 3-16.
- Nyirinkwaya, S. (2020). Games, activities and narrative practice: enabling sparks to emerge in conversations with children and young people who have experienced hard times. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 35-45.
- Parham, S., Ibrahim, J., & Foxwell, K. (2019). Could the tree of life model be a useful approach for UK mental health contexts? a review of the literature. *Narrative works: issues, investigations, & interventions*, 9(2), 44-70.
- Polanco, M. (2010). University Students Take Action Under the Gaze of 'the Eye of Success': A Narrative Collective Initiative. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 59-70.
- Quek, E. S. M. (2017). Presenting the league of parents and small people against pocket kering: debuting the skills and knowledges of those who experience financial difficulties. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 85-98.
- Rasera, E. F & Guanaes-Lorenzi, C. (2021). O terapeuta como produtor de conhecimentos: contribuições da perspectiva construcionista social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 30 (69), 07-16.
- Reid, K. (2008). Dancing our own steps: a queer families' project. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 61-68.
- Souza, L. V., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Sentidos sobre o/a Psicóloga/o no CRAS na Literatura Científica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 53-72
- Spink, M. J. (2013). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Strauven, S. (2016). Definitional ceremonies as rituals of hospitality. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 1-14.
- Tan, M. (2017). Recipes for life: A collective narrative methodology for responding to gender violence. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 1-12.
- Tse, C. K. H. (2016). Collective narrative practice with young people with Aspergers syndrome who have experienced bullying. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 8-20.

- Uribe, M. S. (2012). Narrative therapy: constructing stories of dignity and resistance with survivors of torture and trauma in Colombia. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 1–10.
- Val, E. R. (2018). Pipa Corporativa: uma ferramenta da terapia narrativa aplicada às famílias empresárias. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 61, 100-119.
- White, M. (2007). *Mapas da prática narrativa*. Porto Alegre: Pacartes.
- White M. & Epston D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- Whyte, W. (2012). Passing hope around: Youth messaging strategies for becoming drug-free. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 34-40.
- Yee, C. (2018). The narrative docket: Facilitating narrative practices with involuntarily referred adolescents. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 10–20.
- Yuen, A. (2011). History re-authored: young men responding to anger, trouble, and hopelessness in urban schools. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 3-26.

## **Descobrindo o fazer do psicólogo na escola: reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar e Educacional**

*Trabalho de Graduação - Psicologia Escolar e Educacional*

**Josy Marianny Gomes Oliveira<sup>1</sup>** [josygomess@ufu.br](mailto:josygomess@ufu.br)

**Pedro Vittor Garcias Gonçalves<sup>1</sup>** [pedrovittor@ufu.br](mailto:pedrovittor@ufu.br)

**Carmen Lúcia Reis<sup>1</sup>** [carmenreis@ufu.br](mailto:carmenreis@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** A promulgação da Lei 13.935 de 11 de Dezembro de 2019 abriu novos caminhos a serem trilhados pela Psicologia Escolar e Educacional brasileira, a inserção na educação básica de uma equipe multiprofissional de psicólogos e assistentes sociais incentiva a elaboração de projetos de ensino, pesquisa e extensão que promovam uma aproximação cada vez maior da área com a educação pública. Em concomitante, a implementação da reforma do Ensino Médio promoveu modificações profundas a nível de funcionamento e de estruturação escolar. Dessa maneira, o estágio em instituições escolares se coloca como um passo fundamental para a formação de profissionais que consigam compreender as particularidades desse campo de atuação. **Objetivo:** Apresentar intervenções e possibilidades de atuação do psicólogo escolar e educacional em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Uberlândia - MG. **Método:** As ações realizadas no estágio foram iniciadas através de uma observação participante que visou compreender a dinâmica e o cotidiano da escola bem como as relações estabelecidas. Posteriormente, foram propostas três ações: a realização de grupos temáticos/reflexivos com estudantes do 1º e do 2º ano do Ensino Médio, um grupo Orientação Profissional com estudantes do 3º ano e também acolhimentos pontuais feitos por procura espontânea de estudantes e professores. **Resultados:** O grupo se revelou como um espaço potente de reflexão, intervenção e coletivização de questões vivenciadas pelos adolescentes, que atravessam sua relação consigo, com o outro e com a escolarização. Nos acolhimentos, percebemos que diversas manifestações e também sentimentos eram nomeados como ansiedade, o que nos levou a uma conversa (in)formativa com a equipe escolar e os próprios estudantes. **Discussão:** Nas atividades propostas, averiguou-se que discussões sobre identidade de gênero, sexualidade, relação com os pais, com a escola e com o processo de aprendizagem surgiram muito associadas à uma individualização e culpabilização por parte dos estudantes. Em relação ao Novo Ensino Médio percebemos uma confusão generalizada, já que não havia um entendimento muito elaborado sobre essas mudanças e também uma insegurança pela necessidade de se repreender a estar na escola, a se relacionar com o outro e a desempenhar o papel de professor, aluno ou algum cargo de gestão. Tal fator, alinhado a uma

perspectiva individualista, meritocrática e neoliberal da educação, privilegia uma relação descontextualizada entre a juventude e sua realidade material através de uma falsa ideia de escolha. Além disso, as marcas da pandemia do Covid-19 e o estranhamento envolvendo essas novas formas de se estar na escola causaram grandes mobilizações nos estudantes e também nos demais profissionais. **Conclusão:** A partir da prática, foi possível refletir sobre as potencialidades e os desafios da atuação do profissional de Psicologia no contexto escolar. Além disso, continuamente lidamos com as expectativas dos diferentes agentes ali presentes, que dizem respeito ao retorno a uma norma, a um comportamento ou a uma regulação emocional considerada ideal. Assim, a contextualização dos múltiplos fatores que se colocam no processo de escolarização e para aquelas que estão para além desse contexto se mostrou fundamental para a construção de uma prática crítica.

**Palavras-Chave:** *Psicologia Escolar e Educacional; Relato de Experiência; Novo Ensino Médio.*

## Referências

- Dayrell, J. (1996). A escola como espaço sócio-cultural. Em: Dayrrel, J. (Org.). *Múltiplos olhares: sobre educação e cultura*. Editora UFMG.
- Gomes, C., Medeiros, F. P., Arinelli, G. S., & Zucoloto, P. C. S. D. V. (2022). Imaginando, criando, construindo juntos: práticas do psicólogo escolar em tempos de pandemia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 39. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e210093>
- Neto, W. M. F. S., Oliveira, W. A., & Guzzo, R. S. L. (2017). Discutindo a formação em Psicologia: a atividade de supervisão e suas diversidades. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP, 21(3), 573-582. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pee/a/shcrDLZf7rhxpDrgwZtjzHv/?lang=pt>
- Matos, C. D. A. (2019). O desenvolvimento subjetivo do psicólogo escolar: reflexões sobre os processos de atuação e formação profissional. Recuperado de: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35075>
- Souza, S. M. B., Tondin, C. F., Cunha, L. H. S. C., & Silva, P. C. L. (2021). Psicologia e serviço social na educação básica de minas gerais a partir da Lei Nº 13.965/2019: trajetória e contribuições. Em: Facci, M. G., Anache, A. A., Caldas, R. F. (Orgs.). *Por que a psicologia na educação? Em defesa da emancipação humana no processo de escolarização*. Editora CRV.

## Gênero e sexualidade em interface com a educação infantil: uma pesquisa bibliográfica

*Iniciação Científica - Psicologia Escolar e Educacional*

**Pedro Vittor Garcias Gonçalves<sup>1</sup>** [pedrovittor@ufu.br](mailto:pedrovittor@ufu.br)

**Luciana Pereira de Lima<sup>1</sup>** [luciana.lima@ufu.br](mailto:luciana.lima@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O gênero e a sexualidade são construções sociais que se apresentam de distintas maneiras ao longo da história da humanidade. Na atualidade, esses conceitos assumem lugar de controle da vida e as instituições escolares têm se constituído como importantes espaços na (re)construção de normas hegemônicas de ser e estar no mundo. No Brasil, legislações nacionais apontam para a importância do papel sociopolítico da Educação Infantil no desenvolvimento da criança, afirmando o compromisso dessa etapa educacional com o rompimento de relações de dominação de diversas ordens, como as de gênero. Nesse cenário, soam como frutíferas investigações que se debrucem sobre a temática e como ela tem adentrado o âmbito científico, ampliando os debates e reflexões na área. **Objetivo:** Apresentar uma pesquisa bibliográfica que buscou levantar e discutir produções científicas nacionais sobre gênero e sexualidade na Educação Infantil. **Método:** A pesquisa foi realizada na plataforma de Periódicos CAPES/MEC, em 2021 e 2022, sendo selecionados artigos científicos produzidos no Brasil, disponíveis online, em português, no período de 2009 a 2021. A partir do levantamento dos artigos encontrados ( $n=142$ ), e realização da leitura de títulos e resumos, foram identificados os que atendiam aos critérios de inclusão da pesquisa ( $n=57$ ) e construídas as seguintes categorias de análise: 1. Caracterização da produção científica e suas (in)visibilidades; 2. Principais temáticas abordadas: avanços e caminhos a se trilhar. O levantamento e a análise quanti-qualitativa das informações foram realizados em diálogo com a Psicologia Histórico-Cultural. **Resultados:** Os artigos encontrados foram publicados em 23 periódicos diferentes, com predominância nos anos de 2016, 2018 e 2020. A população das pesquisas foi em sua maioria docentes ou outros profissionais da educação, sendo poucas pesquisas realizadas com crianças ou familiares. Em sua maioria as investigações se debruçaram sobre a maneira como o gênero e a sexualidade estão presentes na trajetória, relações e falas de profissionais da educação, em especial homens. Destacam-se também estudos sobre práticas pedagógicas em diálogo com essas questões, apontando o brincar como espaço privilegiado na construção das relações consigo e com o outro na infância. Estudos sobre documentos oficiais, revisões bibliográficas ou com familiares apareceram pontualmente. No tocante a área do conhecimento vinculada às produções destaca-se a

educação, sendo que apenas um estudo era do campo da psicologia. **Discussão:** As análises demonstraram uma diversidade de olhares para a construção de investigações na educação em relação às questões de gênero e sexualidade. Contudo, muitos agentes e atravessamentos que compõem o processo educacional ainda se encontram à margem das pesquisas, como profissionais mulheres e LGBTQIA+, familiares e crianças. Além disso, a precariedade de estudos encontrados no campo da psicologia demonstra uma grande lacuna na área. **Conclusão:** Compreendemos a importância do desenvolvimento de novos estudos sobre a temática, buscando ampliar as perspectivas de como a Educação Infantil tem se estabelecido e contribuir para a promoção de seu papel sociopolítico no desenvolvimento infantil.

**Palavras-Chave:** *Psicologia Escolar e Educacional; Gênero; Sexualidade; Educação Infantil.*

## Referências

- Bonilha, L. B., & Lima, L. P. (2020). Gênero e Educação Infantil: uma pesquisa documental de Políticas Públicas Federais. *Rev. Diversidade e Educação*, 8(2), 177-201. <https://doi.org/10.14295/de.v8i2.12056>
- Lima, T. C. L., & Mioto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katál. Florianópolis*, 10 (num. esp.), 37-45. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica.
- Santos, S. V. S., Barroso, F. P., & Nascimento, J. M. (2020). Convergências e tensões na produção acadêmica sobre currículo da educação infantil. *Rev. e-Curriculum*, 18(1), 350-371. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2020v18i1p350-371>
- Smirnova, E. & Riabkova, I. (2019). Teoria da Brincadeira na Psicologia Histórico-Cultural. *Teoria e Prática da Educação*, 22(1), 84-97. <https://doi.org/10.4025/tpe.v22i1.47434>

## Descomplicando a Lei Geral de Proteção de Dados: relato de experiência de um treinamento para estudantes e recém-formados em Psicologia

*Trabalho de Graduação - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

**Arthur Alves de Oliveira Silva**<sup>1</sup> [alvesarthur11@gmail.com](mailto:alvesarthur11@gmail.com)

**Betânea Carvalho de Paula**<sup>1</sup> [bcarvalhodepaula@gmail.com](mailto:bcarvalhodepaula@gmail.com)

**Thaís Shibata Kagesawa**<sup>1</sup> [thaiskagesawa@gmail.com](mailto:thaiskagesawa@gmail.com)

**Yasmim Mendonça de Freitas Soares**<sup>1</sup> [yasmim.soares@ufu.br](mailto:yasmim.soares@ufu.br)

**Pricila de Sousa Zarife**<sup>1</sup> [pricila.zarife@ufu.br](mailto:pricila.zarife@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Em 14 de agosto de 2018, foi publicada a Lei nº 13.709, chamada Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), que possibilita que o cidadão tenha mais controle e proteção no tratamento de seus dados sensíveis, dada a emergência da digitalização intensa e da necessidade de cuidado desses dados (Almeida & Soares, 2022). Considerando que o(a) profissional da Psicologia trabalha com dados sensíveis em diferentes áreas, é fulcral que se instrumentalize sobre as exigências desta lei. Isto pode ser alcançado por meio das ações formais de aprendizagem, como treinamento, desenvolvimento e educação (TD&E), que visam a mudança perdurable de comportamento e o preenchimento lacunas de competências (Meneses et al., 2010). **Objetivo:** Relatar a experiência de planejamento e aplicação de uma ação de treinamento *online* sobre LGPD, elaborada por estudantes de graduação durante a disciplina “Gestão de Pessoas 2”, na Universidade Federal de Uberlândia. **Método:** Um treinamento se caracteriza por ser uma ação educacional de curta e média duração (Vargas & Abbad, 2006). Este foi sistematizado em três etapas de avaliação de necessidades de treinamento (ANT), o planejamento e a execução, e a avaliação do treinamento (Aguinis & Kraiger, 2009). Na primeira etapa, 17 estudantes de Psicologia e recém-formados responderam um questionário no Google Forms para mapear interesse do público no tema, conhecimento prévio e perfil sociodemográfico. Os dados da ANT orientaram o planejamento e a execução do treinamento, com criação de uma persona, definição de objetivos e sequência de conteúdos, redação de roteiros a serem gravados em formato audiovisual, distribuídos em sete módulos, com um vídeo curto de até cinco minutos cada. Por fim, foi feita uma avaliação da ação, através de indicadores de reação e de aprendizagem, respondida no Google Forms por seis participantes que concluíram o treinamento. **Resultados:** A ANT indicou a LGPD como tema do treinamento, pois os participantes possuíam mais interesse e pouco conhecimento sobre o assunto. Na avaliação da reação ao treinamento, os participantes indicaram que estavam “satisfeitos” ou “totalmente satisfeitos” com todos os itens, sendo este último mais

frequente. Nos indicadores de aprendizagem, 33,3% (n=2) das pessoas acertaram todas as sete questões, 50% (n=3) erraram uma e 16,7% (n=1) erraram duas, sendo a média de acertos 6,17 e o desvio padrão de 0,75. **Discussão:** O treinamento apresentou indicadores positivos de reação e aprendizagem, demonstrando que, apesar de ser um treinamento curto e de rápida duração, possibilitou o aprendizado dos conteúdos. A partir da realização do treinamento, foi possível perceber a importância da execução das etapas baseadas em critérios e fontes confiáveis e de forma objetiva, para que os objetivos da ação sejam alcançados. **Considerações finais:** Este trabalho possibilitou preencher a lacuna de formação em Psicologia acerca da legislação que trata de dados sensíveis. Uma limitação identificada foi o curso ser apenas introdutório e de curta duração, alcançando poucas pessoas.

**Palavras-chave:** *Treinamento; LGPD; Psicologia organizacional.*

## Referências

- Aguinis, H., & Kraiger, K. (2009). Benefits of training and development for individuals and teams, organizations, and society. *Annual review of psychology*, 60(1), 451-474. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.60.110707.163505>
- Almeida, S. C. D., & Soares, T. A.. (2022). Os impactos da Lei Geral de Proteção de Dados - LGPD no cenário digital. *Perspectivas Em Ciência Da Informação*, 27(3), 26–45. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/25905>
- Meneses, P., Zerbini, T. &, Abbad, G. (2010) *Manual de treinamento organizacional*. Artmed.
- Vargas, M. R. M, & Abbad, G. S. (2006). Bases conceituais em treinamento, desenvolvimento e educação – TD&E. In J. E. Borges-Andrade, G. S. Abbad, & L. Mourão (Orgs.), *Treinamento, desenvolvimento e educação em organizações e trabalho: Fundamentos para a gestão de pessoas* (pp. 137-175). Artmed.

## Ações voltadas para jovens em privação de liberdade: uma revisão de literatura

### INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

**Victória Magalhães<sup>1</sup>** [yitmagalhaes@hotmail.com](mailto:yitmagalhaes@hotmail.com)

**Renata Fabiana Pegoraro<sup>1</sup>** [renata.pegoraro@ufu.br](mailto:renata.pegoraro@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) elege e garante direitos para o público infanto-juvenil, os quais são sujeitos em desenvolvimento. De acordo com o ECA, caso o adolescente cometa algum tipo de ato infracional, a responsabilização se dará por meio do cumprimento de medidas socioeducativas, as quais, dependendo da gravidade da conduta, poderão ser acompanhadas em Centros/Instituições Socioeducativas de privação de liberdade. O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) regulamenta essas medidas, as quais tem como um de seus objetivos a ressocialização desses jovens. Assim, levando em consideração a realidade prévia desses jovens e buscando compreender o impacto das medidas de internação na vida dos adolescentes durante a privação de liberdade, foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos que apresentam ações desenvolvidas em Centros Socioeducativos do Brasil junto aos jovens. **Objetivo:** Identificar, a partir da revisão bibliográfica de artigos publicados em periódicos científicos, quais ações foram desenvolvidas com os adolescentes em privação de liberdade, seus efeitos e suas relações com os documentos legais e pesquisas atuais. **Método:** Esta pesquisa integra um projeto de maior amplitude que mapeou publicações no período de 1990 a 2016 (artigos, teses e dissertações) sobre adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade. Com relação aos artigos, foram localizados inicialmente 4088 títulos nos portais/bases de dados Scielo, BVS-Pespic e Lilacs, dos quais apenas 56 abordavam a medida socioeducativa de privação de liberdade. Destes 56, destacaram-se dez cujo foco era o relato de ações desenvolvidas junto aos adolescentes em unidades de medida socioeducativa de privação de liberdade. **Resultados:** Os artigos foram publicados entre 2004 e 2016, principalmente em periódicos de Psicologia e retrataram as atividades como escutas psicológicas, acompanhamento oferecido aos jovens e atividades de cunho expressivo e de reinserção, geralmente promovidas por Universidades, por meio de estágios e projetos de extensão. A análise das dez publicações indicou os eixos temáticos referentes às atividades realizadas junto aos adolescentes: (A) Expressão Artística (jornal, vídeo, coral); (B) Escuta Psicológica (acolhimento, plantão psicológico); (C) Reinserção Social (círculos de compromisso) e (D) Acompanhamento de Rotina (Acompanhamento terapêutico – AT, programa de inserção profissional). **Discussão:** É realizada uma discussão articulada entre as ações descritas pelos dez artigos, o Sinase, as diretrizes de atuação do psicólogo no

âmbito das medidas socioeducativas do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e publicações dos últimos cinco anos. **Considerações Finais:** Este estudo é relevante e cumpre com seu objetivo por compreender o que tem sido desenvolvido durante a privação dos jovens, além de apresentar os impactos e impressões dessas ações realizadas para os adolescentes. As práticas em estudo estão alinhadas às diretrizes pedagógicas do Sinase e alcançam o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens. Entretanto, devido ao baixo número de artigos analisados, constata-se a necessidade de maiores estudos na área. (FAPEMIG).

**Palavras-chave:** Jovem; Privação de Liberdade; Medidas Socioeducativas; Atividades Desenvolvidas.

## Referências

- Almeida, M. M. de. (2004). O jornal e o vídeo como meio de expressão de jovens internados na Unidade Educacional da FEBEM de Ribeirão Preto. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 15 (1), 33-38.
- Aun, H. A., Morato, H. T. P., Noguchi, N. F. C. de, & Nunes, A. P. (2006). Transgressão e juventude encarcerada: outras versões a partir do plantão psicológico em unidades de internação da FEBEM/SP. *Imaginário*, 12 (12), 35-53.
- Bocco, F., & Lazzarotto, G. D. R. (2004). (Infr)atores juvenis: artesãos de análise. *Psicologia e Sociedade*, 16 (2), 37-46.
- Brasil. (1990). *Lei 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.
- Costa, C. R. B. S. F. da; Santos, M. M. dos; Franco, K. S., & Brito, A. O. de. (2011) Música e transformação no contexto da medida socioeducativa de internação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 31 (4), 840-855.
- Ferrão, I. S. da; Santos, S. S. dos & Dias, A. C. G. (2016). Psicologia e Práticas Restaurativas na Socioeducação: Relato de Experiência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36 (2) 354-363.
- Gontijo, D. R. (2019). *Medidas socioeducativas de privação de liberdade no Brasil: uma revisão sistemática de literatura*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia.
- Lazzarotto, G. D. R.; Becker, J. L., & Carvalho, J. D. de. (2013). Acompanhando micropolíticas juvenis: estratégias clínico-institucionais. *Psicologia & Sociedade [online]*, 25 (spe2), 55-64.
- Loureiro, A. J. C., & Silva, A. C. F. (2019). Concepções de infância ao longo da história e a evolução jurídica do direito da criança. Jus.com.br.
- Morato, H. T. P., Carvalho, L. S. de, Einsenlohr, M. G. V., Noguchi, N. F. C. de, & Mosqueira, S. M. (2005). Acompanhamento psicológico individual na FEBEM/SP: um convite a cuidar de si. *Imaginario, São Paulo*, 11 (11), 137-160.

- Salum, M. J. G., & Santiago, A. L. (2012). Os adolescentes desinseridos e seus sintomas nas instituições socioeducativas. *aSEPHallus*, 7 (14), 120-130.
- Silveira, F. (2013). Fique vivo: cidadania e prevenção de aids com jovens da Febem – reflexões de uma prática. *Temas em Psicologia*, 21 (3), 723-733.
- Souza, L. A. de, & Costa, L. F. (2012). Aspectos institucionais na execução da medida socioeducativa de internação. *Psicologia Política*, 12 (24), 231-25.

## O impacto da restrição ambiental na mensuração da ansiedade no modelo etoexperimental zebrafish (*Danio rerio*)

*Iniciação Científica - Psicologia Comportamental*

**Pedro Henrique Alves Martins**<sup>1</sup> [pedro.martins1@ufu.br](mailto:pedro.martins1@ufu.br)

**Joaquim Carlos Rossini**<sup>1</sup> [jrossini@ufu.br](mailto:jrossini@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Nas últimas décadas, o pequeno peixe teleósteo *Danio rerio*, conhecido como *zebrafish*, tem se tornado um importante modelo biológico e comportamental para diversas pesquisas no campo das neurociências. Isso se deve, principalmente, em razão de algumas vantagens para o seu uso: baixo custo de manutenção, acelerado desenvolvimento e diversos aspectos fisiológicos similares ao sistema humano. Especificamente na área da pesquisa comportamental, destaca-se um aumento significativo de pesquisas relacionadas ao medo e ansiedade. A exposição recorrente desse organismo a estímulos aversivos resulta em respostas comportamentais estereotipadas associadas à ansiedade, como: congelamento (*freezing*), mudança na coloração corporal, nados erráticos. Um importante teste etoexperimental para a observação de comportamentos associados a ansiedade nessa espécie é conhecido como teste *tank novel*. Tradicionalmente durante este teste o animal é colocado em um aquário trapezoide (dividido em três partes: inferior, média e superior), o intervalo de tempo no qual o peixe permanece na parte inferior do aquário é interpretada como um indicador comportamental de ansiedade nesse organismo. **Objetivo:** Neste trabalho, o objetivo foi a investigação dos impactos da restrição ambiental e social do organismo no teste *Tank Novel* adaptado por Anwer et al. (2021) e, especificamente, foram avaliadas as alterações relacionadas ao aumento de comportamentos estereotipados relacionados à ansiedade. O estudo das respostas comportamentais associadas a ansiedade no modelo *zebrafish* apresenta várias possibilidades translacionais, sendo um organismo empregado em pesquisas farmacológicas e em diversos campos científicos. **Método:** Para tanto, 60 animais de ambos os sexos foram utilizados, sendo divididos em dois grupos, sendo o grupo controle submetido apenas ao teste *tank novel* e o grupo experimental submetido anteriormente à 15 minutos de restrição ambiental em um bêquer (200ml). A hipótese foi que ocorresse um maior número de comportamentos estereotipados de ansiedade no grupo experimental em comparação ao grupo controle. **Resultados:** Foi observado um aumento significativo da velocidade e aceleração de nado, nos primeiros três minutos e no tempo total, do teste *tank novel* no grupo experimental. Não foram observadas diferenças significativas entre os grupos na exploração ambiental e no tempo de permanência em todas as zonas do *tank novel*. **Discussão:** Foi possível concluir que a

hipótese inicialmente formulada estava parcialmente correta, uma vez que houve diferenças significativas em parâmetros comportamentais possivelmente associados a ansiedade (velocidade e aceleração de nado) entre os grupos. Entretanto, na nossa condição experimental, não foi observado um aumento significativo do tempo de permanência na porção inferior do *tank novel*, como relatado na literatura. Uma possível explicação para a não diferença desse padrão comportamental entre os grupos é a ocorrência de um efeito de "teto", ou seja, a manipulação do animal, independentemente da restrição ambiental, eliciou um nível semelhante de tempo de permanência no fundo e nas demais zonas da arena experimental. **Conclusão:** Portanto, é possível inferir que a restrição por meio do bêquer durante 15 minutos provoca um aumento significativo nos parâmetros de velocidade e aceleração de nado, característico nos comportamentos de nado errático associado à ansiedade.

**Palavras-chave:** zebrafish, modelo etoexperimental, ansiedade.

## Referências

- Abreu, M., Giacomini, A., Demin, K., Galstyan, P., Zabegalov, K., Kolesnikova, T., Amstislavskaya, T., Strekalova, T., Petersen, E., & Kalueff, A. (2021). Unconventional anxiety pharmacology in zebrafish: Drugs beyond traditional anxiogenic and anxiolytic spectra. *Pharmacology, Biochemistry and Behavior* 207(2021). <https://doi.org/10.1016/j.pbb.2021.173205>
- Alsop, D., & Vijayan, M. (2009). The zebrafish stress axis: Molecular fallout from the teleost-specific genome duplication event. *General and Comparative Endocrinology*, 161(2009), 62–66. <https://doi.org/10.1016/j.ygcen.2008.09.011>
- Anwer, H., Mason, D., Zajitschek, S., Noble, D., Hesselson, D., Morris, M., Lagisz, M., & Nakagawa, S. (2021). An efficient new assay for measuring zebrafish anxiety: Tall tanks that better characterize between-individual differences. *Journal of Neuroscience Methods* 356(2021). <https://doi.org/10.1016/j.jneumeth.2021.109138>
- Blaser, R. E., Chadwick, L., & McGinnis, G.C. (2010). Behavioral measures of anxiety in zebrafish (*Danio rerio*). *Behavioral Brain Research*, 208, 56-62.
- Egan, R. J., Bergner, C. I., Hart, P. C., Cachat, J. M., Canavelho, P. R., & Kalueff, A. V. (2009). Understanding behavioral and physiological phenotypes of stress and anxiety in zebrafish. *Behavioural Brain Research*, 205(2009), 38-44. <https://doi.org/10.1016/j.bbr.2009.06.022>
- Faul, F. (2014). GPower 3.1. 9.2. *Universität Kiel*.

- Fontana, B., Alnassar, N., & Parker, M. (2021). The impact of water changes on stress and subject variation in a zebrafish (*Danio rerio*) anxiety-related task. *Journal of Neuroscience Methods* 363(2021). <https://doi.org/10.1016/j.jneumeth.2021.109347>
- Fontana, B., Cleal, M., & Parker, M. (2019). Female adult zebrafish (*Danio rerio*) show higher levels of anxiety-like behavior than males, but do not differ in learning and memory capacity. *Eur J Neurosci.* 2019(1), 1–10.
- Graeff, F., & Zangrossi, H. (2010). The hypothalamic-pituitary-adrenal axis in anxiety and panic. *Psychology & Neuroscience*, 3(1), 3 - 8. <http://doi.org/10.3922/j.psns.2010.1.002>
- Hawkey, A., Hoeng, J., Peitsch, M., Levin, E., & Koshibu, K. (2021). Subchronic effects of plant alkaloids on anxiety-like behavior in zebrafish. *Pharmacology, Biochemistry and Behavior* 207(2021). <https://doi.org/10.1016/j.pbb.2021.173223>
- Kalueff, A. V., Echevarria, J. D., & Stewart, A. D. (2014). Gaining translational momentum: More zebrafish models for neuroscience research. *Progress in Neuro-Psychopharmacology & Biological Psychiatry*, 55(3), 1-6. <https://doi.org/10.1016/j.pnpbp.2014.01.022>
- Kalueff, A. V., Gebhardt, M., Stewart, A. D., Cachat, J. M., Brimmer, M., & ... Schneider, H. (2013). Towards a Comprehensive Catalog of Zebrafish Behavior 1.0 and Beyond. *Zebrafish*, 10(1), 70-86. <https://doi.org/10.1089/zeb.2012.0861>
- Levin, E. D., Bencan, Z., & Cerutti, D. T. (2006). Anxiolytic effects of nicotine in zebrafish. *Physiology & Behavior*, 90(2007), 54–58. <https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2006.08.026>
- Ohman, A., Flykt, A., & Lundqvist, D. (2000). Unconscious Emotion: Evolutionary Perspectives, Psychophysiological Data, and Neuropsychological Mechanisms. In: Lane, R., & Nadel, L. *Cognitive neuroscience of emotion*. Oxford University Press.
- Ramos, A. (2008). Animals models of anxiety: do I need multiple tests? *Trends In Pharmacological Sciences*, 29(10), 493-498.
- Siebel, A. M., Bonan, D. C., & Silva, R. S. (2015). Zebrafish Como Modelo Para Estudos Comportamentais. In Resende, R. R., & Soccil, C. R (Orgs.) *Biotecnologia Aplicada À Saúde: Fundamentos e Aplicações*, vol. 1. São Paulo> Blucher.
- Yossa, R., Sarker, P., Proulx, E., Saxena, V., Ekker, M., & Vandenberg, G. (2013). A Practical Approach for Sexing Zebrafish, *Danio rerio*. *Journal of Applied Aquaculture*, 25:148–153.

## De uma IC ao TCC: um relato de experiência sobre pesquisa na graduação

*Iniciação Científica - Psicologia Social do Trabalho*

**Kathrine Llebon de Oliveira e Silva<sup>1</sup>** [kathrinellebon@ufu.br](mailto:kathrinellebon@ufu.br)

**Maristela de Souza Pereira<sup>1</sup>** [maristela.pereira@ufu.br](mailto:maristela.pereira@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência de uma Iniciação Científica (IC) que teve continuidade no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a temática da uberização, destacando os aprendizados pessoais e acadêmicos desenvolvidos nesse processo. A pesquisa como um todo tem seu referencial teórico na Psicologia Social do Trabalho e na Saúde do Trabalhador. Ambas são campos teórico-práticos em construção, que se interessam pela perspectiva dos trabalhadores frente aos processos de trabalho, se atentando para como as experiências concretas possuem efeitos objetivos e subjetivos sobre os trabalhadores.

**Método:** Todo o percurso de pesquisa foi construído em conjunto com outra discente, em um trabalho de parceria. Na IC foi desenvolvida uma revisão de literatura sistemática, cujos resultados foram apresentados em um congresso internacional e ensejaram a escrita de um artigo, submetido a periódico nacional. Já no TCC, foram realizadas e transcritas entrevistas com motoristas de Uber da cidade de Uberlândia, separadamente, pelas duas discentes. O material final das entrevistas foi analisado por ambas, com enfoques diferentes: uma analisou os processos de saúde-doença vinculados à atividade laboral dos participantes, enquanto a outra buscou compreender as formas de organização coletiva da categoria em Uberlândia.

**Resultados:** A pesquisa bibliográfica que produziu a revisão de literatura foi realizada através da busca de artigos nas bases Scielo, CAPES, BVSPsi e Google Acadêmico, tendo sido encontrados noventa e nove artigos, que, após contato inicial foram reduzidos a vinte. O processo de categorização enfocou a área do periódico, ano de publicação, tema geral, referencial teórico, método e principais achados. A pesquisa empírica, submetida ao CEP UFU, de caráter qualitativo e exploratório, foi pensada inicialmente para ser realizada através de entrevistas semi-dirigidas remotas e grupos focais presenciais. Todavia, como é comum acontecer em pesquisas qualitativas, o desenrolar do estudo seguiu por caminhos diferentes, em virtude das dificuldades impostas pelo campo, em um momento de pandemia. Desse modo, o foco da investigação recaiu sobre motoristas de transporte de pessoas por aplicativo. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas online com os motoristas participantes, contatados através da técnica de bola de neve. As entrevistas foram marcadas através da rede social *Whatsapp*, por onde foi enviado também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram transcritas e o material analisado, o que deu origem a dois relatórios de TCC

diferentes, os quais deverão ser publicados em conjunto, na forma de um segundo artigo. **Discussão:** O percurso de construção do trabalho foi, de modo geral, turbulento e muitas vezes frustrante, já que as experiências previstas no projeto de pesquisa, como de conduzir um grupo focal, não puderam acontecer. Em contrapartida, os obstáculos em uma pesquisa a perspectivam, de modo que se toma consciência das variadas possibilidades de construir um trabalho e da resiliência imbricada na atuação de um pesquisador **Conclusão:** As diversas mudanças ocorridas durante o percurso da investigação mostram-se condizentes com a perspectiva da pesquisa qualitativa. Destaca-se que a possibilidade de continuar o trabalho através da pesquisa de TCC que viabilizou a parte empírica do estudo enriqueceu muito a experiência.

**Palavras-chave:** Uberização, Psicologia Social do Trabalho, Motoristas.

## Referências

- Abílio, L. C. (2019). Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, 18(3), 41-51. doi: <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue3-fulltext-1674>
- Abílio, L. C. (2020). Uberização e juventude periférica: Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho, *Novos estudos CEBRAP*, 39(3), 579-597. doi: <https://doi.org/10.25091/s01013300202000030008>
- Abílio, L. C., Amorim, H., & Grohmann, R. (2021). Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias* 23(57), 26-56. doi: <https://doi.org/10.1590/15174522-116484>
- Alvarez, D., Masson, L. P., Oliveira, S. S., Cirlene de Souza Christo, C. S., Leal, S., Salomão, G. S., & Amaral, S. P. (2021). Uma análise das normas antecedentes e reservas de alternativas mobilizadas na atividade de motoristas e entregadores por aplicativos, *Laboreal*, 17(1), 1-25. doi: <https://doi.org/10.4000/laboreal.17925>
- Andrade, C. F., & Esteves, E. (2021). O que cresce nas brechas pode derrubar os muros? O projeto da outra economia. *Revista Alternativas Solidárias*, 1(2), 2-9.
- André, R. G., Silva, R. O., & Nascimento, R. P. (2019). “Precário não é, mas eu acho que é escravo”: Análise do Trabalho dos Motoristas da Uber sob o Enfoque da Precarização, *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 18(1), 7-34. doi: <https://doi.org/10.21529/RECADM.2019001>
- Barros, L., & Raymundo, T. M. (2021). Envelhecimento, trabalho e tecnologia: motorista de aplicativos como possibilidade laboral para a população 50+. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, 1-22. doi: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2039>

- Bianchi, S. R., Macedo, D. A., & Pacheco, A. G. (2020). A uberização como forma de precarização do trabalho e suas consequências na questão social. *Revista Direitos, Trabalho e Política Social*, 6(10), 134-156. Recuperado de <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/9755>
- Deslandes, S. F. (2009). O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual In S. F., Deslandes, R., Gomes & M. C. S., Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (31-59). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fonseca, L. S. F. (2017). Fronteiras da precarização do trabalho: uberização e o trabalho on-demand, *Congresso Alas Uruguay*, 1-22. Recuperado de [https://www.easypublishers.net/alas2017/opc/tl/4083\\_lincoln\\_fernandez.pdf](https://www.easypublishers.net/alas2017/opc/tl/4083_lincoln_fernandez.pdf)
- Martínez, H. C. P. (2021). “Psicologia Social do Trabalho”: uma intervenção sobre o mundo do trabalho na América Latina, *Laboreal*, 17(2). doi: <https://doi.org/10.4000/laboreal.18229>
- Masson, L. P., Alvarez, D., Oliveira, S., Teixeira, M., Leal, S., Salomão, G. S., Amaral, S. P., & Christo, C. S. (2021). “Parceiros” assimétricos: trabalho e saúde de motoristas por aplicativos no rio de janeiro. *Ciência e Saúde Coletiva* Está disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/parceiros-assimetricos-trabalho-e-saude-de-motoristas-por-aplicativos-no-rio-de-janeiro/18146>
- Mecca, A. C., & Junior, L. G. (2021). Ciclopedaleiros: processos educativos decorrentes da estruturação de um empreendimento de Economia Solidária, *Scielo Preprints*, 1-27. doi: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2205>
- Moda, F., & Gonsales, M. (2020). Por dentro da mobilização global dos motoristas de transporte particular por aplicativo. *Pensata: Revista Dos Alunos Do Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da UNIFESP*, 9(1). doi: <https://doi.org/10.34024/pensata.2020.v9.10516>
- Moraes, R. B. S. (2021). Precarização, Uberização do Trabalho e Proteção Social em Tempos de Pandemia. *NAU Social*, 11(21), 377-394. doi: <https://doi.org/10.9771/ns.v11i21.38607>
- Moraes, R. B. S., Oliveira, M. A. G., & Accorsi, A. (2019a). Uberização do trabalho: a percepção dos motoristas de transporte particular por aplicativo, *Revista Braseileira de Estudos Organizacionais*, 6(3), 647-681. doi: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2019.v6n3.216>
- Moraes, R. B. S., Oliveira, M. A. G., & Accorsi, A. (2019b). Uberização no contexto da economia de compartilhamento: um estudo sobre o trabalho dos motoristas de transporte particular por aplicativo em São Paulo, *Revista Interface*, 16(2), 71-92. Recuperado de <https://ojs.ccsa.ufrn.br/index.php/interface/article/view/1107>

- Pagani, M. E. B., Belarmino, D. V. B., Duarte, V. V., Garcia, L. F., & Massuda, E. M. (2021). Trabalho e saúde: percepção de mulheres motoristas de aplicativo. *Temas em saúde*, 21(6), 216-231. doi: 10.29327/213319.21.6-11
- Pereira, M. S. (2020). A Psicologia Social do Trabalho como campo de práticas, saberes e resistências. *Psicologia & Sociedade*, 32. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i192604>
- Sato, L., Bernardo, M. H., & Oliveira, F. (2008). Psicologia social do trabalho e cotidiano: a vivência de trabalhadores em diferentes contextos micropolíticos. *Psicologia para América Latina*, (15), Recuperado em 15 de fevereiro de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000400010&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400010&lng=pt&tlang=pt).
- Schmidt, M. L. S. (2008). Aspectos éticos nas pesquisas qualitativas. In *Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild.
- Silvestre, B. M., Santos, S. R., & Amaral, S. C. F. (2021). “Sem tempo, irmão”: o trabalho e o tempo livre de entregadores uberizados durante a pandemia de covid-19. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 43, 1-8. doi: <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e000421>
- Singer, P. (2002). A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In B. S., Santos (Org.), *Producir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Souza, D. O. (2021). As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, 19, 1-15. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-solo0311>
- Uchôa-de-Oliveira, F. M. (2020). Saúde do trabalhador e o aprofundamento da uberização do trabalho em tempos de pandemia, *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 45, 1-8. doi: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000012520>

## Estimativas temporais de pessoas privadas de liberdade em uma penitenciária no interior de Minas Gerais

*Trabalho de Graduação - Psicologia Cognitiva e dos Processos Básicos*

Noah Soares<sup>1</sup> [noahrsoares@gmail.com](mailto:noahrsoares@gmail.com)

Leonardo Gomes Bernardino<sup>1</sup> [lgbernardino@ufu.br](mailto:lgbernardino@ufu.br)

<sup>1</sup>Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** As estimativas de tempo estão relacionadas a um relógio biológico interno, o qual é influenciado por processos cognitivos (atenção e memória) e emocionais. Situações estressantes, tais como isolamento e confinamento, resultam em distorções temporais. No entanto, não foram encontrados estudos sobre a percepção de tempo com pessoas privadas de liberdade. **Objetivo:** Verificar a relação entre as estimativas temporais em tarefas retrospectivas e prospectivas, os estados de humor (ansiedade, depressão e estresse) e diferentes domínios cognitivos (atenção, funções executivas, memória, linguagem, habilidades visuoespaciais e orientação) com o tempo de encarceramento em uma amostra de pessoas privadas de liberdade. **Método:** Os participantes foram 57 pessoas privadas de liberdade (42 homens cis, 13 mulheres cis e duas mulheres trans) de uma penitenciária do interior de Minas Gerais, com idade média de 33 anos (DP = 6,20). Os instrumentos utilizados foram: (1) questionário sociodemográfico; (2) instrumento de autorrelato sobre o estado de humor nos últimos sete dias (Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse – 21, DASS-21); (3) instrumento de rastreio neuropsicológico (*Montreal Cognitive Assessment*, MoCA); e (4) um aplicativo para medir as estimativas temporais (*Brief Estimation of Seconds Test*, BEST) com quatro tarefas: retrospectiva verbal, prospectiva de reprodução, prospectiva verbal e prospectiva de produção. **Resultados:** Os resultados revelaram que quase metade da amostra apresentou níveis de depressão e de ansiedade elevados (moderado a muito grave) e que, do ponto de vista cognitivo, os piores desempenhos foram observados nas tarefas de memória, de linguagem e de abstração. Além disso, observou-se superestimação temporal na maioria das tarefas do BEST, indicando que o tempo passa mais devagar para as pessoas privadas de liberdade. A superestimação temporal correlacionou-se negativamente com o desempenho cognitivo geral, mas não foi observada relação com o tempo de encarceramento. **Discussão:** Esses achados sugerem que a privação da liberdade afeta as estimativas temporais, porém esse efeito está relacionado à capacidade cognitiva e aos estados de humor das pessoas privadas de liberdade, não sendo modulado pelo seu tempo de encarceramento. É importante destacar que o padrão de distorção nas estimativas temporais na amostra do presente estudo (superestimação, tempo passando mais devagar) é o oposto do observado em estudos com a população geral

(subestimação, tempo passando mais rápido). **Considerações finais:** Sugere-se que estudos futuros com essa população avaliem não apenas as estimativas temporais, mas também a percepção de passagem do tempo. Dentre as limitações do estudo, indica-se a inexistência de um grupo controle, o risco de compartilhamento de informações acerca das tarefas entre os participantes e o possível viés do participante. A relevância desse estudo está em sua contribuição teórica e metodológica para a compreensão de fatores que modulam as estimativas temporais, tema ainda em debate na literatura. Além disso, os resultados aqui descritos, ao revelarem a situação crítica das pessoas privadas de liberdade nas dimensões cognitiva e emocional, podem fomentar novos estudos dessa população, que é tão pouco investigada no mundo e no Brasil.

**Palavras-chave:** *Percepção de tempo, Pessoas privadas de liberdade, Emoção, Cognição.*

## Referências

- Apolinario, D., Dos Santos, M. F., Sasaki, E., Pegoraro, F., Pedrini, A. V. A., Cestari, B., Amaral, A. H., Mitt, M., Müller, M. B., Suemoto, C. K., & Aprahamian, I. (2018). Normative data for the Montreal Cognitive Assessment (MoCA) and the Memory Index Score (MoCA-MIS) in Brazil: Adjusting the nonlinear effects of education with fractional polynomials. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 33(7), 893–899. <https://doi.org/10.1002/gps.4866>
- Considine, C. M., Korcsog, K. H., & Abeare, C. A. (2022). “Time” for a new test: Piloting a novel measure of time perception and estimation ability, the Brief Estimate of Seconds Test (BEST). *Psychology & Neuroscience*, 15(1), 43–51. <https://doi.org/10.1037/pneooooo283>
- Constantino, P., Assis, S. G. de., & Pinto, L. W. (2016). O impacto da prisão na saúde mental dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(7), 2089–2100. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015217.01222016>
- Cravo, A. M. et al. (2022). Time experience during social distancing: a longitudinal study during the first months of COVID-19 pandemic in Brazil. *Sci. Adv.* 8, eabj7205. <https://doi.org/10.1126/sciadv.abj7205>
- Gibbon, J., Church, R. M., & Meck, W. (1984). Scalar timing in memory. In J. Gibbon & L. Allan (Eds.), *Annals of the New York Academy of Sciences*, 423: Timing and timeperception (pp. 52-77). New York Academy of Sciences.
- Meijers, J., Harte, J. M., Jonker, F. A., & Meynen, G. (2015). Prison brain? Executive dysfunction in prisoners. *Frontiers in Psychology*, 6, 43. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.00043>

- Navarro Morales, D. C., Kuldaletova, O., Quarck, G., Denise, P., & Clément, G. (2023). Time perception in astronauts on board the International Space Station. *NPJ microgravity*, 9(1), 6. <https://doi.org/10.1038/s41526-023-00250-x>
- Tortello, C., Agostino, P. V., Folgueira, A., Barbarito, M., Cuiuli, J. M., Coll, M., Golombek, D. A., Plano, S. A., & Vigo, D. E. (2020). Subjective time estimation in Antarctica: The impact of extreme environments and isolation on a time production task, *Neuroscience Letters*, 725, 134893. <https://doi.org/10.1016/j.neulet.2020.134893>
- Vignola, R. C., & Tucci, A. M. (2014). Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to Brazilian Portuguese. *Journal of Affective Disorders*, 155, 104-109. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.10.031>

## A supervisão da extensão como um espaço de formação técnica e sensível

*Projeto de Extensão - Psicologia Histórico-Cultural*

**Andressa Ribeiro Ferreira**<sup>1</sup> [andressa.rf@ufu.br](mailto:andressa.rf@ufu.br)

**Fernanda Cortes Faria**<sup>1</sup> [fernanda.cortes@ufu.br](mailto:fernanda.cortes@ufu.br)

**Juarez de Assis Medeiros Junior**<sup>1</sup> [juarez.medeiros@ufu.br](mailto:juarez.medeiros@ufu.br)

**Pedro Lucas Oliveira da Silva**<sup>1</sup> [pedro.lucas@ufu.br](mailto:pedro.lucas@ufu.br)

**Denise Stefanoni Combinato**<sup>1</sup> [denise.combinato@ufu.br](mailto:denise.combinato@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** O envelhecimento é uma construção social, diferente de um processo natural e universal. Trata-se de um processo heterogêneo, com múltiplos determinantes. Considerando o potencial da narrativa para a elaboração de conflitos e para a organização do caos psíquico, a proposta do projeto de extensão *Arte narrativa e o enfrentamento de adversidades no envelhecimento* é promover um espaço de troca de conhecimento, diálogo e reflexão, tendo em vista a construção de novos sentidos de vida. Esse espaço de aprendizagem também acontece nos momentos de supervisão dos extensionistas – foco deste resumo, por ser um espaço de discussão e reflexão dos encontros anteriores, de preparação e planejamento dos próximos encontros, de aprendizado teórico-prático do campo de atuação e público-alvo, além de um espaço vivencial do processo grupal, auxiliando na contação de histórias e discussões realizadas posteriormente. **Objetivo:** O objetivo geral das supervisões é preparar teórico-técnica e afetivamente estudantes extensionistas para a coordenação do processo grupal com pessoas idosas vinculadas a uma Unidade Básica de Saúde (UBS), incluindo a avaliação dos encontros realizados e o planejamento dos próximos. O objetivo específico é, a partir do referencial da Psicologia histórico-cultural, promover a articulação entre Psicologia e Arte, especialmente literária, assim como a reflexão sobre temas relacionados ao processo de envelhecimento trazidos nas rodas de conversa para discutir e elaborar como esses temas nos atravessam. **Método:** As supervisões acontecem quinzenalmente e cada encontro tem duração de duas horas. Participam da supervisão a professora de Psicologia coordenadora do projeto, uma psicóloga voluntária, seis alunos extensionistas voluntários do curso de graduação em Psicologia e, eventualmente, estudantes ouvintes dos cursos de graduação em Psicologia e Enfermagem. A reunião é dividida nas seguintes etapas: avaliação do encontro anterior realizado na UBS, discussão de um texto recomendado como leitura prévia pela coordenadora do projeto, planejamento do próximo encontro na UBS e, por fim, uma contação de história de um texto literário conduzida em cada supervisão por um estudante extensionista como preparação técnica e sensível para o

processo grupal com as pessoas idosas. **Resultados:** A partir do desenvolvido no primeiro semestre deste projeto, enfatizamos a importância do momento de supervisão dos extensionistas para o bom andamento do processo grupal, visto que conferiu maior preparo aos estudantes, tanto no sentido teórico e técnico, quanto no sentido vivencial. Isto se deu por meio do cumprimento do objetivo mais tradicional da supervisão, isto é, a retomada das intervenções já realizadas, seguidas do planejamento das subsequentes. **Discussão:** Destacamos sobretudo o caráter formativo que a supervisão adquiriu, no sentido de permitir o enriquecimento da sensibilidade e da escuta enquanto futuros profissionais de Psicologia, a partir da experiência da contação de histórias e da discussão de obras literárias. **Considerações finais:** As supervisões vêm auxiliando os extensionistas no processo de aprendizagem teórico e técnico, na medida em que criam um espaço de discussão, reflexão e planejamento dos encontros, além de proporcionarem um espaço formativo de sensibilidade, partilha e escuta, fomentado, principalmente, pelo encontro da Psicologia com a Arte literária.

**Palavras-chave:** *Psicologia histórico-cultural, Processo grupal, Supervisão, Formação em Psicologia.*

## Referências

- CAFÉ, Â. B. Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz. Lisboa/Portugal: Lisbon Internacional Press, 2020.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 1988. p.169-191.
- VIGOTSKI, L. S. Psicologia da Arte. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

## O laço fraterno e o (des)amparo na violência sexual intrafamiliar

*Trabalho de Conclusão de Curso- Psicanálises*

**Sophia Luiza Jager Silva<sup>1</sup>** [sophialuiza.jager@gmail.com](mailto:sophialuiza.jager@gmail.com)

**Miriam Tachibana<sup>1</sup>** [mirita@ufu.br](mailto:mirita@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Na literatura científica dedicada à vítima de violência sexual infanto-juvenil, o enfoque tem sido dado à criança/o adolescente que é vítima direta da agressão sexual (Botega & Zamboni, 2021). Entendemos, contudo, que a violência reverbera no grupo familiar como um todo, posto que se trata de uma grupalidade altamente complexa, cuja dinâmica relacional está paralelamente imersa em um contexto social e atravessada por um organizador grupal inconsciente (Gomes & Neves, 2016). Nesse sentido, levantamos a hipótese de que haja vítimas indiretas “esquecidas” na violência sexual intrafamiliar, como o irmão, o que pode ter a ver com o fato de que são relativamente escassos os estudos dedicados ao subsistema fraterno dentro do sistema familiar, a despeito de o laço fraterno também ser um importante (des)encontro vivido pelo indivíduo no ambiente familiar. **Objetivo:** Investigar a experiência emocional de crianças/adolescentes expostas(os) à violência sexual infanto-juvenil perpetrada contra seus irmãos por um agressor do grupo familiar. **Método:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa feita por meio de entrevistas baseadas no método psicanalítico, isto é, apoiadas na técnica da associação livre e da técnica da atenção flutuante. Utilizou-se da apresentação de quatro desenhos infantis, especialmente elaborados para esse estudo, como recurso mediador, de modo que cada participante era convidado a narrar uma história sobre cada ilustração e, em seguida, associar com a sua própria história familiar. Após cada entrevista, foram redigidas narrativas transferenciais, que consistem em uma produção textual que não se propõe a realizar uma transcrição dos encontros, mas sim apresentar o “acontecer clínico”, levando em consideração as percepções e sentimentos do próprio investigador (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005). Ao final, o conjunto das narrativas transferenciais foi analisado psicanaliticamente por meio da Teoria dos Campos de Fábio Herrmann (Herrmann, 2009). **Resultados:** Identificamos três campos atravessados pelos participantes, intitulados: “E eu?”, “Cadê a mãe?” e “Lado de quem?”, que desvelam que a violência sexual infanto-juvenil perpetrada contra os seus irmãos, por um agressor do grupo familiar, reverbera no psiquismo do sujeito-testemunha. **Discussão:** O campo “E eu?” refere-se às fantasias apresentadas pelos participantes de qual seria o lugar por eles ocupado na trama da violência sexual, com os sujeitos ora fantasiando que teriam sido eles também vítimas de violência sexual, experienciando um sofrimento equiparável ao do irmão vítima direta, ora, num extremo

oposto, sentindo ocupar um não-lugar na Rede de Proteção. O campo “Cadê a mãe?” discorre sobre a busca dos participantes pela mãe, na cena incestuosa, mostrando que a dimensão da violência sexual intrafamiliar foge do escopo do subsistema fraterno, fazendo-se necessário convocar uma outra figura de cuidado, em sua maioria a mulher-mãe. Já o campo “Lado de quem?” versa sobre os sentimentos, vividos por alguns participantes, de dúvida e de traição, oscilando por vezes em posicionar-se ao lado do irmão, e, em outras, em identificar-se com o genitor suposto agressor. **Considerações finais:** A partir desse estudo foi possível observar sofrimento emocional significativo entre os irmãos vítimas indiretas da violência sexual intrafamiliar, o que descontina a necessidade de intervenções psicológicas junto a esse grupo social.

**Palavras-chave:** fraterno, violência sexual intrafamiliar, vítima indireta.

## Referências

- Aiello-Vaisberg, T.M. J., & Machado, M. C. L.. (2005). Narrativas: O Gesto do Sonhador Brincante. Recuperado de <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2013/09/aiello-vaisberg-e-machado-IV-ENC-LAT-DOS-ESTADOS-GERAIS-DA-PSICAN%C3%81LISE-2005.pdf>
- Botega, J. L. de C., & Zamboni, J. K. (2021). Vítimas esquecidas: a criminalização da exposição de crianças e adolescentes à violência interparental. *Revista Do CNMP*, 9(9), 263–289. <https://doi.org/10.36662/revistadocnmp.i9146>
- Gomes, L. R. S. & Neves, A. S. (2016). A clínica de família: interrogações sobre o traumático, a dinâmica vincular e a violência como organizadores do grupo familiar. *Estilos da Clínica*, 21(1), 152-169. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p152-169>
- Herrmann, L. (2006). A episteme da psicanálise: Uma contribuição da teoria dos campos. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 81-96.

## **Muito mais do que comer: comportamento alimentar e o desenvolvimento de transtornos alimentares na adolescência**

*Trabalho De Graduação - Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*

**Débora de Jesus Barbosa**<sup>1</sup> [debora.barbosa@ufu.br](mailto:debora.barbosa@ufu.br)

**Noelle Tavares Ferreira**<sup>1</sup> [noelle.ferreira@ufu.br](mailto:noelle.ferreira@ufu.br)

**Tiago Alves Tavares**<sup>1</sup> [tiago.tavares@ufu.br](mailto:tiago.tavares@ufu.br)

**Isadora Borges Squilassi**<sup>1</sup> [isadorasquilassi@ufu.br](mailto:isadorasquilassi@ufu.br)

**Carmen Lúcia Reis**<sup>1</sup> [carmenreis@ufu.br](mailto:carmenreis@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Os transtornos alimentares são complexas condições psicológicas e comportamentais relacionadas à alimentação e ao peso corporal, sendo que eles vêm aumentando significativamente entre o público adolescente. Durante esse período do desenvolvimento, mudanças físicas e emocionais podem levar a preocupações excessivas com a aparência, o que pode afetar o comportamento alimentar dos adolescentes. Esses fatores podem acarretar sérios riscos à saúde física e mental dos jovens, incluindo desnutrição, problemas cardíacos, transtornos alimentares e possíveis impactos psicológicos. **Objetivo:** Investigar como o comportamento alimentar de adolescentes se relaciona com fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares e os possíveis impactos psicológicos entre esse público-alvo. **Método:** Trata-se de uma pesquisa de opinião realizada em 2021 para uma atividade prática da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento II. Foi criado um formulário a partir do aplicativo Google Forms contendo perguntas objetivas e discursivas divididas em quatro eixos: características sociodemográficas; hábitos alimentares; redes sociais e percepção de imagem corporal; e relação afetiva do adolescente com a alimentação. O formulário foi disponibilizado através de grupos de Whatsapp e, a partir das respostas coletadas, realizou-se uma breve revisão de literatura para identificar as interfaces entre os hábitos dos adolescentes e suas possíveis implicações psicológicas. **Resultados:** Ao todo, 94 adolescentes de idades entre 12 e 17 anos responderam ao formulário. Destes, 85,1% relataram ter entre 15 e 17 anos e 14,9% tinham entre 12 e 14 anos. Em relação à identidade de gênero, 61,7% se identificaram como mulher cis, 35,1% como homem cis, 1,1% como não-binário e 2,1% preferiram não opinar. 45,7% dos participantes realizavam mais de 3 refeições diárias e relataram que comiam mais em situações de tédio, ansiedade ou aborrecimento. Porém, 60% consideraram sua relação com a comida como “regular” ou “pior”. Isso não parece se relacionar com a falta de conhecimento pelo assunto, visto que 80 respostas demonstraram algum conhecimento sobre alimentação balanceada. Relacionado a isso, 48% dos adolescentes afirmaram ter feito

dieta em algum momento da vida, sendo que 63% desses não gostaram do processo ou não conseguiram se manter nela. Do total de respondentes, 56,4% consideravam que não possuíam uma boa relação com sua imagem corporal. **Discussão:** Os dados apresentados revelam uma realidade preocupante em relação ao modo de alimentar dos adolescentes participantes. Embora grande parcela apresentasse conhecimento sobre alimentação balanceada, uma parte significativa relatou ter uma relação abaixo do esperado e muito influenciável por terceiros. A experiência com a imagem do próprio corpo relaciona-se à experiência de terceiros com seus corpos e isso se mostra um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares e de seus respectivos impactos psicológicos, como depressão, ansiedade, entre outros. **Considerações finais:** O comportamento alimentar apresentado pelos adolescentes despertam um alerta para a temática dos transtornos alimentares, já que apontam para padrões comportamentais guiados pelas emoções e para uma relação negativa com a imagem corporal. É importante que futuras investigações se atentem às variáveis percebidas, visando promover a valorização da diversidade corporal e a importância de uma relação saudável com a alimentação e autoimagem.

**Palavras-chave:** Adolescência, Transtorno Alimentar, Psicologia do Desenvolvimento.

## Referências

- Abreu, C. N. & Cangelli Filho, R. (2004). Anorexia nervosa e bulimia nervosa: abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia. *Archives of Clinical Psychiatry*, 31(4), 177-183. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000400010>.
- Albino, E. B. S., & de Macêdo, É. M. C. (2014). Transtornos alimentares na adolescência: uma revisão de literatura. *Veredas Favip-Revista Eletrônica de Ciências*, 7(1), 108-129. <http://veredas.favip.edu.br/ojs/index.php/veredas1/article/view/223>.
- Bertoldo, R. B., Camargo, B. V. & Secchi, K. (2009). Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 229-236. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000200011>.
- Cooper, Z. & Grave, R. D. (2017). Eating Disorders: Transdiagnostic Theory and Treatment. In: S. G. Hofmann, G. J. G. Asmundson (Eds.). *The Science of Cognitive Behavioral Therapy* (337-357). Academic Press.
- Coutinho, C. O., Mota, T. M. L., Santos, L. P., da Silva, T. S., Conde, T. N., Mulder, A. D. R. P., & Seixas, C. M. (2021). O impacto da pandemia de COVID-19 nos transtornos alimentares e seu tratamento: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, 10(10), e418101019015. Doi: 10.33448 / rsd-v10i10.19015.
- D'Augustin, J. (2014). Compulsão alimentar e deficiência em habilidades sociais. In: Neufeld, C. B., Falcone, E., & Rangé, B. (Orgs). *PROCOGNITIVA: Programa de Atualização em*

- Terapia Cognitivo-Comportamental* (151-176). Artmed.
- Graell, M., Morón-Nozaleda, M. G., Camarneiro, R., Villaseñor, Á., Yáñez, S., Muñoz, R., ... & Faya, M. (2020). Children and adolescents with eating disorders during COVID-19 confinement: Difficulties and future challenges. *European Eating Disorders Review*, 28(6), 864-870. <https://doi.org/10.1002/erv.2763>.
- Grant, J. E. & Chamberlain S.R. (2020). Neurocognitive findings in Young adults with binge eating disorder. *International Journal of Psychiatry in Clinical Practice*, 24(1):71-76. doi: 10.1080/13651501.2019.1687724.
- Johnson, F. & Wardle, J. (2005) Dietary restraint, body dissatisfaction, and psychological distress: a prospective analysis. *Journal of abnormal psychology*, 114(1), 19-25. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.114.1.119>.
- Sarrar L., Ehrlich S., Merle J.V., Pfeiffer E., Lehmkuhl U. & Schneider N. (2011). Cognitive flexibility and Agouti-related protein in adolescent patients with anorexia nervosa. *Psychoneuroendocrinology*. 36 (9), 1396-406. doi: 10.1016/j.psyneuen.2011.03.014.

## Diálogos: atuação da universidade no desenvolvimento humano da população carcerária de Assis

*Relato de Experiência - Psicologia Histórico-Cultural*

**Lorena Ribeiro Silvestre**<sup>1</sup> [lorena.silvestre@unesp.br](mailto:lorena.silvestre@unesp.br)

**Guilherme Achoa Moura Leite**<sup>1</sup> [guilherme.achoa@unesp.br](mailto:guilherme.achoa@unesp.br)

**Deivis Perez**<sup>1</sup> [deivis.perez@unesp.br](mailto:deivis.perez@unesp.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista

**Introdução:** o presente texto traz o relato de experiência de um trabalho extensionista de mediação da formação e do desenvolvimento cognitivo e afetivo de pessoas presas, internas da Penitenciária do município de Assis-SP, no projeto denominado Diálogos, realizado por discentes do curso de graduação em Psicologia da UNESP, sob orientação de um professor e em colaboração com a equipe técnica do estabelecimento prisional. O dado projeto promove, desde 2017, formações a turmas de 30 participantes, e tem como foco análises de temáticas contemporâneas, visando aprimorar seu entendimento crítico acerca de contextos atuais e suas constituições históricas. Para tanto, entendemos que o aprimoramento das capacidades cognitiva, afetiva e social se relaciona diretamente com a exposição desses indivíduos a desafios e situações que lhes demandem tais capacidades, e, sobretudo, lhes forneçam informações e conteúdos necessários para que tal desenvolvimento e análise se deem efetivamente. **Objetivo:** partindo da temática “meio ambiente”, o projeto visa o fomento das zonas potenciais de desenvolvimento no que se relaciona a capacidades de leitura, planejamento, comunicação (competências cognitivas), e de convivência em grupo e adoção de referências éticas relevantes que potencializem a si mesmos e a seu grupo social (competências afetivas), bem como a análise crítica do mundo capitalista hodierno e do próprio contexto prisional. **Metodologia:** utilizou-se como referencial teórico-metodológico a Psicologia Histórico-Cultural vigotskiana, que propõe como forma de apresentação de conteúdos uma multiplicidade de métodos, a saber: textos, vídeos, dinâmicas, debates, apresentações, encenações e outras técnicas educativas que visam fomentar uma posturaativa de apropriação. **Resultados:** ao longo dos encontros, foi possível notar a apropriação de saberes sobre a temática “meio ambiente” em seus nexos com o sistema produtivo capitalista e as mazelas por ele produzidas, fazendo-os compreender as constituições históricas e as características desse modo de produção que fazem da destruição ambiental um produto de seu funcionamento e, portanto, um problema não individual, mas global. Isso pode ser percebido, entre outros fatores, na análise histórica do desenvolvimento do sistema capitalista, principalmente, pela Revolução Industrial (Pimentel, 2018) e, posteriormente, pelo

agronegócio (Andrade, 2023), e suas consequências, como a cultura do consumismo exacerbado (Bauman, 2008), o genocídio das populações tradicionais (Andrade, 2023), o processo de favelização (Silva, 2016) e o empobrecimento dos indivíduos dentro dessa conjuntura (Furtado, 1989). **Discussão:** foi possível compreender que a apropriação ativa dos conteúdos abordados acerca da temática ambiental possibilitou uma aproximação das zonas potenciais de desenvolvimento desses sujeitos e seu consequente aprimoramento afetivo, cognitivo e sociocultural, à medida em que, a partir da temática, se ampliou a compreensão acerca de seu lugar no corpo social, dos motivos que o constituíram enquanto tal e das relações e reverberações provenientes do modo de produção capitalista, complexificando a criticidade de seu discurso e análise. **Considerações finais:** tendo-se em vista o aspecto dialógico proposto pelas ações extensionistas, vale ressaltar a importância do projeto, também, para os graduandos de Psicologia, à medida em que há uma ampliação de repertório educativo a partir do planejamento e mediação dos encontros e da avaliação do desenvolvimento dos sujeitos.

**Palavras-chave:** *população carcerária, apropriação ativa, desenvolvimento afetivo-cognitivo-sociocultural.*

## Referências

- Andrade, F. M. R. de, Carmo, E. D. do, & Henriques, A. B. (2023). Agronegócio e Mineração na Amazônia Paraense: Populações Tradicionais e Racismo Ambiental. *Ciência Geográfica - Bauru*, XXVII(2).
- Bauman, Z. (2008). Vida Para o Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadoria. Zahar.
- Furtado, J. (1989). Ilha das Flores. Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre/KODAK. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=EtZOSs5s6UQ&ab\\_channel=Caf%C3%A9Ambiental](https://www.youtube.com/watch?v=EtZOSs5s6UQ&ab_channel=Caf%C3%A9Ambiental)>.
- Pimentel, E. (2018). Destrução e devastação do meio ambiente no capitalismo. *Revista GESTO-Debate*, 2(01-17).
- Silva, J. J. D. (2016). Favelas e favelização em São Paulo: o caso de Paraisópolis. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Projeto político pedagógico do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis: 2009 (documento de circulação interna).

## O luto em várias óticas no envelhecimento

*Trabalho de Graduação - Psicologia da Saúde*

**Anna Carolina Rodrigues Chaves**<sup>1</sup> [annacarinachaves30@gmail.com](mailto:annacarinachaves30@gmail.com)  
**Nathália Martins de Paulo Candido**<sup>1</sup> [nathalia.martins47@outlook.com](mailto:nathalia.martins47@outlook.com)  
**Bettieli Barboza da Silveira**<sup>1</sup> [bettieli.silveira@uemg.br](mailto:bettieli.silveira@uemg.br)  
**Heloisa Frederico Cardoso**<sup>1</sup> [heloisacardoso2002@gmail.com](mailto:heloisacardoso2002@gmail.com)  
**Telmo Rodrigues Batista Filho**<sup>1</sup> [telmorodriguespsi@gmail.com](mailto:telmorodriguespsi@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Minas Gerais

**Introdução:** O envelhecimento é um fenômeno natural na vida do ser humano, é considerado um ciclo vital em que pode haver perdas, como: fisiológicas, sociais e de entes queridos, dentre outros. O luto não se resume apenas à morte literal, tampouco às perdas que são atribuídas ao longo da vida. Dessa forma, ao analisar a diferença de luto diante de outros sentimentos, se faz necessário a presença da perda ou a ameaça dessa perda, a qual partindo desse acontecimento inicia-se o sofrimento. Segundo Heidegger, o ser-para-morte encontra-se em angustia sendo referente a percepção da terminalidade, finitude e a presença da desvalia. Diante disso, as perdas estão presentes em nossas vidas, entretanto, ao adentrar na velhice, essas perdas tomam novas proporções, e isso faz com que busque analisar a vivência do luto por esse público. **Objetivo:** Compreender o manejo das perdas e o luto diante do processo de envelhecimento. **Método:** Trata-se de um trabalho de revisão de literatura narrativa de caráter qualitativo descritivo, os quais foram buscados nas bases de dados Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Lilacs, com os descritores: luto, envelhecimento. Foram selecionados textos em português, entre o ano de 2018 a 2023. Aplicou-se Análise Temática como método de apreciação dos dados. **Resultados:** Em virtude das buscas realizadas ao tema, a finitude está presente no envelhecer, podendo haver perdas de objetos significativos. O luto passa a ser uma negociação com o eu próprio, em que cada um possui sua vivência frente ao ato, abrindo-se para uma nova perspectiva com algo faltante que não pode ser reparado. **Discussão:** Em consonância, os estudos selecionados discutem as modificações corporais na velhice, que compreendem aspectos como: lentidão e suas dependências, diminuição do desejo sexual, perdas próximas, contato com a morte. Os elementos destacados podem afetar na vida do indivíduo, os quais atua no processo de aceitação das diferentes etapas de vida e existência humana, a fim de evitar o adoecimento psíquico o idoso precisa estar em constante elaboração de luto. **Considerações finais:** Ao analisar as contribuições dos estudos apreciados, entende-se que o luto pode surgir em qualquer momento do ciclo da vida, entretanto, ao se tratar da comunidade idosa, as perdas passam a

ter novos significados e enfrentamento. Para Bromberg (2000), a sociedade desvaloriza essa comunidade, mostrando-se apenas as perdas do envelhecimento, e não favorecendo a conquistada dessa maturidade. Com isso, se faz necessário a busca de um olhar simbólico para esse público, com o intuito de compreender a manifestação desse luto encontrado em diversos âmbitos como social, financeiro, fisiológico e simbólico.

**Palavras-chave:** *Luto, Idoso, Envelhecimento.*

## Referências

- BARRAL, M. C. et al. (2020). Envelhecimento e luto: uma visão compreensiva sobre as perdas no processo de envelhecimento.
- BROMBERG, M. H. P. F. (2000) A psicoterapia em situações de perdas e luto. Campinas, SP: Livro Pleno.
- HEIDEGGER, M. (1927/1990) Ser e Tempo. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Schuback. Petrópolis: Vozes.
- KREUZ, G; FRANCO, M. H. P. (2017). O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento – Revisão Sistemática de Literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69 (2), 168-186.
- MARI, F. et al. (2016). The aging process and health what middle-aged people think of the issue. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(1), 35-44, 2016.
- OLIVEIRA, D. P. C. et al. (2022). Revisão integrativa acerca do luto do idoso. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 7(13), 156-180.
- SILVEIRA, J., et al. (2020). O luto nas diferentes etapas do desenvolvimento humano. *Psicologia em Foco: Temas Contemporâneos*, 1, 174-88.
- SIMÃO, C. B; PEREIRA, F. N. (2016). Uma reflexão existencial humanista sobre a relação de pacientes terminais com a morte iminente. *Revista Científica Faesa*, Vitória, ES, v. 12, n. 1, p. 69-74.
- VENTURINI, L. (2015). Psicologia do Envelhecimento: Perdas e Luto. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

## **Mídias sociais e Psicologia Social : uma revisão de literatura sobre pesquisas qualitativas realizadas sobre o Twitter**

*Trabalho de Mestrado - Psicologia Social e Comunitária*

**Maria Fernanda Costa Pereira<sup>1</sup>** [mariaffec@outlook.com](mailto:mariaffec@outlook.com)

**Emerson Fernando Rasera<sup>1</sup>** [emersonrasera@gmail.com](mailto:emersonrasera@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** As mídias sociais ocupam um papel expressivo na contemporaneidade. Dentre as diversas redes sociais com diferentes funcionalidades, o Twitter se destaca. Ele teve início em 2006, com a proposta de que as pessoas pudessem relatar, em poucos caracteres, o que estavam fazendo naquele momento. O Twitter se apresenta enquanto um espaço relacional, de contato, diálogos e conflitos. A ampla gama de possibilidades para interações, comunicações, diálogos e trocas torna o Twitter um campo de pesquisa significativo, em especial na Psicologia. Apesar da existência de um amplo conjunto de estudos qualitativos realizados no Twitter na área da Psicologia Social, até o momento não foram encontradas revisões de literatura que integram e organizam esses conhecimentos. **Objetivo:** O objetivo deste estudo consistiu em compreender como o twitter é utilizado para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas na Psicologia Social e áreas afins, na literatura científica nacional e internacional. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a qual visa identificar, analisar e sintetizar os resultados de diferentes estudos realizados sobre o mesmo assunto podendo, assim, contribuir de forma significativa para a construção e ampliação de novos conhecimentos (Souza, Silva & Carvalho, 2010). Para realizar o levantamento da literatura, foram consultadas as bases de dados e portais de periódicos como o Scielo, Pepsic e PsycInfo. A busca focalizou o período de 2013 a 2022. A busca inicial resultou na recuperação de 108 publicações, tendo como composição do corpus final 37 artigos publicados em periódicos científicos indexados. **Resultados:** A constante pesquisa sobre o Twitter indica crescente interesse nas discussões promovidas pela plataforma. A diversidade de especialidades de conhecimento dos autores reflete os múltiplos tópicos investigados. Apesar das diferenças, a exploração das interações, comportamentos e fenômenos coletivos é compartilhada. Isso configura o Twitter como um campo interdisciplinar de investigação. Os objetivos e resultados dos artigos selecionados foram agrupados em duas categorias distintas: a) Comunicação Pública: se refere a estudos que tiveram por objetivos e principais resultados a análise de comunicações realizadas por diferentes grupos, sendo eles políticos e sociais, reações coletivas e expressões e interações individuais no Twitter; b) Mobilização Social: diz respeito a análises

de ativismo e análise de apoio social diante de eventos/situações traumáticas no Twitter.

**Discussão:** Destaca-se no conjuntos dos resultados analisados que a plataforma se apresenta como um terreno fértil para a construção de movimentos, criação de identidades e na disseminação de mensagens políticas. As estratégias comunicativas utilizadas podem moldar percepções, disseminar informações que podem favorecer determinados polos políticos e influenciar diretamente debates públicos e ações diante de questões sociopolíticas.

**Considerações finais:** O Twitter revela-se um campo valioso para pesquisas qualitativas, no entanto a escassez de estudos brasileiros aponta para oportunidades de expansão. Ressalta-se a importância contínua de investigações no Twitter para compreender as complexas dinâmicas sociais e políticas neste ambiente virtual. (FAPEMIG)

**Palavras-chave:** Twitter; Microblog, Rede social, Pesquisa qualitativa.

## Referências

- Arcoverde, R. L., & Amazonas, M. C. L. D. A. (2013). Post-structuralism and psychological research on/through the internet. *Psicología & Sociedad*, 25, 62-69.
- Puschmann, C., Bruns, A., Mahrt, M., Weller, K., & Burgess, J. (2014). Epilogue: Why study Twitter? In K. Weller, A. Bruns, J. Burgess, M. Mahrt & C. Puschmann (Eds.), *Twitter and Society* (pp. 425-432). New York: Peter Lang.
- Souza, M. T. , Silva, M. D. , & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. einstein (São Paulo), 8(1), 102-106.
- Vidal, M. D., & Souza, D. S. D. (2022). Mulheres no espaço político. Afinidades e discrepâncias em postagens no Twitter. *Inmediaciones de la Comunicación*, 17(2), 4-34.
- Willig, C. (2012). Perspectives on the epistemological bases for qualitative research.

## Desafios e dificuldades da maternidade no cárcere: uma revisão narrativa

*Trabalho de Graduação - Psicologia e Políticas Públicas*

**Giovana Rodrigues<sup>1</sup>** [giovana\\_rodrigues@ufu.br](mailto:giovana_rodrigues@ufu.br)

**Giovanna Brasileiro Pereira Borges<sup>1</sup>** [giovanna.brasileiro@ufu.br](mailto:giovanna.brasileiro@ufu.br)

**Júlia Moraes Silva<sup>1</sup>** [juliamoraes@ufu.br](mailto:juliamoraes@ufu.br)

**Nicole Novais Libânia<sup>1</sup>** [nicolelibanio@ufu.br](mailto:nicolelibanio@ufu.br)

**Renata Fabiana Pegoraro<sup>1</sup>** [renata.pegoraro@ufu.br](mailto:renata.pegoraro@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia.

**Introdução:** No Brasil, o sistema penitenciário possui um caráter punitivista, contrariando a reintegração dos presos, direito previsto por lei. Essa divergência na prática se dá porque, historicamente, a população carcerária é alvo de preconceitos, já que esse sistema foi moldado a partir de influências culturais e sociais. Ao considerar a parcela feminina dessa população, pode-se constatar que essa invisibilidade e, consequentemente, o prejuízo no acesso aos direitos essenciais acaba por ser ainda mais severo. Assim, as mulheres, que já precisam lutar contra a desigualdade em um ambiente livre, são subjugadas pelo sistema e têm suas necessidades básicas ignoradas. Com isso, o recorte da população presidiária gestante e lactante escancara ainda mais essas problemáticas condições de vida, justificativa para o presente trabalho. **Objetivo:** Mapear a literatura científica sobre mulheres gestantes e puérperas no cárcere. **Método:** Trata-se de revisão narrativa, desenvolvida a partir de buscas de textos completos nas bases/portais PEPSIC, BVS e Scielo, com as palavras chaves combinadas “maternidade” e “cárcere”, “prisão” e “presídio”. Foram utilizados 16 artigos publicados nos últimos cinco anos, especialmente em periódicos da área da saúde, enfermagem e psicologia, e uma dissertação de mestrado defendida em 2016. **Resultados:** Foram utilizados 16 artigos publicados nos últimos cinco anos, especialmente em periódicos da área da saúde, enfermagem e psicologia, e uma dissertação de mestrado defendida em 2016. Observou-se que as vivências das mulheres presas gestantes ou puérperas apontam para misoginia, pressão social e negligências dentro das prisões. Os artigos selecionados destacam a privação de saúde de qualidade, tanto a física como a mental, além da exposição a um ambiente precário e perpassado por violências. Os principais relatos encontrados são de privação de sono, alimentação insuficiente, condições de higiene precárias e a constante negação de direitos. Sobre aspectos da gestação, parto e dos primeiros seis meses do bebê, aponta-se que o pré-natal, por vezes, não é realizado, e quando feito, é de forma insatisfatória. Além disso, sobre o parto, foi encontrado que as gestantes são tratadas com negligência e o direito a acompanhante é negado. Após o parto, o bebê pode ficar até seis meses com a mãe, e

nesse tempo ele dispõe de um ambiente precário, podendo ser prejudicial para seu desenvolvimento. **Discussão:** Observa-se que os estudos trazem que há alguns direitos previstos por lei que são responsáveis pelo cuidado integral e o acesso à saúde para mulheres presas. No entanto, ainda há uma grande dificuldade no acesso à saúde de qualidade para essas mulheres na prática, o que aumenta a precariedade vivida pela parcela que experimenta gestação e a maternagem no cárcere. Assim, há implicações prejudiciais no âmbito da saúde, tanto física quanto mental, no contato com a rede de apoio, no ambiente em que vivem e na relação com profissionais de segurança e da saúde. Ademais, analisa-se que o bebê é fonte de suporte emocional para a mãe e a iminente separação gera sofrimento mental para esta. **Conclusão:** A população carcerária de gestantes e lactantes é alvo da invisibilidade do Estado, o que leva à inacessibilidade aos direitos essenciais. Por isso, espera-se que continuem sendo feitas pesquisas sobre a temática para aumentar a compreensão dessa problemática, que é multifacetada por fatores históricos, culturais e sociais.

**Palavras-chave:** gestantes, lactantes, cárcere, maternidade.

## Referências

- Araújo, M. M., Moreira, A. S., Cavalcante, E. G. R., Damasceno, S. S., Oliveira, D. R., & Cruz, R. S. B. L. C. (2020). Assistência à saúde de mulheres encarceradas: análise com base na Teoria das Necessidades Humanas Básicas. *Escola Anna Nery*, 24(3), e20190303. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0303>.
- Benedet, M. C., & Medeiros, A. B. (2022). Gênero, saúde e prisão: Maternidades possíveis no contexto prisional. *Fractal: Revista de Psicologia*, 33(3), 205–211. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i3/5917>.
- Chaves, L. H., & Araújo, I. C. A. (2020). Gestação e maternidade em cárcere: cuidados de saúde a partir do olhar das mulheres presas em uma unidade materno-infantil. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(1), e300112. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300112>.
- Dalenogare, G., Maffaciolli, R., Vieira, L. B., & Dotta, R. M. (2022a). Mulheres, prisões e liberdade: experiências de egressas do sistema prisional no Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(12), 4531–4540. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222712.11462022>.
- Dalenogare, G., Vieira, L. B., Maffaciolli, R., Riquinho, D. L., & Coelho, D. F. (2022b). Pertencimentos sociais e vulnerabilidades em experiências de parto e gestação na prisão. *Ciência & saúde coletiva*, 27(1), 263–272. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.33922020>.

- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35 (3), 20-29. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>.
- Lagreca, A., Barros, B., & Sennes, I. (2022). As 820 mil vidas sob a tutela do Estado. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, 1-14. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/20-anuario-2022-as-820-mil-vidas-sob-a-tutela-do-estado.pdf>.
- Matos, K. K. C., Silva, S. P. C., & Nascimento, E. A. (2019). Filhos do cárcere: representações sociais de mulheres sobre parir na prisão. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23. <https://doi.org/10.1590/interface.180028>.
- Medeiros, A. B. de, Silva, G. W. dos S., Lopes, T. R. G., Carvalho, J. B. L. de, Caravaca-Morera, J. A., & Miranda, F. A. N. de. (2022). Representações sociais da maternidade para mulheres em privação de liberdade no sistema prisional feminino. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(12), 4541–4551. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222712.11522022>.
- Nunes, L. R. de C., Deslandes, S. F., & Jannotti, C. B. (2020). Narrativas sobre as práticas de maternagem na prisão: a encruzilhada da ordem discursiva prisional e da ordem discursiva do cuidado. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(12), e00215719. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00215719>.
- Oliveira, K. R. V., Santos, A. A. O, Vieira, M. J. O, Pimentel, E., Comassetto, I., & Silva, J. M. O. (2020). Percepção de mulheres encarceradas sobre o acesso à saúde como ferramenta de ressocialização. *Revista Enfermagem UERJ*, 28, e49514. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/49514/34770>.
- Pase, P. F., Schultz, Á. L. V., Lucas, A. R., Zanella, G. I., Ignácio, G. S., Stock, B. S., Dotta, R. M., & Costa, A. B. (2021). Relações de gênero no trabalho em saúde em um estabelecimento prisional feminino. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 16(3), 1-17. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082021000300010&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082021000300010&lng=pt&tlang=pt).
- Pereira, T. G., & Reis, A. O. A.. (2020). Representações de profissionais acerca do bebê em contexto prisional. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18(3), e00306138. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-solo0306>.
- Rocha, P. M. M. da, & Fuks, B. B. (2019). Vivências traumáticas no ciclo gravídico-puerperal. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(4), 725–748. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n4p725.5>.
- Rother, E. T. (2007). Systematic literature review X narrative review. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v–vi. <https://doi.org/10.1590/s0103-21002007000200001>.

- Santos, B. R. M., & Rezende, V. A. (2020). Sistema carcerário feminino: uma análise das políticas públicas de segurança com base em um estudo local. *Cadernos EBAPE.BR*, 18(3), 583–594. <https://doi.org/10.1590/1679-395120190034>.
- Schultz, Á. L. V., Dotta, R. M., Stock, B. S., & Dias, M. T. G. (2020). Limites e desafios para o acesso das mulheres privadas de liberdade e egressas do sistema prisional nas Redes de Atenção à Saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(3). <https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300325>.
- Silva, J. F. T., Coelho, A. C. V. D., Silva, R. F., Sousa, E. O., Araujo, G. B., Moura, L. C., Santos, M. P., Araújo, Y. E. L., Silva, F. K. A. de C., Pereira, R. A., Cunha, R. de C. S., Silva, B. R. M. M., & Barradas, I. L. (2022). A violação da gravidez e à maternidade no sistema prisional: impactos à saúde da mulher e da criança. *Brazilian Journal of Development*, 8(1), 2563–2577. <https://doi.org/10.34117/bjdv8n1-166>.

**Adoção necessária: a incógnita do preconceito vivenciado por crianças maiores***Trabalho de Graduação – Psicologia Jurídica***Anna Carolina Rosa Santos<sup>1</sup>** [annacarolinar543@gmail.com](mailto:annacarolinar543@gmail.com)**Fernanda Eustáquio Peres<sup>1</sup>** [feustiquiop19@gmail.com](mailto:feustiquiop19@gmail.com)**Anamaria Silva Neves<sup>1</sup>** [anamaria.neves@ufu.br](mailto:anamaria.neves@ufu.br)<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** No Brasil, a adoção é determinada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como a possibilidade da formação de laços familiares com pessoas que se desconhecem. Sendo assim, a ação pode e deve ser executada somente perante a lei e, quem deseja adotar, deve fazê-lo independentemente de cor, saúde, idade ou sexo. Entretanto, no percurso, as instituições responsáveis demasiadas vezes encontram dificuldades com a escolha dos “pais adotantes”, principalmente quando se deparam com crianças portadoras de deficiências físicas, pretas e na maioria dos casos, adolescentes. Com isso, a adoção necessária se estabelece como a menos escolhida pelos adotantes, tendo em vista que é relacionado a crianças e adolescentes que aos olhos da sociedade são “inadotáveis”, ou seja, com mais de 10 anos, pessoas portadoras de deficiência física, inter-raciais e etnias diferentes do “padrão”.

**Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo a abordagem da adoção necessária, visando salientar as dificuldades de encontrar uma família para aqueles que são considerados como “inadotáveis” e destacar a importância desta. **Método:** A execução das atividades foram realizadas pelo método de entrevistas. Sendo assim, duas discentes do curso de Psicologia da UFU, visitaram a ONG de adoção Pontes de Amor, em uma reunião de aproximadamente 50 minutos. No ambiente, as discentes conversaram com a advogada da instituição, a fim de realizarem uma pesquisa de como funciona o processo de adoção no Brasil e quais são os obstáculos e problemáticas que a adoção necessária enfrenta. **Resultados:** Embora as crianças maiores já possuam independência em algumas atividades, o termo “adoção tardia” levanta questões éticas, visto que a preferência por bebês reflete a busca por moldar as crianças mais novas conforme expectativas dos adotantes, entretanto, destaca-se que a adoção é viável em qualquer idade. Além disso, as vivências anteriores de crianças maiores apresentam desafios para adoção, exigindo cuidado e paciência. Esse cenário reflete em preocupações com crianças maiores em instituições de acolhimento, visto que estas vivenciam o risco do desligamento abrupto após a maioridade. **Discussão:** A adoção necessária pode ser desafiadora não somente para os adotantes, mas principalmente para as próprias crianças mais velhas, que são rodeadas de estigmas que dificultam a criação de uma visão ampliada sobre a formação de famílias, outrossim, a chegada dessas crianças às instituições de adoção

também traz desafios emocionais. Além disso, ressalta-se a necessidade de apoio contínuo após a maioridade e a escassez de recursos estatais para esses jovens. A educação preparatória aumenta a aceitação e a confiança em adotar crianças mais velhas, fortalecendo laços familiares. **Conclusão:** A discussão sobre adoção de crianças maiores destaca a necessidade de rejeitar estigmas associados ao termo "adoção tardia". Evidenciam-se os desafios enfrentados por essas crianças, tanto no sistema de adoção quanto na construção de laços familiares. A importância de um suporte emocional e financeiro contínuo após a maioridade é essencial, juntamente com a necessidade de políticas públicas mais abrangentes. Portanto, a educação preparatória contribui para a transformação de mentalidades, tornando a adoção de crianças maiores uma experiência mais positiva para todas as partes envolvidas.

**Palavras-chave:** Adoção, adoção necessária, desafios; preconceito.

## REFERÊNCIAS

- Baldessar, J. C & Castro, A (2020). Representações sociais da adoção tardia: o amor vinculado ao medo. *O Social em Questão* (47), 271-296.
- Borges, C. A. P., & Scorsolini-Comin, F. (2020). As Adoções Necessárias no Contexto Brasileiro: Características, Desafios e Visibilidade. *Psico-USF*, 25(2), 307–320. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250209>

## Reflexões contundentes: explorando a finitude, a morte e a superação do luto na sociedade atual

*Relato de Experiência - Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*

**Guilherme Achôa Moura Leite<sup>1</sup>** [guilherme.achoa@unesp.br](mailto:guilherme.achoa@unesp.br)

**Deivis Perez<sup>1</sup>** [deivis.perez@unesp.br](mailto:deivis.perez@unesp.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista

**Introdução:** Recentemente a sociedade chocou-se com a finitude e sua impotência diante da morte e suas reverberações, tanto no que se refere aos aspectos materiais que tangenciam essa temática, quanto aos psicossociais que atravessam o processo de elaboração necessária para a superação de um luto. Dito isso, foi realizado pelo projeto de extensão, Programa de educação Tutorial (PET), da Unesp, um ciclo temático que desse conta de abordar as dimensões que encontram-se relacionadas aos temas luto e finitude. Em síntese, foi executado um planejamento, cujo direcionamento visou a formação e o desenvolvimento humano dos integrantes do grupo, dando a eles uma melhor apropriação em um tema necessário para prática profissional da psicologia. O ciclo temático foi estruturado em encontros semanais com duração de duas horas, durante um período de dois meses. **Objetivo:** Os objetivos foram: a) garantir o contato e estudo de distintos aportes teóricos sobre a temática luto e finitude, isso, tanto no campo da Psicologia, quanto em outras disciplinas das Ciências que têm colaborado para o entendimento do tema; b) apresentar ao grupo conhecimentos sobre as especificidades presentes nos processos concretos e subjetivos implicados na realidade de quem atravessa o sofrimento da perda (KUBLER, 1998) e; c) incrementar a formação do corpo discente presente no PET no sentido de um constante aperfeiçoamento profissional. **Método:** Partindo de uma interação dialética entre o sujeito e aquilo que constitui sua subjetividade, a metodologia aplicada consistiu em uma organização prévia dos materiais bibliográficos disparadores para a discussão que seria utilizada no encontro do dia, sendo eles: textos acadêmicos, filmes e outros recursos videográficos, livros, entre outros materiais que melhor contemplasse o eixo temático. Era dever do grupo, que os materiais oferecidos fossem consumidos para que todos pudessem ser tocados e conectados com a proposta da atividade, dando sentido aos dispositivos e técnicas de educação, tais como, dinâmicas de grupos, debates, e outros mediadores aplicados para condução da reunião. **Resultados:** A partir dos recursos utilizados para realização do ciclo de estudos, observou-se que os integrantes do grupo PET tiveram seus conhecimentos ampliados, tanto no que diz respeito ao repertório teórico, quanto no que se refere aos modelos metodológicos aplicados, dando a eles uma aprendizagem crítica e, fomentando a capacidade profissional que podem ser adotados em uma práxis que considere

a interdisciplinaridade dos fenômenos psicológicos e concretos que envolvem o luto e a finitude. **Discussão:** Diante da recente reflexão sobre a finitude e a inevitabilidade da morte na sociedade, o ciclo foi importante para aprofundar discussões acerca das dimensões tanto materiais quanto psicossociais ligadas ao luto e à finitude. **Considerações finais:** Foi observado que os membros discentes do grupo PET experimentaram uma ampliação significativa de seus conhecimentos. Essa expansão de conhecimento não apenas promoveu uma aprendizagem crítica, mas também impulsionou o desenvolvimento de habilidades profissionais, enriquecendo sua capacidade de prática interdisciplinar para compreender e lidar com os complexos fenômenos psicológicos e concretos envolvidos nos processos de luto e finitude.

**Palavras-chave:** *Luto, Finitude, Sofrimento.*

## **Referências**

- KUBLER- ROSS, E. “Sobre a morte e o morrer”: 8<sup>a</sup> Ed., Martins Fontes. São Paulo, 1998.
- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Projeto Programa de Educação Tutorial do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis: 2022 (documento de circulação interna).
- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Projeto político pedagógico do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis: 2009 (documento de circulação interna).

## Projeto de extensão filosófica: fomentando reintegração social e interação entre detentos e universitários

*Relato de Experiência - Psicologia Histórico-Cultural*

**Guilherme Achôa Moura Leite<sup>1</sup>** [guilherme.achoa@unesp.br](mailto:guilherme.achoa@unesp.br)

**Lorena Ribeiro Silvestre<sup>1</sup>** [lorena.silvestre@unesp.br](mailto:lorena.silvestre@unesp.br)

**Deivis Perez Bispo dos Santos<sup>1</sup>** [deivis.perez@unesp.br](mailto:deivis.perez@unesp.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista

**Introdução:** O projeto *Princípios da filosofia para trabalhadores* é uma colaboração entre o grupo de extensão penitenciária, da Unesp de Assis, e a supervisão técnica da penitenciária de Assis, que busca produzir atividades de ensino e extensão universitária que tem como destino a formação e o desenvolvimento humano daqueles que se encontram presos e dos profissionais que trabalham na unidade prisional. O projeto foi estruturado de maneira a realizar encontros quinzenais, com duração de até quatro horas, nos quais a transmissão do conhecimento é conduzida de acordo com os princípios da Psicologia Sócio-Histórica.

**Objetivo:** O propósito subjacente do presente projeto consiste em criar um espaço de diálogo e reflexão crítica acerca da filosofia proporcionando um resgate e um desenvolvimento de um olhar crítico daqueles que se encontram encarcerados, para que compreendam as relações entre a filosofia e os nexos com a concretude das vivências e experiências que permeiam a sociedade e como esta se relaciona com suas atuais condições, além de enriquecer a experiência dos profissionais que atuam na prisão. **Método:** Partindo da Psicologia Sócio-histórica, o método histórico dialético tem como base a interação dialética entre o sujeito e aquilo que o constitui como ser social e sua realidade concreta e material, utilizando-se de diversos dispositivos e técnicas de abordagens para construção ativa de conhecimento, tais como, dinâmicas de grupo, textos, materiais videográficos, debates e discussões em conjunto, como parte do processo de transmissão de conhecimento. **Resultados:**

O projeto em questão engloba um grupo fixo de 30 trabalhadores presos matriculados em um programa de extensão universitária, cuja carga horária total é de 48 horas para a realização do projeto. O programa filosófico demonstrou ser uma força motriz para o fomento da capacidade de avaliação crítica e da reflexividade na população carcerária, proporcionando, assim, uma oportunidade de reintegração social substancial, restaurando faculdades que lhes foram previamente subtraídas no tocante a seu potencial de autorrealização. Ademais, o projeto não apenas viabiliza um potencial de maturação profissional aos membros do corpo discente engajados na iniciativa de extensão, mas também se dá pela estreita aproximação entre os estudantes universitários e os reclusos na Penitenciária de Assis. Essa confluência contribui

significativamente para a prática tangível da aplicação dos princípios oferecidos pelo currículo do curso de Psicologia. **Discussão:** Em 2023, o projeto englobou 30 detentos matriculados em um programa de extensão. A abordagem filosófica tem impulsionado habilidades críticas na população carcerária, promovendo reintegração social. Além disso, fortalece a interação entre estudantes universitários e reclusos, contribuindo para a aplicação prática dos princípios do curso de Psicologia. **Considerações finais:** A proposta do presente projeto visa facultar aos indivíduos privados de liberdade a oportunidade de adotar perspectivas diversas em relação à realidade, as quais transcendem a narrativa culturalmente disseminada, que os categoriza de maneira perpétua como delinquentes, sujeitos à exclusão e estigmatização eterna. Mediante esta abordagem, a explanação da conformação da realidade brasileira, concebida em sintonia com as concepções filosóficas mais heterogêneas, propicia-lhes a capacidade intrínseca para uma eventual transformação em seus olhares.

**Palavras-chave:** *Prisão, Filosofia, Criticidade.*

## **Referências**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Projeto político pedagógico do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis: 2009 (documento de circulação interna).

## As implicações da perspectiva interdisciplinar de uma liga acadêmica para a construção de um olhar crítico sobre saúde

*Trabalho de Graduação - Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Bárbara Ribeiro de Carvalho**<sup>1</sup> [br.carvalho@unesp.br](mailto:br.carvalho@unesp.br)

**Vitor Hugo Silva Lima Alves**<sup>1</sup> [vh.alves@unesp.br](mailto:vh.alves@unesp.br)

**Adriele Maria da Silva**<sup>1</sup> [adriele.m.silva@unesp.br](mailto:adriele.m.silva@unesp.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista

**Introdução:** A Liga Interdisciplinar em Saúde (LINTER) foi fundada em 10 de agosto de 2021, vinculada ao departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e organizada por estudantes de psicologia. Suas atividades são ciclos de estudos, atividades práticas, reuniões organizativas e a promoção de eventos direcionados ao público interno e externo da liga, visando uma reflexão crítica acerca de temas pertinentes ao campo da saúde, a partir do tripé ensino-pesquisa-extensão (Souza; Noguchi; Alvares, 2019). Tais ações são orientadas pelo conceito de interdisciplinaridade, o qual questiona o regime de poder que a disciplinarização traz ao campo da saúde, e que busca um grau de integração e trocas a partir da interação entre diversos núcleos de saber articulados (Costa, 2007). Nesse meio, as atividades de extensão são críticas para transformações na universidade, com o desenvolvimento ético e cidadão dos discentes, e da sociedade, com a democratização do conhecimento e criação de redes colaborativas (Alves; Faria, 2020; Brognoli; Dias, 2021).

**Objetivo:** Apresentar as contribuições de uma liga acadêmica para a formação em psicologia, a partir das ações de extensão promovidas para a comunidade acadêmica e externa. **Método:** Realizou-se uma busca no acervo de dados da liga e sistematizou-se informações acerca dos eventos promovidos à comunidade interna e externa. A partir disso, analisou-se criticamente os temas abordados, situando-os no contexto de consolidação da liga e de sua proposta de contribuir com a formação em psicologia. **Resultados:** De maio de 2022 a maio de 2023, a liga realizou nove atividades de extensão, com configurações que vão de rodas de conversa, a palestras e simpósios, em ambiente presencial, virtual e híbrido e aberto ao público. Cada atividade contou com a presença de mediadores e convidados de diversas profissões para o debate crítico. A elaboração dos assuntos surgiu da demanda dos integrantes da liga em face da percepção da necessidade de suplementar o currículo da graduação. **Discussão:** Houve encontros com profissionais da saúde e atores sociais de movimentos e coletivos, onde debateu-se, por exemplo, o enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes; saúde materno-infantil e campanhas da saúde; saúde mental da população LGBTQIAPN+; inclusão da pessoa com deficiência; compreensão do SUS e os movimentos sociais; e interfaces do

Direito e Saúde. **Conclusões:** Uma liga acadêmica como a LINTER permite que estudantes em formação entrem em contato com diversos temas desde o início da graduação, propondo espaços de discussões interdisciplinares mediadas pela Psicologia. Nesse contexto, as ações de extensão, definidas como toda atividade dialógica surgida em contato com a sociedade, tornam-se uma ferramenta imprescindível para a construção de saberes pertinentes à realidade brasileira, bem como para a formação de profissionais sensíveis a essas possibilidades. Esse contato se deu pela comunicação com trabalhadores da saúde, docentes de outras localidades, entre os próprios membros da liga e primordialmente com a população em geral. Assim, busca-se a formação de profissionais capazes de escutar as demandas pulsantes de cada territorialidade e uma perspectiva de saúde que vise a emancipação e o protagonismo do indivíduo em seus cuidados.

**Palavras-chave:** liga, interdisciplinaridade, saúde.

## Referências

- Alves, R. L. V.; Faria, A. AM. As ligas acadêmicas como suplemento da graduação em psicologia: uma experiência como coordenadora da LASG (2015-2016). **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 422–432, 2020. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2895>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- Brognoli, P. C.; Dias, M. S. L. A extensão universitária, a interdisciplinaridade e viabilidade durante o COVID-19: uma relação transformadora entre universidade e sociedade: University extension, interdisciplinarity and feasibility during COVID-19: a transforming relationship between university and society. **International Journal of Digital Law**, v. 2, n. 1, p. 33–34, 10 mar. 2021. <https://doi.org/10.47975/IJDL.brognoli.2021>.
- Costa, R. P. Interdisciplinaridade e equipes de saúde: concepções. **Mental**, Barbacena, v. 5, n. 8, p. 107-124, jun. 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272007000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 jul. 2023.
- Souza, L. S.; Noguchi, C. S.; Alvares, L. B.. Uma nova possibilidade de construção do conhecimento em Psicologia. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 237–251, 2019. DOI: 10.5433/2236-6407.2019v10n1p237. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/29246>. Acesso em: 11 ago. 2023.

## As vivências das famílias de usuários do CAPSi em tempos de pandemia

*Iniciação Científica - Psicologia e Políticas públicas*

**Vanessa Geovana de Medeiros<sup>1</sup>** [vanessa.medeiros@ufu.br](mailto:vanessa.medeiros@ufu.br)

**Renata Fabiano Pegoraro<sup>1</sup>** [renatapegoraro@gmail.com](mailto:renatapegoraro@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Introdução:** Os Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis (CAPSi) tem como particularidades configurarem-se como serviços ambulatoriais que agem como porta de entrada da rede assistencial em saúde mental, com atendimentos em nível individual e grupal, atividades que envolvem a comunidade e ações intersetoriais. A Pandemia da Covid-19 trouxe a necessidade de diversas adaptações, incluindo na rotina de cuidado de serviços públicos de saúde, como o CAPSi. **Objetivo:** O presente estudo teve como objetivo elucidar a percepção das famílias de usuários do CAPSi em relação às mudanças ocorridas no serviço no período que corresponde à pandemia da Covid-19 e na sua rotina de cuidado informal ao usuário no lar. **Método:** Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa de natureza exploratória, realizada no CAPSi localizado em um município pertencente ao Estado de Minas Gerais. A investigação foi desenvolvida a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado. Participaram da pesquisa 8 familiares de crianças e adolescentes atendidos pelo dispositivo que cederam entrevista audiogravada. O estudo utilizou a Análise de Conteúdo fundamentada em Laurence Bardin para análise das entrevistas. O protocolo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** Neste trabalho serão destacadas as subcategorias “O cuidado do CAPSi durante a pandemia” e “Cuidados informais realizados pelas famílias durante a pandemia”. Os familiares entrevistados tinham entre 28 e 63 anos (seis mães, uma avó, um pai) e os usuários tinham idades que variavam de 6 a 18. **Discussão:** A presença no serviço ficou restrita à retirada de receitas, acolhimento na crise e avaliação psiquiátrica, sempre com uso de máscaras de proteção. Além disso, constatou-se que as visitas domiciliares foram intensificadas durante o período. Em relação ao âmbito doméstico, foi exposto que metade das entrevistadas destacaram que são as únicas cuidadoras, enquanto as demais afirmam receber apoio familiar. Outro ponto, percebido foi que o monitoramento da medicação, cuidados com alimentação, busca por espaços abertos para momentos de lazer, acompanhamento de atividades escolares marcaram o cotidiano das famílias na pandemia. A rotina das famílias também foi afetada pela necessidade de atenção aos integrantes com Covid. Ademais, o CAPSi aparece como ponto de apoio às famílias, seja para orientar sobre manejo face às mudanças comportamentais na pandemia, seja para facilitar acesso de famílias à benefícios para garantir, por exemplo, a alimentação adequada. Como em outros estudos com

familiares da rede de saúde mental, o cuidador principal é uma mulher, muitas vezes com rede de apoio restrita, o que coloca o CAPSi em posição relevante de suporte para o enfrentamento das dificuldades cotidianas. **Conclusão:** O trabalho apresentou um cenário atualizado da temática e vislumbrou que os cuidados das crianças e adolescentes expandem os muros do dispositivo, já que os responsáveis, em grande maioria mulheres, apresentam rotinas que estão ligadas sobretudo às responsabilidades com esse público, o que como apresentado no estudo acabou sendo intensificado com a conjectura da pandemia.

**Palavras-chave:** Pandemia, família, criança, adolescente, atenção psicossocial.

## Referências

- Araújo, L. D. S., & Guazina, F. M. N.. (2017). A percepção de cuidadoras sobre os cuidados ofertados para crianças e adolescentes em atendimento no CAPSi. *Mental*, 11(21), 445-468. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272017000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000200010)
- Bisi, C. C., & Nakamura, E. (2023). A cotidianidade do cuidado na vida de mulheres familiares de crianças atendidas em um CAPSi de Santos. *Saúde e Sociedade*, 32, 1-11. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210753pt>
- Brandão, A. T., da Costa, W. D., Lima, C. C., & Mesquita, G. S. (2020). Impactos da pandemia de coronavírus em um caps infantojuvenil do distrito federal. *Health Residencies Journal-HRJ*, 1(1), 1-20. <https://doi.org/10.51723/hrj.vi1.19>
- Bustamante, V., & Onocko-Campos, R. (2020). Cuidado às famílias no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil: uma pesquisa-intervenção com trabalhadores. *Saúde em Debate*, 44, 156-169. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E314>
- Bustamante, V., & Virgens Oliveira, E. L. (2023). Saúde Mental Infantil, Gênero e Cuidado em Famílias Chefiadas por Mulheres em Tempos de. *Revista De Psicologia*, 14, 1-14. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.14.2023.e023016>

## **Psicologia do esporte e o cenário überlandense a partir da jornada de um recém-formado**

*Minicurso – Psicologia do Esporte*

**Marco Antonio de Campos Júnior<sup>1</sup>** [marcocamposcontato@gmail.com](mailto:marcocamposcontato@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** A Psicologia do Esporte e do Exercício (PEE) pode ser considerada uma das ciências do esporte. Visa contribuir para a performance e bem-estar de atletas e entusiastas por meio do desenvolvimento de conhecimento e acompanhamento de variáveis psicológicas, nos mais variados espaços e formas de atuação (Weinberg & Gould, 2014). Trata-se de uma área emergente na Psicologia que vem ganhando cada vez mais espaço e visibilidade, em grande parte devido a acontecimentos e posicionamentos envolvendo atletas e de todo o globo. Porém, pode-se dizer que ainda se trata de uma área ainda pouco explorada nos cursos de graduação de Psicologia em todo o país e em publicações nacionais (Polese, 2022). Dado o exposto, este minicurso visa tentar preencher esta lacuna teórica e prática, tendo como objetivos apresentar aspectos iniciais acerca da Psicologia do Esporte e do Exercício e versar sobre o cenário überlandense para com esta área. Para tanto, serão utilizadas dinâmicas de conversa para aquecimento e participação do grupo, exposição dialogada acerca da definição da PEE, o histórico do desenvolvimento da área, formas, temas e possibilidades de atuação e apresentação de áreas emergentes, como os esportes eletrônicos, dança, circo e outros (Weinberg & Gould, 2014; Perry, 2016; Conde et al, 2019). Em um segundo momento, a jornada do palestrante será utilizada como veículo para informar acerca do cenário überlandense da PEE. Assim sendo, este versará sobre como o seu interesse pela área foi surgindo, a árdua busca por estágios, a conquista de dois, os momentos iniciais de formação de vínculo e levantamento de demandas, as intervenções que foram delineadas e seus resultados e, por fim, os novos desafios que estão surgindo para se manter na área após sua formatura (CFP, 2019; Rubio & Camilo, 2019; Nascimento & Fernandes, 2022). Espera-se com isso demonstrar não apenas parte do cenário em si mas também métodos de inserção, posturas a serem adotadas e possíveis alternativas que podem ser realizadas.

### **Referências**

Conde, E., Filgueiras, A., Angelo, L., Pereira, A., & Carvalho, C. (2019). Psicologia do Esporte e do Exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção. Passavento.

- Conselho Federal de Psicologia & Conselhos Regionais de Psicologia. (2019). Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) em políticas públicas de esporte. Brasília.
- Nascimento, F. T. do, & Fernandes, P. T. (2022). Possíveis contribuições da psicologia à pedagogia do esporte. Atena Editora.
- Perry, J. (2016). Sport Psychology: A Complete Introduction. Teach Yourself Books.
- Polese, M. (2022). A atuação do psicólogo do esporte no Brasil: Uma revisão da literatura [Universidade Federal de Uberlândia]. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35274>
- Rubio, K., & de Oliveira Camilo, J. (2019). Psicologia Social do Esporte. Laços.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2014). Foundations of sport and exercise psychology (6o ed). Human Kinetics.

## Bola de meia, bola de gude: jogos dramáticos com adolescentes

*Minicurso - Psicodrama*

**Carmen Lúcia Reis<sup>1</sup>** [carmenreis@ufu.br](mailto:carmenreis@ufu.br)

**Ludimila Grasiele de Oliveira<sup>2</sup>** [ludimilagrasiele@gmail.com](mailto:ludimilagrasiele@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

<sup>2</sup> Psicóloga clínica

**Resumo sobre a temática:** Psicodrama significa ação, manifestada nas inter-relações sociais em clima descontraído. É compreendido como a ciência que busca a verdade por intermédio dos métodos dramáticos. Sua metodologia é essencialmente um método ativo. Tem como base o “teatro da espontaneidade” que nos mostra através de vivências, dramatizações e ações, modos mais saudáveis e espontâneos de estar no mundo e consequentemente tomar decisões mais assertivas. O Psicodrama, com toda sua potencialidade intervencional, oferta uma possibilidade de resgate ao lúdico e acesso à espontaneidade individual, portanto, proporciona reflexões e ações que permite ao indivíduo uma interrupção de padrões de comportamentos conservados ocasionando, assim, uma possível libertação de amarras sociais. Dentre as inúmeras ferramentas metodológicas ofertadas pelo Psicodrama, existem os jogos dramáticos que devido à sua versatilidade podem ser utilizados em diferentes contextos e com diversos públicos. Eles são o mecanismo mais lúdico passível de uso e que oferta com mais facilidade essa interrupção de comportamentos conservados, pois ao brincar e jogar, automaticamente, o participante se dispõe a se libertar de conservas para se entregar aos movimentos e consignas do jogo. No trabalho desenvolvido com o público adolescente, os jogos dramáticos são considerados ferramentas potentes. A adolescência é um momento da vida que ganha destaque no mundo contemporâneo. Os modos de viver, os hábitos e a aparência dos adolescentes representam, para muitas pessoas, ideais de juventude e liberdade. Por outro lado, rebeldia, conflitos, depressão, confusão e irresponsabilidade formam um conjunto de atributos que comumente vem sendo utilizado, tanto pelo senso comum quanto por profissionais da Educação e da Psicologia, para caracterizar esse momento do desenvolvimento humano. Assim, os conflitos, tormentos, dúvidas e sofrimentos vividos pelos adolescentes são compreendidos como algo pessoal e intrínseco, sem articulação com as condições concretas de vida nos quais estão inseridos. Diante disso, o jogo dramático entra como uma ferramenta que proporciona possibilidades de reflexão e desenvolvimento quanto ao entendimento de si e do outro. Ele difere de outros jogos por acontecer no contexto dramático e por convidar que os participantes expressem suas emoções e as criações de seu

mundo interno. Dessa maneira, entende-se que o jogo oferta ampliação do autoconhecimento e resgate à espontaneidade e criatividade com perspectivas de ação mais espontânea e adequada. Além disso, o jogo dramático atua em três contextos: social, grupal e dramático, passando respectivamente pela realidade social e concreta, seguindo para a realidade do grupo e de seus participantes e por fim adentrando no “como se”, onde se pode criar um mundo novo e alcançar insights necessários. Por fim, através dos jogos e ao se passar por essas fases para alcançar os insights necessários, entende-se que um adolescente está se desenvolvendo e tornando-se protagonista de sua própria existência. Nesse sentido, a presente oficina visa apresentar jogos dramáticos como recurso potente para a atuação de futuros psicólogos e profissionais da Psicologia que trabalham com o público adolescente.

## **Referências**

- Malaquias, M. C. (2020). *Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões*. São Paulo: Ágora.
- Monteiro, R. F. (2021). *Técnicas Fundamentais do Psicodrama. (11-18)*. Editora Summus. 4<sup>a</sup> edição.
- Romanã, M. A. (2019). *Pedagogia psicodramática e educação consciente: mapa de um acionar educativo*. Campo Grande, MS: Entre Nós.
- Soares, V. (2012). *Dinâmicas de Grupo e Jogos*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

## O construcionismo social de Kenneth Gergen: contexto, conceitos, práticas e críticas

*Minicurso - Construcionismo Social*

**Emerson Fernando Rasera<sup>1</sup>** [emersonrasera@gmail.com](mailto:emersonrasera@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** O construcionismo social é um movimento em Psicologia que tem oferecido formas alternativas de compreender o processo de construção do conhecimento, bem como, influenciado práticas inovadoras em diferentes contextos da prática profissional. Inspirado por críticas de diferentes disciplinas no campo das ciências sociais e humanas (críticas ideológicas, sociais e retórico-literárias), ele destaca a importância dos sistemas de significação socio-históricamente circunscritos no processo de construção social da realidade. Em Psicologia, um de seus principais expoentes é Kenneth J. Gergen. A partir da concepção da “Psicologia Social como história”, ele revê o status do conhecimento em Psicologia, se colocando de forma crítica em relação às perspectivas positivistas hegemônicas. Indo além de uma tarefa crítica, ele articula um discurso propositivo em torno de um “movimento construcionista social em Psicologia” afirmando a especificidade socio-histórica do conhecimento, a importância dos relacionamentos em sua sustentação, o conhecimento como ação e a ênfase em uma postura crítica e reflexiva. Esse movimento se amplia para além das reflexões sobre o processo de produção de conhecimento e passa a contemplar variadas práticas relacionais, ou seja, contribuições para o fazer psicológico na clínica (“a terapia como construção social” e sua influência nas abordagens colaborativa e dialógica, narrativa, reflexiva e da terapia social), na educação (“o ensino como conversação” e “para além da tirania da avaliação”) e nas organizações (“a organização apreciativa” e a “liderança relacional”). Essa ampliação se fortalece com o debate sobre o “ser relacional” e a “responsabilidade relacional” e suas implicações ético-políticas para a vida social, a pesquisa e as práticas profissionais. A recepção dessas ideias e propostas inovadoras na comunidade psicológica, por vezes, envolveu resistências, fomentando um ritual intenso de teoria-crítica-e-debate em torno da definição de real e de concepções sobre relativismo ontológico, relativismo moral e elitismo. O reconhecimento desse debate permite compreender as semelhanças e diferenças do construcionismo social com outras perspectivas em Psicologia, bem como, aprofundar o caráter radical de suas propostas (CNPQ/FAPEMIG).

### Referências

GERGEN, K. J. *Social construction in context*. London: SAGE Publications, 2001

- GERGEN, K. J. *Relational being: Beyond self and community*. Oxford: Oxford University Press. 2009.
- GERGEN, K. J. *The Relational Imperative: Resources for a World on Edge*. Chagrin Falls: The Taos Institute Publications, 2021.
- LOCK, A; STRONG, T. *Social constructionism: Sources and stirrings in theory and practice*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- MCNAMEE, S.; GERGEN, M.; CAMARGO-BORGES, C.; RASERA, E. F. (Editor) *The Sage Handbook of Social Constructionist Practice*. London: SAGE Publications, 2020

## Psicologia escolar e arte - uma proposta emancipadora para a formação docente

*Minicurso - Psicologia e Arte*

**Gabriela Costa Machaim**<sup>1</sup> [gmachaim@gmail.com](mailto:gmachaim@gmail.com)

**Silvia Maria Cintra da Silva**<sup>1</sup> [silvia@ufu.br](mailto:silvia@ufu.br)

**Laura Rafaella Ramos Silva**<sup>1</sup> [lauraramss@gmail.com](mailto:lauraramss@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** A relação dialética entre teoria e prática é parte constitutiva do desenvolvimento da Ciência e, portanto, da Psicologia. Para a compreensão aprofundada de tal relação, consideramos imprescindível a apreensão do conhecimento a respeito do conceito científico de teoria, bem como sobre a natureza da práxis, da relação entre teoria e prática, e para qual finalidade a práxis em Psicologia deve ser dirigida. Para tanto, lançamos a reflexão: a Arte pode se constituir como um saber potencializador para o desenvolvimento pessoal e profissional de psicólogas/os e professoras/es? Ao elaborarem uma conversa sobre a Arte a partir dos pressupostos teóricos da Teoria Histórico-Cultural, Silva e Nunes (2021) dialogaram sobre o conceito de vivência (perejivânie), o qual pressupõem a unidade entre as dimensões individuais e sociais, bem como “a unidade cognitivo-afetiva” (Delari Junior & Passos, 2009, p. 7 citado por Silva & Nunes, 2021, p. 2). Neste sentido, a Arte possibilita a relação dialética entre elementos intelectuais e emocionais, sendo de significativa importância para as possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Assim, o minicurso propõe novos caminhos e perspectivas para a Psicologia Escolar e Educacional no contexto do trabalho com professoras, a partir de uma proposta que abordará temáticas que refletiram sobre os fenômenos históricos-sociais que se constituem na educação e que podem contribuir para o desenvolvimento profissional docente. Deste modo, construiremos diálogos possíveis entre a formação continuada docente, os diferentes desafios vivenciados na educação e a Psicologia Escolar e Educacional, buscando criar e recriar práticas transformadoras na Educação, por meio de recursos estéticos e discussões teóricas ancoradas na Psicologia Histórico-Cultural, para que seja possível repensar práticas e compreender a historicidade das relações escolares, como também contribuir para o desenvolvimento profissional e pessoal das professoras diante da apropriação do espaço institucional para uma formação construída coletivamente.

### Referências

Silva, S. M. C. da, & Nunes, L. G. A. (2021). A arte existe porque a vida não basta - propostas para uma parceria entre Psicologia Escolar e Arte. In Facci, M.G. D.; Anache, A. A.; &

Caldas, R. F. L. (Orgs.). Por que a Psicologia na Educação? Em defesa da emancipação humana no processo de escolarização (pp. 169-194). Curitiba, PR: CRV.

## **Diferentes aspectos e possibilidades de atuação com o transtorno do espectro autista**

*Minicurso - Psicologia Escolar e Educacional*

**Alina Mira Maria Coriolano<sup>1</sup>** [alina.coriolano@edu.ufes.br](mailto:alina.coriolano@edu.ufes.br)

**Amanda Pereira de Albuquerque<sup>2</sup>** [amanda.albuquerquepsi@gmail.com](mailto:amanda.albuquerquepsi@gmail.com)

**Phagner Ramos Tavares<sup>3</sup>** [phagnerramos@gmail.com](mailto:phagnerramos@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo

<sup>2</sup> Instituto do Autismo

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco

**Resumo sobre a temática:** O minicurso tem como objetivo contribuir para a formação qualificada de psicólogos quanto à temática do transtorno do espectro autista (TEA) reunindo profissionais de campos distintos com experiências em diferentes aspectos acerca desta temática. O minicurso é proposto a partir de uma perspectiva expositiva dialogada e será utilizado apoio visual de *slides*. Outros recursos complementares como imagens e vídeos também poderão ser utilizados para a exposição. Para tal, o minicurso será subdividido em três subtemas: educação, famílias e intervenções em Psicologia. Cada um dos subtemas será apresentado por um profissional e versará sobre os assuntos descritos a seguir. O subtema educação abrangerá um debate sobre os modelos de intervenção educacional (exclusão, segregação, integração e inclusão) e as implicações destes como também discutirá acerca do paradigma da inclusão. Este subtema trará ainda como pontos de debate a política de inclusão para pessoas com transtorno do espectro autista, o Atendimento Educacional Especializado e o Plano de Desenvolvimento Individual. No subtema Famílias, serão apresentados e discutidos alguns processos pelos quais as famílias de pessoas com transtorno do espectro autista passam: a criação de expectativas, o recebimento do diagnóstico, a vivência do luto e as implicações na qualidade de vida destas famílias. No subtema Intervenções na Psicologia com transtorno do espectro autista abrangeremos as características diagnósticas do transtorno do espectro autista, o processo do diagnóstico e como este se dá, o papel da Psicologia nos serviços de apoio às pessoas com transtorno do espectro autista e as estratégias de intervenção a partir de diferentes abordagens da psicoterapia. Assim, busca-se apresentar não somente possibilidades de atuação como também discriminar o conhecimento científico em Psicologia que tem sido produzido acerca do transtorno do espectro autista atrelado a vivência profissional.

### **Referências**

- ARAUJO, Jeane AMR; VERAS, André B.; VARELLA, André AB. Breves considerações sobre a atenção à pessoa com transtorno do espectro autista na rede pública de saúde. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 11, n. 1, p. 89-98, 2019.
- CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura. **Educação em revista**, v. 33, p. e142079, 2017.
- CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; PINTO, Alinne Souza. Revisão integrativa sobre a vivência de mães de crianças com transtorno de espectro autista. **Revista Psicologia e Saúde**, 2020.
- FIGUEIREDO, Samara Leite; RANGEL, Jamaíra Macêdo Soares; DE LIMA, Maria Nailê Cândido Feitoza. O diagnóstico do transtorno do espectro autista e suas implicações na vivência da família. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 25, n. 2, p. 93-107, 2020.
- GUEDES, Nelzira Prestes da Silva; TADA, Iracema Neno Cecilio. A produção científica brasileira sobre autismo na psicologia e na educação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 31, p. 303-309, 2015.
- NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. Transtornos do espectro do autista: O que a psicologia social tem a ver com isso?. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 15, n. 1, 2015.
- SILVA, Camila Costa; ELIAS, Luciana Carla dos Santos. Instrumentos de Avaliação no Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática. **Avaliação Psicológica**, v. 19, n. 2, p. 189-197, 2020.

## **Psicologia da carreira: como construir intervenções para promover a equidade de gênero no mundo do trabalho?**

*Minicurso - Psicologia Organizacional e do Trabalho*

**Olívia Pilar Perez Miziara**<sup>1</sup> [olivia.miziara@gmail.com](mailto:olivia.miziara@gmail.com)

**Letícia Barbosa Silva**<sup>1</sup> [leticiabsilvapsi@gmail.com](mailto:leticiabsilvapsi@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** O mercado de trabalho é marcado por uma significativa lacuna de gênero. Atualmente é possível observar avanços no nível de qualificação das mulheres, que equivale a 57,1% dos alunos matriculados e 59,9% dos alunos que concluem a graduação no ensino superior Brasileiro (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [Inep], 2021). Entretanto, mesmo com esses avanços, as mulheres ainda se deparam com desafios para ingressar e ascender em suas carreiras, principalmente em setores dominados por homens. Além de estarem majoritariamente concentradas nos setores de educação, saúde, trabalho social e comércio (Organização Internacional do Trabalho [OIT], 2021), elas seguem como minoria em cargos de liderança, representando apenas 31% dos cargos de direção nas organizações (Catalyst, 2022). Esse contexto revela a existência de barreiras sistêmicas que dificultam seu desenvolvimento de carreira. A discriminação de gênero tem um impacto negativo na progressão profissional das mulheres, limitando suas oportunidades de acesso a posições mais altas e de maior remuneração (Mate et al., 2019). Desse modo, são necessárias ações que visem combater a discriminação e as desigualdades presentes no mercado de trabalho, como é o caso de intervenções de carreira. Ao oferecer capacitação, oportunidades e suporte específico para esse grupo, é esperado que intervenções contribuam para criar ambientes mais justos, inclusivos e representativos, resultando em equipes mais diversas e inovadoras (Guthridge et al., 2022). Este minicurso propõe-se abordar a importância da diversidade e inclusão no contexto de carreira, com foco no desenvolvimento de intervenções que promovam a equidade entre os gêneros no mercado de trabalho. A fim de enfrentar os desafios da lacuna de gênero no mercado de trabalho, é fundamental que profissionais sejam capazes de desenvolver intervenções que promovam mudanças estruturais significativas e duradouras. Portanto, é esperado que ao final do minicurso, os participantes tenham adquirido conhecimentos fundamentais sobre a importância da equidade de gênero no trabalho, conheçam os principais tipos de intervenção de carreira voltado para mulheres, e estejam capacitados a planejar e implementar intervenções eficazes e alinhadas com a temática de gênero em suas práticas profissionais.

## Referências

- Catalyst. (2022). Women in management (Quick take). <https://www.catalyst.org/research/womenin-management/>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2021). Censo da Educação Superior 2021: Tabelas de divulgação. <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atauacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>
- Guthridge, M., Kirkman, M., Penovic, T., & Giummarra, M. J. (2022). Promoting gender equality: A systematic review of interventions. *Social Justice Research*, 35, 1-26. <https://doi.org/10.1007/s11211-022-00398-z>
- Mate, S. E., McDonald, M., & Do, T. (2019). The barriers and enablers to career and leadership development: An exploration of women's stories in two work cultures. *International Journal of Organizational Analysis*, 27(4), 857-874. <https://doi.org/10.1108/IJOA-07-2018-1475>
- Organização Internacional do Trabalho. (2017). World employment social outlook: Trend for women 2017. <https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/trends-for-women-2017/lang--en/index.htm>

## **Não discuto com o destino, o que pintar eu assino - Ética, Estética e política no acompanhamento terapêutico**

*Minicurso - Acompanhamento Terapêutico*

**Giovanna Paula Menezes<sup>1</sup>** [giovannapaulamenezes@gmail.com](mailto:giovannapaulamenezes@gmail.com)

**Mônica Rodrigues Cardoso<sup>1</sup>** [moonincarc@hotmail.com](mailto:moonincarc@hotmail.com)

<sup>1</sup> Apiá Coletivo

Resumo sobre a temática: O surgimento da clínica do acompanhamento terapêutico se especifica junto aos movimentos antimanicomiais e reformistas em diversos países. No Brasil, esses movimentos ainda embrionários desde 1970, culminaram na Reforma Psiquiátrica brasileira. Trata-se aqui, então, do acompanhamento terapêutico (A.T.) como ação multiprofissional aliada às políticas e práticas de desinstitucionalização. O acompanhamento terapêutico se instaura tendo como marco histórico a criação da primeira equipe de acompanhantes terapêuticos no então hospital-dia A Casa em São Paulo em 1979, e segue com experiências e práticas apresentando resultados efetivos de ressocialização e mediação das pessoas com sofrimento psíquico em articulação com seu meio de circulação e a rede de serviços de saúde. O A.T., sendo gestado no bojo do hospital psiquiátrico, tendo como precursor histórico o que no período da Reforma Psiquiátrica recebeu o nome de auxiliar psiquiátrico, tem como marca no desenvolvimento de seu campo de atuação a linha tênue entre o enrijecimento nos especialismos psis (psiquiátrico, psicológico e psicanalítico) e a abertura aos processos criativos de invenção de singularidades específicas da prática, fazendo da rua e de tantos outros espaços possíveis de circulação, uma clínica a céu aberto. Dito isso, consideramos a clínica do acompanhamento terapêutico antes como um modo de operar a clínica do que um modelo de atendimento clínico. Considerando o A.T. como esse modo de operação que pode atravessar o fazer clínico, entendemos que esse campo e seu escopo teórico-prático pode oferecer linhas críticas e de abertura ao corpo e pensamento para gestar: 1) uma política da rua, no sentido de se afirmar em par aos atravessamentos político-sócio-culturais presentes nas sociabilidades, 2) uma estética da composição, aliando o trabalho de acompanhar a um corpo que exerce sustentar o inesperado e as variabilidades que uma clínica em trânsito pode oferecer a fim de criar conexões interessantes e potentes não só à vida dos acompanhados, como também nas intervenções no espaço e 3) uma ética que se direciona a questionar, tensionar as concepções medicalizantes, estereotipadas e estigmatizantes sobre a loucura e as grupalidades consideradas à margem da hegemonia social ditada pelos parâmetros de supostas “normalidades” e “neutralidades”.

## Referências

- Barreto, K.D. (1998). Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico: Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança. São Paulo: Unimarco Editora.
- Carrozzo, N. (1991). Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa. A rua como espaço clínico.
- Freitas, A. P. (2018). Nas trilhas do acompanhamento terapêutico.
- Porto, M. A. (2013) pólis arquipélago: notas do acompanhamento terapêutico. *Psicologia & Sociedade*, 25, 2-8.

## Trilhando o Caminho da Compaixão: Introdução Terapia Focada na Compaixão

*Minicurso - Psicologia Cognitiva-Comportamental*

**Renata Ferrarez Fernandes Lopes<sup>1</sup>** [rfernandeslopes@ufu.br](mailto:rfernandeslopes@ufu.br)

**Emanuelle Oliveira Andrade<sup>1</sup>** [emanuelle@ufu.br](mailto:emanuelle@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo teórico da proposta:** A Terapia Focada na Compaixão - TFC (Compassion Focused Therapy - CFT), inaugurada por Paul Gilbert, surge como psicoterapia e estratégia de intervenção clínica, sobretudo por ter sido desenvolvida com e para pessoas que têm problemas de saúde mental crônicos e complexos ligados à vergonha e autocrítica, e que com frequência vivenciaram histórias difíceis (por exemplo, negligência ou abuso). Para a TFC, a compaixão é um construto psicológico mensurável, que estabelece a relação e previsão de variáveis físicas e psicológicas e que tem uma base biológica. Há uma série de áreas cerebrais relacionadas à compaixão e um circuito cerebral que a sustenta (Campayo, 2018). Segundo Gilbert, a compaixão permite ativar o sistema de calma e satisfação - o único capaz de contratar o excesso de estímulo produzido pelos sistemas de ameaça/proteção/conquista, deixando-nos recuperar a tranquilidade e a felicidade. A que se ressaltar que, o centro do trabalho de Gilbert se dá naquilo que ele chama de autocrítica que se refere àquele *diálogo interno ruminativo* que favorece o surgimento da depressão e, na vergonha uma emoção desagradável, associada a sentimentos de inferioridade, autocrítica destrutiva, comportamentos de ocultamento, evitação do conflito com o grupo e o ostracismo. A prática da compaixão é desafiadora porque envolve aprender a relaxar e a permitir se mover, gentilmente, em direção daquilo que nos assusta. Pema Chödrö, monja budista americana, afirma que "ao cultivarmos a compaixão, usamos a totalidade da nossa experiência - nosso sofrimento, nossa empatia, assim como nossa crueldade e nosso terror. Tem que ser assim. A compaixão não é um relacionamento entre aquele que cura e o ferido. É um relacionamento entre iguais. Somente quando conhecemos bem a nossa própria escuridão podemos estar presentes nas trevas dos outros. A compaixão se torna real quando reconhecemos a humanidade que compartilhamos." Desta maneira, a Teoria Focada na Compaixão, conforme leciona o psicoterapeuta Paul Gilbert e outros pesquisados em compaixão, contribui com uma metodologia de educação renovadora para a melhoria da mente, cuja abordagem utiliza-se diversas intervenções entre elas: a relação terapêutica, diálogos socráticos, descoberta guiada, psicoeducação, *mindfulness*, entre outras. Assim, o objetivo desta proposta de Minicurso é apresentar as bases e as algumas ferramentas de desenvolvimento e fortalecimento (aspecto psicoeducacional) de habilidade, qualidades e competências mentais com base na Terapia

Focada na Compaixão e promover maneiras práticas de compreender e trabalhar com TFC na prática clínica.

### **Referências**

- GILBERT, Paul. Teoria Focada na Compaixão. Trad. Cecília Bartalotti. 4<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Hogrefe. 2019. p.12.
- GILBERT, Paul, Simos, G. Compassion focused therapy: Clinical practice and applications. Routledge, 2022.
- CAMPAYO, Javier García. MARTÍ, Ausiàs Cebolla i, DEMARZO, Marcelo M. P.. A Ciência da Compaixão. Trad. Denise Sanematsu Kato. São Paulo: Palas Athena, 2018, p.83.
- CHODRO, Pema. Os lugares que nos assustam: um guia para despertar nossa coragem em tempos difíceis. Trad. José Carlos G. Ribeiro, Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

## Decolonizando a carreira de mulheres negras: desafios e possibilidades

*Minicurso - Psicologia Étnico-racial*

**Laís Araújo Pontes<sup>1</sup>** [laislaap@ufu.br](mailto:laislaap@ufu.br)

**Ligia Carolina Oliveira-Silva<sup>1</sup>** [ligiacarol@uful.com](mailto:ligiacarol@uful.com)

**Dyeinne Pereira Fernandes<sup>1</sup>** [dyeinnepf@gmail.com](mailto:dyeinnepf@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** Falar sobre a mulher no mercado de trabalho é desafiador pela desigualdade de cargos e salários e a garantia de seus direitos, mas também porque esbarra em uma questão emblemática ao se discutir gênero: quando falamos de mulher, de qual mulher estamos falando? Considerando que não existe apenas "uma mulher" que sintetize todas as categorias e condições específicas às quais estamos inseridas e/ou sujeitas, pretende-se abranger a interdependência entre gênero, raça e classe, a partir da interseccionalidade. Embora esse termo tenha surgido apenas em 1989 com Kimberlé Crenshaw, tal debate o antecede e remete à luta do feminismo negro e pensamento de autoras e ativistas como Sojourner Truth, Angela Davis e Patrícia Hill Collins, a quem se soma as brasileiras Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Beatriz Nascimento.

No Brasil e no mundo, as mulheres negras representam a população com maior precariedade nas relações de trabalho e poucas oportunidades de mobilidade social. Aliado à perspectiva da interseccionalidade, entende-se que mulheres negras enfrentam uma dupla desvantagem na intersecção de gênero e raça, ademais o conceito de racismo de gênero auxilia a compreender a complexidade das opressões vivenciadas por elas, pois coloca em foco a interação entre o racismo e o sexism, isto é, o impacto do viés racista sobre as percepções dos papéis de gênero. Infelizmente, as experiências de mulheres brancas são generalizadas como a experiência universal de discriminação de gênero nas organizações. Neste sentido, a proposta deste minicurso é "descolonizar" a literatura e prática da orientação de carreira, através do enfoque nas especificidades e barreiras enfrentadas pela mulher negra, partindo da Teoria Social Cognitiva de Desenvolvimento de Carreira (TSCDC) e da Prática de Aconselhamento Feminista. Para isto, será realizada a exposição teórica de conceitos importantes referentes à carreira da mulher negra no mercado de trabalho e, no segundo bloco, será feita a apresentação de uma vinheta clínica de orientação profissional específica sobre a temática e discussão com os participantes.

### Referências

Almeida, S. L. (2019). Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA.

- Bento, M. A. D. S. (2002). Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Universidade de São Paulo.
- Cirincione-Ulezi, N. Black Women and Barriers to Leadership in ABA. *Behav Analysis Practice* 13, 719–724 (2020). <https://doi.org/10.1007/s40617-020-00444-9>
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *U. Chi. Legal F.*, 139.
- Davis, A. (2016). Mulheres, raça e classe. Boitempo Editorial.
- Gonzalez, L. (2020). Por um feminismo afro-latino-americano. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Lewis, J. A., Mendenhall, R., Harwood, S. A., & Browne Hunt, M. (2016). “Ain’t I a woman?” Perceived gendered racial microaggressions experienced by Black women. *The Counseling Psychologist*, 44(5), 758-780.
- Lewis, J. A., & Neville, H. A. (2015). Construction and initial validation of the Gendered Racial Microaggressions Scale for Black women. *Journal of Counseling Psychology*, 62(2), 289–302. <https://doi.org/10.1037/cou0000062>
- Martins, T. V., Lima, T. J. S. D., & Santos, W. S. (2020). O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 2793-2802. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>
- Nascimento, B. (2019). A mulher negra no mercado de trabalho. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 259-263.
- Oliveira-Silva, L., Pontes, L., Lopes, B., Reis, L., & Santos, R. (2023). Orientação de carreira para mulheres negras: Desafios e necessidades. In *Dos contextos educativos e formativos ao mundo do trabalho: Implicações para a construção de carreira*, 557–572.
- O'Neill, R. M., Shapiro, M., Ingols, C., & Blake-Beard, S. (2013). Understanding women's career goals across ethnic identities. *Advancing Women in Leadership Journal*, 33, 196-214.
- Peila-Shuster, J. J., & Hines, E. M. (2019). Career Construction Counselling with Women Through a Feminist Lens. *Handbook of Innovative Career Counselling*, 289–306. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-22799-9\\_17](https://doi.org/10.1007/978-3-030-22799-9_17)
- Portela Júnior, A., & Lira, B. (2022). Améfrica Ladina e a crítica à democracia racial em Lélia de Almeida Gonzalez. *Horizontes Antropológicos*, 28, 105-131.
- Ranavaya, V. (2022). Decolonising career guidance: Experiences of female, BAME career guidance professionals through the lens of intersectionality theory. *Journal of the National Institute for Career Education and Counselling*, 48(1), 40-47.

## **A droga da obediência: contribuições para uma prática desmedicalizante em Psicologia**

*Minicurso - Psicologia Escolar e Educacional*

**Carmen Lúcia Reis<sup>1</sup>** [carmenreis@ufu.br](mailto:carmenreis@ufu.br)

**Anabela Almeida Costa e Santos Peretta<sup>1</sup>** [anabela@ufu.br](mailto:anabela@ufu.br)

**Maria Clara Perez Cazellato<sup>1</sup>** [maria.cazellato@ufu.br](mailto:maria.cazellato@ufu.br)

**Josy Marianny Gomes Oliveira<sup>1</sup>** [josygomes@ufu.br](mailto:josygomes@ufu.br)

**Pedro Vittor Garcias Gonçalves<sup>1</sup>** [pedrovittor@ufu.br](mailto:pedrovittor@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** A medicalização é um fenômeno que age na individualização de questões de ordem social, política e econômica, utilizando-se da lógica biologizante como maneira de inseri-las artificialmente no campo de atuação médica, para prescrever e reiterar normas hegemônicas de ser, sentir e se relacionar. Esse discurso ganha status de controle social e, associado a uma lógica neoliberal de sujeito e sociedade, passa a ser utilizado como maneira de sustentar valores e comportamentos que otimizem a produção e o consumo. Dessa maneira, na busca por modos de ajustamento, a indústria farmacêutica entra em campo na produção e venda de pílulas que promovem alterações comportamentais nos sujeitos, tornando-os aptos ao que é considerado normal pela cultura ocidental, sendo privilegiada em detrimento a outras práticas de saúde. A psicologia ao longo da sua história se aliou com a lógica medicalizante, em especial na sua interface com a educação, buscando ajustar crianças e jovens a uma ideia descontextualizada e generalizada de desenvolvimento humano, testando, classificando e diagnosticando no indivíduo aquilo que é visto como dificuldade ou desvio, sem olhar para a materialidade da vida em que ele está inserido. Com o aumento excessivo da procura e do consumo de medicamentos psicotrópicos urge a necessidade de pensarmos uma maneira mais contextualizada sobre como agimos de modo individualizante diante de sofrimentos compartilhados enquanto sociedade. É preciso repensar a maneira como os diagnósticos são feitos, tendo em vista os critérios de classificação entre o dito “normal” e aquilo que é considerado “patológico”. Além disso, o trabalho multidisciplinar viabiliza o olhar crítico diante das condições concretas que expressam a desigualdade presente em nosso país e culminam nos diversos modos de sofrimentos vistos como exclusivamente individuais. Diante dessas questões, são necessários espaços de discussão que promovam intervenções e práticas que se afastem da lógica medicalizante e possibilitem a formação de profissionais críticos que não desconsiderem o contexto e a individualidade de cada sujeito. Tendo em vista

o exposto, a atividade proposta visa criar um espaço de diálogo e construção de intervenções desmedicalizantes na interface com a educação, com base na Psicologia Histórico-Cultural.

### **Referências**

- Freitas, F. (2017). *Medicalização em Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Mutarelli, A. (2021). O perigo da medicalização na formação em psicologia. In: Lemos, F. C. S., et al (Orgs.). *Formação em Psicologia: entrelaços da educação, trabalho, saúde e políticas sociais no ensino, pesquisa e extensão*. Curitiba: Editora CRV.
- Sanches, N.; Tessaro, Leonardo; Silva, S. M. C. da; Leal, Z. F. de R. G. (2021). *A (Des)Patologização do processo de escolarização: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá.
- Oliveira, E. C. de; Viégas, L. de S.; Neto, Hélio, da S. M. (2021). *Desver o mundo, perturbar os sentidos: caminhos na luta pela desmedicalização da vida*. Salvador: EDUFBA.

## Possibilidades interventivas em psicoterapia do luto

*Minicurso - Luto*

**Willian Araujo Moura<sup>1</sup>** [willian.araujo.moura@gmail.com](mailto:willian.araujo.moura@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade de Brasília

**Resumo sobre a temática:** O luto é um processo que ocorre diante do rompimento de vínculos, separações e mortes, podendo ser compreendido a partir de diversas perspectivas, teorias e ciências (Franco, 2021), entre elas a Psicologia. Dentre as possibilidades de atuações do psicólogo, emerge a psicoterapia, uma prática de intervenção desenvolvida em contexto clínico a partir de uma demanda psicológica, que visa a promoção de saúde mental (Conselho Federal de Psicologia, 2022). Nessa perspectiva, destaca-se a psicoterapia em casos de luto que, apesar de já existirem importantes materiais e discussões teórico-práticas (Franco, 2021; Franco & Polido, 2014; Parkes, 1998, 2009; Stroebe & Schut, 2009; Stroebe & Schut, 2010; Worden, 1998), ainda se mostra lacunar e com pouca consistência nas atuações cotidianas dos profissionais da psicologia, conforme percebido em nossa experiência na docência e supervisão de graduandos e psicólogos. Deparamo-nos ainda com formações ainda frágeis ou, até mesmo, com ausências de estudos e pesquisas concernentes à temática nas graduações e pós-graduações. Destaca-se também o impacto da vivência da pandemia de Covid-19 no que se refere à psicoterapia do luto, seja no que se refere à demanda, mas também na explicitação da importância da formação profissional e de inúmeras atuações não pautadas em conhecimentos científicos e atualizados acerca da temática. Ademais, vale ressaltar que o enlutamento não ocorre somente em situações de mortes, mas também a partir de separações e perdas, por exemplo. **Objetivo:** Assim, propomos um minicurso teórico-prático acerca da psicoterapia em casos de lutos, objetivando colaborar com uma formação e atuação mais científica, crítica e ética em psicoterapia realizada por psicólogos. **Método:** O minicurso ocorrerá por meio de estudos teóricos, estudos de caso e simulação de atendimentos, mediados também por produções estéticas. **Resultados:** Espera-se a construção coletiva de possibilidades interventivas em possíveis processos psicoterápicos em casos de luto, considerando diversos contextos, tipos e vivências, contribuindo, assim, para uma atuação pautada na científicidade e no respeito à diversidade humana e à ética profissional. **Discussão:** A atuação em psicoterapia do luto pauta-se na indissociabilidade entre teoria e prática, sendo imprescindível ações de formação desde a graduação, podendo realizar-se também na formação continuada, seja na pós-graduação, na supervisão, em cursos e minicursos, leituras e encontros científicos. **Considerações Finais:** Reconhecemos que se trata de uma proposta com limitações, pois a psicoterapia do luto caracteriza-se como um

extenso campo de investigação e intervenção, com inúmeros caminhos possíveis. Contudo, defendemos a importância desta ação proposta e acreditamos em sua contribuição para a formação e atuação em psicologia.

## Referências

- Conselho Federal de Psicologia (2022). *Resolução CFP nº 13*, de 15 de junho de 2022.
- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno*. Summus.
- Franco, M. H. P., & Polido, K. K. (2014). *Atendimento psicoterapêutico no luto*. Zagodoni.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta* [3 ed]. Summus.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. Summus.
- Stroebe, H. & Stroebe, M. (2010). The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Published Online*, 197-224.
- Stroebe, M. & Schut, H. (1999). The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death Studies*, 23, 197-224.
- Worden, J. W. (1998). *Terapia do luto: Um manual para os profissionais de saúde mental*. Artes Médicas.

## **A Epistemologia Psicanalítica da Diferença Sexual: Diálogos Críticos com Paul B. Preciado e Patrícia Porchat**

*Minicurso - Psicanálises*

**Arthur Alves de Oliveira Silva<sup>1</sup>** [alvesarthur11@gmail.com](mailto:alvesarthur11@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** A psicanálise tem a sexualidade como um dos pilares de sua fundamentação teórica. Toda teoria, no entanto, precisa ser situada historicamente, visando a compreensão suas particularidades. Sigmund Freud, pai da psicanálise, foi um médico neurologista. Logo, seus fundamentos psicanalíticos não deixaram de ter como pano de fundo um viés normatizador e corretivo característicos da Medicina, especialmente no que diz respeito à sexualidade. No entanto, teorias e práticas são revistas constantemente a partir de discussões críticas que permitem atender às demandas contemporâneas. Uma destas é a compreensão da diversidade sexual, das construções sobre o conceito de gênero e sobre como a psicanálise responde, de forma normatizadora ou subversiva, a essas questões. Patrícia Porchat recupera Foucault para demonstrar como desejos são constituídos no curso de práticas sociais históricas específicas. Essa pesquisadora escreveu “Psicanálise e transsexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler”, obra brasileira importante para compreensão de como foram pensadas, na história da psicanálise, as categorias de gênero, complexo de Édipo, homossexualidade, dentre outras. Ela apresenta autoras feministas que trouxeram perspectivas outras para o trabalho clínico em psicanálise, desconstruindo conceitos cristalizados e que eram dados como naturais. Além dela, fora do Brasil, também temos o autor Paul B. Preciado, homem trans, que escreveu a obra “Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas”, transcrição completa de uma fala que foi feita num evento para mais de 3.000 psicanalistas na França, na qual endereçou diversas críticas e questionamentos sobre como foram trabalhadas as questões de gênero e de diferença sexual desde Freud até os tempos atuais. O autor vai até a fonte epistemológica psicanalítica da Antropologia e da História para fazer contraponto sobre como essas bases fundaram uma perspectiva frequentemente patologizante e normatizadora. Dessa forma, é patente a relevância de trabalhos atuais que buscam situar a formação psicanalítica de forma crítica, atenta e cuidadosa. Quando falamos de dissidências de gênero e sexualidade dentro da psicanálise, é sempre necessário buscar um paradigma epistemológico que não se apoie em dicotomias excludentes e revitimizantes. É um dever ético e político de psicanalistas em formação a busca por se alinhar a leituras que não torne a existência de determinadas formas de se posicionar na linguagem e no mundo como uma

doença, uma patologia e, nas palavras de Preciado, uma monstruosidade. É nesse diapasão que se encontra a justificativa para esse minicurso, em que serão apresentados os autores e as obras supracitadas. **Objetivos:** apresentar conteúdos críticos acerca da epistemologia psicanalítica a partir de autores contemporâneos; oferecer um espaço de discussão acerca dos conceitos fundamentais da psicanálise, sob o olhar de Paul B. Preciado e Patrícia Porchat.

### **Referências**

- Porchat, P. (2014). Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. Juruá Editora.
- Preciado, P. B., & York, S. W. (2021). Eu sou o monstro que vos fala, de Paul B. Preciado. *Cadernos PET Filosofia*, 22(1), 278-331. <http://dx.doi.org/10.5380/petfilo.v22i1.88248>

## **Dores silenciadas: vivência de mulheres que vivem com HIV, gestantes ou lactantes, e seus parceiros sexuais na província de Gaza – Moçambique**

*Roda de Conversa – Psicologia Clínica*

**Bento Saloio Daniel Mazuze<sup>1</sup>** [loymz@yahoo.com.br](mailto:loymz@yahoo.com.br)

Universidade Eduardo Mondlane

**Resumo sobre a temática:** No mundo, cerca de 16 milhões de mulheres vivem com HIV, muitas delas em idade reprodutiva. Esses níveis de infecção e as taxas de transmissão vertical ainda trazem grandes preocupações, devido à pouca intervenção terapêutica precoce em muitos países africanos. Em Moçambique, nação da África Subsaariana, os índices de prevalência do HIV são de 13,2%, colocando o país em segundo lugar na conta de novas infecções, atrás apenas da África do Sul. **Objetivo:** conhecer as experiências e as principais dificuldades vivenciadas pelas gestantes ou lactantes soropositivas e seus parceiros sexuais no contexto específico. **Metodologia:** Estudo qualitativo realizado em Chókwè na província de Gaza- Moçambique. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com mulheres gestantes ou lactantes que vivem com HIV, com seus parceiros sexuais e com profissionais de saúde. Foram realizados grupos focais com mães mentoras e entrevista em grupo com pais mentores. As entrevistas e os encontros foram gravados com gravador de voz e transcritas na íntegra. As informações passaram pelo processo de análise temática. **Resultados e discussão:** Participaram no estudo dez mulheres gestantes ou lactantes soropositivas e um parceiro sexual; treze mães mentoras e dois pais mentores; duas enfermeiras de Saúde Materno Infantil e uma psicóloga. Os achados, revelam que as participantes associam o diagnóstico do HIV ao teste de gravidez ou ao parto e o período da gestação e da amamentação é marcado pelo medo de infectar o filho pelo vírus. As mulheres escondem seu estado sorológico para o marido, a família e a comunidade por medo das consequências relacionadas com normas sociais rígidas e interferência de fatores culturais. Os resultados dos profissionais de saúde trouxeram questões similares aos das mulheres vivendo com HIV, entretanto ressaltam a falta de profissionais para oferecer atendimento de qualidade. Constatou-se que na unidade de Saúde e na comunidade utilizam palestras como única estratégia de educação em saúde, apesar de pouca eficácia. **Conclusões:** Constatou-se que existem ainda muitas barreiras para prevenção da transmissão vertical em Moçambique, em especial, qualidade do aconselhamento e dificuldades de acesso ao serviço seja por falta de dinheiro ou pelas normas sociais e familiares que não reconhecem a autonomia da mulher. Há necessidade de maior apoio para as mães que não desejam amamentar assim como para aquelas em maior vulnerabilidade socioeconómica. Recomenda-se maior investimento nas estratégias de apoio

psicossocial e envolvimento comunitário, utilizando alternativas como a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) e Educação Popular. Sugere-se o envolvimento de lideranças comunitárias no processo desenvolvimento de um programa de intervenção e promoção de saúde mental para mulheres gestantes ou lactantes soropositivas,

## Referências

- Albernaz, L. S., & Longhi, M. (2009). *Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres*. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. Gênero, diversidade e desigualdades na Educação: interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: Editora Universitária UFPE, pp. 75-95.
- Alvarenga, W. A., Nascimento, L. C., Leal, C. L., Fabbro, M. R. C., Bussadori, J. C. C., Melo, S. S. S., Cartagena-Ramos, D., & Dupas I, D. (2019). *Mães vivendo com HIV: a substituição do aleitamento por fórmula láctea infantil*. Rev Bras Enferm. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0880>.
- Anderson, C. M., Reiss, D., & Hogarty, B. (1986). *Schizophrenia and the family*. New York: Guilford Press.
- Andrade, C. J., Baccelli, M. S., & Benincasa, M. (2017). *O vínculo mãe-bebê no período de puerpério: uma análise winnicottiana*. São Paulo. ISSN 1806-2490.
- Andrade, H. M. M. (2010). *VIVER a dois com HIV: A Experiência de casais em situação de Sorodiscordância*. <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/12599/1/UFBA%20FINAL.pdf>.
- Andrade, R. G., & Iriart, J. A. B. (2015). *Estigma e discriminação: Experiências de mulheres HIV positivas nos bairros populares de Maputo, Moçambique*. Caderno Saúde Pública, 31(3), 565-573. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00019214>.
- Arteiro, I. L. (2017). *A mulher e a maternidade: Um exercício de reinvenção*. Recife. [http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/973/5/isabela\\_lemos\\_arteiro\\_ribeiro\\_lins.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/973/5/isabela_lemos_arteiro_ribeiro_lins.pdf).
- Azevedo, V. C. C. (2004). Gravidez soropositiva. In M. C. Prado (Org.), *Mosaico da violência: a perversão da vida cotidiana* (pp. 193-240). São Paulo: VetoGonçalves, T.
- R. e Piccinini, C. A. (2007). *Aspectos Psicológicos da Gestação e da Maternidade no Contexto da Infecção pelo HIV/Aids*. (pp 113-142). São Paulo. <https://www.scielo.br/j/pusp/a/JcfmsJsLgHTqhBXLbXydBgC/abstract/?lang=pt>. Pruessler, G.
- Barbosa, R. H. S. (2001). *Mulheres, reprodução e aids: As tramas da ideologia na assistência à saúde de gestantes HIV+* (tese de doutorado, Fundação Oswaldo Cruz). [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4547/2/ve\\_Regina\\_Barbosa\\_ENSP\\_2001.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4547/2/ve_Regina_Barbosa_ENSP_2001.pdf).

- Barbour, R. (2009). *Grupos Focais*. Porto Alegre, R. S: Artmed.
- Bastos, R. A., Bellini, N. R., Vieira, C. M., Campos, C. J. G., & Turato, E. R. (2019). *Psychological phases of pregnant women with HIV: a qualitative study in a hospital*. Revista Bioética, 27(2), pp. 281-288. <https://doi.org/10.1590/1983-80422019272311>.
- Batista, B. C., & Silva. L. R. (2007). *Sentimentos de mulheres soropositivas para HIV diante da impossibilidade de amamentar*. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452007000200013](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452007000200013).
- Batista, C. B., & Silva, L. R. (2007). *Sentimentos de mulheres soropositivas para HIV diante da impossibilidade de amamentar*. <https://www.scielo.br/j/ean/a/MwNq3mrdKPmr87pwYjCLTtz/abstract/?lang=pt>.
- Bellotto, P. C. B., Lopez, L. C., Piccinini, C. A., & Gonçalves, T. R. (2019). *Entre a mulher e a salvação do bebê: experiências de parto de mulheres com HIV*. Interface: Comunicação, saúde, educação. (Botucatu) [online]. (Vol. 23), e180556. <https://doi.org/10.1590/interface.180556>.
- Bick, M. A., Ribeiro, P. L., Ferreira, T., Padoin, S. M. M., & Paula, C. C. (2017). *Intervening factors in the feeding of infants vertically-exposed to HIV: an integrative review*. Pan American Journal. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2017.114>.
- Brasil, (2016). *O serviço social na atenção as pessoas que vivem com HIV/aids: uma experiência do processo de trabalho do assistente social em um hospital universitário*. <https://www.cressrj.org.br/wp-content/uploads/2016/05/038.pdf>.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). *Using thematic analysis in psychology*. Qualitative Research in Psychology, 3(2), 77-101. ISSN 1478-0887. <http://eprints.uwe.ac.uk/11735>.
- Cabral, M. V., & Silva, P. A. (2010). *A adesão à terapêutica em Portugal: Atitudes e comportamentos da população portuguesa perante as prescrições médicas*. Imprensa de Ciências Sociais. <http://hdl.handle.net/10451/11160>.
- Caetano, J. A. & Pagliuca, L. M. F. (2006). *Autocuidado e o Portador do HIV/AIDS: Sistematização da Assistência de Enfermagem*. Revista Latino-am. Enfermagem. <https://www.scielo.br/j/rlae/a/T9NLWz6Tvr5TKF9s4JV4zqt/?format=pdf&lang=pt>.
- Camarano, A. A. (1998). *Fecundidade e anticoncepção da população de 15-19 anos*. In: Vieira, E. M. et al. (Org.). Seminário gravidez na adolescência. São Paulo: Associação Saúde da Família.
- Camarneiro, A. P. F. (2021). *Adesão terapêutica: contributos para a compreensão e intervenção*. Revista de Enfermagem Referência. (Vol. v, n. 7), Coimbra. <https://www.redalyc.org/journal/3882/388269408015/html/>.

- Cardoso, G. C. P., & Arruda, A. (2005). *As representações sociais da soropositividade e sua relação com a observância terapêutica*. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro. (Vol. 10, n. 1, pp. 62-15).
- Carmo, M. E., & Guizardi, F. L. (2018). *O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social*. Doi: 10.1590/0102-311X00101417.
- Carneiro, A. J. S., & Coelho, E. A. C. (2010). *Aconselhamento na testagem anti-HIV no ciclo gravídico-puerperal: o olhar da integralidade*. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700031>.
- Carneiro, A., Cabrita, A., & Menaia, M. (2006). *A experiência psicológica da gravidez na mulher seropositiva para o HIV Lisboa*. [on line]. 2003 set; [citado 11 jun 2006]; 4º Congresso: [aprox 12 telas]. <http://www.aidscongress.net/pdf.177.pdf>.
- Cartaxo C. M. B., Nascimento, C. A. D., Diniz, C. M. M., Brasil, D. R. P. A., & Silva, I. F. (2013). *Gestantes portadoras de HIV/AIDS: aspectos psicológicos sobre a prevenção da transmissão vertical*. Estud. psicol. (Natal) [online]. (Vol. 18, n.3, pp. 419-427). <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300002>.
- Carvalho, F. T., & Piccinini, C. A. (2006). *Maternidade em situação de infecção pelo HIV: um estudo sobre os sentimentos de gestantes*. *Interações em Psicologia*, 10(2), 345-355.
- Carvalho, F. T., Faria, E. R., Gonçalves, T. R., Moskovics, J. M., & Piccinini, C. P. (2009). *Intervenção psicoeducativa para gestantes vivendo com HIV/SIDA: uma revisão da literatura*. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*. Lisboa.
- Carvalho, P. P., et. al. (2019). *Fatores associados à adesão à terapia antirretroviral em adultos: revisão integrativa de literatura*. *Ciências & Saúde Coletiva*, 2019; 24(7):2543-55.
- Casimiro, I., et al. (2012). *Relatório de pesquisa do Projecto de Pesquisa "Desafio do Sida nas suas Dimensões Socioeconómicas, Culturais e Políticas no Brasil, África do Sul e Moçambique 2011-2012"*. Maputo.
- Cavalcante, M. A. E. S. (2020). *O impacto do diagnóstico do HIV na gravidez ou pós parto e seus efeitos na vida das mulheres: revisão integrativa de literatura*. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/13157/11859/173277>.
- Chanty, S. H. (2007). *Gender, generation and poverty: exploring the feminization of poverty in Africa, Asia and Latin America*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Chidassicua, J. B. (2011). *Práticas e saberes socioculturais sobre saúde, doença e morte de crianças de 0 a 5 anos de idade, na comunidade de Mopeia (Moçambique)*. São Paulo. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-15062011-114237/pt-br.php>.
- Conceição, M. I. G., et. al. (2019). *Rede Internacional de Excelência no Ensino da Pesquisa Qualitativa em Saúde: Estratégias Iniciais e Propostas de Futuro*. In C. Antloga, K. T.

- Brasil, S. R. L. Santos, M. S. Neubern, E. Queiroz (Eds.), *Psicologia clínica e cultura contemporânea* 4 (pp. 467-482). Brasília: Technopolitik. <http://www.redequali.unb.br/index.php/pt/recursos/textos>.
- Conselho Nacional de Combate ao SIDA (2022). *Plano Estratégico Nacional de resposta ao HIV e SIDA - PEN V (2021 - 2025)*. <https://cncs.gov.mz/noticia/>.
- Contin, C. L. V. (2010). *Experiência da mãe HIV positivo diante do reverso da amamentação*. Revista, Juiz de Fora, (Vol. 36, n. 4, pp. 278-284). <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/download/1172/458/6691>.
- Cota, V. L., & Cruz, M. M. (2021). *Barreiras de acesso para Homens que fazem Sexo com Homens à testagem e tratamento do HIV no município de Curitiba*. <https://scielosp.org/article/sdeb/2021.v45n129/393-405/pt/>.
- Cuinhané, C. E. (2019). *Role of social norms on pregnancy care and infant feeding among hiv-positive women in rural maputo province, Mozambique*. Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. soc.. (Vol. 1, n. 2, pp 54-76). ISSN 2307-3918.
- Cunha, P. L. P., Cunha, C. S., & Alves, P. F. (2014). *Manual de Revisão Bibliográfica. Edição grupo Anima Educação*.
- De Andrade, M. D. C. et. al. (2018). *O conhecimento de pessoas vivendo com HIV/AIDS sobre a Terapia Antirretroviral*. Enferm Glob. nº 17(1):p. 96. [https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v17n49/pt\\_1695-6141-eg-17-49-00096.pdf](https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v17n49/pt_1695-6141-eg-17-49-00096.pdf).
- Dias, J. V. S., & Amarante, P. D. C. (2021). *Educação popular e saúde mental: aproximando saberes e ampliando o cuidado*. Rio de Janeiro, (Vol. 46, n. 132, pp. 188-199). DOI: 10.1590/0103-1104202213213.
- DW (2017). *Porque as mulheres estão mais vulneráveis ao HIV/SIDA em Moçambique*. <https://www.dw.com/pt-002/porque-as-mulheres-estão-mais-vulneráveis-ao-hiv-sida-em-moçambique/a-39880616>.
- Esteves, T. M. B. (2000). *Olhando o passado e repensando o futuro: a desconstrução do paradigma da amamentação, em relação ao vírus da imunodeficiência humana na transmissão vertical* [Dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO.
- Ethier, K. A., Ickovics, J. R., Fernandez, M. I., Wilson, T. E., Royce, R. A., & Koenig, L. J. (2002). *The perinatal guidelines evaluation project HIV and pregnancy study: overview and cohort description*. Public Health Reports, 117, 137-147. doi: 10.1093/phr/117.2.137.
- Faria, D. P. S., & Lopes, V. A. S. (2020). *O serviço social ante o controle do hiv/aids: uma análise com ênfase nos condicionantes do processo saúde-doença*. <http://purl.oclc.org/r.ml/v6n2/d6>.

- Fendler, F. S., Melo, J. F., Gatti, J. C., Barbosa, N. P., & Costa, G. A. (2021). *Fatores associados à transmissão vertical do hiv nos últimos 10 anos no brasil*. Belo Horizonte, Editora UniBH: (Vol. 14, n. 2, pp. 51 -66). [www.unibh.br/revistas/escientia](http://www.unibh.br/revistas/escientia).
- Fendler, F. S., Melo, J. F., Gatti, J. C., Barbosa, N. P., & Costa, G. A. (2021). *Fatores associados à transmissão vertical do HIV nos últimos 10 anos no Brasil*. e-Scientia, Belo Horizonte, (vol. 14, n. 2, pp. 51 -66). Editora UniBH. [www.unibh.br/revistas/escientia/](http://www.unibh.br/revistas/escientia/).
- Galvão, M. T. G. (2013). *Estratégias de mães com filhos portadores de HIV para conviverem com a doença*. Enferm. nº 18(2): pp. 7-230. Fortaleza-Brasil. Disponível: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/27630>.
- Gir, E., Canini, S., Prado, M. A., Carvalho, M. J., Duarte, G., & Reis, R. K. (2004). *A feminização da AIDS: conhecimentos de mulheres soropositivas sobre a transmissão e prevenção do HIV-1*. Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis, 16(3), 73-76.
- Gomes, D. T., Xavier, G. B., Almeida, T. V., & Carvalho, V. P. S. (2021). *Rede de apoio social à gestante que vive com HIV: revisão integrativa*. <https://brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/45944>.
- Gomes, R., Nascimento, E. F., & Araújo, F. C. (2007). *Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior*. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000300015>.
- Gomes. M. P., et al. (2021). *A vivência do preconceito após a revelação da soropositividade para o HIV*. Revista Rede de Cuidados de Saúde. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1282399>.
- Gonçalves, T. R., & Piccinini, C. A. (2008). *Experiência da maternidade no contexto do HIV/AIDS aos três meses de vida do bebê*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24 (4), 459-470.
- Gonçalves-Germani, A. C. C., & Aith, F. (2013). *Advocacia em promoção da saúde: conceitos, fundamentos e estratégias para a defesa da equidade em saúde*. Revista De Direito Sanitário, 14(1), 34-59. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9044.v14i1p34-59>.
- Gonçalves-Pereira, M., Xavier, M., Neves, A., Barahona-Correa, B., & Fadden, G. (2006). *Intervenções familiares na esquizofrenia: dos aspectos teóricos à situação em Portugal*. Acta Médica Portuguesa, 19(1), 1-8.
- Granjo, P. (2009). *Saúde e doença em Moçambique*. Lisboa. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000400002>.
- Guimarães, C. D. (1996). *“Mais Merece!”: o estigma da infecção sexual pelo HIV/AIDS em mulheres*. Estudos Feministas.

- Heilborn, M. L. (2002). *Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, (Vol.8, n. 17, pp. 13-44).
- Hoffmann, Santos, Silva, Paula, Padoin & Barros (2014). *Fatores que interferem na transmissão vertical do HIV: revisão integrativa*. Revista: Enfermagem Obstétrica. Pp 31-39. <http://www.enfo.com.br/ojs/index.php/EnfObst/article/viewFile/8/10>.
- Hoogbruin, A. L. (1999). *Affirming Life despite a Poisoned Fate: a grounded theory of reproductive decision-making among women living with HIV*. (Mimeo) Tese de Doutorado apresentada à University of British Columbia, Canadá, (217 pgs).
- Horne, R., Chan, A., & Wileman, V. (2019). *Adherence to treatment*. In T. Revenson & R. Gurung (Eds.), *Handbook of psychology* (pp. 148-161). Taylor and Francis.
- Ingram, D., & Hutchinson, S. A. (2000). *Double binds and the reproductive and mothering experiences of HIV-positive women*. Qualitative Health Research, 10(1), 117-132.
- Joaquim, J. M. F. (2012). “Eu vi Elas Dando o Peito e Eu Não Podia Dar” Representações e práticas de Mulheres vivendo com HIV/Aids sobre Aleitamento Materno. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49160>.
- Joint United Nations Program on HIV/AIDS. (2016). *Global report: Get on the Fast-Track: the life-cycle approach to HIV*. Geneva, Switzerland. <https://www.unaids.org/en/resources/documents/2016/get-on-the-fast-track>.
- Joint United Nations Programme on HIV/ aids. (2018). *Miles To Go Closing Gaps Breaking Barriers Righting Injustices*. <http://www.unaids.org/sites/default/files/media-asset/org/sites/default/files/pub-pdf/CSE-Global-Review-2015.pdf>.
- Joint United Nations Programme on HIV/ aids. (2018). *Acabando com a epidemia de SIDA entre crianças, adolescentes e mulheres jovens*. <https://unaids.org.br/2018/04/ acabando-com-a-epidemia-de-aids-entre-criancas-adolescentes-e-mulheres-jovens>.
- Joint United Nations Programme on HIV/ aids. (2020). *Relatório sobre a epidemia HIV*. <https://unaids.org.br/2020/07/relatorio-sobre-a-epidemia-de-aids-mostra-que-metas-para-2020-nao-serao-cumpridas-covid-19-pode-prejudicar-resposta-ao-hiv/>.
- Kibira, S.P.S., et al. (2017). *Exploring drivers for safe male circumcision: Experiences with health education and understanding of partial HIV protection among newly circumcised men in Wakiso, Uganda*. Plos One, (Vol. 12, n. 3, pp. 1-10).
- Kleinubing, R. E., et al.; (2014). *Puérperas Soropositivas para o HIV: Como estão Vivenciando a não amamentação*. Revista de Enfermagem. DOI: 10.5205/reuol.4843-39594-1-SM.0801201415.
- Knauth, D. R. (1999). *Subjetividade feminina e soropositividade*. In R. M. Barbosa, & R. Parker (Eds.), *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder* (p. 132). São Paulo: IMS/UERJ.

- Krulic, T., Brown, G., & Bourne, A. (2022). *A Scoping Review of Peer Navigation Programs for People Living with HIV: Form, Function and Effects*. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10461-022-03729-y>.
- Kusemererwa, S., Akena, D., Nakanjako, D., Kigozi, J., Nanyunja, R., Nanfuka, M., et al. (2021). *Estratégias para retenção de homens heterossexuais nos cuidados de HIV na África Subsaariana: Uma revisão sistemática*. PLoS ONE 16(2): 0246471. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0246471>.
- Kwalambota, M. (2002). *The effect of pregnancy in HIV-infected women*. Aids Care, 14 (3), 431-433. doi: 10.1080/09540120220123829.
- Lea, A. (1998). *Mujeres VIH+. Toma de decisiones sobre su reproducción*. In: Gómez, A. (org). *Mujeres, Vulnerabilidad y VIH/SIDA. Un enfoque desde los derechos humanos*. Cuadernos Mujer y Salud/RSMLAC, (n. 3, pp.78-81).
- Lucksted, A., McFarlane, W., Downing, D., & Dixon, L. (2012). *Recent developments in family psychoeducation as an evidence-based practice*. Journal of Marital and Family Therapy, 38(1), pp. 101-121. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2011.00256.x>.
- Luz, J. M. O. (2020). *Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção para promoção do perdão* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília].
- M. I. (2007). *Vivenciando as adversidades do binômio gestação e HIV/AIDS*. Rev. Gaúch. Enferm. nº 28(1). pp. 25-117. Brasil.
- Macêdo, M. K. (2015). *Histórias do Corpo*. Revista de Humanidades. <https://periodicos.ufrn.br/mneme/issue/download/489/56>.
- Maciel, K. L., et. al. (2019). VIH/SIDA: *Una mirada a las Percepciones de quien vive con el Diagnóstico*. Rev Cuid. nº 10(3). <https://revistacuidarte.udes.edu.co/index.php/cuidarte/article/view/638>.
- Maksud, I. (2003). *Soropositividade, conjugalidade e projetos reprodutivos*. [Resumos] Em Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Org.), *Anais, VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva* (p. 621). Brasília, DF: Abrasco.
- Maksud, I. (2012). *Silêncios e segredos: Aspectos (não falados) da conjugalidade face à sorodiscordância para o HIV/aids*. Cadernos de Saúde Pública, 28(6), 1196-1204. Recuperado em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=So102-311X2012000600018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=So102-311X2012000600018&script=sci_arttext).
- Mann, C., & Monteiro, S. (2018). *Sexualidade e prevenção das IST/aids no cuidado em saúde mental: o olhar e a prática de profissionais no Município do Rio de Janeiro, Brasil*. Cadernos de Saúde Pública, 34(7), e00081217. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00081217>.
- Mann, J., & Tarantola, D. (1996). *AIDS in the World II: Global Dimensions, Social Roots, and Responses*. New York: Oxford University Press.

- Matos, G. D. (2005). *Escravas do risco: bioética, mulheres e AIDS*. Brasília (DF): Ed Universidade de Brasília/Finatec.
- Maúngue, H. B. (2015). *A face feminina do hiv e sida: um estudo sobre as experiências de mulheres infectadas pelo hiv na cidade de Maputo, Moçambique*. Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/133238/333876.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- Maúngue, H. B. (2015). *A Face Feminina do HIV e SIDA: Uum estudo sobre as Experiências de mulheres infectadas pelo HIV na Cidade de Maputo, Moçambique*. Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133238>.
- Maúngue, H. B. (2021). *Mulher moçambicana: cultura, tradição e questões de género na feminização do HIV/sida*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 28 (1). DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n168328.
- Mecupa, F. O. (2020). *Prevalência do aleitamento materno exclusivo e factores associados em Moçambique: uma análise do inquérito nacional de saúde de 2015 (IMASIDA)*. Lisboa. <https://run.unl.pt/handle/10362/98560>.
- Medeiros, A. P. D. S., Araújo, V. S., Moraes, M. N., Almeida, A. S., Almeida, J. N., & Dias, M. D. A. (2015). *Experiência da soropositividade para grávidas com HIV/AIDS: preconceito, dor, trauma e sofrimento pela descoberta*. Rev. enferm. UERJ. nº 23(3). Pp. 7-362.
- Medeiros, F. B.; Faria, E. R. & Piccinin, C. A. (2021). *Maternidade e HIV: Continuidade do Tratamento e Adesão em Mulheres após Parto*. Psico-USF. Bragança Paulista, (Vol. 26, n. 1, pp. 53-65). <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260105>.
- Minayo, C. S. M. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed., São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. (2009). *Pesquisa Social, teoria, método e criatividade*. Capítulo 3: Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Ed. Vozes.
- Mindry, D., Wanyenze, R. K., Woldetsadik, M. A., Finocchario-Kessler, S., Goggin, K., & Wagner, G. (2017). *Safer conception for couples affected by HIV: structural and cultural considerations in the delivery of safer conception care in Uganda*. AIDS Behav. 21(8):2488–96. doi: 10.1007/s10461-017-1816-4.
- Ministério da Saúde (2007). *Secretaria de Vigilância em Saúde Programa Nacional de DST e AIDS*. Brasília-DF. [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_tratamento\\_aids.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_tratamento_aids.pdf).
- Ministério da Saúde (2017). *Cuidado integral às pessoas que vivem com HIV pela Atenção Básica*. Brasília-DF. [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado\\_integral\\_hiv\\_manual\\_multiprofissional.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado_integral_hiv_manual_multiprofissional.pdf).

Ministério da Saúde (2017). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, *Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para o manejo da infecção pelo HIV em crianças e adolescentes.* Brasília (DF): MS.

Ministério da Saúde (2019). *Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical do HIV, Sífilis e Hepatites Virais.* Brasília (DF): Ministério da Saúde. 248 p.

Ministério da Saúde (2015). *Direcção Nacional de Assistência Médica (DNAM), Guião de actividades de Apoio Psicossocial e Prevenção Positiva (APSS & PP).* <https://www.misau.gov.mz/index.php/guioes-de-prevencao-e-de-cuidados-e-tratamento?download=79:guiao-de-actividades-de-apoio-psicossocial-e-prevencao-positiva>.

Ministério da Saúde (2015). *Direcção Nacional de Assistência Médica (DNAM) para Implementação do Aconselhamento e Testagem em Saúde. Moçambique: MISAU/DNAM.* <https://www.misau.gov.mz/index.php/hiv-sida-directrizes-nacionais?download=72:directriz-nacional-para-implementacao-do-aconselhamento-e-testagem-em-mocambique>.

Ministério da Saúde de Moçambique & Instituto Nacional de Estatística (2015). *Inquérito de Indicadores de Imunização, Malária e HIV/SIDA em Moçambique (IMASIDA) - Relatório de Indicadores Básicos.* <https://dhsprogram.com/pubs/pdf/AIS12/AIS12.pdf>.

Ministério da Saúde de Moçambique. (2010). *Inquérito Nacional de Prevalência, Riscos Comportamentais e Informação sobre o HIV e SIDA em Moçambique (INSIDA).* Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Saúde & Instituto Nacional de Estatística. Maputo.

[https://www.unaids.org/sites/default/files/media\\_asset/20110609\\_JC2137\\_Global-Plan-Elimination-HIV-Children\\_en\\_1.pdf](https://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/20110609_JC2137_Global-Plan-Elimination-HIV-Children_en_1.pdf).

Ministério da Saúde de Moçambique. (2019). Inquérito de Indicadores de Imunização, Malária e HIV/SIDA em Moçambique (IMASIDA). *Relatório Suplementar Incorporado os Resultados de Biomarcadores de Antirretrovirais.* Maputo. [https://www.dhsprogram.com/pubs/pdf/AIS12/AIS12\\_SP.pdf](https://www.dhsprogram.com/pubs/pdf/AIS12/AIS12_SP.pdf).

Ministério da Saúde do Brasil (2019). *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical de HIV, SÍFILIS e Hepatites virais.* <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-prevencao-da-transmissao-vertical-de-hiv>.

- Ministério da Saúde do Brasil. (1995). *Aleitamento materno e mulheres infetadas pelo HIV/SIDA*. [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/aleitamento\\_hiv.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/aleitamento_hiv.pdf).
- Ministério de Saúde do Brasil (2017). *Manual técnico de elaboração da cascata de cuidado contínuo do HIV*. Brasília-DF. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/manual-tecnico-de-elaboracao-da-cascata-de-cuidado-continuo>.
- Monforte, A. D. A., et al. (2000). *Insights into the reasons for discontinuation of the first highly active antiretroviral therapy (HAART) regimen in a cohort of antiretroviral naive patients*. *Aids*, (n. 14.5. pp: 499-507).
- Moreno, C. C. G. S., Rea, M. F., & Filipe, E. V. (2006). *Mães HIV positivo e a não-amamentação*. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 6(2), 199-208. <https://dx.doi.org/10.1590/S1519-38292006000200007>.
- Mota, L., Pimentel, A., Barbosa, K., Santos, R., & Barbosa, B. (2022). *As vivências de mulheres HIV positivas durante o acompanhamento do pré-natal e no pós-parto*. *Pubsaúde*, 8, a298. <https://dx.doi.org/10.31533/pubsaudae8.a298>.
- Mozambique - mothers2mothers (2020). Disponível em: <https://m2m.org/what-we-do/where-we-work/mozambique-2>.
- Mozambique - mothers2mothers (2020). Disponível em: <https://m2m.org/what-we-do/where-we-work/mozambique-2>.
- Murta, S. G., & Santos, K. B. (2015). Desenvolvimento de programas preventivos e de promoção de saúde mental. In S. G. Murta, C. Leandro-França, K. B. Santos, & L. Polejack (Eds.), *Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção*, pp. 168-191. Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Nakano, A. M. S. (2003). *As vivências da amamentação para um grupo de mulheres: nos limites de ser "o corpo para o filho" e ser "o corpo para si"*. *Cad Saúde Pública*. 19 [Supl 2]: pp. 355-S63.
- Organização Pan-Americana de Saúde/ Organização Mundial da Saúde. (2021). *HIV/Aids*. <https://www.paho.org/pt/topics/hiv aids>.
- Pacheco, B. P., Gomes, G. C., Xavier, D. M., Nobre, C. M. G., & Aquino, D. R. (2016). *Dificuldades e facilidades da família para cuidar a criança com HIV/AIDS*. Brasil. <https://www.scielo.br/j/ean/a/xKeyBdLg54yry9jyhQjqd4k/?lang=pt&format=pdf>.
- Padoin, S. M. M., Souza, Í. E. O., & Paula, C. C. (2010). *Cotidianidade da mulher que tem HIV/aids: modo de ser diante da (im)possibilidade de amamentar*. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 31(1), 77-83. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000100011>.
- Paiva, S. S., & Galvão, M. T. G. (2004). *Sentimentos diante da não amamentação de gestantes e puérperas soropositivas para HIV*. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 13(3), 414-419. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072004000300011>.

- Paiva, V. (2003). *Além de soluções mágicas: prevenção do HIV e Aids como um processo de emancipação psicossocial*. Saúde para Debate, (n. 27, pp. 192-203).
- Parker, R., et al. (2000). *Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos*. Caderno de Saúde Pública, 16 (Supl.1).
- Pasini, W. A. (1995). *Qualidade dos sentimentos*. Rio de Janeiro(RJ): Rocco.
- Pinto, M. D., Maia, G. N., Pereira, M. D., & Levandowski, D. C. (2017). *Mães adolescentes que vivem com o HIV: uma investigação qualitativa sobre a “Constelação da Maternidade”*. Psicol. clin. [online], (Vol. 29, n. 3, pp. 381-401). [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-56652017000300003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652017000300003&lng=pt&nrm=iso).
- Pires, P. N., Marega, A., & Creagh, J. M., (2018). *Terapia antirretroviral: investigação de implementação nos cuidados de saúde primários, Nampula, Moçambique*. Rev Port Med Geral Fam; 34: <https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/12312>.
- Polejack, L., & Seidl, E. M. F. (2015). *Oficinas baseadas em metodologia participativas*. Editora Sinopsys.
- Polejack1, L., Machado, A. C. A., Santos, C. S., & Guambe, A. J. (2020). *Desafios para a Adesão ao TARV na Perspectiva dos Profissionais do Sistema de Saúde de Moçambique*. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe10>.
- Praça, N. S., & Gualda, D. M. R. (2003). *Risco de infecção pelo HIV: como mulheres moradoras em uma favela se percebem na cadeia de transmissão do vírus*. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 11(1), 14-20.
- Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/aids. (2005). *SIDA em África Três cenários até 2025*. [http://data.unaids.org/publications/irc-pub07/jc1058-aidsinafrica\\_pt.pdf](http://data.unaids.org/publications/irc-pub07/jc1058-aidsinafrica_pt.pdf).
- Rocha, G. M., Bonolo, P. F., Ceccato, M. G. B., Campos, L. N., Gomes, R. R. F. M., Acurcio, F. A., & Guimarães, M. D. C. (2010). *Adesão ao tratamento antirretroviral: uma revisão sistemática: Coletânea de estudos do Projeto Atar. 2004-2009*. In Brasil/MS, Ministério da Saúde (Ed.), (pp. 17-32). Brasília:
- Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Fernandes, R. C. S. C., Ribas, G. F., Silva, D. P., Gomes, A. M., & Medina-Acosta, E. (2010). *Desafios operacionais persistentes determinam a não redução da transmissão materno-infantil do HIV*. Jornal de Pediatria, 86, 503-508.
- Rodrigues, J. P., Chaves, L. S., Valois, R. C., Carvalho, D. S., Nascimento, M. H. M., Siqueira, L. S., Oliveira, M. F. V., & Panarra, B. A. C. S. (2020). *Mulheres com HIV: Percepção sobre uma futura gestação*. Rev. enferm. UFPE [on line], 14: [1-9]. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/fr/biblio-1099941>.

- Rodrigues, M., & Maksud, I. (2017). *Abandono de tratamento: itinerários terapêuticos de pacientes com HIV/Aids*. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711314>.
- Rodrigues, M., & Maksud, I. (2017). *Abandono de tratamento: itinerários terapêuticos de pacientes com HIV/aids*. Rio de Janeiro. DOI: 10.1590/0103-1104201711314.
- Rodriguez, M. J. H., Santos, E. K. A., Meirelles, B. H. S., Frigo, J., & Rodriguez, A. H. (2014). *Perceção da mulher HIV positivo acerca do cuidado pré-natal, parto e puerpério: revisão integrativa*. Rev enferm UFPE [on line]. Recife, 8(10):3492-501, out. doi: 10.5205/reuol.6039-55477-1-ED.081020129.
- Rohrbach, L. A. (2014). *Design of prevention interventions*. In Z. Sloboda, & H. Petras (Eds.), *Defining Prevention science*, 275-292. Nova York, NY: Springer.
- Santos, N. J. S., Buchalla, C. M., Ventura-Filipe, E., Bugamelli, L., Garcia, S., & Paiva, V. (2002). *Mulheres HIV positivas, reprodução e sexualidade*. Revista de Saúde Pública, 36 (4), 12- 23.
- Seidl, E. M. F., & Tróccoli, B. T. (2006). *Desenvolvimento de escala para avaliação do suporte social em HIV/Aids*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 22(3),317-326.
- Silva C. B., Motta M. G. C., & Bellenzani, R. (2019). *Motherhood and HIV: reproductive desire, ambivalent feelings and a/an (not) offered care*. Rev Bras Enferm. 72 (5):1378-88. doi: 10.1590/0034-7167-2018-0063.
- Silva, C. B., Motta, M. G. C., & Bellenzani, R. (2019). *Motherhood and HIV: reproductive desire, ambivalent feelings and a/an (not) offered care*. Rev Bras Enferm. 72(5):1378-88. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0063>.
- Silva, C. B., Motta, M. G. C., & Bellenzani, R. (2020). *Vivência da gestação e da maternidade por adolescentes/ jovens que nasceram infectadas pelo HIV*. Revista Brasileira de Enfermagem. Vol.73, suppl.4, e20190405. Epub Sep 21. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0405>.
- Silva, I. A. (1997). *Amamentar: uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios*. São Paulo. Robe Editorial.
- Siqueira, P. G. B., Miranda, G. M. D., Souza, W. V., Silva, G. A. P., & Mendes, A. C. G. (2020). *Análise hierarquizada dos determinantes da transmissão vertical do HIV: um estudo de caso-controle*. Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Rev. Bras. Saude Mater. Infant, (Vol. 20 n. 4) Recife Oct/Dec. <https://doi.org/10.1590/1806-93042020000400005>.
- Solla, J.J.S.P. (2005). *Acolhimento no sistema municipal de saúde*. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Recife, (Vol. 5, n. 4, pp. 493-503).
- Souza, R. M., Santos, A. A. P., Amal, C., & Lima, V. V. R. S. S. (2021). *Viver com HIV/Aids: impactos do diagnóstico para usuários atendidos em um serviço de referência*. jan/dez; 13:1020-1025. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0063>.

Staveskas, K. O. (1999). *Ser mãe: narrativas de hoje* [dissertação de mestrado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP.  
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-16032005-141212/pt-br.php>.

Teixeira, V. B., et. al. (2013) *Mulheres soropositivas ao HIV: a decisão de engravidar*. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, vol. 5, núm. 1, enero-marzo, pp. 3159-3167.

The Joint United Nations Programme on HIV/aids. (2017). *Fact sheet - Latest global and regional statistics on the status of the AIDS epidemic*. Genebra. p. 8.

## A convivência e o cuidado no território

*Roda de Conversa - Psicologia Social e Comunitária*

**Ricardo Wagner Machado da Silveira<sup>1</sup>** [ricardowagnerms2@gmail.com](mailto:ricardowagnerms2@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo teórico da proposta:** a proposta é promover um encontro e debate sobre cuidado e convivência com pessoas e grupos em sofrimento mental no seu território de vida, vivido no e a partir do encontro e da busca ativa. Para tanto, utilizaremos cenas disparadoras de fluxos de pensamentos como aquecimento para as trocas de saberes e práticas sobre o que foi abordado até ali e uma avaliação coletiva ao final da atividade. São cenas do cotidiano e das práticas em saúde mental como a ida de um grupo de pacientes ao cinema; cenas de um documentário sobre Acompanhamento Terapêutico (AT) a uma pessoa em situação de rua; cenas desafiantes de equipes inventivas de saúde mental atuando com equipes da ESF e junto à comunidade; cenas de uma clínica antimanicomial que luta contra toda forma de exploração, estigmatização e segregação social, uma clínica Antiproibicionista e de Redução de Danos (RD) que acredita que a liberdade e o respeito são primordiais para que possamos construir vínculos e novas formas de relação; cenas e reflexões de uma clínica peripatética que se dispõe a realizar o cuidado aos que mais precisam e que são alijados de direitos básicos como saúde pública e de qualidade para terem uma vida digna na nossa sociedade. Falamos de uma clínica que acontece na cidade, longe das quatro paredes do consultório ou dos estabelecimentos de saúde, lugares onde nossos saberes estão instituídos. Trata-se de aventurar-se com o outro(s) pela cidade com tudo de inusitado que ela nos reserva, com suas possibilidades de circulação, encontro, inserção social e comunitária, mas também de sofrimento, abandono e violência. Pensamos que uma clínica que se faz nas suas bordas, nas suas fronteiras, que se desafia porque é desafiada pelas complexas e graves demandas que a realidade impõe, não tem outro caminho senão o ato de reinventar-se todas as vezes que isso se impuser. Uma clínica que se constitui assim, terá que enfrentar o desafio de construir redes de cuidado e de apoio social, será uma clínica complexa, plural, compromissada com a intersetorialidade e o SUS.

### Referências

- Artaud, A. (2006) O teatro e seu duplo. São Paulo: Martins Fontes.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (1997) Acerca do Ritornelo. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 4, São Paulo: Ed. 34, p. 127.
- Lancetti, A. (2001) SaúdeLoucura 7. Saúde Mental na Saúde da Família. São Paulo: Hucitec, pp. 11-52.

- \_\_\_\_\_(2010) Cuidado e território no trabalho afetivo. *Cadernos da Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pp. 90-97.
- \_\_\_\_\_(2011) *Clínica Peripatética*. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_(2015) *Contrafissura e Plasticidade Psíquica*. São Paulo, Hucitec.

## Orientação profissional, carreiras em psicologia e perspectivas profissionais

*Roda de Conversa – Orientação Profissional e de Carreira*

**Marissa Santos Oliveira**

**Resumo sobre a temática:** A roda de conversa tem como objetivo discutir questões sobre a carreira em Psicologia, a fim de proporcionar um espaço de discussão e reflexão sobre as escolhas e vivências profissionais durante a graduação. O curso de Psicologia oferece uma formação ampla que possibilita ao profissional recém formado, atuar em diferentes contextos, demandas, posições, rotinas e atividades. Ao se formar, o psicólogo pode trabalhar de forma autônoma ou em clínicas, hospitais, organizações privadas, organizações públicas, organizações não governamentais, escolas, dentre várias outras opções. Diante dessa ampla possibilidade de atuação, o estudante de psicologia pode se encontrar indeciso, pois muitas áreas estão correlacionadas e em meio a tantas opções, pode ser um desafio ter que fazer escolhas direcionadas à carreira durante a graduação. Outra questão que pode gerar angústia, é o medo de não estudar e ter experiência suficiente na área que for atuar quando estiver no mercado de trabalho e consequentemente não ter um bom currículo para conseguir emprego ou estar inseguro e despreparado para exercer a profissão. Ao longo do curso, o estudante faz diversas escolhas e vive diferentes experiências que vão constituindo o caminho da sua própria carreira. Segundo Levenfus (2015), a identidade ocupacional é o produto da pessoa que escolhe e se refere a *com* que trabalhar, *como*, *onde*, *quando* e *à maneira de quem*. Sendo assim, é necessário pensar sobre o que é importante para si, o que deseja e como gostaria que fosse. Visando colaborar com os processos de escolha dos estudantes de psicologia, pensando na importância dessa escolha profissional, bem como na capacidade de decisão autônoma do futuro profissional, elaboramos a roda de conversa com o desenvolvimento do Jogo: Critérios para a Escolha Profissional (2015) que contribuirá para que os participantes consigam entender em que momento da carreira eles estão atualmente e quais critérios poderão utilizar para planejar os próximos passos ao longo do curso, sabendo que a carreira não é necessariamente um caminho linear. Para atingir tal objetivo proposto, os facilitadores da roda utilizarão os recursos propostos no jogo Meus Critérios para a escolha Profissional e trabalharão a importância do autoconhecimento, valores profissionais, áreas profissionais/possibilidades de trabalho no processo de escolha consciente e congruente a quem se é ao longo do percurso da graduação em Psicologia.

**Referências**

- Levenfus, R. S. (2015). Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos. Artdmed Editora.

**O que me contaram sobre o amor? Contextualizações e narrativas possíveis***Roda de Conversa – Construcionismo Social***Dyeinne Pereira Fernandes<sup>1</sup>** [dyeinnepf@gmail.com](mailto:dyeinnepf@gmail.com)**Juliana Kellen Lopes<sup>1</sup>** [julianakellen8@hotmail.com](mailto:julianakellen8@hotmail.com)**Rafaella Andrade Vivenzio<sup>2</sup>** [rafaella.vivenzio@gmail.com](mailto:rafaella.vivenzio@gmail.com)<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia<sup>2</sup> Universidade de São Paulo

**Resumo sobre a temática:** A palavra “amor” pode ser facilmente encontrada em títulos de livros, filmes, séries e em conversas cotidianas. Porém, dada a construção histórica e cultural do conceito, depara-se com uma ampla variação em seu significado, valor, formas de expressões e repercuções. Esta proposta norteia-se pelas ideias do Construcionismo Social que considera que o conhecimento e os entendimentos que temos sobre o mundo são socialmente construídos e compartilhados através da linguagem. Ou seja, tomar nossos entendimentos como construção social, implica reconhecer que as denominações estão em constante movimento e modificações, e que esses são aprendidos e reaprendidos a cada interação e contextos dialógicos. Assim, o discurso construcionista se atenta à quais ações são possíveis e quais modos de agir são privilegiados a partir de cada descrição. Nota-se que diferentes descrições criam diferentes realidades, e propõe-se a investigar o quê e quem se beneficia de cada lógica discursiva. Ademais, concebe-se que a linguagem sustenta o sentido que as pessoas dão às suas experiências, produzindo narrativas sobre si e o mundo, e que tem efeitos sobre a coletividade. Diante disto, esta roda de conversa tem como objetivo proporcionar um espaço para a discussão das narrativas predominantes acerca das ideias que se tem sobre “amor” e quais suas consequências. Pretende-se a) ouvir a descrição que os participantes têm sobre “amor”; b) investigar os entendimentos sobre a temática através de livros, séries e filmes; c) discutir a influência dos discursos dominantes nas nossas concepções, expectativas e comportamentos; d) refletir sobre a temática a partir da contextualização e análise de gênero, raça e classe; e) ampliar o reconhecimento da pluralidade de amor(es) possíveis e f) possibilitar a construção de novos entendimentos, coerentes com perspectivas emancipatórias, éticas e comprometidas com a transformação social. Busca-se proporcionar, em um espaço seguro e acolhedor, reflexões acerca da complexidade do amor, suas nuances, construindo experiências a partir da troca com o outro e consigo, seus aprendizados, efeitos e construções.

## Extensão na graduação: Para quê? Para quem?

*Roda de Conversa – Psicologia Escolar e Educacional*

**Juçara Clemens<sup>1</sup>** [jclemens@ufu.br](mailto:jclemens@ufu.br)

**Katiúce Cristina Santos Borges<sup>1</sup>** [psikatiuce@gmail.com](mailto:psikatiuce@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** A universidade possui três formas de atuação: o ensino, a pesquisa e a extensão, e essas são constitucionalmente indissociáveis; isso significa que para haver um bom funcionamento da instituição esses três pilares precisam estar funcionando em harmonia. As frentes do ensino e da pesquisa são amplamente conhecidas no meio acadêmico e pela comunidade geral, porém a atuação na extensão não é tão evidente ou clara, o que dificulta a busca e engajamento dos estudantes, impedindo que experimentem essa vertente da formação. Nesta roda de conversa objetiva-se discutir o conceito de extensão, como é estar no campo de atuação (na intersecção entre a universidade e a comunidade), quais ações podem acontecer em uma extensão, as competências e as habilidades que podem ser aprendidas, os fatores que beneficiam a própria universidade, a(s) coordenação(ões), os(as) profissionais voluntários(as), os(as) extensionistas e, também, partilhar das experiências das autoras em projetos de extensão, bem como esclarecer dúvidas dos participantes da roda de conversa. De forma coerente com a modalidade escolhida, a roda de conversa será oferecida em um ambiente em que seja possível a participação democrática das pessoas presentes para que haja uma construção coletiva a partir dos aspectos teóricos e políticos que envolvem a atuação em extensão, juntamente com a trajetória acadêmica e de extensão das autoras. Planeja-se utilizar material de apoio, tal como, uma breve apresentação através de *slides* sobre o conteúdo, um vídeo sobre um projeto de extensão para favorecer a discussão da temática com os(as) participantes. É esperado que essa roda de conversa desperte os(as) participantes para a reflexão sobre a potencialidade que a extensão pode promover, juntamente com o pensamento crítico das dificuldades concretas e políticas que atravessam a existência (ou não) dessa possibilidade de atuação tão rica e esperada da universidade. O intuito é que seja possível informar com clareza o lugar da extensão na formação universitária e nos cursos de graduação em Psicologia, instigando assim que os estudantes e profissionais possam usufruir desse espaço político e constitutivo que a extensão oferece.

### Referências

Brasil, (2018). *Plano Nacional de Educação - PNE*/Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category\\_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192)

- Gadotti, M. (2017). Extensão universitária: para quê. *Instituto Paulo Freire*, 15, 1-18.
- Moraes, R. C. C. D. (1998). Universidade hoje-Ensino, pesquisa, extensão. *Educação & Sociedade*, 19, 19-37.
- Nunes, A. L. D. P. F., & da Cruz Silva, M. B. (2011). A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. *Mal-estar e Sociedade*, 4(7), 119-133.
- Santana, R. R., Santana, C. C. D. A. P., Costa Neto, S. B. D., & Oliveira, É. C. D. (2021). Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. *Educação & Realidade*, 46.
- Silva, W. P. (2020). Extensão universitária: um conceito em construção. *Revista Extensão & Sociedade*, 11(2).

## Escola de Redução de Danos: Guerra às drogas e culpabilização do usuário

*Roda de Conversa – Psicologia e Políticas Públicas*

**Camilla Cristina Sgarbi de Souza**<sup>1</sup> camillasgarbi1234@gmail.com

**Rômulo Silva Bueno**<sup>1</sup> romulosbueno23@gmail.com

**Ricardo Wagner Machado da Silveira**<sup>1</sup>

**Miguel Macedo Acerbi**<sup>1</sup> m.acerbio2@gmail.com

**Francisco Borges Cavalcante**<sup>1</sup> NobilismilesO@gmail.com

**Maria Laura de Freitas Andrade Telles**<sup>1</sup> maria.telles@ufu.br

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** A Guerra às Drogas (GD) responsabiliza as periferias pelo mercado que é movimentado através da lógica de consumo acionada pelos países de primeiro mundo, sendo assim uma forma de controle social. Nessa lógica, busca-se combater o tráfico e o uso de drogas ilícitas por meio de medidas repressivas, que ocorrem em destaque em lugares mais pobres (Passos, & Souza, 2011). Em contrapartida, a Redução de Danos (RD) trata de uma estratégia em defesa da vida e da democracia, acolhendo o usuário como um cidadão de direitos e sujeito político, diferente do enquadre adotado na lógica criminológica e no saber psiquiátrico, como sujeito doente e perigoso. Ademais, a RD reconhece o uso de drogas como questão de saúde pública, propondo estratégias de cuidado que visam minimizar os danos associados ao uso de drogas (Araujo, 2019). **Objetivo:** Promover um espaço para discussões reflexivas e livres acerca das temáticas GD e RD, com suas implicações para as ciências humanas e para o campo da saúde. **Método:** A roda de conversa será realizada a partir de facilitação baseada no Construcionismo Social e a prática com grupos, em que se busca a troca e discussão de ideias para uma reestruturação conjunta de visões de mundo, com exploração da diversidade compartilhada no diálogo, e tende a combater a naturalização da realidade (Rapizo, 2017). A temática da GD, sua relação com a culpabilização do usuário e a alternativa da RD será iniciada a partir de apresentação expositiva do tema, com subsequente momento de debate, seguido da próxima etapa de discussão em grupo com a utilização de obra de arte musical como recurso disparador. **Resultados:** Buscamos por reflexão e compartilhamentos acerca da temática proposta, incentivando a construção dialética de pensamento crítico. **Discussão:** A carência de outros projetos ou espaços que abordam as multifacetadas questões do mundo das drogas aponta a importância da interlocução com o público sobre essas temáticas. Um local que fomenta conhecimento e debate sobre esses assuntos deve propiciar a formação de opiniões críticas sobre os diversos fenômenos desse campo, além de contribuir na desestigmatização da figura do usuário de drogas. **Considerações finais:** A GD tem sido

ineficaz e prejudicial em muitos aspectos, como o aumento da violência relacionada ao tráfico e o aumento da população carcerária, além de não abordar causas subjacentes do uso de drogas, como a desigualdade social e a falta de acesso aos serviços de saúde mental. A RD comprehende o uso de drogas como questão complexa e multifacetada, visando minimizar os danos associados ao uso de drogas, em vez de apenas proibi-las e criminalizar o usuário (Araujo, 2019).

## **Referências**

- Araujo, F. S. (2019). Quebrando estigmas: uma alternativa ao proibicionismo das drogas por meio da redução de danos. *Caderno de saúde pública*, 35(3). doi: 10.1590/0102-311X00014019
- Passos, E. H., Souza, T. P. (2011). Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de “guerra às drogas”. *Psicologia & Sociedade*, 23(1).
- Rapizo, R. (2017). O trabalho com grupos e o Construcionismo Social: alguns elementos metodológicos e referências para a prática. In E. F. Rasera, K. Taverniers & O. Vilches-Álvarez (orgs). *Construcionismo Social en acción: prácticas inspiradoras en diferentes contextos* (p.. 67-93). Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications

## Saúde Financeira e Superendividamento: Vamos conversar a respeito?

Roda de Conversa - Psicologia Econômica

**Ana Cláudia Almeida Machado<sup>1</sup>** [naclau@gmail.com](mailto:naclau@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais

**Resumo sobre a temática:** O excesso de dívidas é um grave problema social que vem afetando cada vez mais famílias brasileiras (CNC, 2022). O superendividamento pode ser definido como a dificuldade de consumidores honrarem compromissos financeiros previamente assumidos (Hennigen, 2010). Entre suas causas, podem ser mencionados fatores econômicos, políticos, pessoais, sociais, psicológicos, dentre outros (Gathergood, 2012; Gutiérrez-Nieto & Serrano-Cinca, 2016; Schicks, 2013). Como consequências, tem-se a deterioração da saúde física e mental, efeitos sobre a vida profissional, sobrecarga sobre o sistema previdenciário e de saúde pública, além de impactos no setor produtivo e, por consequência, na economia do país. Nunca houve tantas pessoas superendividadas no Brasil como hoje. As altas taxas de juros praticados pelos bancos e a baixíssima competitividade no setor tornam muito difícil ao brasileiro superendividado “sair do vermelho”, voltar a acessar crédito e retomar o controle sobre sua vida financeira (Machado, 2021). Dentre as consequências do excesso de dívidas sobre a saúde mental – cuja gravidade reforça a importância da psicologia estar cada vez mais à frente dessa discussão - estão o sentimento de culpa e fracasso, ansiedade, insônia, isolamento social, manifestação de doenças psicossomáticas, angústia, depressão e suicídios (Machado, 2021). Em meio à crescente preocupação com esse fenômeno, questiona-se: de que forma a psicologia pode contribuir para o seu enfrentamento? Em que medida o profissional de psicologia, como trabalhador, consumidor e também como cientista, pode contribuir para o enfrentamento desse mal? A tese de doutorado intitulada “*Proteção e risco de superendividamento, variáveis psicológicas e financeiras: um estudo de preditores da qualidade de vida*” (defendida pela facilitadora do minicurso em 2021 na Universidade de Brasília) servirá como pano de fundo para suscitar essas e outras questões relevantes sobre a temática. Os participantes terão um espaço de fala para acolhimento de aspectos emocionais relacionados à vida financeira, troca de experiências e compartilhamento de estratégias para o enfrentamento do problema, sob a mediação de profissional que se dedicou a conhecer o assunto sob as óticas acadêmica e profissional. Para ilustrar as questões teóricas trazidas no minicurso, a experiência prática da facilitadora junto a consumidores superendividados também será trazida à tona - tanto aquela que acumulou quando exerceu a função de gerente de banco, como quando atuou em um programa de atendimento psicossocial e jurídico voltado a pessoas superendividadas.

## Referências

- Gathergood, J. (2012). Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. *Journal of Economic Psychology*, 33(3), 590-602. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2011.11.006>
- Gutiérrez-Nieto, B., Serrano-Cinca, C., & Cuesta-González, M. (2016). A multivariate study of over-indebtedness' causes and consequences. *International Journal of Consumer Studies* 41, 188–198. <http://dx.doi.org/10.1111/ijcs.12324>
- Hennigen, I. (2010). Superendividamento dos consumidores: uma abordagem a partir da psicologia social. *Subjetividades*, 10(4), 1173-1201. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1518-61482010000400006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1518-61482010000400006&lng=pt&nrm=iso)
- Machado, A. C. A. (2021). Proteção e risco de superendividamento, variáveis psicológicas e financeiras: estudo de preditores de qualidade de vida. [Tese de Doutorado. Universidade de Brasília]. [https://repositorio.unb.br/handle/10482/42997?locale=pt\\_BR](https://repositorio.unb.br/handle/10482/42997?locale=pt_BR)
- Schicks, J. (2013). The Definition and Causes of Microfinance Over-Indebtedness: a customer protection point of view. *Oxford Development Studies*, 41, 95-116. <http://dx.doi.org/10.1080/13600818.2013.778237>
- Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (2022). Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic). <https://portal-bucket.azureedge.net/wp-content/2022/12/aa61da37abe25436bf3ff86c7541f38d.pdf>

## Síndrome de Burnout e Seus Impactos na Vida Cotidiana

*Roda de Conversa - Neuropsicologia e Ciência*

**Eduardo de Freitas Bernardes<sup>1</sup>** [bernardes76@ufu.br](mailto:bernardes76@ufu.br)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** O tema “Saúde Mental” vem se tornando um motivo de preocupação para os estudiosos da área, na medida em que o trabalho se constitui, cada vez mais, em fator determinante para o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos. Algumas variáveis, sobretudo externas, não só impedem adaptação como podem desenvolver quadros crônicos de estresse, como a Síndrome de Burnout (SB). Esta doença possui três eixos básicos: exaustão emocional (caracterizado também por um sentimento de esgotamento), cinismo (ou despersonalização / distanciamento mental) e dimensão de ineficácia (redução da eficácia profissional ou baixa realização pessoal) (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2003; MASLACH; LEITER, 2016; SCHAUFELI; ENZMANN, 2020). Em 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a reconhecer o Burnout como uma síndrome que resulta de um estresse crônico gerado no ambiente de trabalho, e que não foi gerenciado da maneira correta. Estes podem se manifestar nos indivíduos através da ocorrência persistente de pensamentos, sentimentos e comportamentos negativos frente ao trabalho e às demais pessoas inseridas neste contexto. Ademais, a OMS afirma que o burnout se refere especificamente a um fenômeno que ocorre no contexto ocupacional. Entretanto, por mais que haja o reconhecimento da OMS, pesquisas que envolvem o burnout ainda são consideradas desiguais, visto que utiliza uma gama de diferentes instrumentos, sem haver um consenso no critério de diagnóstico, e muito menos marcadores neurobiológicos robustos. Por isso, nessa conjuntura, há uma necessidade de haver um quadro científico integrado, para que assim seja possível reconhecer, prevenir e tratar a síndrome (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019). De acordo com a pesquisas de Trabalho e Bem-estar da American Psychological Association (APA), do ano de 2021, realizada com 1501 trabalhadores americanos adultos, foi constatado que 79% dos trabalhadores experienciaram estresse relacionado ao trabalho, no mês anterior à pesquisa. Aproximadamente 3 em 5 trabalhadores reportaram impactos negativos ao estresse relacionado ao trabalho, como cansaço cognitivo, exaustão emocional, falta de esforço e interesse no trabalho, e até mesmo fadiga física (AMERICAN PSYCHOLOGY ASSOCIATION, 2021). Algumas profissões, em sua grande maioria, que antes eram vistas quase como um sacerdócio (vocação), como é o caso dos professores, por exemplo, não acompanharam as mudanças através dos tempos no mundo do trabalho, acarretando consequências negativas quanto ao enfrentamento da doença (BERNARDES; PAULA, 2019). O quadro de burnout,

apesar de possuir fortes relações com o estresse e a depressão, por conta da semelhança entre os sintomas, não se confunde com estes, pela sua especificidade (FARES *et al.*, 2016; BRAUN-LEWENSOHN; MAYER, 2020). Atualmente, outras questões relacionadas ao contexto de desenvolvimento da doença são consideradas, uma vez que o esgotamento parece não se resumir ao trabalho meramente formal, estendendo seus efeitos para outros contextos. Pesquisas recentes nas áreas de Psicologia e Neurociências tentam investigar quais os impactos desta doença na vida cotidiana, bem como as consequências psicobiológicas e socioeconômicas (VINKERS; SCHAAFSMA, 2021).

## Referências

- AMERICAN PSYCHOLOGY ASSOCIATION. *Work and Well-being 2021 Survey report*. Disponível em: <<https://www.apa.org/pubs/reports/work-well-being/compounding-pressure-2021>>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- BERNARDES, Eduardo Freitas; PAULA, Fernando Silva. Inclusão da diversidade no espaço escolar: reflexões docentes. Cláudia Lúcia Costa/ Fernando Silva Paula/ Maria Aparecida Augusto Satto Vilela (org). Ituiutaba: Barlavento, 2019, 223 p. (PDF) *Considerações acerca da Síndrome de Burnout em professores*. Available from: [https://www.researchgate.net/publication/337548842\\_Consideracoes\\_acerca\\_da\\_Sindrome\\_de\\_Burnout\\_em\\_professores](https://www.researchgate.net/publication/337548842_Consideracoes_acerca_da_Sindrome_de_Burnout_em_professores) [accessed Sep 07 2022].
- BRAUN-LEWENSOHN, Orna; MAYER, Claude Hélène. Salutogenesis and Coping: Ways to Overcome Stress and Conflict. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 18, p. 1–6, 2 set. 2020. Disponível em: <[pmc/articles/PMC7557564/](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7557564/)>. Acesso em: 14 set. 2022.
- FARES, Jawad *et al.* Stress, Burnout and Coping Strategies in Preclinical Medical Students. *North American Journal of Medical Sciences*, v. 8, n. 2, p. 75, 1 fev. 2016. Disponível em: <[pmc/articles/PMC4791902/](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4791902/)>. Acesso em: 14 set. 2022.
- MASLACH, Christina; LEITER, Michael P. Understanding the burnout experience: recent research and its implications for psychiatry. *World Psychiatry*, v. 15, n. 2, p. 103, 1 jun. 2016. Disponível em: <[pmc/articles/PMC4911781/](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4911781/)>. Acesso em: 14 set. 2022.
- MASLACH, Christina; SCHAUFELEI, Wilmar B.; LEITER, Michael P. Job Burnout. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.397>, v. 52, p. 397–422, 28 nov. 2003. Disponível em: <[www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4791902/](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4791902/)>. Acesso em: 14 set. 2022.
- SCHAUFELI, Wilmar; ENZMANN, Dirk. The Burnout Companion to Study and Practice: A Critical Analysis: A Critical Analysis. *The Burnout Companion to Study and Practice: A Critical Analysis*, 28 out. 2020. Disponível em:

<<https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.1201/9781003062745/burnout-companion-study-practice-critical-analysis-wilmar-schaufeli-dirk-enzmann>>. Acesso em: 14 set. 2022.

VINKERS, Christiaan H.; SCHAAFSMA, Frederieke G. Burnout urgently needs robust research. *Nature*, v. 592, n. 7853, p. 188, 1 abr. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Burn-out an “occupational phenomenon”:* *International Classification of Diseases.* Disponível em: <<https://www.who.int/news/item/28-05-2019-burn-out-an-occupational-phenomenon-international-classification-of-diseases>>. Acesso em: 13 set. 2022.

## Reflexões sobre como utilizar as redes sociais para divulgação do trabalho de psicólogos

*Roda de Conversa – Orientação Profissional e de Carreira*

**Cecília Saconato Braga<sup>1</sup>** [psicologiadema@gmail.com](mailto:psicologiadema@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** Os avanços tecnológicos engendraram modificações globais profundas que ocasionaram novos formatos de comunicação e interação entre as marcas e seus clientes. Em sua tese, Jaqueline Dias afirma que o fluxo de informações, antes unilateral e originário dos fornecedores de produtos e serviços, agora é recíproco, onde os clientes, anteriormente indivíduos isolados e de conduta passiva, tornam-se conscientes geradores e influenciadores do conteúdo, em um ambiente conectado, ativo e de benéfico feedback aos envolvidos no processo. Nesse contexto, o marketing de conteúdo é uma estratégia de marketing focada na criação e distribuição de conteúdo relevante (como artigos, e-books e posts nas redes sociais), sem promover explicitamente a marca ou o serviço oferecido. É uma área do marketing que se dedica a estudar o comportamento do consumidor nas tomadas de decisões quanto à compra de produtos ou serviços. Segundo um estudo, 92,6% das pessoas afirmam que o aspetto visual (cor, design, forma) é o fator de influência número um que afeta a decisão de compra. Estudos sugerem que as pessoas fazem um julgamento inconsciente sobre um produto dentro de 90 segundos de visualização inicial, sendo que 90% dessa avaliação é baseada somente em cores (Thiel, 2019). Com o marketing de conteúdo, a empresa ou prestador de serviço, ajuda seu público-alvo a resolver seus problemas e vira uma autoridade no assunto. A utilização das redes sociais para a promoção dos serviços de psicólogos tem se tornado cada vez mais relevante na era digital. É uma maneira eficaz de alcançar um público mais amplo, estabelecer conexões com potenciais pacientes e educar a comunidade sobre questões de saúde mental. No entanto, é importante fazê-lo de forma ética e responsável, levando em consideração as diretrizes estabelecidas pelos órgãos reguladores da profissão. **Objetivo:** Nesse sentido, a proposta de uma roda de conversa entre estudantes e psicólogos se faz necessária. O objetivo dessa roda de conversa é abordar temas sobre como divulgar seu trabalho de forma ética, como utilizar noções básicas de marketing de conteúdo para atrair potenciais clientes, a importância de se definir qual é o público desejado para o atendimento, dentre outros. **Métodos:** Para isso, serão utilizados apresentação em Power Point, em que serão abordadas questões teóricas sobre o marketing de conteúdo e como utilizá-lo para a divulgação do trabalho de psicólogo, será mostrado também alguns exemplos do Instagram para ilustrar esse assunto. Além disso, será realizada uma atividade prática sobre

esse assunto, promovendo um espaço para trocas e compartilhamento de experiências entre os participantes. **Resultados esperados:** Espera-se que os participantes possam ampliar os conhecimentos sobre o uso das redes sociais para a divulgação do seu trabalho de forma mais atrativa e seguindo os padrões éticos relativos à atuação do psicólogo.

## Referências

- DIAS, J. M. S. A Influência do Marketing de Conteúdo no Comportamento do Consumidor: Análise do Engagement nas Redes Sociais. Tese (Mestrado em Publicidade e Marketing). Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa, p. 119. 2017.
- Thiel, C. A Psicologia das Cores no Marketing: Entenda o impacto das cores em nossas emoções e saiba como aplicar esses conhecimentos aos negócios. Kindle Edition. (2019)

**Parangolé: brincando com artes brasileiras, andanças de corpos discentes  
presentes personalizados e materializados**

*Oficina - Psicologia e Arte*

**Paula Cristina Medeiros<sup>1</sup>** [pcmrezende@ufu.br](mailto:pcmrezende@ufu.br)

**Davi Carvalho Garcia Gonçalves<sup>1</sup>** [davi\\_cg@mail.com](mailto:davi_cg@mail.com)

**Gabriela Pacheco Lemos dos Santos<sup>1</sup>** [gabriela.pls09@gmail.com](mailto:gabriela.pls09@gmail.com)

**Laura Pereira Alves<sup>1</sup>** [pa3.laura@gmail.com](mailto:pa3.laura@gmail.com)

**Maria Fernanda Segura Mazon<sup>1</sup>** [mariafernandaseguramazon@gmail.com](mailto:mariafernandaseguramazon@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** "Parangolé: brincando com arte" é um projeto de extensão desenvolvido na Brinquedoteca do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, cujo objetivo é oferecer um espaço de direito ao brincar para toda a comunidade. Como parte dos objetivos do projeto de extensão elege a formação dos extensionistas-brinquedistas, convocando-os ao exercício de uma presença sensível e construção de saúde enquanto coletivo. Além do aprofundamento teórico acerca dos diversos aspectos que compõem o brincar, essa formação também ocorre em encontros e atividades que produzem afetações, convidam à curiosidade e inauguração de novos olhares sobre o mundo. Coadunados com tal formação em 2022-2 criamos um projeto interno de estudo de artistas brasileiros a partir do livro "Arte brasileira para crianças: 100 artistas e atividades para você brincar", apresentando artistas e propondo experimentações a partir de suas obras. Estas foram potencializadoras de transformações e através da arte construímos esse espaço de fruição e produção corporal como uma fissura no cotidiano produtivista, o que nos provocou afetações que estreitaram laços e revelaram sentidos anestesiados. Assim, experimentamos formas de abrir espaço para o não-verbal, para a afetação, de darmos atenção ao nosso corpo materializado, pessoalizado e presente, de modo a ampliar possibilidades de estar no espaço-tempo e de produzir novos sentidos. **OBJETIVO:** Relatar, em interlocução com a perspectiva teórica histórico-cultural, a experiência do processo formativo dos extensionistas;brinquedistas quando em contato com obras de artistas brasileiros e suas produções. **MÉTODO:** Por meio da narrativa dos extensionistas;brinquedistas do projeto "Parangolé: brincando com arte" no estudo teórico-prático de artistas brasileiros. Os alunos registraram suas experiências com produções artísticas e esse material apoia o relato. **RESULTADOS:** As oficinas realizadas durante as supervisões nos ofereceram uma oportunidade de interrupção da pressa característica de espaços outros, como a universidade, promovendo abertura para uma experiência que nos afetou e movimentou enquanto grupo e

sujeitos em formação. A experiência, enquanto aquilo que nos afeta, vem sendo atravessada por uma expectativa produtivista, e o tempo destinado a elas em nosso cotidiano é cada vez menor. Portanto, tais momentos, que resguardam um espaço raro para o contato com a arte em ambientes institucionais e formativos, convocam à sensibilidade, curiosidade e criação, ampliando o processo acadêmico para além do utilitarismo e abrindo possibilidades de questionamentos e de produção de novos sentidos. **DISCUSSÃO:** Apoiados na psicologia histórico-cultural, compreendemos que a arte ultrapassa uma compreensão intelectual do mundo, e, enquanto mediação, convida os sujeitos a uma transformação criativa da realidade. Assim, as oficinas possibilitaram a vivência de um espaço de expressão, sensibilização e fruição estética ao grupo de brinquedistas, agregando à prática cotidiana do projeto e à formação dos integrantes. **CONCLUSÃO:** O presente relato busca expressar o valor que a arte pode ocupar na formação educacional, estimulando dimensões do sentir e do aprender que muito se atrofiam no cotidiano social. Esta experiência artística nos auxiliou na nossa prática junto à comunidade bem como contribuiu para ampliação e potencialização da nossa formação.

## Referências

- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*(19), 20-28.  
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>
- Faria, P. M. F., Dias, M. S. L., & Camargo, D. (2019). Arte e catarse para Vigotski em Psicologia da Arte. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(3), 152-165.  
<http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i3p.152-165>
- Pereira, E. R. (2013). A ATIVIDADE ESTÉTICA POTENCIALIZANDO A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS. *Perspectivas em psicologia*, 17(1), 148-161.  
<https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/27672/15152>

## Construções interdisciplinares no ambulatório NUAVIDAS: a atuação no cuidado integral a vítimas de violência sexual

*Minicurso - Psicologia da Saúde e Hospitalar*

**Diego Gomes Pires**<sup>1</sup> [digomes@ufu.br](mailto:digomes@ufu.br)

**Miriam Tachibana**<sup>1</sup> [mitrita@ufu.br](mailto:mitrita@ufu.br)

**Thaís Shibatta Kagesawa**<sup>1</sup> [thaiskagesawa@gmail.com](mailto:thaiskagesawa@gmail.com)

**Thaís Vieira Belafonte Barros**<sup>1</sup> [psi.thaisbelafonte@gmail.com](mailto:psi.thaisbelafonte@gmail.com)

**Yasmim Marques de Souza**<sup>1</sup> [yasmimstarques@gmail.com](mailto:yasmimstarques@gmail.com)

**Bianca Nakamura**<sup>1</sup> [biancank@gmail.com](mailto:biancank@gmail.com)

**Maria Cristina Marquez Carneiro**<sup>1</sup> [mmariaccristinamarquez@gmail.com](mailto:mmariaccristinamarquez@gmail.com)

**Wanderson de Andrade Fagundes**<sup>1</sup> [wanderson.andrade.f@gmail.com](mailto:wanderson.andrade.f@gmail.com)

**Yara Amorim Viana de Castro**<sup>1</sup> [yaraamorimcastro@gmail.com](mailto:yaraamorimcastro@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** O Núcleo de Atenção Integral às Vítimas de Violência Sexual (NUAVIDAS), ambulatório especializado localizado no Hospital de Clínicas de Uberlândia (HC-UFU/Ebserh), comprehende o cuidado em saúde a crianças, adolescentes e mulheres vítimas de violência sexual. Em equipe interdisciplinar, composta por psicólogos, assistentes sociais e médicos, são realizados, aproximadamente, por semana, cerca de 20 atendimentos infantojuvenis. A partir da colaboração multiprofissional, faz-se possível a reflexão integrada, uma vez que se apresentam diferentes olhares teórico-práticos de cada área profissional. Essa atenção integral oferecida no ambulatório também é operacionalizada fora dele, a partir da articulação do NUAVIDAS com os outros serviços de atenção à saúde e demais dispositivos da Rede de Proteção à infância, adolescência e à mulher. **Objetivo:** Promover reflexões acerca da atuação da Psicologia em equipe interdisciplinar dentro de um serviço ambulatorial dedicado a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. **Método:** Serão realizadas atividades práticas e vivenciais, ao longo da oficina, a fim de favorecer a aproximação dos participantes, sejam eles estudantes e profissionais de Psicologia, em relação à atuação junto a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Em especial, serão utilizadas vinhetas clínicas fictícias, por meio das quais será possível propiciar que os participantes formulem um raciocínio psicológico, de orientação psicanalítica, e, também, um raciocínio interdisciplinar, contando com a articulação de profissionais do Serviço Social e da Medicina. Além disso, o mesmo material será debatido em termos de construção de caso para a Rede de atenção em saúde, na produção de altas e/ou encaminhamentos. **Resultados:** Espera-se, com a oficina, contribuir com a formação do estudante/profissional de Psicologia, a partir da exposição de possibilidades de atuação e de articulação de casos de violência sexual infanto-juvenil no

ambulatório NUAVIDAS e na Rede de Proteção. É esperado que os participantes consigam refletir sobre o que constitui a escuta especializada, sobre a perspectiva dos diversos profissionais envolvidos no atendimento interdisciplinar, sobre a escuta lúdica e a composição da Rede de Proteção à infância e adolescência em Uberlândia-MG e região. **Conclusão:** Entende-se que o trabalho no ambulatório pode vir a constituir-se como um espaço acadêmico, já que, ao inserir-se dentro de um hospital-escola, revela-se, num só tempo, como um espaço de cuidado à comunidade externa e, também, de formação de estudantes e de produção científica. Nesse sentido, com a realização da oficina, torna-se possível que estudantes e profissionais que não integram a equipe ambulatorial do NUAVIDAS possam ser impactados pelo trabalho nele realizado, não apenas em termos teórico-práticos, mas, também, em termos vivenciais, posto que o atendimento a crianças adolescentes vítimas de violência sexual despertar impasses e (im)potências no profissional envolvido.

## Referências

- Araújo, T. A. M., Vasconcelos, A. C. C. P., Pessoa, T. R. R. F., & Forte, F. D. S. (2017). Multiprofissionalidade e interprofissionalidade em uma residência hospitalar: o olhar de residentes e preceptores. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21, (62), 601-613.
- França, C.P. (2017). Ecos do Silêncio: Reverberações do traumatismo sexual. São Paulo: Blücher.
- França, C. P. (2017). Do grito de silêncio à reconstrução subjetiva. Em C.P. França, Ecos do Silêncio: Reverberações do traumatismo sexual (pp. 21-39). São Paulo: Blücher.
- Freud, S. (2019). O infamiliar. Em S. Freud, obras incompletas de Sigmund Freud: O infamiliar. (E. Chaves, Trad. 1. Ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1919)
- Padilha, Carolina Rizzato Martins, & Barbieri, Valeria. (2020). Transmissão psíquica transgeracional: uma revisão da literatura. *Tempo psicanalítico*, 52(1), 243-270. Recuperado em 11 de agosto de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382020000100010&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100010&lng=pt&tlang=pt).

## Cartografia da pele negra

*Oficina - Psicologia Decolonial*

**Luísa Parreira Santos<sup>1</sup>** [luisa\\_ps@ymail.com](mailto:luisa_ps@ymail.com)

<sup>1</sup> UNIESSA

**Resumo sobre a temática:** A experiência da negritude é atravessada por violências sistêmicas e intergeracionais ligadas ao racismo e ao colonialismo. A necropolítica em curso, como aponta Achille Mbembe, se difunde em diversas estratégias de dominação dos corpos e das subjetividades. O aniquilamento e a fragmentação do povo negro se refletem em ausências, silêncios, negações e auto-ódio. É necessário recuperar as potências da história, cultura e ancestralidade como elementos de saúde e possibilidades de existência baseadas em modos de vida, filosofias e epistemologias africanas. Negros são os herdeiros de uma civilização potente e carregam em si o legado de seus ancestrais, cujos passos vem de longe. Com as contribuições de Frantz Fanon, Neusa Santos Souza, Lélia Gonzalez, Grada Kilomba, Nego Bispo e Lívia Costa é possível pensar estratégias de desalienação da subjetividade, de produção de conhecimento de si, de territorialização, aquilombamento e de descolonização da existência negra. Nego Bispo aponta a necessidade de aprender a voltar para casa. Esta oficina tem o objetivo de oferecer um espaço de reflexão, acolhimento e troca entre pessoas negras a fim de reconectar sua história individual ao legado coletivo, segundo a sabedoria africana de Sankofa: ressignificar o passado para construir o presente e o futuro.

### Referências

- American Gods. (2021, fevereiro 11). Episode 4: We is Power | American Gods Season 3 [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=pEaGU6mOOoQ>
- Costa, L. C. A. (2019). Reflexões gestálticas sobre autorreconhecimento como mulher negra na Amazônia. Revista IGT na Rede, v. 16, n. 31, 2019. p. 192 – 225. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- Davis, A. (2016). Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo.
- Fanon, F. (2020). Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu Editora.
- Gonzalez, L. (2000). Por um feminismo afro latino americano. São Paulo: Zahar.
- Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (s.d.). Acervo Digital Adinkra. Recuperado em 5 de setembro de 2023 de <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>.
- Kilomba, G. (2019). Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira, Rio de Janeiro: Cobogó.

- Martinho da Vila. (2014, novembro 6). A Estrela Brilha [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=KyR4fq1H4bI>
- Mbembe, A. (2018). Necropolítica. São Paulo: N-1 Edições.
- Pra Preto Ler (s.d.). Banco de Imagens. Recuperado em 5 de setembro de 2023 de <https://br.pinterest.com/prapretoler/banco-de-imagens/>.
- Santos, A. B. (2015). Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI.
- Souza, N. S. (2021). Tornar-se negro: as vicissitudes do negro em ascensão social. São Paulo: Zahar.
- Thiago Elniño. (2016, agosto 18). Thiago Elniño – Filhos de um deus que dança (full álbum) [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=qDg63S28XKc&t=39s>

## Acompanhamento terapêutico escolar para alunos autistas: refletindo sobre uma prática profissional

*Oficina - Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*

**Camila Barbosa dos Santos** [camilasantosconsultorio@gmail.com](mailto:camilasantosconsultorio@gmail.com)

**Resumo sobre a temática:** A oficina aqui proposta pretende lançar um olhar voltado à ação dos profissionais de Acompanhamento Terapêutico, clarificar a função destes profissionais, assim como, contribuir para o processo de construção desta identidade profissional. De acordo com a LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012 “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.” Assegurando dessa forma o direito ao acesso à escola comum e abrindo espaço para a discussão acerca das possibilidades de inclusão neste ambiente, que em sua maioria ainda não se encontra preparado para acolher tal demanda de modo satisfatório. Por vezes, estas crianças não têm o suporte necessário por falta de conhecimento dos profissionais. A prática do acompanhante terapêutico vem crescendo devido à demanda crescente desta atividade, apesar deste aumento, esta função não se encontra bem estruturada. Autores como Antúnez (2011) e Mousino et al. (2010), discorrem sobre a dificuldade de definição destes profissionais, devido a amplitude desta prática. Assim como é possível perceber que “Os entraves encontrados diante da inclusão não existem somente em virtude das especificidades dos alunos ou pela falta de formação de professores e gestores. Há, além disso, uma profunda dificuldade de concretização da política de inclusão” (VARGAS et al., 2018, p.3) Parra (2009) traz a importância do Acompanhamento Terapêutico (AT) como estratégia facilitadora para o processo de inclusão da criança autista. Ratificando que a função do (AT) objetiva a construção da autonomia bem como a reinserção social do indivíduo, como traz a Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A CASA (1991, p.93) “neste tipo de trabalho de que venho falar, o que o torna singular frente a outros modos de intervenção é o privilégio sobre o social, visto este como constitutivo do acompanhamento terapêutico”. Embora haja considerável número de pesquisas a respeito dos benefícios do processo de inclusão, ainda há pouco conhecimento acerca da função do acompanhante terapêutico neste processo. Sendo necessário oportunizar reflexão acerca da construção de identidade desta prática. O interesse para o tema apresentado é decorrente tanto de minha prática como acompanhante terapêutica escolar, quanto pela significância desta modalidade de atendimento para o processo de inclusão e principalmente por perceber o

quanto profissionais encontram-se em determinada função com pouca clareza acerca de seu papel.

## Referências

- Brasil. Lei Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.
- ANTÚNEZ, A. E. A. (2011). Acompanhamento terapêutico: casos clínicos e teorias. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MOUSINHO, Renata et al. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 27, n. 82, p. 92-108, 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862010000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000100010&lng=pt&nrm=iso)>; acessos em 10 ago. 2017.
- Organizado pela equipe de AT. Equipe de AT's de "A CASA" (org.). A Rua como Espaço Clínico: Acompanhamento Terapêutico. São Paulo, Escuta, 1991.
- Parra, L. S. (2009). Atando Laços e Desatando Nós: Reflexões sobre a Função do Acompanhante Terapêutico de crianças autistas. Dissertação de Mestrado publicada, Universidade de Brasília, Brasília.
- VARGAS, T et al. Mediação escolar: sobre habitar o entre. Revista Brasileira de Educação, v. 23, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782018230084>

## Jornada do Eu: recomeços possíveis

*Oficina - Psicologia Analítica Junguiana*

**Mariana Rezende Spini**<sup>1</sup> [psimarispini@gmail.com](mailto:psimarispini@gmail.com)

**Ana Victória Alves Rosa** [psi.anavictoria@gmail.com](mailto:psi.anavictoria@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo sobre a temática:** A vida é uma experiência repleta de expectativas presentes no inconsciente familiar e coletivo, representando um grande impacto no desenvolvimento da personalidade. É importante que o indivíduo encontre o eixo de equilíbrio entre as questões individuais e as coletivas que entrarão em conflito, para não renunciar às suas próprias características em prol do contexto cultural, correndo o risco de adoecer. Na perspectiva psicologia analítica, a cura é entendida como o reestabelecimento do funcionamento natural do indivíduo, ou seja, uma autorregulação psíquica. Uma das formas de auxiliar nesse processo é estimular espaços que possibilitem o contato com as quatro funções psicológicas da personalidade: sentimento, pensamento, intuição e sensação, que podem ser orientadas pelas atitudes introvertido (para dentro) ou extrovertido (para fora). Todavia, a cultura ocidental e, principalmente, o ambiente educacional são orientados majoritariamente pela racionalidade e voltados para o mundo exterior, oferecendo menos espaço aos aspectos emotivos, introvertidos e intuitivos do ser humano. Esses três últimos aspectos acabam por ser em muitas circunstâncias negligenciados pela sociedade em que vivemos devido à cultura patriarcal e suas estruturas que podem ser repressivas e opressivas, sendo muitas vezes tratados com estranheza ou como aspectos sombrios. No entanto, são justamente os aspectos intuitivos e emotivos que possibilitam um contato mais expressivo com o inconsciente e seus conteúdos, auxiliando no processo da autorregulação descrito anteriormente. Desta forma, faz-se necessário que estes aspectos sejam estimulados para favorecer e/ou ampliar o contato com as subjetividades de cada um. Ao longo da jornada de cada sujeito, diversos são os desafios que retroalimentam essa tensão entre inconsciente e consciente, trazendo conflitos internos que permeiam o processo de individuação, ou seja, tornar-se quem é. Nesse sentido, pautando-se na ideia de fortalecimento desse “eu”. **Objetivo:** propiciar reflexões acerca da jornada de vida de cada um, possibilitando momentos de autoconhecimento e autocuidado, ampliando a percepção de si e dos próprios recursos, além de promover socialização e constituição de vínculos entre as pessoas envolvidas por meio da vivência compartilhada.